



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MAURICIO DE SOUZA BRILLINGER

**RESISTÊNCIA E MILITÂNCIA NOS DISCURSOS REENUNCIADOS DE/SOBRE
SUJEITOS LGBTQIA+ NAS WEBNOTÍCIAS E EM REDE SOCIAL**

FLORIANÓPOLIS
2023

MAURICIO DE SOUZA BRILLINGER

**RESISTÊNCIA E MILITÂNCIA NOS DISCURSOS REENUNCIADOS DE/SOBRE
SUJEITOS LGBTQIA+ NAS WEBNOTÍCIAS E EM REDE SOCIAL**

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira

FLORIANÓPOLIS
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Brillinger, Mauricio de Souza
Resistência e militância nos discursos reenunciados
de/sobre sujeitos LGBTQIA+ nas webnotícias e em rede social
/ Mauricio de Souza Brillinger ; orientador, Rodrigo
Acosta Pereira, 2023.
349 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Resistência. 3. Militância. 4.
LGBTQIA+. 5. Bakhtin e o Círculo. I. Acosta Pereira,
Rodrigo. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Mauricio de Souza Brillinger

Resistência e militância nos discursos reenunciados de/sobre sujeitos LGBTQIA+ nas webnotícias e em rede social

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 10 de agosto de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Kelli Machado da Rosa, Dra.
Universidade Federal do Rio Grande

Profa. Adriana Delmira Polato, Dra.
Universidade Estadual do Paraná

Profa. Fabiana Giovani, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Sandro Braga, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Rodrigo Acosta Pereira, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2023.

Para todos os sujeitos LGBTQIA+ que lutam,
resistem e militam diariamente para viver.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Cleusa, por todo o apoio dado nos anos dedicados ao doutorado;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira, por todo o aprendizado, ao auxílio nas orientações e desafios lançados;

Aos meus amigos mais chegados, por terem me sustentado em diversos momentos de crise, me ouvindo e trazendo sempre palavras sábias que ajudaram no processo;

Aos amigos do doutorado, em especial a Denise, amiga e companheira de estudos e de longas e diversas viagens;

Aos colegas de doutorado, por todo estudo e conhecimento compartilhado, seja por meio de rodas de conversa, seminário e aulas;

Aos professores do doutorado, por toda a construção de conhecimento durante o curso;

Aos professores da banca, por toda a disponibilidade de leitura e contribuições de estimado valor à pesquisa;

À UNIEDU, Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina, pela concessão da bolsa, a qual me ajudou muito em todo o processo;

Ao PPGL e ao Centro de Comunicação e Expressão da UFSC;

Enfim, a todos que contribuíram de algum modo para a concretude desta pesquisa.

RESUMO

Essa tese investiga os discursos de webnotícias em circulação em dois portais, Globo.com – G1 e Põe na Roda, e dos comentários das páginas dos portais na plataforma de rede social *Facebook*. Ela parte do objetivo de analisar as relações dialógicas que se engendram no discurso de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+ publicados em jornais/portais *online* e em redes sociais brasileiras. Para isso, foram mobilizados os seguintes objetivos específicos: (i) analisar a amplitude cronotópica do discurso no webjornalismo e na rede social do *Facebook* (ii) analisar a reeuniação de discursos de outrem sobre conteúdo semântico-objetual relacionado a sujeitos LGBTQIA+ em webnotícias com circulação, também, no *Facebook*, e (iii) analisar os matizes ideológico-valorativas que se entrecem no discurso das webnotícias sobre conteúdo semântico-objetual relacionado a sujeitos LGBTQIA+ em webnotícias com circulação, também, no *Facebook*. Essa pesquisa, inserida no campo da Linguística Aplicada contemporânea, se ancora teórico-metodologicamente nos escritos de Bakhtin e o Círculo e assume, dessa maneira, uma visão dialógica da língua(gem). Os dados que compõem o *corpus* se totalizam de 15 webnotícias, sendo 7 do portal **Globo.com – G1** e 8 do portal **Põe na Roda** e 15 comentários de em cada uma das notícias postadas nas páginas desses portais na rede social *Facebook*, totalizando 225 comentários. O olhar se deu a partir dos seguintes movimentos analíticos: (a) análise do cronotopo do jornalismo e das redes sociais, voltando-se para sua constituição ideológico-axiológica; (b) análise da situação de interação das webnotícias e dos comentários, com foco nos lugares discursivos e posições valorativas; e (c) análise dialógica dos discursos acerca de conteúdo semântico-objetual que envolva sujeitos LGBTQIA+. Esse último movimento de análise se desenha, primeiramente, no olhar para os discursos de outrem: (i) discursos diretos, (ii) discurso indiretos e (iii) discursos indireto-livre, e, posteriormente, na (iv) análise das projeções ideológico-valorativas nos discursos por meio de marcas: marcas de imposição, marcas de violência e violação, marcas de negação, marcas de aspiração e, por último, marcas de resistência e militância. Os resultados obtidos, discutidos e analisados com base no campo teórico-metodológico dialógico se fazem relevantes, pois tecem inteligibilidade sobre a resistência e a militância dos sujeitos LGBTQIA+ como um ato de sobrevivência diária.

Palavras-chave: Resistência. Militância. LGBTQIA+. Webnotícia. Jornalismo. Comentários. Rede Social. Bakhtin e o Círculo. Análise Dialógica do Discurso.

ABSTRACT

This thesis investigates the webnews discourses circulating in two portals, Globo.com – G1 and Põe na Roda, and comments on the pages of the portals on the social networking platform Facebook. It starts with the objective of analyzing the dialogical relationships that are engendered in the militancy and resistance discourse of/around LGBTQIA+ subjects published in newspapers/online portals and in Brazilian social networks. For this, the following specific objectives were mobilized: (i) to analyze the chronotopic amplitude of discourse in web journalism and on the Facebook social network (ii) to analyze the re-enunciation of discourses by others on semantic-object content related to LGBTQIA+ subjects in webnews with circulation, also, on Facebook, and (iii) analyze the ideological-evaluative nuances that are intertwined in the discourse of webnews about semantic-object content related to LGBTQIA+ subjects in webnews also circulating on Facebook. This research, inserted in the field of contemporary Applied Linguistics, is theoretically and methodologically anchored in the writings of Bakhtin and the Circle and thus assumes a dialogic view of language(gem). The data that make up the corpus totals 15 webnews, 7 from the Globo.com – G1 portal and 8 from the Põe na Roda portal and 15 comments from each of the news posted on the pages of these portals on the social network Facebook, totaling 225 comments. The look was based on the following analytical movements: (a) analysis of the chronotope of journalism and social networks, turning to its ideological-axiological constitution; (b) analysis of the interaction situation of web news and comments, focusing on discursive places and evaluative positions; and (c) dialogical analysis of discourses about semantic-object content involving LGBTQIA+ subjects. This last movement of analysis is drawn, firstly, in looking at the speeches of others: (i) direct speeches, (ii) indirect speeches and (iii) indirect-free speeches, and, later, in the (iv) analysis of the ideological projections -values in the speeches through marks: marks of imposition, marks of violence and violation, marks of denial, marks of aspiration and, lastly, marks of resistance and militancy. The results obtained, discussed and analyzed based on the dialogical theoretical-methodological field are relevant, as they weave intelligibility about the resistance and militancy of LGBTQIA+ subjects as an act of daily survival.

Keywords: Resistance. Militancy. LGBTQIA+. Webnews. Journalism. Comments. Social network. Bakhtin and the Circle. Dialogic Discourse Analysis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Critérios de recorte do objeto da pesquisa.....	28
Quadro 2 – Dados da pesquisa – Webnotícias	29
Quadro 3 – Dados da pesquisa – Comentários das webnotícias nas páginas dos portais no Facebook.....	31
Quadro 4 – A nossa pesquisa em Ciências Humanas.....	56
Quadro 5 – A nossa pesquisa em Linguística Aplicada	61
Quadro 6 – Esquema proposto por Volochínov (2013 [1925-1930]).....	67
Quadro 7 – Caminhos teórico-metodológicos da ADD para uma análise do discurso	67
Quadro 8 – A nossa pesquisa na Análise Dialógica do Discurso.....	69
Quadro 9 – Síntese dos pressupostos epistemológicos, teóricos e metodológicos em relação a nossa pesquisa	71
Quadro 10 – O discurso segundo Bakhtin e o Círculo	85
Quadro 11 – O cronotopo segundo Bakhtin e o Círculo	90
Quadro 12 – Contextos verbal e extraverbal do enunciado.....	93
Quadro 13 - Características do enunciado	98
Quadro 14 – O enunciado segundo Bakhtin e o Círculo	99
Quadro 15 – A ideologia segundo Bakhtin e o Círculo.....	104
Quadro 16 – A valoração segundo Bakhtin e o Círculo.....	108
Quadro 17 – O sujeito segundo Bakhtin e o Círculo.....	114
Quadro 18 - Síntese da discussão sobre resistência e militância.....	124
Quadro 19 – Autorias vinculadas às webnotícias.....	176
Quadro 20 – Síntese com os resultados da análise do cronotopo e da situação de interação dos portais e rede social	186
Quadro 21 – Esquema sobre os estilos de discurso indireto.....	191
Quadro 22 – Síntese das três formas do discurso alheio	193
Quadro 23 – Síntese da análise dos discursos diretos	206
Quadro 24 – Síntese - Direção analítica do discurso indireto	209
Quadro 25 – Síntese da análise dos discursos indiretos	219
Quadro 26 – Síntese acerca do discurso indireto livre	222
Quadro 27 – Síntese da análise dos discursos indiretos livres	228
Quadro 28 - Síntese da análise dos discursos de resistência e militância em projeções ideológico-valorativas	245
Quadro 29 – Banco de Teses da CAPES – Pesquisa por “Linguística queer”	266
Quadro 30 – BDTD – Pesquisa por “Linguística queer”.....	267
Quadro 31 – BDTD – Pesquisa por “Linguística queer” + “dialogismo” ou “Bakhtin”.....	269
Quadro 32 – BDTD – Pesquisa por “Discurso LGBT” + “dialogismo” ou “Bahktin”	270
Quadro 33 – Periódicos da Capes – Pesquisa por “Linguística queer”.....	271
Quadro 34 – Periódicos da Capes – Pesquisa por “Linguística queer” + “dialogismo” ou “Bakhtin”.....	272
Quadro 35 – SciElo – Pesquisa por “Linguística queer”.....	273

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página dos portais G1 – Globo.com e Põe na Roda no Facebook	22
Figura 2 – Página inicial dos portais Põe na Roda e G1 – Globo.com.....	23
Figura 3 – Página do G1 – Globo.com no Facebook	24
Figura 4 – Página do Põe na Roda no Facebook	26
Figura 5 – Recorte temático na página do G1 – Globo.com no Facebook.....	27
Figura 6 - Destaque do título - WG1#1	142
Figura 7- Destaque do título - WG1#7	144
Figura 8 - Comentário na rede social Facebook - Página do jornal G1 - WG1#7.....	153
Figura 9 – Página das mídias no site do MOM - Media Ownership Monitor - Brasil	159
Figura 10 - Grupo Globo	161
Figura 11 - Página inicial do portal Põe na Roda.....	162
Figura 12 - Página inicial do site Facebook	164
Figura 13- Missão da empresa META	165
Figura 14 - Dizeres da empresa META.....	165
Figura 15- página do - G1 - webnotícia WG1#5 - Interação por curtidas e comentários	168
Figura 16 - O lugar das notícias no portal - Globo.com - G1	170
Figura 17 - O lugar das notícias no portal - Põe na Roda.....	171
Figura 18 - Periodicidade das webnotícias	173
Figura 19 – Sujeito autor e instituição – bivocalidade na webnotícia.....	178
Figura 20 – Instituição jornalística como autora da webnotícia.....	179
Figura 21 – Autoria de programas ligados aos portais	180
Figura 22 - Autoria na rede social Facebook.....	182
Figura 23 - Percentual do uso de internet em domicílios no Brasil.....	184
Figura 24 – Utilização da internet no Brasil por faixa etária.....	185
Figura 25 - Motivos da não utilização de internet no Brasil	185

LISTA DE ABREVIATURAS

LGBTQIA+ – L – lésbicas, G – gays, T – Transgênero, Q – queer, I – intersexo, A – assexual e o símbolo +,

CH – Ciências Humanas

LA – Linguística Aplicada

ADD – Análise Dialógica do Discurso

LQ – Linguística Queer

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	20
2.2 SITUANDO A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS	45
2.3 SITUANDO A PESQUISA EM LINGUÍSTICA APLICADA	57
2.4 SITUANDO A PESQUISA EM ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO	62
2.5 OS MOVIMENTOS DA PESQUISA	70
3 PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS	73
3.1 POR UMA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE DISCURSO	73
3.1.1 O discurso.....	80
3.1.2 O cronotopo	86
3.1.3 O enunciado	90
3.1.4 A ideologia.....	100
3.1.5 A valoração	105
3.1.6 O sujeito	109
4 OS JÁ-DITOS SOBRE RESISTÊNCIA E MILITÂNCIA	115
5 OS DISCURSOS JÁ DITOS SOBRE PESQUISAS QUEER NO BRASIL	126
5.1 AFINAL O QUE É PESQUISA <i>QUEER</i> EM LINGUÍSTICA APLICADA?.....	128
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO	137
6.1 O CRONOTOPO	137
6.1.1 O grande cronotopo do jornalismo e das redes sociais no Brasil.	139
6.1.2 O cronotopo dos portais de notícias e redes sociais em estudo	157
6.2 SOBRE O QUE DIZEM OS DISCURSOS.....	188
6.2.1 O discurso da resistência e da militância na reação-resposta da voz de outrem	190
6.2.1.1 Resistência e militância através do discurso direto	194
6.2.1.2 Resistência e militância através do discurso indireto	206
6.2.1.2 Resistência e militância através do discurso indireto livre.....	219
6.2.2 O discurso de resistência e militância em projeções ideológico-valorativas...	231
6.2.3 A luta, a resistência e a militância nunca terminam	246
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	250
REFERÊNCIAS	256
APÊNDICE	266
Apêndice A – Pesquisa realizada no banco de teses da CAPES – Pesquisa por “Linguística queer”	266

Apêndice B – BDTD – Pesquisa por “Linguística queer”	267
Apêndice C – BDTD – Pesquisa por “Linguística queer” + “dialogismo” ou “Bakhtin” ..	269
Apêndice D – BDTD – Pesquisa por “Discurso LGBT” + “dialogismo” ou “Bahktin”	270
Apêndice F – Periódicos da Capes – Pesquisa por “Linguística queer” + “dialogismo” ou “Bakhtin”	272
Apêndice G – <i>SciElo</i> – Pesquisa por “ <i>Linguística queer</i> ”	273
ANEXOS	274
Anexo A – Webnotícia – WPNR#1	274
Anexo B – Webnotícia – WPNR#2	277
Anexo C – Webnotícia – WPNR#3	279
Anexo D – Webnotícia – WPNR#4	282
Anexo E – Webnotícia – WPNR#5	283
Anexo F – Webnotícia – WPNR#6.....	285
Anexo G – Webnotícia – WPNR7	287
Anexo H – Webnotícia – WPNR#8	289
Anexo I – Webnotícia – WG1#1	291
Anexo J – Webnotícia – WG1#2	295
Anexo K – Webnotícia – WG1#3	297
Anexo L – Webnotícia – WG1#4	303
Anexo M – Webnotícia – WG1#5	309
Anexo N – Webnotícia – WG1#6.....	311
Anexo O – Webnotícia – WG1#7	313
Anexo P – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WPNR#1	319
Anexo Q – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WPNR#2	321
Anexo R – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WPNR#3.....	323
Anexo S – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WPNR#4	325
Anexo T – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WPNR#5.....	327
Anexo S – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WPNR#6.....	329
Anexo T – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WPNR#7.....	331
Anexo U – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WPNR#8	333
Anexo V – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WG1#1	335
Anexo W – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WG1#2	337
Anexo X – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WG1#3	339
Anexo Y – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WG1#4	341
Anexo Z – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WG1#5	343

Anexo AA – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WG1#6	346
Anexo BB – Comentários na rede <i>Facebook</i> da webnotícia – WG1#7.....	348

1 INTRODUÇÃO

Ao se tratar dos debates acerca da noção de gênero social, homossexualidade, como também, a concepção de sujeito, muitos são os caminhos possíveis para a reflexão. Esferas sociais, como a jornalística, a jurídica, a política, a acadêmica, são alguns exemplos onde esses temas fazem parte de um diálogo contínuo e profícuo, em muitos dos casos. No âmbito da esfera acadêmica, alguns campos científicos podem ser citados como mobilizadores desses temas supracitados: as ciências sociais, as ciências humanas, a ciência antropológica, como também, a ciência da linguagem.

Na ciência da linguagem, mais especificamente na área de concentração denominada Linguística Aplicada, as reflexões acerca das discussões de gênero social e concepção de sujeito, militância e resistência, realizam-se, em grande parte, por meio de estudos em análises do discurso (sob diferentes vertentes). Engendrado aos estudos do discurso, trazer à discussão e à reflexão na ciência da linguagem aspectos da vida social, é fundacional em Linguística Aplicada, pois esta ciência tem a “obrigação ética de se preocupar em construir significados que apresentem alternativas para o sofrimento humano.” (MOITA LOPES, 2009, p. 47).

Nesse ínterim, compreendemos o campo de pesquisa da LA como aquele que se volta a problemas sociais através de movimentos de pesquisa com a linguagem como foco, mas sempre pensando no sujeito sócio-historicamente engajado que faz uso da linguagem na forma de discursos (RAJAGOPALAN, 2003; SIGNORINI, 2013; DAMIANOVIC, 2005; PENNYCOOK, 2001; MOITA LOPES, 2009). Esse fazer pesquisa busca, então,

[...] produzir conhecimento de forma inovadora e responsiva à vida social, entendendo que o discurso da pesquisa é também um discurso sobre a vida social e que, como tal, tem a obrigação ética de se preocupar em construir significados que apresentem alternativas para o sofrimento humano (MOITA LOPES, 2009, p. 47).

Sendo assim, a presente pesquisa se insere nas Ciências Humanas, na área de concentração denominada *Linguística Aplicada* e na linha de pesquisa de *Estudos do campo discursivo* com a proposta de analisar dialogicamente. Assumir um viés dialógico de análise do discurso é posicionar-se frente aos escritos de Bakhtin e o Círculo (BAKHTIN, 2011 [1979], 2012 [1920-1924], 2014 [1975], entre outros; MEDVIÉDEV, 2016 [1928]; VOLOCHÍNOV, 2013 [1925-1930], 2017 [1929]).

De forma breve, neste primeiro momento de introdução ao texto e à pesquisa, destacamos nosso entendimento acerca da concepção de língua(gem)¹, pois essa concepção e toda a discussão em torno dela dá coro ao aporte teórico que ancora a presente pesquisa. Língua(gem), então, segundo Bakhtin e o Círculo², é entendida como *interação social*. Volóchinov (2017 [1929], p. 218-219) postula que

A realidade efetiva da linguagem não é um sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco, o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua.

Ao compreendermos a língua(gem) como esse fenômeno de interação social, outros conceitos são agenciados em conjunto, como discurso, enunciado/enunciação, cronotopo, ideologia, valoração e sujeito.³

Pelos motivos explanados anteriormente – o pensar na sociedade por meio das ciências –, a nossa pesquisa se mostra relevante, pois além de produzir um conhecimento que abranja a esfera acadêmica, em forma de tese, se preocupa em trazer novos olhares e reflexões acerca do e em torno do sujeito LGBTQIA+⁴, suas lutas, militâncias e resistências.

Além do que já foi exposto, há ainda uma questão de extrema urgência: a violência/mortes por ser LGBTQIA+. Dados do Observatório de mortes violentas de LGBTQIA+ no Brasil mostram que somente em 2020 mais de 237 pessoas perderam suas vidas devido a sua orientação sexual. Por serem sujeitos LGBTQIA+, eles foram brutalmente assassinados.

É inegável o rastro de sangue LGBTQIA+ derramado em território nacional, a ponto de o país aparecer na liderança de tais crimes no Mundo, sem que haja por parte do Estado brasileiro uma sinalização quanto às medidas mais

¹ Utilizaremos o termo língua(gem) ao invés de língua ou linguagem, pois entendemos que não há distinção entre os dois termos, isto é, compreendemo-los sob o mesmo sentido. Há ainda a ressalva de que na língua russa, na qual o Círculo escreveu seus textos, não há distinção dos termos.

² Bakhtin e o Círculo é um termo utilizado para se referir a um grupo de estudiosos russos de diversas áreas de conhecimento (linguagem, literatura, música, entre outros). Faziam parte do grupo nomes como Bakhtin, Medviédév e Volochínov. O círculo, segundo Acosta Pereira; Rodrigues (2014, p. 178) “buscava explicitamente, a partir da segunda metade da década de 1920, construir uma teoria materialista de criação linguístico-ideológica”.

³ Os conceitos citados no texto serão explorados de forma mais aprofundada no capítulo 3 – Pressupostos epistemológicos.

⁴ A sigla LGBTQIA+ pode ser considerada um movimento social e político, pois, em seu âmago, almeja uma representatividade daquelas pessoas que, por muitas vezes, são excluídas de certa forma da sociedade. Falando de seu significado, tem-se então: L – lésbicas, G – gays, T – Transgênero, Q – queer, I – intersexo, A – assexual e o símbolo +, o qual busca incluir outras orientações sexuais e identidades de gênero.

urgentes para evitar essa tragédia neste grupo específico [...]. (GASTALDI *et al.*, 2021, p. 10).

Na agenda mundial apresentada pela cúpula das Nações Unidas, podemos perceber a tentativa da luta contra toda essa violência perante esses sujeitos LGBTQIA+ a ser atingida até 2030. Nos ODS, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, mais especificamente no de número 16 – meta 16.1, observamos a tentativa ao combate da violência contra esses sujeitos, no contexto de objetivos do Brasil.

É redigido no texto o seguinte:

“(Brasil) – **Reduzir significativamente todas as formas de violência e as taxas de mortalidade** relacionadas, em todos os lugares, inclusive com a redução de 1/3 das taxas de feminicídio e de homicídios de crianças, adolescentes, jovens, negros, indígenas, mulheres e **LGBT**” (grifos nossos) (IPEA, 2018).

Sabendo desses dados avassaladores e desse objetivo em um documento oficial, fica evidente que esses sujeitos devem ser trazidos ao campo da ciência a fim de compreender as questões que os envolvem. Isto é, no campo da Linguística Aplicada, mais precisamente nessa pesquisa, voltamo-nos a entender as relações dialógicas quanto aos discursos de resistência e militância em torno desses sujeitos.

Partindo dos postulados acima sobre as questões que envolvem os sujeitos LGBTQIA+, como também a breve explanação do conceito de linguagem e sua importância para com a construção do sujeito, procuramos delimitar o nosso **tema** de pesquisa buscando investigar acerca da **conteúdos semântico-objetais de resistência e de militância no discurso de/em torno de sujeitos LGBTQIA+**. Pensando a partir dessa perspectiva e considerando a relevância do estudo, esboçamos nossa **questão de pesquisa: como as relações dialógicas engendradas no discurso de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+ publicados em jornais/portais *online* e em redes sociais brasileiras são discursivizadas?**

Pensando em um movimento enunciativo-discursivo, nossa **tese defende que os conteúdos semântico-objetais de resistência e de militância no discurso de/em torno de sujeitos LGBTQIA+ *respondem* a matizes ideológico-valorativas que se entrecruzam em relações dialógicas que mobilizam reenunciações do discurso do Outro, engendradas em *marcas e posições* verboaxiológicas de dizer sobre si, sobre outrem e sobre a vida social.**

Sob esse panorama, na presente tese, temos o **objetivo geral de analisar as relações dialógicas que se engendram no discurso de militância e resistência de/em torno de**

sujeitos LGBTQIA+ publicados em jornais/portais *online* e em redes sociais brasileiras.

Como objetivos específicos, temos: analisar (i) analisar a amplitude cronotópica do discurso no webjornalismo e na rede social do *Facebook* (ii) analisar a reenuniação de discursos de outrem sobre conteúdo semântico-objetual relacionado a sujeitos LGBTQIA+ em webnotícias com circulação, também, no *Facebook*, e (iii) analisar os matizes ideológico-valorativas que se entretecem no discurso das webnotícias sobre conteúdo semântico-objetual relacionado a sujeitos LGBTQIA+ em webnotícias com circulação, também, no *Facebook*.

O aporte teórico-metodológico dessa pesquisa é composto pelos escritos de **Bakhtin e o Círculo** (BAKHTIN, 2011 [1979], 2012 [1920-1924], 2014 [1975], 2015 [1963], MEDVEDEV, 2016 [1928], VOLOCHÍNOV, 2013 [1925-1930] 2017 [1929]), no que tange toda a concepção dialógica da linguagem. Ademais, em diálogo com os escritos, para tratar da **Análise Dialógica do Discurso**, retomamos os estudos de Acosta Pereira; 2012; 2016; Acosta Pereira; Rodrigues, 2014; Amorim, 2004; Brait, 2005; 2007; 2018 [2006]; Rodrigues, R. 2001; 2005, Rohling, 2014;; entre outros, são mobilizados no texto. Essa análise, por meio das leituras dos estudos do Círculo, busca se posicionar de forma dialógica diante dos dados escolhidos como *corpus*, não tendo categorias de análise prontas *a priori*, as quais poderiam ser aplicáveis de maneira mecânica, tentando compreender como se constitui a produção de sentido num dado discurso. (BRAIT, 2006).

A fim de tornar claro a organização desta pesquisa, cabe-nos rapidamente explicar a organização da tese, o qual se realiza em um total de cinco capítulos inicialmente. **No primeiro capítulo**, apresentamos a *introdução* ao estudo, ou seja, buscamos esclarecer acerca do tema escolhido para a análise da pesquisa, sua delimitação dentro da área da língua(gem), uma breve menção ao aporte teórico que dá sustento ao estudo, os objetivos – geral e específicos –, bem como, a metodologia utilizada para a realização da pesquisa.

Como **segundo capítulo**, intitulado *Contextualização da Pesquisa*, voltamo-nos a esclarecer de forma mais ampla as nossas inquietações, a justificativa para o desenvolvimento do trabalho com o tema escolhido, apresentamos e descrevemos o objeto de análise de maneira mais detalhada e aprofundada e, por fim, explanamos acerca do caminho teórico-metodológico assumido para a análise. Além dos pontos supracitados, nesse capítulo, situamos a pesquisa no campo das Ciências Humanas, mais especificamente na Linguística Aplicada, e discutimos a Análise Dialógica do Discurso – discussão que ancora os encaminhamentos metodológicos para a concretização do estudo. Por fim, apresentamos os movimentos da pesquisa, isto é, apresentamos ao leitor os caminhos que a pesquisa tem.

O **terceiro capítulo**, chamado de *Pressupostos Epistemológicos*, aborda todo o aporte teórico que dá sustento à análise proposta. Por meio de um viés bakhtiniano, como já mencionado, apresentamos reflexões acerca da concepção dialógica do discurso. Para isso, exploramos conceitos-chave como: discurso, cronotopo, enunciação, ideologia, valoração e sujeito. Entendemos que esses conceitos são partes integrantes/constitutivas da concepção de língua(gem) como interação social, logo, decidimos trabalhá-los de maneira mais detalhada.

O **quarto capítulo** chamamos de *Os já-ditos sobre resistência e militância*. Nesse capítulo, nos atentamos em desenvolver uma discussão acerca dos conceitos presentes em todo o desenvolver da nossa pesquisa: resistência e militância. Com o auxílio de estudiosos como Deleuze (1998) e Sawicki & Simeant (2011), podemos entender os dois conceitos como atos sociais de extrema importância para o desenvolvimento dos sujeitos e da sociedade em um contexto geral.

No **quinto capítulo**, *os discursos já ditos sobre pesquisas queer no Brasil*, buscamos apresentar o que já tem sido dito acerca do tema da tese: os conteúdos semântico-objetais de resistência e de militância no discurso de/em torno de sujeitos LGBTQIA+. Para tanto, mapeamos as principais pesquisas, trabalhos e discussões acerca do tema na esfera acadêmica

No **sexto capítulo**, apresentamos a análise desenvolvida sobre o tema da tese: resistência e militância em discursos de/em torno de sujeitos LGBTQIA+. Para isso, caminhamos por alguns pontos importantes: i) a discussão do cronotopo do jornalismo e das redes sociais no Brasil; passando para ii) a análise do cronotopo especificamente dos jornais e rede social escolhidos como ancoragem dos dados. Posteriormente, adentramos nos discursos, dividindo o estudo em iii) análise do discurso da resistência e da militância na reação-resposta da voz de outrem, sendo essa parte dividida em três – nos discursos diretos, nos discursos indiretos e nos discursos indireto-livres. Por último, iv) analisamos o discurso de resistência e militância em projeções ideológico-valorativas, isto é, nos focamos nos discursos a fim de evidenciar marcas presentes e discuti-las.

Por fim, nessa tese, apresentamos as considerações finais, referências utilizadas, os apêndices e os anexos. Tendo dito isso, encerramos aqui nossa introdução e passamos para o próximo capítulo, a contextualização da pesquisa.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, compreendemos ser necessário conhecer e compreender todo o contexto de trabalho. Para isso, no presente capítulo, apresentamos a contextualização da pesquisa, explanamos nas seções a seguir um detalhamento do objeto a ser analisado, o universo onde esse objeto é encontrado – portais de notícia e redes sociais, bem como olhar teórico-metodológico escolhido que sustenta o nosso trabalho.

Primeiramente, destacamos que este estudo se situa na área denominada Linguística Aplicada (LA) e, especialmente, na linha de pesquisa Estudos do campo discursivo, no Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. A LA se compromete a pesquisar os fatos linguísticos tendo em consideração as demais realidades sociais de uso da língua, ela ultrapassa os limites meramente linguísticos de análise, preocupando-se em adentrar as questões sociais movimentadas por meio da língua. Moita Lopes (2006), em seu livro *Por uma linguística aplicada Indisciplinar*, defende que a LA é o campo que investiga as relações entre língua(gem) e sujeito, a partir da prática social, sempre considerando a realidade concreta e dentro de um contexto sócio-histórico determinado.

Fazer pesquisa em LA, nesse sentido, significa sempre levar em consideração questões e problemas relacionados à língua(gem), que sejam motivados e enraizados em práticas de uso real da língua. Isto é, uma prática teórico-metodológica que tenha uma utilidade real à sociedade, uma área que vai além das paredes da academia, como comenta Rojo (2006, p.258, grifos da autora)

Já não se busca mais “aplicar” uma teoria a um dado contexto para testá-la. Também não se trata mais de explicar e descrever conceitos ou processos presentes em determinados contextos[...], à luz de determinadas teorias emprestadas, [...]. A questão é: não se trata de qualquer problema – definido teoricamente –, mas de problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, num sentido ecológico.

Tendo essa compreensão de trabalho analítico, pretendemos nessa pesquisa investigar os acontecimentos da língua(gem), especificados e detalhados posteriormente neste capítulo, por meio de uma perspectiva que entende o sujeito que fala como o protagonista de todo o acontecimento, a partir de uma concepção de língua(gem) como interação social (MOITA LOPES, 2006).

Para situar o leitor quanto ao contexto da pesquisa, apresentamos a seguir cinco seções, pelas quais o leitor terá uma compreensão acerca de alguns pontos importantes para a realização da investigação: 1) o universo de análise – sites de webnotícias e redes sociais no Brasil; 2) o objeto de análise e 3) o aporte teórico-metodológico escolhido para ser a base de toda a análise, reflexão e conclusão do nosso trabalho.

2.1 EM TORNO DO UNIVERSO E DO OBJETO DE ANÁLISE

Na presente seção buscamos apresentar de forma objetiva a delimitação do universo de análise e do objeto escolhido para a pesquisa. A partir de nossas inquietações, do tema escolhido e do objetivo do trabalho, apresentamos, em seguida, o recorte realizado para a composição do objetivo investigado: webnotícias em portais e comentários tecidos nas redes sociais desses portais.

De maneira introdutória, mencionamos que foram escolhidas 15 webnotícias de dois portais diferentes (**G1 – Globo.com** e **Põe na Roda**) e também 15 comentários de cada uma dessas webnotícias nas páginas desses portais na rede social *Facebook*.

No decorrer dessa seção, nos propomos a apresentar o **universo de análise**, isto é, um panorama do local onde o nosso objeto investigado se encontra, os **critérios de recorte** que culminaram nos dados escolhidos, isto é, o percurso da geração dos dados, bem como o **detalhamento/descrição** desses. Em outras palavras, mostramos abaixo quais os pontos principais para a escolha de determinadas webnotícias e comentários.

A partir do nosso objetivo em analisar discursos que se materializam em forma de webnotícias e comentários, necessitamos traçar escolhas metodológicas para conseguir delinear o objeto da pesquisa. Sendo assim, primeiramente nos propomos a analisar **dois portais**: G1 – Globo.com e Põe na Roda.

A delimitação do objeto começa nessa primeira escolha – os dois portais. Pensamos em trabalhar com esses, pois o primeiro está voltado ao grande público em geral, isto é, o G1 – Globo.com tem um alcance de público grande e diversificado. Já o segundo portal – Põe na Roda – é destinado à comunidade LGBTQIA+⁵. Acreditamos que discutir militância e resistência deve-se ir além do âmbito que nos é favorável – no presente caso, o portal voltado ao público LGBTQIA+ – e ir onde a discussão sofre choques de tensão: diante do público geral.

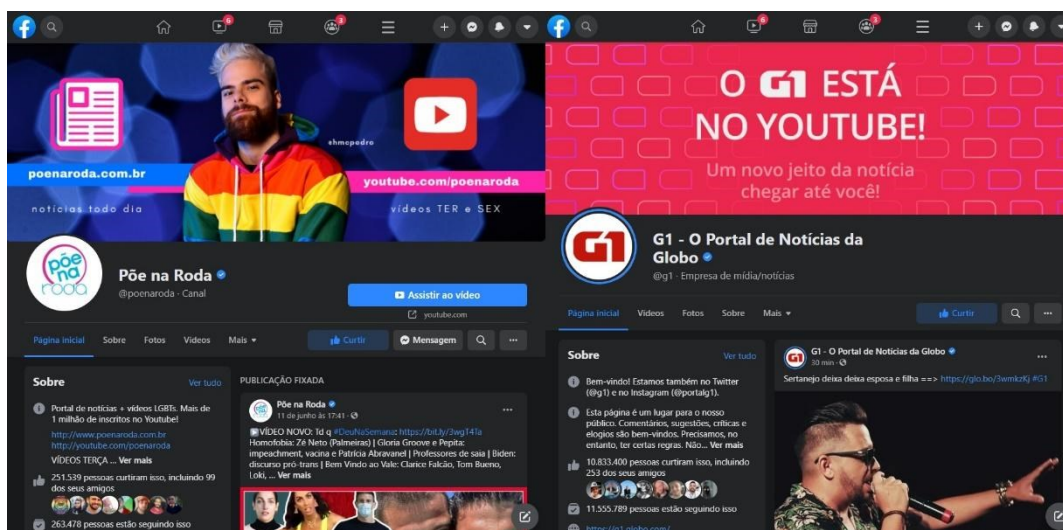
⁵ Mencionamos aqui que existem outros portais destinados ao público LGBTQIA+, entretanto marcamos aqui que o portal Põe na Roda se configura como um dos grandes nomes que difundiu o campo jornalístico voltado a esse público.

Sendo assim, **nosso primeiro critério** se constitui da escolha de dois grandes portais, sendo um que seja voltado ao público em geral e o outro aos sujeitos LGBTQIA+.

Arelado ao que foi relatado, o recorte dos dois portais citados acima foi feito de acordo com o número de curtidas⁶ nas páginas dos portais na rede social chamada *Facebook*, constituindo-se como **segundo critério** de delimitação. Em nossas pesquisas, percebemos que o G1 e o Põe na Roda são os dois maiores portais no *Facebook*, relacionados às curtidas. O primeiro tem uma média de 10.833.398 curtidas e o segundo tem 251.539 curtidas⁷.

Vale ressaltar aqui que o critério da escolha da rede social Facebook se justifica pelo fato de ser a maior rede social utilizada em território brasileiro. Estima-se que a plataforma junta um total de mais de 2,3 bilhões de usuários mundialmente e 130 milhões no Brasil.⁸

Figura 1– Página dos portais G1 – Globo.com e Põe na Roda no Facebook



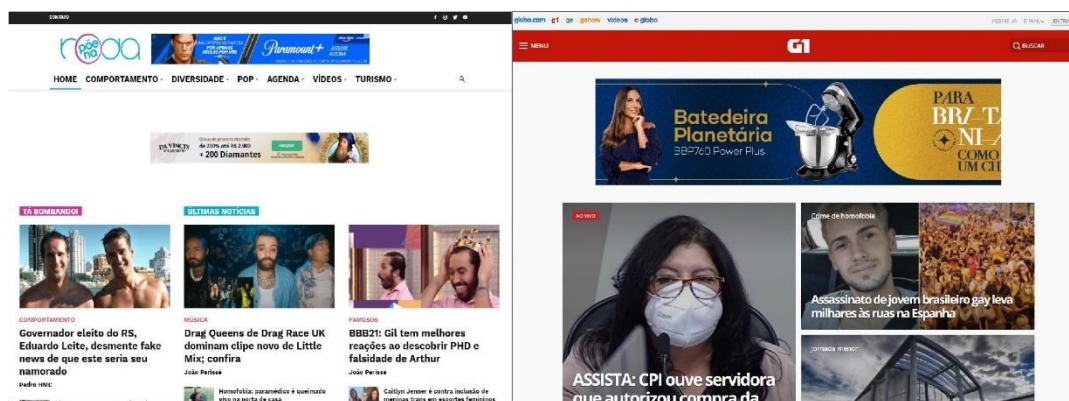
Fontes: < <https://www.facebook.com/poenaroda> ; <https://www.facebook.com/g1/> >. Acesso em: 06/07/2021.

⁶ O sistema de “curtidas” da página *Facebook* se refere ao acompanhamento de uma determinada página. Quando o sujeito “curte” aquela página, ele a acompanhará e receberá seu conteúdo sempre que for postado.

⁷ Dados retirados no dia 06/07. Pode sofrer alterações no decorrer do tempo.

⁸ Dados retirados de < <https://blog.lahar.com.br/midias-sociais/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>.

Figura 2 – Página inicial dos portais Pôe na Roda e G1 – Globo.com



Fontes: <<https://poenaroda.com.br/> ; <https://g1.globo.com/> >. Acesso em: 06/07/2021.

A fim de contextualizarmos quanto ao **universo de análise**, primeiramente, apresentamos o portal **G1 – Globo.com**. O canal faz parte do maior grupo de mídias da América Latina, o Grupo Globo, sendo um dos sites de webnotícias mais acessado no âmbito brasileiro⁹. Irineu Marinho foi o fundador do Grupo Globo em 1925, que na época era denominado Organizações Globo. Seu objetivo, segundo o que consta em seu site institucional, é o compromisso com a verdade, promovendo um jornalismo ágil de qualidade e fidedigno à realidade.

Assim como outros portais de webnotícias que abrangem diversos conteúdos em suas páginas o portal Globo (G1) se divide em diversas seções para cada segmento/tema das webnotícias: Gshow – no âmbito do entretenimento, Globo esporte – no âmbito dos esportes em geral, Globoplay e Globosat play – no âmbito dos vídeos, entre outros. O site se configura como gratuito na sua grande maioria, isto é, a maior parte do seu conteúdo disponível é de fácil acesso dos sujeitos, o qual não precisa se conectar com uma conta e assinar algo. Entretanto, há uma área destinada a pessoas assinantes – aquelas que contratam um serviço e o pagam mensalmente – onde pode ser encontrado um catálogo de vídeos, novelas, filmes e programas do grupo Globo.

Sua página na rede social *Facebook* conta com mais de dez milhões de curtidas, ou seja, mais de dez milhões de pessoas que sinalizaram seu gosto pelo portal. Além disso, a página ainda conta com o número de mais de onze milhões de seguidores que acompanham o portal na rede.

No canto esquerdo da página do portal da rede social, embaixo da aba *página inicial*, há o mural *sobre*, no qual o portal realiza sua identificação. O G1 – Globo.com comenta que se

⁹ Dado retirado da plataforma *Alexa Internet*. <<https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>

faz presente nessa rede social, bem como em outras: *Twitter*¹⁰ e *Instagram*¹¹. Além disso, podemos conhecer os objetivos da página do portal, a saber: um espaço para o público engajar com o portal por meio de seus comentários e curtidas nas webnotícias. Destacamos ainda, nessa parte, que há o *link* direto para o site do portal, fazendo uma conexão rápida do sujeito com o site específico do G1 – Globo.com e, por fim, a especificação do site: uma empresa voltada a mídias e webnotícias.

As postagens da webnotícias que são apresentadas no portal aparecem do lado direito. O padrão do site é: título da webnotícia e *link* direto caso o leitor deseje ler o texto completo. A parte abaixo fica reservada ao leitor, pois é onde pode reagir à postagem (curtidas e semelhantes), postar seus comentários e até compartilhar a webnotícia em sua própria página.

Vale aqui fazer menção à ferramenta *mais relevantes* abaixo das abas curtir/comentar/compartilhar. Ela nos ajuda a encontrar os comentários mais reagidos/curtidos, sendo esse um dos critérios de escolha do *corpus* que será apresentado posteriormente.

Figura 3 – Página do G1 – Globo.com no Facebook



Fonte: <<https://www.facebook.com/g1/>>. Acesso em: 16/07/2021.

Prosseguindo, apresentamos algumas informações relevantes sobre o segundo portal escolhido para compor o objeto de análise dessa pesquisa, o **Põe na Roda**. O portal se configura

¹⁰ <https://twitter.com/g1>

¹¹ <https://www.instagram.com/portalg1/>

como sendo um site de informação, cultura e entretenimento LGBTQIA+. Pedro HMC criou o Põe na Roda, primeiramente, no *Youtube* – plataforma de compartilhamento de vídeos – em janeiro de 2014. Atualmente, o canal já conta com mais de um milhão de inscritos e duzentos e quinze milhões de visualizações em seus vídeos. Além disso, o Põe na Roda se expandiu, posteriormente, e encontrou espaço em um site próprio e em outras redes, tais quais: *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*.

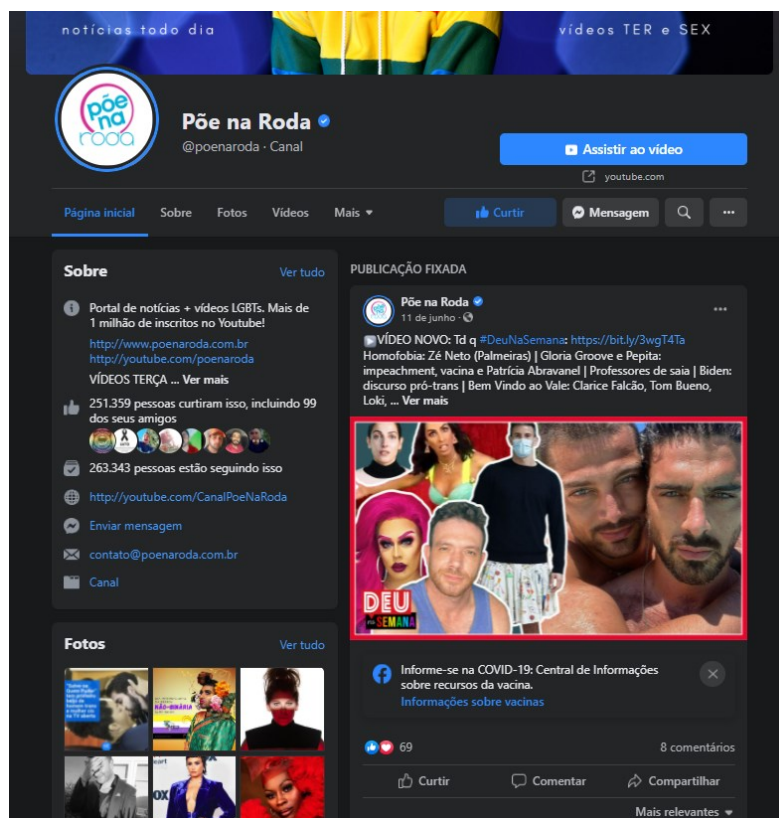
O objetivo do Põe na Roda, segundo eles, é sempre trazer informações e pautas acerca da comunidade LGBTQIA+ de uma forma descontraída, a citar: webnotícias sobre acontecimentos envolvendo pessoas da comunidade e temas como aceitação, autoconhecimento, respeito, entre outros.

Sua página no *Facebook* segue as mesmas disposições do portal G1 – Globo.com, visto que é um *template* padronizado da plataforma. O que diferencia são as informações contidas em cada aba/parte. Sendo assim, na aba *sobre* do Põe na Roda, percebemos uma breve introdução do que seria a página: portal de webnotícias e vídeos destinado ao público LGBTQIA+. Logo abaixo, encontram-se os *links* do portal: *link* do site e *link* do canal na plataforma *Youtube*¹². O canal de vídeos está evidente nessa aba, pois, como mencionamos anteriormente, o Põe na Roda teve sua criação nesse *site* e conta com mais de um milhão de inscritos e duzentos e quinze milhões de visualizações. Ainda percebemos a aparição de um e-mail de contato por fim.

No lado direito da página, ficam as publicações das webnotícias. O padrão das postagens é formado de uma breve descrição, *links* para os textos ou vídeos e o espaço abaixo reservado à interação dos seguidores da página.

¹² <https://www.youtube.com/poeraroda>

Figura 4 – Página do Põe na Roda no Facebook



Fontes: < <https://www.facebook.com/poenaaroda>>. Acesso em: 16/07/2021.

Realizada as apresentações dos portais que compõem o *corpus* dessa pesquisa, damos continuidade à explanação dos recortes do objeto. Tendo em vista que são dois sites de webnotícias, mas cada um com uma abrangência, isto é, o G1 – Globo.com com um alcance maior e o Põe na Roda focado na comunidade LGBTQIA+, notamos uma dificuldade de trabalhar com todos os critérios de recortes iguais. Sendo assim, alguns critérios seguem de forma idêntica para os dois portais e suas páginas (*site* e *Facebook*) e outros estão ajustados para uma melhor delimitação do objeto.

Ressaltamos aqui que todos os recortes a partir daqui se dão partindo das páginas dos portais na rede social *Facebook*, ou seja, buscamos aplicar os critérios nas páginas dos portais a fim de encontrar as webnotícias e comentários nas postagens.

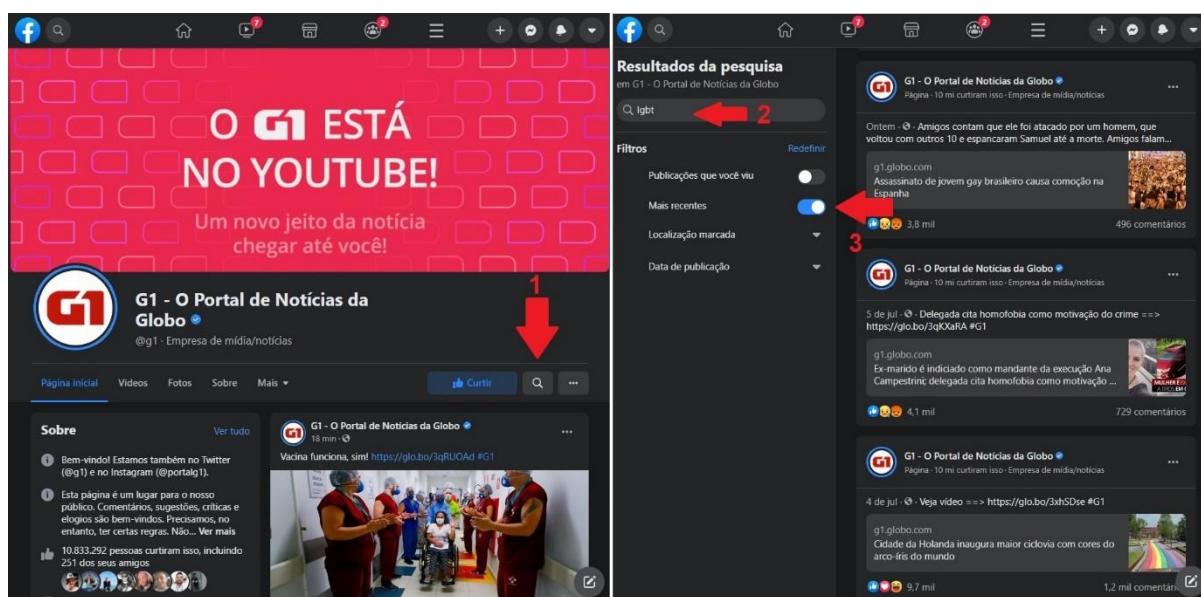
Seguindo a lista de critérios para o recorte do *corpus*, temos o **terceiro critério**, o recorte temporal. Notamos, no momento da busca, que seria dificultoso traçar o mesmo recorte para o G1 e para o Põe na Roda, pois no segundo, conseguimos, por exemplo, fazer um recorte mensal (1 mês). Entretanto, no portal essa ideia não se aplicou, visto que o seu conteúdo é o mais variado, podendo em 1 mês não haver nenhuma webnotícia relacionada à comunidade LGBTQIA+.

Pelo motivo apresentado, mantemos da seguinte forma: para a página do portal Põe na Roda, o recorte temporal se constitui por 1 mês de publicações. Na página do G1 – Globo.com, o recorte temporal se foca nas webnotícias publicadas no ano de 2021.

O **quarto critério** é o que chamamos de recorte temático. Dentro do recorte temporal selecionamos webnotícias que tenham relevância quanto ao seu conteúdo para a tese, ou seja, foram escolhidas webnotícias que tratem de temas voltados à militância e à resistência. A razão desse critério se respalda no fato de algumas webnotícias serem apenas entretenimento ou de cunho humorístico.

Vale a ressalva aqui que na página do Globo.com – G1, precisamos utilizar do campo de pesquisa da página para encontrar as webnotícias, uma vez que, diariamente, são publicadas diversas delas dos mais diferentes temas e focos. Sendo assim, pesquisamos com palavras chaves (LGBTQ+, LGBTQIA+, LGBT, gay, homossexual, homossexualidade) e selecionamos as webnotícias com temas que se encaixem ao objetivo da tese. A imagem abaixo demonstra como é realizada essa escolha.

Figura 5 – Recorte temático na página do G1 – Globo.com no Facebook



Fonte: <<https://www.facebook.com/g1>>

Para a seleção, então, primeiramente usamos o campo de pesquisa na página do G1 no *Facebook*. O símbolo de lupa representa a pesquisa (flecha vermelha de número 1). Ao digitar a(s) palavras desejadas, direcionamo-nos para a segunda imagem, na qual mostra a palavra que utilizamos (flecha vermelha 2) e os resultados encontrados, ou seja, as webnotícias encontradas. Ainda clicamos no campo *mais recentes* (flecha vermelha 3), a fim de obter as webnotícias mais

novas, aquelas que foram publicadas tanto no *site*, quanto na página do Facebook nesse ano de 2021, respeitando o recorte temporal.

Como **quinto critério** estipulamos o recorte por números. Tendo em vista que nosso objetivo está voltado às webnotícias e aos comentários nas páginas em rede social, atribuímos a quantidade de comentários no *Facebook* como critério de seleção. Sendo assim, prosseguindo com o recorte, selecionamos as webnotícias que tinham a maior quantidade de comentários dentre elas. Esse critério foi estipulado pensando no seguinte fator: as webnotícias mais comentadas são as mais relevantes naquele dado momento no *site*, em outras palavras, houve uma maior mobilização de sujeitos nas postagens das webnotícias mais comentadas.

Por fim, o **sexto critério** volta-se para a seleção dos comentários das postagens das webnotícias e segue uma lógica bastante similar ao quinto critério: selecionamos os comentários das postagens das webnotícias com mais reações¹³ (curtidas, corações e afins). Para cada webnotícia selecionada por meio dos critérios anteriores, são retirados os comentários com maiores interações por meio das reações.

As reações em forma de *emojis*, mencionadas acima como critério de recorte do *corpus* desta pesquisa, são entendidas como parte integrante da linguagem do gênero digital no qual os discursos/enunciados aparecem. Sendo assim, ratificamos a relevância dessa ferramenta da plataforma para com a construção e compreensão do nosso objeto.

Para uma melhor visualização dos critérios de recortes realizados na presente pesquisa apresentamos um quadro expositivo abaixo.

Quadro 1 – Critérios de recorte do objeto da pesquisa

CRITÉRIOS DE RECORTE DO OBJETO		
Primeiro critério	Dois portais de webnotícias, sendo um voltado à comunidade LGBTQIA+ em específico e outro ao público em geral.	
Segundo critério	Portais com mais curtidas nas suas páginas do <i>Facebook</i> .	
	Põe na Roda	G1 – Globo.com
Terceiro critério	Recorte temporal – 1 mês.	Recorte temporal – postagem de webnotícias do ano de 2021.
Quarto critério	Discursos/enunciados que tenham temática em torno da discussão de militância e resistência.	Discursos/enunciados que tenham temática em torno da discussão de militância e resistência.
Quinto critério	Recorte por números – postagens de webnotícias mais comentadas dentro do recorte temporal e temático no <i>Facebook</i> .	Recorte por números – postagens de webnotícias mais comentadas dentro do recorte temporal e temático no <i>Facebook</i> .

¹³ Sistema de interação por meio de marcas, as chamadas reações. Com elas, os sujeitos marcam se gostaram ou não da postagem/comentário, se concordam ou não, entre outros.

Sexto critério	Comentários – comentários com mais reações nas postagens das webnotícias previamente selecionadas na página do portal no <i>Facebook</i> .	Comentários – comentários com mais reações nas postagens das webnotícias previamente selecionadas na página do portal no <i>Facebook</i> .
-----------------------	--	--

Fonte: o autor.

A partir desses critérios de recorte expostos acima e da escolha dos portais onde encontramos os dados, conseguimos selecionar um total de quinze (15) webnotícias, e para cada uma delas, quinze comentários.

Durante a seleção dos discursos/enunciados, postagens e comentários, nos deparamos com um cenário de uma quantidade grande, por exemplo, na página do Põe na Roda, no recorte temporal estipulado, conseguimos em torno de mais de setenta webnotícias. Dessas, retiramos as que mais se encaixavam na temática da pesquisa: militância e resistência. Pensamos em uma quantidade que seja relevante para o estudo, mas também que seja plausível para o prazo de realização desse. Sendo assim, a totalidade do *corpus* da pesquisa é de quinze (15) webnotícias e duzentos e vinte e cinco (225) comentários nas páginas dos portais no *Facebook*.

Com a finalidade de identificação e referência aos enunciados no decorrer do estudo, criamos siglas para cada webnotícias e comentário, (exemplo XYZ#0). A sigla consta o tipo do enunciado, W para webnotícias, C para comentário, G1 e PNR para os portais G1 e Põe na Roda, respectivamente, seguidos por fim pela marcação # mais o número de identificação. Como exemplo, marcamos que a primeira webnotícias utilizada do portal Põe Na Roda está marcada como **WPNR#1**.

As quinze webnotícias selecionadas para a composição do *corpus* estão apresentadas no quadro abaixo. Nele, é destacado o código de identificação, de qual portal foi retirado, o título, e o *link* de acesso.

Quadro 2 – Dados da pesquisa – Webnotícias

DADO	UNIVERSO	TÍTULO	LINK PARA ACESSO
WPNR#1	Põe na Roda	Rodolfo diz que "o jeito de Gil" lhe incomoda: "É algo involuntário!"	https://poenaroda.com.br/pop/rodolfo-jeito-de-gil-lhe-incomoda/
WPNR#2	Põe na Roda	BBB21: Rodolfo diz que gays "são criaturas que o fazem rir!"	https://poenaroda.com.br/pop/filmes-series-tv/bbb21-rodolfo-gays/
WPNR#3	Põe na Roda	Trisal consegue registro das 3 paternidades nos documentos dos filhos	https://poenaroda.com.br/diversidade/trisal-registro-paternidade/
WPNR#4	Põe na Roda	Mulheres cis se unem para banir atletas trans de competições femininas	https://poenaroda.com.br/diversidade/lgbtfobia/mulheres-cis-trans/
WPNR#5	Põe na Roda	Ex-BBB Lucas Gallina passa vergonha ao dizer que LGBT não é homem e nem mulher	https://poenaroda.com.br/diversidade/ex-bbb-lucas-gallina-vergonha-2021/

WPNR#6	Põe na Roda	Bebê consegue na Justiça direito a documento sem gênero: "Pra decidir quando crescer!"	https://poenaroda.com.br/diversidade/bebe-documento-sem-genero/
WPNR#7	Põe na Roda	Juiz autoriza concurso Miss EUA a proibir mulheres trans de competir	https://poenaroda.com.br/diversidade/miss-eua-proibe-mulher-trans-competir/
WPNR#8	Põe na Roda	Arcebispo se recusa a dar entrevista para fiel afeminado	https://poenaroda.com.br/diversidade/arcebispo-recusa-entrevista-afeminado/
WG1#1	G1	Jornalistas são vítimas de ataques homofóbicos; MP abre investigação contra padre	https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/17/jornalistas-sao-vitimas-de-ataques-homofobicos-mp-abre-investigacao-contra-padre.ghtml
WG1#2	G1	Governo de SC proíbe linguagem neutra em escolas públicas e privadas	https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/06/18/governo-de-sc-proibe-linguagem-neutra-em-escolas-publicas-e-privadas.ghtml
WG1#3	G1	Família denuncia preconceito contra aluno de 11 anos após sugestão de trabalho com tema LGBT em grupo da escola	https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/06/13/familia-denuncia-preconceito-contra-aluno-de-11-anos-apos-sugestao-de-trabalho-com-tema-lgbt-em-grupo-da-escola.ghtml
WG1#4	G1	Escola de aluno criticado após sugestão de trabalho com tema LGBT recebe cartazes de protesto: 'Aceita ou respeita'	https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/06/15/escola-tem-cartazes-colocados-em-protesto-por-ataques-a-aluno-apos-sugestao-de-trabalho-com-tema-lgbt-ou-aceita-ou-respeita.ghtml
WG1#5	G1	Polícia vai analisar conversas no grupo da escola em que aluno foi alvo de preconceito após sugerir trabalho com tema LGBT	https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/06/14/policia-vai-analisar-conversas-no-grupo-da-escola-em-que-aluno-foi-alvo-de-preconceito-apos-sugerir-trabalho-com-tema-lgbt.ghtml
WG1#6	G1	Denúncias contra homofobia na internet crescem 106% nos primeiros seis meses de 2021	https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/06/17/denuncias-contra-homofobia-na-internet-crescem-106percent-nos-primeiros-seis-meses-de-2021.ghtml
WG1#7	G1	Projeto de lei contra LGBTs em propaganda avança na Alesp; OAB, marcas e evangélicos fazem campanha pela diversidade	https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/23/projeto-de-lei-contra-lgbts-em-propaganda-avanca-na-alesp-oab-marcas-e-evangelicos-fazem-campanha-pela-diversidade.ghtml

Fonte: o autor.

Em relação aos comentários nas postagens das webnotícias na página do Facebook desses portais, fizemos o mesmo padrão de dados. Para marcar a identificação do dado: colocamos a sigla C (comentário) seguida de um número (1-15). Em seguida marcamos a webnotícia desse comentário, sendo assim, utilizamos a mesma forma dos dados anteriores: W para webnotícias, G1 e PNR para os portais G1 – Globo.com e Põe na Roda, respectivamente, seguidos por fim pela marcação # mais o número da webnotícia.

Abaixo, apresentamos um quadro com os comentários selecionados a partir dos critérios de recorte que definimos para a pesquisa: comentários com mais reações nas postagens das

webnotícias previamente selecionadas nas páginas dos portais no *Facebook*. O quadro é composto pelo código do dado criado por nós, o comentário e o link de acesso para esse comentário, isto é, página que esse comentário pode ser encontrado.

Salientamos que os comentários foram retirados de maneira literal das páginas, então, podem conter erros em relação à norma padrão da língua.

Quadro 3 – Dados da pesquisa – Comentários das webnotícias nas páginas dos portais no Facebook

DADO	COMENTÁRIO	LINK DE ACESSO
C1WPNR#1	Eu trabalhei em um salão, onde havia outra gay além de mim , o jeito dela, a voz enfim tudo nela me irritava , seria homofobia, acredito que sim , afinal sou homem , não hétero graças a Lady Gaga kkkk. Fica a reflexão, a coisa mais normal é não gostar de alguém. Bora parar de vitimismo.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C2WPNR#1	Na cabeça dele pra ser macho tem que ser do campo....cuspir no chão e coçar o saco...Ele foi criado assim o erro que ele comete é achar que todo são iguais a ele e por isso se identificou com o Caio que na verdade estão parecendo um casal...	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C3WPNR#1	Nunca fui com a cara.Me passa um ar de rude e que vai aonde convem....Mas tanta agonia assim pode ser o reverso ne.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C4WPNR#1	Quando o cara destaca-se por ser machista, homofóbico e contar suas aventuras na cama... Ali há um sujeito inseguro de um lar onde não se esperava mais da mãe do que cuidar de uma casa, e cujo pai não possuía cultura suficiente para dar ao filho compreensão de coisas e eventos além do básico para viver uma vida medíocre. Se um cara faz declarações como esta com milhões de espectadores a ouvi-lo o que diz entre amigos e parças? E o tal do preconceito institucionalizado. É tão cabal que só não passa batido se tocarmos no assunto.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C5WPNR#1	Rodolfo é BOLSOMINION , seria estranho ser diferente	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C6WPNR#1	Homofobia claro. Esse Rodolfo deve ser extremamente mal resolvido.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C7WPNR#1	O Rodolfo incomoda-se até com o jeito de falar e com a maneira de como Gil comporta-se. Ele não reclama do jeito do João mais especificamente ou de outros brother e sisters lá dentro. Os trejeitos de Gil afrontam uma sociedade que na encolha come mas em público demoniza. No começo achei ele forçado e realmente escandaloso mas hoje vejo que esse é o jeito dele e isso é algo imutável. Eu sinceramente acho difícil alguém manter um personagem daquilo que não é por tanto tempo veja como a Karol rompeu essa barreira. Ela chegou toda cheia de amor e muita gente imaginou que ela seria uma das melhores jogadoras mas o personagem caiu por terra. Para o Rodolfo, é só ele ficar quietinho para não cair em paredão duplo com o Gil e acabar descobrindo quem o público ama.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C8WPNR#1	Então, já vi esse texto antes, Sinceramente o que mais tem é "Bolsominion Macho Fora do meio" enrustido e garanto que a maioria faz no sigilo, pode até parecer clichê, mas é a verdade, já passei por isso três vezes e como sou FBI, quando achei as informações, Bolsominion, que levanta a bandeira dos E.U.A, ARMAS e morre pelo Bozo!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C9WPNR#1	Olha tem gente aí defendendo até.... mas pai amado, esse Rodolfo não segurou a onda desde o começo, reparem!!!!!! Tem vários vídeos dele olhando torto com cara de nojo pro Gil quando ele tá se divertindo ou soltando os gritinhos que a gente ama. Ele adora essas criatura GLS, acha muito divertido... sqñ	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956

C10WPNR#1	Os incomodados que se retirem. Basta ir ao confessionario e pedir pra sair... tao simples	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C11WPNR#1	Para alguém quê disse quê bateria no Gil,quando ele ainda estava com o Lucas no quarto,não é novidade,não sou muito fã dos "gritinhos" dele,mas também não o vejo como uma má pessoa,homofobia ainda é muito grande!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C12WPNR#1	Síndrome do passarinho na gaiola , não entende o prazer de ser livre ou se incomoda com a liberdade dos outros .	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C13WPNR#1	A pensar de gostar do Gi, também me incomoda os gritinhos dele, me diz Oq foi a prova bate volta? cada pisada na jaca um gritinho... nem tudo é homofobia!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C14WPNR#1	Gente, vários LGBTQ+ nesse post "passando" pano pro bolsonarista... Coragem viu?	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C15WPNR#1	Então todo mundo deveria sair de perto de alguém por algum motivo... Já pensou!!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3808229832589956
C1WPNR#2	Normal, de vez em quando nós também chamamos outras pessoas de criatura e nem é no modo perjurativo. Parem de lumenar. E eu não tô falando isso porque quero que ele fique, não tenho nada contra os três no atual paredão, mas ele já levou o meu voto.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C2WPNR#2	Aqui no nordeste a gente fala muito criatura mesmo. Eu uso pra falar com mulheres e homens. E não acho que ele foi infeliz na afirmação, pelo contrario, mostrou a simpatia dele. E existe muito gay engraçado mesmo, disso não podemos discordar. Até eu que sou gay me acabo de rir com yag engraçada.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C3WPNR#2	Melhor exemplo é o gil. Adoro ele, muito alegre é diversão na certa. Aliás a palavra gay significa o que mesmo?	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C4WPNR#2	Sou fora Rodolfo, mas infelizmente tanto ele quanto Caio vão longe no jogo.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C5WPNR#2	O que encontramos nos comentários é um grande número de pessoas indignadas com um apontamento, fazendo outros apontamentos enquanto se acham as "menos chatas". Tá certo. A internet está nos emburrecendo.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C6WPNR#2	Eu não me senti ofendido, achei foi engraçado msm, vcs se doem por qualquer coisa, a militância chega a ser chata e desnecessária e essa onda de cancelamento, antes vcs deveriam tentar cancelar o presidente que ainda tá lá	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C7WPNR#2	Querem problematizar com um vídeo antigo. Que coisa chata!!! Estão pior que a insuportável da Lumena. Ele apenas não soube se expressar, usou palavras erradas e dos que estão ali na casa o Rodolfo é uma das pessoas mais leves e de boa.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C8WPNR#2	Gente, vejam o vídeo antes de julgar. O título tá meio tendencioso. Eu não senti maldade nenhuma na fala dele, e ele não é desconstruído neh? Ninguém é	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C9WPNR#	Voces ja sabem em quem ele votou né?! Pois é! Até fez campanha! Por isso eu voto pra ele ser eliminado! O problema é que ele não vai sair porque as pessoas estão caindo nos personagens dele e do Caio. A mim eles não enganam!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C10WPNR#2	Põe na roda como sempre tentando de todas as formas pregar "militância" pra gerar polêmica. Para que tá feio, sem necessidade. Trata a cabeça, antes de jogar as matérias.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C11WPNR#2	Desvalidar o debate com argumento de que o politicamente correto está demais, só da margem para que o discurso se mantenha. Se hoje podemos falar e debater é porque muitos LGBTQs do passado sofreram e tiveram coragem para pautar sobre suas questões!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C12WPNR#2	Pararem com isso!!!! Criatura é jeito de falar aqui no Goiás gente !!! Sou gay e não vi nada demais!!! E quando ele fiz que fazem rir e pq somos pessoas agradáveis!!! Afff que chatice da porra!!!! Pararem de deturpar as palavras	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760

C13WPNR#2	Já observou o Gilberto (Ativo Comedor do Grindr, que vcs mesmos publicaram aqui)? Ele é o que, senão um palhaço?	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C14WPNR#2	Ahhh parem de cancelar ele! Talvez ele seja gay, porém incubado E o cara tá indo muito bem lá, queremos que o casal Caio e Rodolfo continue!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C15WPNR#2	É só cavar que vai sair mais podre desse bolsominion	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3755298464549760
C1WPNR#3	Não sei como conseguem, se uma relação a dois já é desafiadora as vezes, imagina a três.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C2WPNR#3	Um casal gay que adota um bebê junto com o amante. Trisal pra mim não cola.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C3WPNR#3	Deve ser um eco tão grande na cabeça dessas pessoas que ditao regras sobre relacionamento alheio, sobre oque as pessoas fazem ou não com a vida delas, nessa publicação só conseguimos ver três pessoas que se relacionam, cuidando de outras com amor e cuidado, e oque tem de errado nisso ?! O errado é você escolher criticar oque nem mesmo vc faz, que é respeitar o próximo, vamos aprender a cuidar da própria vida e deixar o coleguinha cuidar da vida dele, e já era! Povo chato do Caralho.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C4WPNR#3	Seja relação homoafetiva ou não acho um EXAGERO!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C5WPNR#3	Eu cresci Assistindo Três é demais família linda	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C6WPNR#3	Queria eu, ter três pais que me assumissem, me amassem e me respeitassem, não tenho nenhum, minha mãe fugiu dele quando eu era de colo, graças a Deus!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C7WPNR#3	Eu acho q e melhor ter 3 pais e ter muito amor q serem largados a própria sorte inpedente de qualqer coisa creio q eles estão muito felizes	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C8WPNR#3	As yags dizendo que trisal não existe kkkkkk o melhor e ter o namorado e os amantes escondido né?	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C9WPNR#3	Sei lá, não sou capaz de julgar - ninguém é. Se eles estão felizes e não estão sendo escrotos com ninguém, tá perfeito. Não é da minha conta ficar cuidando da vida dos outros.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C10WPNR#3	E tem gente que se incomoda, sendo que tem milhões de pessoas sem o nome do pai biológico na certidão!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C11WPNR#3	Eu não imaginava,, inusitado, mas família é união e amor de todas as formas!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C12WPNR#3	Eu não consigo me imaginar em uma relação a 3 ou aberta. Mas respeito, que sejam felizes!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C13WPNR#3	Que sejam felizes e cuidem bem dos filhos garantindo amor e uma ótima criação.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C14WPNR#3	Acho que a criança já nasceu com muita sorte ☐ Muitas crianças já nascem rejeitadas pelo pais, essa tem tres que amam ela. Lindo d+	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C15WPNR#3	E eu sem pai Esses bebês vão ter tanto amor	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803845219695084
C1WPNR#4	Esses conservadores usam sempre os mesmos argumentos : - Destruição do esporte feminino - Destruição da família - Destruição dos valores cristãos e da moral	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3780560682023538

C2WPNR#4	"De acordo com a pesquisadora Joanna Harper, do Providence Portland Medical Center, nos Estados Unidos, a diminuição da testosterona é suficiente para igualar as competidoras transexuais às mulheres biológicas, chamadas de cis. Esse teste seria satisfatório para provar que as atletas podem competir juntas."	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C3WPNR#4	É uma transfobia e ponto!!! Pq se fosse questão de justiça, pela massa do corpo mesmo, teriam pedido estudos antes de qualquer tipo de "banimento". Eu entendo que é complexo, mas não dá pra sair banindo as pessoas assim. Me recordo muito bem de uma jogadora que eu amava, Paula Pequeno, sendo a primeira a puxar esse assunto e ela é bem conversadorinha! Espia só!	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C4WPNR#4	Gente esse assunto é tão complexo, tão complexo, eu acho que não se resume a transfobia, mas tbm não to acompanhando na mídia, então tomara que se resolva logo, e mulheres trans não precisem lidar com esse tipo de situação!	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C5WPNR#4	Em vez de pensar, o quanto o esporte feminino ira evoluir!!	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C6WPNR#4	O caso da Tiffány é emblemático de que quem já treinava há anos antes da transição mantém massa muscular muito além do limite corporal de qualquer mulher cis. Qualquer um que treine e faça uso de esteroides anabolizantes sabe a diferença que isso faz. Não cabe julgar como transfobia, uma vez que se perde a isonomia na competição.	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C7WPNR#4	A mulheres Aquelas que não podiam estudar, escolher sua roupa, o marido, nem com quem perder a virgindade, maquiagem não podia, votar ? Capaz... Eram consideradas incapazes para realizar qqr a mais que limpar casa e servir o marido, podiam até ser castigadas fisicamente com a autorização divina e civil, daí muitas lutaram , morreram por espaço e igualdade.... Daí vem umas e fazem o q?? Oh paciência.	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C8WPNR#4	Pq ao invés de lutar contra isso , N fazem um campeonato trans. As vezes é melhor do q falar , falar e falar e nada adiantar.	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C9WPNR#4	Muitas pessoas só descobrem que é trans na maioria com exame de DNA, isso não pode ser motivo para a exclusão.	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C10WPNR#4	Eu iria adorar pegar esses nomes que assinaram essa listinha da petição e já cancelar todo mundo	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C11WPNR#4	Preconceito velado! Como se entre cis fosse tudo igual e tbm nem todos os homens cis são mais fortes q as mulheres cis. E o principal quesito é o técnico, ã basta uma pessoa ser forte ou aparentar força q vai ser bem sucedida no esporte... É no mínimo ridículo esse ataque q estão fazendo!	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C12WPNR#4	Não seria mais fácil incentivar a inclusão? Para ter pelo menos uma atleta trans em cada equipe? Seria ótimo para todos... tenho certeza, o que as trans precisam é de incentivo para se verem nesses lugares... pra que excluir quando se pode viver e aprender juntos?	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C13WPNR#4	Desculpa mas acho justo. A força delas é diferente	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C14WPNR#4	Ainda faltam estudos na área que comprovem que é um jogo igual para mulher cis e mulher trans. Faltam estudos pra comprovar se a transição tardia dá as atletas alguma vantagem, e se na transição precoce as condições são as mesmas. Enfim, é um assunto bem mais complexo do que resumir em transfobia.	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C15WPNR#4	Pelos comentários dá para perceber a ignorância da maioria das pessoas sobre o assunto. É Transfobia sim!	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3780560682023538
C1WPNR#5	Alguém traz o whey que o bombado ta delirando!	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3798316836914589
C2WPNR#5	Não havia achado o erro na colocação, é muita sigla, muitas divergências, tantas regras, mas com a ajuda dos amigos compreendi a	https://www.facebook.com/poenaaroda/posts/3798316836914589

	colocação dele, e a falta de esclarecimento, assim como eu também não tinha.	
C3WPNR#5	De daí se ele não concorda com esses malucos só por isso ele vai sair do jogo. Cadê a tal liberdade de expressão que tanto falam. Isso só prova que essa globo e altamente manipulável	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C4WPNR#5	Calado ele seria tão lindo hehehe	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C5WPNR#5	Pq vcs ressuscitam esses seres? Não dê palco pra isso não. Qual relevância esse ser tem no mundo?	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C6WPNR#5	Pois é, mas está cheio de discursos que pessoas LGBT superaram o sexo biológico e que o binarismo não representa uma nova realidade pós estruturalista. Ele não tá errado.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C7WPNR#5	As pessoas que não são homem nem mulher são as pessoas não binárias... Essa fala dele pode se aplicar especificamente a pessoas não binárias, mas não se aplica a toda a comunidade LGBT+.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C8WPNR#5	Opa, Jean Willis não era LGBT então? hahaha	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C9WPNR#5	Agora que percebi que o sobrenome dele é pq ele parece um galinho de rosto	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C10WPNR#5	O que essa bozena sabe	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C11WPNR#5	Não é à toa que saiu com fama de Chernomacho... Mas é um grande idiota mesmo...	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C12WPNR#5	Ele está certo!! Somos semi-deuses!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C13WPNR#5	Segundo a Karol somos E.T com a trilha sonora de kety Perry	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C14WPNR#5	É o senso comum de 90% da população. Pessoal ao invés de ensinar quer lacrar com respostas mal educadas . Da nisso	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C15WPNR#5	Eu sou alien	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3798316836914589
C1WPNR#6	"Sexo é biológico, gênero é social. E o gênero vai além do sexo: o que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente".	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C2WPNR#6	"A identidade de gênero se refere ao gênero com o qual a pessoa se identifica enquanto o sexo biológico está relacionado aos aspectos anatômicos da espécie humana, "como as genitálias, por exemplo".	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C3WPNR#6	Seria ótimo de todos nascessem sem gênero definido .não por questões de ser mulher ou homem e quando crescer ser do outro gênero oposto .e sim pela questão comportamental que se impor a crianças que menina e isso e aquilo que homem e isso e aquilo o mundo ia com certeza ficar melhor em questões de estropos machismo entre outras questões	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C4WPNR#6	Aí a criança cresce, vira um adolescente. E quando este ser neutro de aparência máscula atlética como a maioria dos jovens são, resolve entrar no banheiro feminino junto com a filha desta mulher que aplaude tal situação. Esta não permite. Jogando por terra todas estas palavras lindas que aqui afirmam. Na hora da verdade essa conversa é outra.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C5WPNR#6	Eu discordo desse meio de pensamento, mas eu acredito que a pessoa em qualquer idade deveria decidir dizer se ela ou ele quer ou não mudar de gênero. Minha prima trans só decidiu isso aos 23 anos, algumas pessoas ainda criança. Tenho uma criança conhecida minha que o nome dele é Daniel, mas aos 7 anos queria que todo mundo chamasse ele de Daniela. Cada um tem seu próprio meio de pensar no que é certo para o próprio	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879

	filho, eu não critico a atitude dos pais, acho que eles fazem o que acham melhor e isso é o suficiente para me deixar contente pelo bebê.	
C6WPNR#6	Penso que ao invés desse briga judicial os pais que tem deixar o sexo biológico nos documentos e garantir um espaço saudável de autonomia da criança dentro de casa Para que mais tarde, se identificada a transexualidade, daí sim prestar todo apoio para a transição...	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C7WPNR#6	Farei de tudo pra meu filho(a) não ter gênero pré definido tbm	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C8WPNR#6	Prontuário médico: Qual o gênero da criança? () Masculino. () Feminino. () Indefinido	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C9WPNR#6	"Sobre a criação do bebê, Kori afirmou que será o mais neutro possível, lhe dando todas as possibilidades para que ela decida seus gostos, identificações, tendo todo amor e apoio pra que seja a pessoa mais inteira que puder." A pessoa não vai impedir a criança de ser criança Pelo contrário Antes de criar um monstro na imaginação, tentem entender... Agora c a parte de querer retirar a informação de sexo nos documentos, ã concordo pq devia ser opcional tipo cada um que decida se quer que apareça sexo ou genero nos seus próprios documentos	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C10WPNR#6	Tudo no seu devido tempo,o nascimento de um ser inocente deve acontecer com naturalidade,nascemos homens e mulheres,um bebê não possui noção do mundo pelo qual acabou de chegar,vamos com calma!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C11WPNR#6	Faz todo o sentido. Isso deveria ser aplicado a todos. Se perante a lei não há distinção entre "masculino" e "feminino" qual é a necessidade de rotular e limitar as pessoas com algo que deveria ser estritamente pessoal?	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C12WPNR#6	Como esse bebê conseguiu isso, se pela foto ele mal sabe quem é, Onde está, e nem sabe falar?	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C13WPNR#6	O bebê não decidiu nada kkkkkk, como sempre quem decidiu foram os pais, o gente iludida.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C14WPNR#6	Ah, mas isso não depende de um documento né? <input type="checkbox"/> Qdo crescer decide e se tiver que mudar o documento a gente muda mesmo.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C15WPNR#6	Nossa cara difícil. A pessoa se considera pai/mãe do bb pq não se considera homem nem mulher. Difícil.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3803317269747879
C1WPNR#7	"Miss universo trans"? Só para as trans..... Acho que elas buscam inclusão na sociedade e colocar elas num concurso com mulheres "naturais" seria algo incrível. Sério que vocês dão a opção de fazerem um concurso só pra trans pq é mais fácil do que incluir elas no concurso normal. É o mesmo que querer lutar contra o racismo mas colocar todos os negros em um Só lugar. Eu entendi que pessoas trans tem que carregarem um selo estampado de "trans ", vão fazer um banheiro só para trans? Roupas só para trans? Maquiagem só para trans? Gente, a palavra INCLUSÃO é o ponto forte do meu comentário. Deixa todas as mulheres (trans ou não) participarem.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C2WPNR#7	Concursos de beleza não deveriam nem existir. São gordofóbicos, objetificadores e, agora, transfóbicos. Uma pena que mulheres ainda se sujeitem a isso.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C3WPNR#7	Um absurdo.... mulher trans é mulher sim!!! Na transição existe um acompanhamento psicologico que determina fatores decisivos... e outra, são bonitas delicadas etc... é como vc dizer que uma negra não participa de concurso de branca... existem sim diferenças, mas como em toda e qualqrr raça... mais amor gente compreensão empatia...	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C4WPNR#7	Gente, é óbvio que eles vão proibir as mulheres trans, pq as chances de serem muito mais bonitas que as "naturais" é bem maior e não pode ter plásticas e etc...	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231

C5WPNR#7	Tem o lance também que no Miss Universo só participam as terráqueas. Tem que ver isso aí, heim..☐ bom sábado a todos.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C6WPNR#7	Deve ser muito duro perder um concurso para uma mulher trans . Até pq o miss já é um concurso hegemônico que prioriza os traços e características eurocêntrica. O etnocentrismo	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C7WPNR#7	Eu penso que tinha que acabar com esses concursos de miss ! Beleza não põe mesa . Vão estudar pra ter um futuro independente melhor .	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C8WPNR#7	Enquanto isso a Europa motiva e incentiva a participação de todas as mulheres, inclusive fugindo do biotipo de magreza em vigência nos concursos. Espanha fez história ao eleger Angela Ponce em 2018 e levá-la ao MU daquele ano. Mesmo não tendo sido classificada, fez uma entrada anunciada na final do concurso e sendo ovacionada. Um lindo exemplo de respeito de inclusão da organização do concurso na época.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C9WPNR#7	q absurdo! as competidoras cis são todas cheias de plástico e silicone! não faz o menor sentido isso!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C10WPNR#7	Na realidade as trans são muito bonitas para competir com mulheres reais por isso o medo.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C11WPNR#7	Ainda existe miss universo? Que coisa mais antiquada	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C12WPNR#7	Acho justo. A mesma coisa uma mulher cis querer competir num concurso miss trans.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C13WPNR#7	Quem ganharia para Roberta Close no auge da beleza?	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C14WPNR#7	Quando os arqueólogos do futuro, encontrarem nossas ossadas, como nos classificarão?	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C15WPNR#7	tem concurso de miss (cis) e miss trans. é diferente, tem lugares da sociedade q nao da pra generalizar!	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3828413747238231
C1WPNR#8	Ah o amor cristão ☐ Ele estava tão animado pra fazer essa entrevista, me deu um nó na garganta vendo a energia dele se dissipando, sem acreditar no que estava acontecendo.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3759092970836976
C2WPNR#8	O vídeo é constrangedor!!! O cara só estava trabalhando. Ódio.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3759092970836976
C3WPNR#8	O cara super animado e feliz pra fazer a entrevista e o velho acha ruim que ódio	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3759092970836976
C4WPNR#8	Choque de gerações, o senhor até assustou com a anergia da Bee	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3759092970836976
C5WPNR#8	O Drag ? Iiiiiiii.☐Religião hoje na maioria dos casos serve só pra esconder gente mau caráter.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3759092970836976
C6WPNR#8	não dá pra ridicularizar uma pessoa que já está sendo ridícula	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3759092970836976
C7WPNR#8	O garoto foi um fofo, ele sabia do que se tratava, ainda sim se manteve, fiquei com vontade de chorar, e com raiva desse senhor, que se diz cristão, que ele se destaque na profissão dele, achei muito fofo mesmo.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3759092970836976
C8WPNR#8	Elas gostam dessas religiões que não gostam delas, tá aí	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3759092970836976
C9WPNR#8	O menino super fofo, educado e trabalhando direitinho.	https://www.facebook.com/poeraroda/posts/3759092970836976

C10WPNR#8	Pra mim, tá parecendo que o padre pensou que era uma entrevista dessas estilo programa pânico, até porque antes das entrevistas geralmente o entrevistador passa as informações para o entrevistado ficar ciente do assunto que será abordado. Se não for, Deus lhe perdoe.	https://www.facebook.com/poelaroda/posts/3759092970836976
C11WPNR#8	A igreja não gosta da gente Não sei porque tem gay que fica insistindo em fazer parte dela ... O vídeo é constrangedor	https://www.facebook.com/poelaroda/posts/3759092970836976
C12WPNR#8	O q mais incomoda nas pessoas é a feminilidade.	https://www.facebook.com/poelaroda/posts/3759092970836976
C13WPNR#8	Gente temos que observar que dentro de um contexto de mídia, existem reportagens de todos os jeitos inclusive de humor de forma a ridicularizar a sigla LGBTQIA, ajudando a enraizar esse preconceito, não que justifique a atitude porém temos que parar de ver só nosso umbigo e observar o contexto 8da sociedade que estamos tentando evoluir. Ele disse a verdade, "a gente v8ive num mundo complexo".	https://www.facebook.com/poelaroda/posts/3759092970836976
C14WPNR#8	Pelo o que eu percebi no vídeo, o rapaz não se atentou ao preconceito do religioso, vcs tb tiveram esta impressão ???	https://www.facebook.com/poelaroda/posts/3759092970836976
C15WPNR#8	Deu uma dó dele , ele tava tão feliz depois percebe a desfeita do velho .	https://www.facebook.com/poelaroda/posts/3759092970836976
C1WG1#1	Tenham força! Tem alguns que os atacam e TEM MILHARES QUE OS AMAM!!! Homofobia é crime!!! Não é sobre pecados, é sobre crime!!!	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C2WG1#1	Padre padre deveria era ficar bem caladinho, não?! Um dedo pra frente e 4 voltados na direção do " santo" sacerdote. O diferencial aí é que o casal se assume e não se escondeentendedores entenderão. E não me venha com sermão hipócrita. Viva o amor!! Homofobia é crime .	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C3WG1#1	Cade os direitos humanos para os policia,que foram cruelmente assassinado hoje.Cade as vidas NEGRAS IMPORTAM, estou me referindo também ao policial que morava no Estado do Rio de Janeiro , e era lotado no quartel em São Paulo, cadê justiça para esses homens? E uma hipocrisia do inferno	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C4WG1#1	Como bem declarou o padre Julio Lancellotti, homofobia é crime	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C5WG1#1	Deixem as pessoas em paz, povo hipócrita, infeliz, pior com telhado de vidro	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C6WG1#1	Toda forma de preconceito e discriminação, seja racial, opção sexual etc, tem que ser combatida, inclusive na esfera criminal...	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C7WG1#1	Pelo tanto de risadas, dá p saber porque o Brasil é o país que mais pratica homofobia, um ódio sem fim...misericórdia ☐	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C8WG1#1	O que será que Jesus falaria para esse padre?! " Amai vos um ao outro como a ti mesmo"	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C9WG1#1	Tem gente que realmente não tem o que fazer. A declaração foi super normal, respeitosa e bonita. Sem motivo para isso. Desnecessário.	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C10WG1#1	A maioria dos homofóbicos declara seu ódio usando o nome de Deus como escudo : Deus nao gosta, não é coisa de Deus, está na Biblia...hipocrisia dos " santos"	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C11WG1#1	É muita falta de amor e respeito ao próximo.	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C12WG1#1	Mas os lanchinhos do padre estão garantidos!	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C13WG1#1	Reação à reação à reação à... Pediram boicote, estão recebendo boicote, mais boicote... "Precisamos repensar essa cultura do cancelamento" Etc etc de um ciclo sem fim... Rsrs	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413

C14WG1#1	Opção sexual e Religião deveria ser igual a roupa íntima, use para você e não fique esfregando na cara dos outros, forçando elas a usarem o que você usa. As pessoas que prefere uma família composta de homem e mulher também merecem respeito ser conservador sexualmente falando,não significa querer que gays ou ... sejam mortos ou maltratados !!!! Estou falando de DISCRICÃO!!!!!! DISCERNIMENTO Temos que ter bom senso pra viver melhor	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C15WG1#1	O que existe é um desencontro de ideais.uns querem que todo mundo seja como eles, outros não aceitam por defesa da família. Como casar criar filhos e manter famílias seguindo a lógica da natureza.; União homem, mulher e filhos formação de família. Sem famílias, não há razão de vida. Não tem lógica. O problema é que as pessoas querem que todo mundo sejam igual a eles. E todos nós somos o que somos, e não os que os outros pensam que nós somos.	https://www.facebook.com/g1/posts/5330296287022413
C1WG1#2	Parabéns aos envolvidos no decreto!	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C2WG1#2	Não é forçando uma alteração na língua que irá garantir inclusão e respeito às questões de gêneros. A linguagem neutra por ser uma ideia incoerente só aumenta discussões que nada agregam, ou seja, é totalmente desnecessária.	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C3WG1#2	Linguagem neutra é coisa desnecessária neste momento. Temos muitas prioridades como: combate ao analfabetismo e analfabetismo funcional, além dos prejuízos pedagógicos causados pela pandemia.	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C4WG1#2	É necessário entender que a linguagem muda no decorrer do tempo e não por conta de determinados militantes que nn tem o que fazer , se o real motivo pelo quais buscam mudanças esteja relacionado a inclusão é de fundamental importância pensar na exclusão que tal mudança irá causar para alunos com dislexia, surdos ou indivíduos com qualquer outra dificuldade de aprendizagem, portando não se faz inclusão excluindo-se outras pessoas !	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C5WG1#2	Gostaria que esses governantes se debruçassem em projetos mais eficazes e menos vazios . Que isso? Dedicuem-se mais o seu tempo pago pela população, em decretos que possam impactar diretamente a áreas de produção de empregos, dignidade para o povo que está sem ter o que comer, moradias, educação e saúde. Ninguém quer nada de graça do governo, as pessoas querem trabalho!	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C6WG1#2	Linguagem neutra existe ? Isso e a maior babaquice que eu já vi. Parabéns aos envolvidos.	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C7WG1#2	Parabéns! Que todos os que se dizem governantes, façam o mesmo	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C8WG1#2	Muito bom! Viva a língua portuguesa!	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C9WG1#2	No meio de uma pandemia que já matou meio milhão de pessoas, a preocupação das autoridades é com linguagem neutra. Tenha dó.	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C10WG1#2	Cacildes, não vai poder usar a linguagem dos trapalhões? Achei que já iam até lançar a cartilha do Muçum! Ainda bem que tem pessoas de bom senso, modismos que são simples na língua inglesa mas que no português fica simplesmente impossível!	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C11WG1#2	Os jovens já tem uma educação precária e deficiente, aí inventam uma linguagem para agradar um grupo é tornar a comunicação mais difícil ainda. Essas pessoas deveriam ter uma auto estima maior, ao invés de inventar moda!	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C12WG1#2	Que faça exemplo para outros estados. Matar uma língua nao é evolução , é retrocesso.	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C13WG1#2	Eu sou totalmente contra o preconceito e apoio todas as ações LGBT, mas como professor de Língua Portuguesa, abomino essa ideia de pronome neutro. Pensemos em outra maneira de expressar empatia, sem estragar uma língua tão bonita e sem querer reinventar a roda.	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000

C14WG1#2	É uma discussão mais complexa do que parece. Não se evita a transformação da língua por decreto. Um decreto em 1900 nao teria impedido que o "vossa mercê" virasse o "voce", hoje presente na norma culta. O que hoje soa estranho, em uma década pode ser a regra. Mas quanto ao uso na escola, nos casos previstos no decreto, é um debate para os especialistas na área, que espero tenham sido ouvidos para a formulação da lei.	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C15WG1#2	Hahahah poxe vide já tave mudande os planes de aules. Kkkkkkkkkkkk SC é uma piada mesmo. Proibir algo que nem existe na norma padrão..	https://www.facebook.com/g1/posts/5333390416713000
C1WG1#3	Sou mulher transexual, trago sequelas na alma dilaceradoras na epoca de escola!	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C2WG1#3	Gente podre preconceituosas precisa punir todos envolvidos ação do menino prova que foi criado sem preconceito!! Anjo querido!	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C3WG1#3	Acharam que iria parar ali em um grupo de whatsapp ... Orgulho de ver que as pessoas não tem mais medo de defender	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C4WG1#3	Que vergonha! Crianças querendo ensinar adultos sobre um tema tão importante e que, ainda somente se vê em debate em páginas policiais. Os adultos tem muito que aprender com a “pureza e a resposta das crianças”, como bem disse Gonzaguinha..	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C5WG1#3	Esses “moralistas” normalmente são os piores exemplos. Não precisa mais do trabalho, todos agora vão ter que refletir sobre seus preconceitos diante dessa exposição.	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C6WG1#3	Pelo menos dentro das 1.500 reações deste post só 185 são idiotas a ponto de achar graça de um absurdo desse. Lamentável profissionais da educação terem uma postura tão retrograda e ultrapassada; Tomara que sejam punidos com todo rigor necessário.	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C7WG1#3	Absurdo vindo da parte de educadores e escola. Por que não era um assunto adequado? Talvez porque os educadores não estão preparados para falar sobre o assunto. É importante falar sobre isso, adequando a abordagem a faixa etária. Essa talvez seja grande diferença entre se educar em casa e na escola. Todas as crianças desta idade já têm acesso às diferentes orientações, ignorante quem acha que uma criança de 11 anos não percebe a sociedade em que vive. Cabia aí ao educador criar possibilidades de aprendizagens esses alunos, evitando também abusos, preconceito, violência....	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C8WG1#3	Não adianta nada tanta luta por respeito e igualdade entre seres humanos, se tem uns que são exatamente quem tem a ferramenta mais poderosa, que é o contato com a próxima geração, e continuam disseminando o preconceito e achando super normal.	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C9WG1#3	Se fosse em 1800 era uma coisa, mas em pleno 2021 adultos ainda com esse pensamento? Espero que o processo coma frouxo, gente preconceituosa não aprende por explicação, só por processo pra aprender a respeitar o próximo. Já que são respeitados por serem héteros.. É cada absurdo.	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C10WG1#3	Tem que pegar cada adulto desses e tomar um processo bem gostoso para parar de imbecilidade, tema ótimo.	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C11WG1#3	Absurdo a postura dessa escola. Nessa altura da vida com todas as notícias que vemos de preconceitos, violência e até mesmo morte ,alguém ainda achar um absurdo a discussão desse tema. Vergonhoso	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C12WG1#3	Precisou de um jovem de 11 anos para isso? Essa Diretoria e demais, estão na Idade Média realmente. Se fossem estudar, realmente poderiam avançar e inclusive reconhecer que o sinal de + da sigla atualmente utilizada (LGTBQIA+) inclui TODOS os seres humanos.	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C13WG1#3	A repercussão do caso mostra que o aluno estava corretíssimo. Excelente sugestão inclusive.	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C14WG1#3	Que absurdo esperava algo desse nível de algum pai reaçã não de alguém da escola	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769

C15WG1#3	<p>A gente vê q parte da civilização tá podre lendo os comentários da matéria.</p> <p>A criança deu uma ideia super inteligente de debater o tema LGBT, demonstrando que tem uma educação partindo do ponto do respeito ao próximo e foi tratado sem um pingo de educação pela diretora e demais adultos.</p> <p>Como um grupo de pais trata um aluno dessa forma? E se fosse com o filho deles?</p> <p>Se não concordavam com a pauta, falassem de forma educada, explicando que poderiam ser outras propostas (o que tbm seria um absurdo, mas pelo menos o menino nao ia chorar e sofrer psicologicamente)</p>	https://www.facebook.com/g1/posts/5317736061611769
C1WG1#4	Surreal, o que foi postado no grupo só mostra, o quanto isso precisa ser debatido o mais cedo possível, é de se ver que os pais são os principais percussores de preconceito nos filhos.	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C2WG1#4	Que fim!Eu eduquei meus filhos a sempre respeitarem à todos. E hoje, graças a Deus, tenho dois filhos que são livres de preconceitos e qq coisa q falemos, logo defendem. Orgulho deles e que todos fossem assim, respeitosos e livres de preconceitos.	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C3WG1#4	Que absurdo, em pleno século 21. E muita ignorância...	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C4WG1#4	Em partes mais civilizadas deste mundo, a iniciativa deste garoto seria celebrada. Ele usou um assunto que está muito em evidência no momento (mês do orgulho LGBT+), como pauta para o trabalho dele na escola. Isso é promover informação e contribuir para o desenvolvimento da sociedade, pois a escola também serve para a formação da nossa cidadania e do nosso senso de coletividade. Lamentável a atitude desses pais e dos funcionários dessa escola.	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C5WG1#4	Em pleno século 21 com uma mentalidade do século 17.... Muito triste	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C6WG1#4	Absurdo. Em pleno século 21...Em que mundo esse povo acha que vive? Atitude extremamente arcaica , preconceituosa e criminosa.	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C7WG1#4	Criticados tem de ser esses pais retrógrados e essa diretora horrível. A finalidade da escola é apresentar as diferenças, ensinar respeito e empatia. E não fechar nossas crianças a uma série de crenças conservadoras e cabresto.	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C8WG1#4	O que me assusta é como tratar assim uma criança. A sociedade está doente.	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C9WG1#4	O principal ensinamento que dou a meus filhos é o respeito,é tão valioso quanto a empatia e compaixão porém tão pouco exercido por aqueles que deveriam educar...Triste em tempos tão difíceis ler uma matéria tão retrógrada como essa!	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C10WG1#4	Essa escola tá precisando de uma direção melhor, já foi alvo de Bullying com crianças agora ataque homofóbicos e ninguém resolve nada!	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C11WG1#4	Tratar do tema LGBTQI+ nas escolas não é falar sobre sexo, muito menos ensinar ninguém a ser gay. Quando falamos dessa pauta na educação, estamos falando em ensinar às crianças desde o berço que existe uma diversidade de pessoas que trabalham e contribuem na sociedade, e que essas pessoas merecem respeito. Por mais que muitos neguem, vivemos num país muito preconceituoso, onde seres humanos são assassinados só por terem um jeito de ser e de amar. Poucos sabem, mas os verdadeiros brasileiros que estavam aqui bem antes dos portugueses (os índios), não viam a homossexualidade dessa forma tabu que hoje é vista no Brasil. A constituição diz que a educação é para todos, por isso devemos incluir todos os grupos sociais que contribuem, tanto heteros, gays, evangélicos, católicos, trans, ateus, espíritas, TODOS. Não é só o que é considerado tradicional. O Brasil é um país diverso, cheio de raças, culturas, formas de se expressar. Essa ideia de dar vez a só um grupo é muito pobre.	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390

C12WG1#4	As pessoas estão preocupadas em dizer se é certo ou errado o tema do trabalho, mas esqueceram da criança que propôs o tema. As pessoas que atacaram essa criança deveriam receber alguma penalização	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C13WG1#4	e se esses que agridem e tem preconceitos fossem ou sofressem algum preconceito no amanhã será que iriam gostar acho que não julgar é fácil o difícil e ser julgado sempre antes de atacar alguém pense que esse alguém poderia ser nós mesmo o mundo preziza realmente de mais respeito amor e união uns com os outros	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C14WG1#4	Esse tema é um dos temas transversais, existe tanto na ldb quanto na bncc é discutido e ensinado nas escolas desde antes do ensino fundamental, como forma de entendermos que o outro não é igual a mim e propagar a aceitação e o respeito, não há nada demais em se respeitar, triste é quem ainda está tão atrasado. Que esse menino possa ter o acolhimento e amor em dobro e essas pessoas paguem pelo que fizeram essa criança passar.	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C15WG1#4	Por conta de pais aloprados que o país segue rumo a um delirante emburrecimento coletivo. Belo exemplo de imbecilidade ser homofóbico em pleno 2021. Desordem e regresso estampam a bandeirola dessa gente.	https://www.facebook.com/g1/posts/5323603184358390
C1WG1#5	Que todos esses preconceituosos paguem por essa atitude com essa criança, desde a direção da escola a esses outros pais preconceituosos e medíocres. Já que infelizmente eles não souberam respeitar uma criança e a diversidade de pensamentos que paguem através do bolso.	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C2WG1#5	Não há problema algum em discordar da sugestão, isso é legítimo, inclusive é um direito. O que não pode é agir da forma como fizeram, com uma criança de 11 anos, principalmente a equipe pedagógica da escola. Se fazem isso num grupo repleto de pais e responsáveis, e ainda ligam para coagi-lo, imagino o que não fazem dentro da escola, sem ter os familiares das crianças como testemunhas.	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C3WG1#5	Seria oportuno a Escola aproveitar a situação para fazer um trabalho sobre preconceito e homofobia. Todas as opiniões são válidas desde que haja respeito. Habilidades temos que ter para lidar com o que gostamos e não gostamos, proibir não é o caminho adequado. Orientar, educar e respeitar é o caminho.	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C4WG1#5	Muitas ideias de grupos vem de orientação e convívio familiar e social (escolas, vizinhos, trabalho e grupos religiosos) sendo crianças ou não! " tá na hora conversa" informar que os pais são responsáveis muitas vezes ignorantes também. Se uma criança propos discutir um assunto que é natural e não é proibido e nem é crime não pode sofrer perturbação, perseguição e nem ameaça por isso. Não só a escola deve tomar providências assim como o conselho pedir aos PAIS que acompanhe seus filhos principalmente sobre uso de tecnologias que hoje vem mostrando desordenadamente a negligência familiar ao deixar uma criança ou adolescente ficar espalhados mentiras ou ate intimidando colegas. Antes que esse criança não venha sofrer por bulingue ou perseguição.	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C5WG1#5	A internet inteira com bandeira arco íris, empresas gigantes, páginas de influenciadores com o tema porque está sendo comemorado a conscientização LGBTQ+ e talvez por isso o menino sugeriu! Nossa até parece que esses pais não usam redes sociais! Affff...faz o trabalho e pronto!	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C6WG1#5	Mostra o quanto a sociedade brasileira está atrasada. Tratar de homossexualidade na escola não tem nada a ver com ensinar crianças a serem homossexuais, mas sim debater o tema justamente para que elas aprendam a respeitar as diferenças, pra que não cresçam ignorantes.	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C7WG1#5	A justiça tinha que obrigar esses pais e funcionários ignorantes a fazerem o trabalho sobre o tema. Esse caso demonstrou que estão precisando estudar.	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C8WG1#5	Já perguntaram para a criança se ela sabe o que significa LGBT, eu acharia interessante todas as escolas abordarem esse tema logo nos primeiros anos pq as crianças estão sendo sexualizadas cada vez mais precocemente e seria importante o assunto para que não houvesse preconceito entre elas, pq ninguém é homossexual por escolha e sim por	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459

	nascença, como qualquer pessoa hétero e não há nada de errado nisso, portanto o dever de todos é somente aceitar e respeitar ...	
C9WG1#5	Conteúdo ainda pouco esclarecedor. Aguardemos o resultado da apuração. Tenhamos calma, o assunto é interessante mas os ativistas fazem logo uma guerra, uma divisão, tudo que contribui só para suas posições não evoluem e continua cada grupo pequeno sem colaborar para o todo. Tudo caminha para uma tempestade em um pingo d'água	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C10WG1#5	Um menino desses merecia o mundo, como o mundo que ele vive é muito pequeno para ele... A única coisa que ele recebe é isso! E aqui não é diferente, uma chuva de homofobia.	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C11WG1#5	Minha filha de 9 anos semana passada sugeriu ao professor que ele falasse sobre o mês do orgulho LGBT e o professor elogiou a consciência dela sobre diversidade msm tão jovem. Eu crio meus filhos para respeitar seus semelhantes e entender que preconceito é algo extremamente ruim.	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C12WG1#5	Ele sugeriu um tema que aos olhos dele. Era normal. Sem um olhar de ódio e preconceito. Mal sabia ele, que os adultos iriam ataca-lo. Triste.	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C13WG1#5	Esses gestores, coordenadores e professores precisam se atualizar para incluir no currículo o respeito, como também aprender a mediar a situação. Se eles não tem maturidade para abordar o tema, que sugerissem outro respeitando a sugestão da criança. E se fosse sugerido por uma mãe ou pai de um homossexual? Muitos pais já sabem a orientação sexual dos filhos desde cedo e se preocupam se eles serão bem acolhidos no espaço escolar.	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C14WG1#5	Pelos comentários vejo a criação de alguns adultos cheio de preconceito, estampado em forma de opinião.	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C15WG1#5	Pelos comentários percebe-se que o nosso Brasil tá nojento ultimamente, cada vez pior. Hoje 11 anos já deve conhecer e Para poder respeitar. Claro ensinar o ano todo é desnecessário mas um tema como um trabalho do dia que é realizado uma vez no ano não faz mal, muito pelo contrário ajuda a instruir. Minha filha de somente 7 anos ver com total normalidade pessoas do mesmo sexo se beijando, porque eu já expliquei pra ela que é normal. Mas tem muitas pessoas que estão criando seus filhos que crescem com intolerância e falta de respeito com os outros. MAIS AMOR POR FAVOR, MENOS ÓDIO.	https://www.facebook.com/g1/posts/5321149161270459
C1WG1#6	Tem que ter leis más rígidas prender esses tipos de doentes,si incomoda com o geito do outro.	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C2WG1#6	infelizmente comemorar isso é o mesmo que comemorar o número de recuperados da COVID, só tem bastante pq muitos foram contaminados.	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C3WG1#6	Agora é importante que a justiça do mundo cibernético atuam com rigor e processa todos. Sendo assim eles possam respeitar as indiferença da sociedade.	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C4WG1#6	Então ser contra o crime será criminfobia. Ser contra as drogas pedofilia pornografia. Etc. Vai ter várias fobias... O mundo está de ponta a cabeça. Vivendo dias difíceis. Jesus está voltando. A Bíblia se cumprindo e MTS não estão acreditando	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C5WG1#6	Dizer mais oq.. Quando a gente ouve de um líder religioso um sacerdote que faz juramentos pra semear a Paz,empatia, igualdade, pregar o AMOR!. Cheio de preconceito e não respeita o ser humano!	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C6WG1#6	se houvesse respeito ao próximo nada disso precisaria mas como existem pessoas de pensamentos inferiores o jeito é aplicar lei mesmo	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C7WG1#6	Não precisa nem de pesquisa. Só entrar em lugares como aqui no G1 q a gente já vê ofensas, distribuição de ódio o os "hahaha", quando são notícias sobre LGBT. Tudo isso é forma de violência, principalmente psicológica.	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C8WG1#6	Bolsonaro despertou o que existe de mais sórdido em uma pessoa e que estava guardado dentro da gaveta de cada um por não ter um líder que pudessem seguir.	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431

	Pois bem agora eles tem e o resultado já está aparecendo.	
C9WG1#6	Gente cada um faz o que quiser com sua vida, cada um tem suas escolhas. Estamos em pleno século XXI, não cabe mais esse tipo de preconceito. Deixem as pessoas serem felizes como ela gostam de ser!	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C10WG1#6	Olhem o perfil da galera do HAHA , tudo gado bolsominion. Tá chegando a hora de vcs voltarem pro bueiro de onde saíram.	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C11WG1#6	A gente vê pelas carinhas de risadas, são essas pessoas que fazem isso.	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C12WG1#6	Nem tudo é homofobia. A comunidade LGBT precisa aprender mais a lutar pelos seus direitos, sem confundir as coisas. Em muitos casos tem que aprender a respeitar a opinião contrária a deles para também serem respeitados. Se você discordar de algo do tipo, por exemplo, você é apedrejado sem dó por eles ou qualquer coisa é taxado como homofóbico. A mesma coisa acontece com o racismo. Quando é, é. Mas nem tudo é motivo...	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C13WG1#6	Vindo de vocês é descrédito total , infelizmente desacreditados ! Convivo com esse grupo e não vejo essa proporção, esse tipo de discriminação sempre vai ter pelo preconceito mas vocês semeiam a discórdia, por isso vocês estão desacreditados total !	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C14WG1#6	Falar a verdade é dizer que Deus criou macho para fêmea, e fêmea para macho, nunca foi homofobia, e dizer que o que Deus fez foi perfeito. Simples assim.	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C15WG1#6	Estou cansado da humanidade, vou enviar um dilúvio e trazer os dinossauros de volta !	https://www.facebook.com/g1/posts/5330952773623431
C1WG1#7	LGBTs trabalham, contribuem com impostos e consequentemente pagam o salário dessa bonitona. Merecemos respeito!	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C2WG1#7	Mais uma evidência da volta da censura.	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C3WG1#7	Podem fazer uma PL pra me ajudar a estudar fora. Seria mais útil	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C4WG1#7	Má influência é um pastor impondo aos fiéis que votem em Bolsonaro, Dr Jairinho, flor-de-lis etc. Péssima influência é fazer igreja de palanque político. Usar do nome de Deus para explorar a fé e simplicidade de um povo...	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C5WG1#7	Parem de se preocupar com a vida alheia. E vão fazer algo de útil com o dinheiro público. Voltamos na época da inquisição. Um retrocesso gigantesco em várias áreas. Saúde, meio ambiente, direitos humanos. Muitos dos políticos que apoiam essas pautas radicais estão envolvidos com coisas terríveis. É só observar o noticiário. Uma hipocrisia e falso moralismo gigantesco.	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C6WG1#7	Pagam impostos altos, com os próprios dinheiros,vivem com seus próprios recursos ,trabalhos, diferentes de quem querem limitar suas vidas ,os políticos que comem nas custas do povo e ainda tem imunidade parlamentar para roubar a população e levam vida de luxo nas custas do povo e ainda não tem vergonha na cará de colocar um projeto desse em votação, só podem ser evangélicos despeitados ,quê querem medir os passos das pessoas ,o mundo é livre ,as pessoas são livres, tem suspeito quê quer julgar outra pessoa quê pior quê esgoto fedorento ,e ainda se acha	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C7WG1#7	O retrocesso que o Brasil está sofrendo em todos os setores, é inacreditável	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C8WG1#7	Quando a gente pensa que é possível avançar e fazer do Brasil um país menos preconceituoso, aparece uma figura dessas propondo esse retrocesso horrroso. Viva a Diversidade.	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C9WG1#7	Para que o preconceito diminua requer incluir as pessoas que são discriminadas sejam elas quais forem e não fazer de conta que não existem, os lgbtq+ são trabalhadores que tanto pagam impostos como consomem produtos que inclusive são de diversas marcas que estão na tv, internet... a pessoa achar que é errado por questões religiosas o	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128

	relacionamento entre pessoas do mesmo sexo ok ela tem o direito, agora de excluir seja lá do quê for não.	
C10WG1#7	Boa influência era o hetero DrJairinho, a hetera pastora Flor de liz e tantos outros...	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C11WG1#7	Má influência é parlamentar preconceituoso!	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C12WG1#7	Me assusta a quantidade de amei nessa reportagem, Brasil em retrocesso total!!!	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C13WG1#7	Quando existe ociosidade no Brasil é isso que acontece! Se fizessem tanto para melhorar o país não estariam com tempo para fiscalizar as vontades alheias.	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C14WG1#7	Tinha que ser "cria" de Silas Malacheia e companhia.	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128
C15WG1#7	Coitada das pessoas que tem uma orientação sexual que não seja hetero. Boa influência mesmo é viver com o nome de Deus na boca para ganhar as eleições, e por trás do palco e do púlpito, espancar e matar mulheres e crianças, assediar e violentar crianças, matar o marido e etc. Coisas dos "Cidadãos de bem", e defensores da "moral e dos bons costumes".	https://www.facebook.com/g1/posts/5141525822566128

Fonte: o autor.

Realizada a exposição do universo e do objeto de análise, envolvendo desde os critérios de recorte, até a os dados categorizados, encerramos essa seção e prosseguimos com o desenvolvimento do trabalho. Na próxima seção, dissertamos acerca dos aportes teórico-metodológicos mobilizados que ajudam a realização da pesquisa e da análise.

2.2 SITUANDO A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS

As ciências humanas compõem, hoje, um conjunto de disciplinas, que foram construídas no século XX e se expandem, neste século. Um marco dessa evolução histórica pode ser reportado às controvérsias, no limiar do século passado, tanto sobre os fundamentos epistemológicos e metodológicos da ciência, quanto sobre as opções ideológicas e políticas, que deram a configuração atual das ciências humanas e alcançaram o estatuto científico no universo acadêmico, como disciplinas relativamente autônomas, tais como a filosofia, a história, a sociologia, a educação e a antropologia. (CHIZZOTTI, 2016, p. 1559)

Na presente seção, apresentamos e discutimos alguns conceitos e ideias centrais acerca da pesquisa realizada nas Ciências Humanas¹⁴. Atemo-nos a explicar a visão de pesquisa abordada nessa área, bem como a constituição da área como ciência, pensando em uma compreensão pragmática consagrada até uma emergente, como afirma Santos (2008 [1988]). Além desses pontos supracitados, prosseguimos no caminho da área até chegar na visão bakhtiniana dessas ciências, aquilo que o Círculo entendia como CH.

¹⁴ A partir desse momento, o termo Ciências Humanas será mencionado pela sigla CH nesta seção.

Quando nos remetemos à área de CH e às pesquisas desenvolvidas, é comum a contraposição dessas ao campo das Ciências da Natureza e suas pesquisas. Mesmo que exista ainda essa distinção entre as áreas, sabemos que as questões abordadas nas pesquisas desenvolvidas em CH tendem a ter uma complexidade muito maior do que um polo oposto em relação a outro determinado campo.

Inicialmente, expomos algumas considerações acerca da pesquisa nas CH por meio de uma breve contextualização do percurso que passou para, enfim, se consolidar como campo de pesquisa. De acordo com Santos (2008 [1988]), a ciência se constituiu doravante à revolução científica no século XVI. Entretanto, é só a partir do século XIX que o modelo de racionalidade se estende às CH. Anteriormente, a constituição das CH como campo legítimo, tendo base teórica e metodologias próprias, ela tinha como motor um modelo de racionalidade predominantemente do *paradigma*¹⁵ *dominante*, o qual se importava mais pela quantificação de dados.

Para Santos (2008 [1988]), esse paradigma dominante era um método totalitário, pois esse negava o caráter racional de todas as formas de conhecimento que não estivessem pautadas por sua visão epistemológica e suas metodologias. Essa compreensão de que existe apenas uma visão adequada de se fazer ciência leva a um caráter mecanicista, no qual apenas importa, isto é, se torna cientificamente relevante aquilo que seja quantificável/classificável.

Segundo Chizzotti (2017), esse primeiro paradigma estava fundamentado no Positivismo e tem como caracterização principal a valorização do interesse da observação e da matematização da natureza; da noção de experiência; da importância da probabilidade e da dedução, levando em conta a utilização de uma lógica hipotético-dedutiva e uma metodologia de experimentação de hipóteses, com validade em processos de dedução matemáticas.

Por meio de reenunciações de alguns pesquisadores que fundamentam a origem da pesquisa e com a própria Filosofia, Chizzotti (2017) menciona a existência de métodos e estratégias no desenvolvimento do entendimento da pesquisa como campo, sendo duas as principais tradições: a aristotélica, com o foco totalmente voltado à teologia, e a galileana, a qual buscava o sentido causal e mecanístico dos fatos.

¹⁵ Chizzotti (2017, p. 11) esclarece que apesar da ambiguidade do termo paradigma, “tem sido usado para caracterizar o estado da investigação e duas tendências conflitantes em pesquisa, neste século: um paradigma que se caracteriza pela adoção de uma estratégia de pesquisa modelada nas ciências naturais e baseada em observações empíricas para explicar fatos e fazer previsões, e outro, que advoga uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, procurando as significações dos fatos no contexto concreto em que ocorrem.”

A ciência sempre esteve marcada pela procura da sistematização de conjuntos de preceitos, de noções e de processos que dão característica aos procedimentos dominantes de uma determinada ciência por um certo período de tempo. Com a visão de avanço e superação no/do conhecimento daquilo que era tido como padrão da ciência anteriormente, esses conjuntos de preceitos, de noções e de processos, que eram dominantes, começam a ser questionados por estudiosos que encontram falhas. Quando pesquisadores expõem as irregularidades da ciência atuante e trazem uma crise para todo o universo de certezas da ciência, fazendo com que a comunidade repense acerca das teorias e metodologias utilizadas, promovem o que chamamos acima de um avanço e superação no/do conhecimento. Esse reinventar da ciência é revolucionário (CHIZZOTTI, 2017).

A partir desse avanço e superação dos conhecimentos, percebemos a ancoragem teórica dos estudos sociais e do primeiro escopo teórico que deu sustentação às pesquisas do campo. Subsidiado pela teoria e metodologia das Ciências da Natureza, o estudo dos fatos sociais tinha um caráter de *pesquisa experimental*, o qual enfocava a medição das regularidades constantes dos fenômenos e tinha uma ancoragem nos pressupostos do paradigma dissertado anteriormente, o dominante.

Santos (2008 [1988], p. 35) afirma que para se estudar os fenômenos sociais como se fossem fenômenos da natureza, seria necessário reduzir “factos sociais às suas dimensões externas, observáveis e mensuráveis”, a fim de que se adequassem aos preceitos da cientificidade estabelecida e propagada pelas ciências naturais. Por meio dessa visão de se fazer ciência, foi concebido um conjunto de técnicas, juntamente a instrumentos, a serem adotados pelas ciências sociais, a fim de que fossem aplicados nos objetos de estudo e balizassem-no para suprir os preceitos de cientificidade tidos como certos e reais pelo método experimental.

Esse método experimental, presente nas CH, passou a ser revisitado e repensado por outras correntes de pesquisadores a partir de 1960, momento em que foram expostas as limitações presentes nesse modelo para se fazer pesquisa com fatos sociais. A partir desse momento, novos olhares, concepções e caminhos de pesquisa foram apresentados, os quais conseguiam abranger de forma profícua o objeto de estudo das Ciências Humanas.

Por meio de críticas ao naturalismo, que adotava modelos explicativos das ciências da natureza para serem empregados nas CH, bem como as insuficiências metodológicas, que não se podia superar, as controvérsias e inquietações no campo universitário começaram a surgir. Essas controvérsias e inquietações promoveram, assim, novas reflexões e novos olhares para a compreensão das Ciências Humanas (CHIZZOTTI, 2017).

De acordo com Chizzotti (2017), foi Husserl (1858-1938), matemático e filósofo, que estabeleceu um caráter mais rigoroso para as CH. O estudioso, por meio de críticas ao naturalismo, ao psicologismo da escola de Warbourg e ao kantismo, visou “estabelecer uma concepção holística que captasse, não conceitos formais, mas as coisas em si mesmo” (p. 14), não ficando restrito apenas na aparência imediata, mas que a ultrapassasse ao ponto de chegar nos fenômenos, na essência das coisas. Buscar os sentidos dos fenômenos é buscar sua compreensão.

A tendência fenomenológica da ciência está presente nos fundamentos de diversas linhas teóricas do século XX. Diferentemente dos pensamentos da linha de pesquisa experimental, os pesquisadores da área das CH afirmavam que essa área possuía particularidades singulares, as quais requereriam pressupostos, tanto teóricos, quanto metodológicos singulares. Além disso, entendiam que apenas aplicar os métodos e modelos utilizados pela pesquisa experimental resultava numa simplificação do objeto de estudo, pois esse teria que ser adaptado aos pressupostos teórico-metodológicos.

Perante todo esse cenário, a implementação da pesquisa experimental nas CH foi alvo de questionamento e a base do paradigma dominante começou a perder força e ser refutado. Aquela visão de fazer pesquisa com seus preceitos e verdades inquestionáveis passou a ser revista de maneira diferente. Movimentos de pesquisa nas áreas da física e da matemática foram determinantes para a crise no paradigma dominante. O físico Einstein, com sua Teoria da Relatividade, foi o primeiro marco de abalo. Essa teoria analisava a simultaneidade dos acontecimentos ocorridos em lugares de grande distância, ressignificando, assim, as noções de tempo e espaço¹⁶. Vale mencionar aqui que as noções de tempo e espaço foram trazidas para a teoria da língua(gem) por Bakhtin como base para conceber o conceito de cronotopo, no qual a relação de tempo e espaço não tidas como fundamentais na agir uno do sujeito em sociedade.

É a partir dos postulados de Einstein que a segunda condição de crise do paradigma dominante surgiu, mais precisamente na mecânica quântica. Nessa condição, houve uma ressignificação da relação entre observador e objeto observado. Dentre as principais ideias expostas (ex. ideias e descobertas de Heisenberg e Bohr), a de que não havia como observar um objeto sem que houvesse qualquer tipo de interferência nele teve maior relevância. Santos (2018[1988], p. 44) afirma que essa seria a “ideia de que não conhecemos do real senão o que nele introduzimos, ou seja, que não conhecemos do real senão a nossa intervenção nele [...]”.

¹⁶ “Dois acontecimentos simultâneos num sistema de referência não são simultâneos outro sistema de referência.” (SANTOS, 2008 [1988], p. 43).

Os polos dicotômicos, sujeito e objeto/ observador e observado, deixam de existir e passam a ser vistos de uma forma contínua, um *continuum*.

Do campo da matemática deriva a terceira condição de crise, a qual questionava o rigor dos resultados e das formalizações. Esses fatores eram entendidos como inquestionáveis. O rigor da matemática sofre de instabilidade, pois ficou entendido que o conhecimento por si só não seria o bastante para constatar sua coerência e se autorregular. Nas palavras de Santos (2008 [1988], p. 45): “mesmo seguindo à risca as regras da lógica matemática, é possível formular proposições indecidíveis, proposições que se não podem demonstrar nem refutar, sendo que uma dessas proposições e precisamente a que postula o caráter não contraditório do sistema”.

Santos (2018[1988]) apresenta a quarta condição, remetendo-a aos avanços do conhecimento do campo da microfísica, da química e da biologia. Em forma de exemplo, o autor remete a Teoria de Prigogine, na qual os processos, que eram compreendidos como totalmente invariáveis e regulares, tiveram uma evolução por meio da instabilidade, por meio das

[...] flutuações de energia que em determinados momentos, nunca inteiramente previsíveis, desencadeiam espontaneamente reacções que, por via de mecanismos não lineares, pressionam o sistema para além de um limite máximo de instabilidade e o conduzem a um novo estado macroscópico. (SANTOS, 2008 [1988], p. 47).

O autor supracitado ratifica a relevância da Teoria de Prigogine, pois foi a partir dela que houve uma ressignificação dos pressupostos que compunham todo esse paradigma. Nas palavras do autor:

A importância desta teoria está na nova concepção da matéria e da natureza que propõe, uma concepção dificilmente compaginável com a que herdamos da física clássica. Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente. A teoria de Prigogine recupera inclusivamente conceitos aristotélicos tais como os conceitos de potencialidade e virtualidade que a revolução científica do século XVI parecia ter atirado definitivamente para o lixo da história. (SANTOS, 2008 [1988], p. 48).

Todas as ideias expostas nas quatro condições de crise tiveram profunda relevância na reflexão e revisão epistemológica na pesquisa científica, até então totalmente inquestionável. Essa reflexão e revisão foram de um teor irreversível e profundo, proporcionando duas facetas

sociológicas importantes (SANTOS, 2008 [1988]). A primeira voltou-se à própria prática dos cientistas na busca pelo conhecimento científico, dado que seus interesses não eram mais engessados, mas de cunho filosófico, voltados a problematizar toda a prática de pesquisa realizada. Aqui, o cientista passou a pensar não apenas no seu objeto, mas também no seu posicionamento perante o estudo, suas práticas e teorias que o embasavam. Já a segunda faceta sociológica remete à reflexão de questionamentos que eram de interesse dos sociólogos apenas. Questionamentos esses envolvendo condições sociais e culturais, modelos organizacionais de investigação científica, que antes eram direcionados a campos sociológicos, ganham um novo olhar reflexivo epistemológico em outros campos, como na física, matemática, química, entre outros.

Foi diante de todo esse novo cenário que os métodos mais racionalistas do paradigma dominante começaram a desmoronar. O conhecimento teve um aprofundamento e os questionamentos da verdade, inquestionáveis na época, tomaram mais força. É por meio de toda essa revolução dentro do pensar pesquisa científica que um novo paradigma teve sua configuração delimitada, o paradigma emergente. Esse paradigma, então, nasceu de toda a insegurança, da insustentabilidade do conhecimento e, claramente, da necessidade de um novo olhar teórico-epistemológico.

A fim de definir o paradigma emergente, Santos (2008 [1988]) expõe quatro teses que o caracterizam. Essa caracterização, feita pelo autor, parte de preceitos que distanciavam o novo paradigma do anterior e que promovia sua aceitabilidade e presença em vários campos da ciência.

Como primeira tese, tem-se a afirmação de que *todo o conhecimento científico-natural é científico social*. Na tese, o autor defende a ideia de que há uma nova visão de relação entre as Ciências da Natureza e as Ciências Humanas, sendo ela não mais dicotômica. Essa distinção deixou de ter valia e utilidade.

A segunda tese é a de que *todo conhecimento é local e total*, isto é,

No paradigma emergente o conhecimento é total, tem como horizonte a totalidade universal de que fala Wigner ou a totalidade indivisa de que fala Bohm. Mas sendo total, e também local. Constitui-se em redor de temas que em dado momento são adoptados por grupos sociais concretos como projectos de vida locais [...]. Ao contrário do que sucede no paradigma actual, o conhecimento avança a medida que o seu objecto se amplia, ampliação que, como a da árvore, procede pela diferenciação e pelo alastramento das raízes em busca de novas e mais variadas interfaces. Mas sendo local, o conhecimento pós-moderno é também total porque reconstitui os projectos cognitivos locais, salientando-lhes a sua exemplaridade, e por essa via

transforma-os em pensamento total ilustrado. (SANTOS, 2008 [1988], p. 476-77).

Como terceira tese de caracterização do paradigma emergente, mobilizada pelo autor, é a de que *todo conhecimento é autoconhecimento*. No paradigma anterior, o dominante, não havia a possibilidade de que valores humanos transpassassem o objeto, visto que existia uma dicotomia entre o sujeito e o objeto de pesquisa. De maneira totalmente inversa, no paradigma emergente, o objeto é continuação do sujeito, todo o conjunto de juízo de valor e crenças que faz parte da constituição do sujeito transpassa como parte integrante da pesquisa científica.

Todo o conhecimento científico visa construir-se em senso comum caracterizou-se, então, como a quarta e última tese. Na ciência pós-moderna, era sabido que não existe nenhuma forma de conhecimento que fosse totalmente racional, em si mesmo. Todo conhecimento busca dialogar com outras formas de saber, permitindo ser atravessado por elas. A forma mais importante, segundo Santos (2008 [1988]) é o senso comum, conhecimento taxado como vulgar e desprezado pela ciência moderna. Ele toma um lugar de valor na ciência pós-moderna, sendo assim caracterizado como prático, pragmático, criativo, indisciplinar e metódico, por não resultar de uma prática orientada a produzir, ele se reproduz espontaneamente na vida. “O conhecimento científico pós-moderno só se realiza enquanto tal na medida em que se converte em senso comum. Só assim será uma ciência clara [...]” (SANTOS, 2008 [1988], p. 90-91).

As teses expostas por Santos (2008 [1988]) supracitadas foram de grande impacto para as pesquisas Ciências da Natureza, entretanto, seu papel foi muito maior para as pesquisas nas CH, pois impulsionaram-nas. Aquilo que não tinha um foco científico, que não era objeto, nem objetivo, era desconsiderado pela ciência, tornou-se relevante tanto para a ciência quanto para a própria vida. Chizzotti (2017) expõe que nas pesquisas no campo das CH, o hegemônico paradigma dominante passa a ser revisitado e contestado a partir de pesquisas que evidenciaram a complexidade e o viés contraditório dos fenômenos singulares. Por meio desses fenômenos singulares, as pesquisas passaram a valorizar os aspectos qualitativos do fenômeno, evidenciando a complexidade da vida social. Nas palavras do autor,

Nas ciências humanas e sociais, a hegemonia das pesquisas positivas, que privilegiavam a busca da estabilidade constante dos fenômenos humanos, a estrutura fixa das relações e a ordem permanente dos vínculos sociais, foi questionada pelas pesquisas que se empenharam em mostrar a complexidade e as contradições de fenômenos singulares, a imprevisibilidade e a originalidade criadora das relações interpessoais e sociais. Partindo de fenômenos aparentemente simples de fatos singulares, essas novas pesquisas valorizaram aspectos qualitativos dos fenômenos, expuseram a complexidade

da vida humana e evidenciaram significados ignorados da vida social (CHIZZOTTI, 2017, p. 96).

Entendemos nessa pesquisa que é por meio da compreensão do que seria esse paradigma emergente que o campo de pesquisa denominado Ciências Humanas se determina como campo de pesquisa e estudo. Esse campo, então, toma como objeto de estudo o sujeito, seu contexto sócio-histórico, seu discurso, isto é, o sujeito e suas práticas sociais, enfim, a sua vida completamente enraizada em uma sociedade. Isso caracteriza todo o movimento da presente pesquisa: debruçarmo-nos perante os discursos de sujeitos sócio e historicamente situados, a fim de refletir acerca desses discursos, buscando a materialização dessas reflexões na forma de pesquisa científica.

Toda essa nova roupagem das CH transporta a pesquisa para uma nova perspectiva, a sócio-histórica, a qual compreende que o sentido se constitui por meio da intersubjetividade, isto é, todo sentido se constrói através dos processos de interação, possibilitados pela linguagem, os quais permitem propor novas metodologias que transpassem as dimensões social/individual, externa/interna (FREITAS, 2017). A abordagem sócio-histórica, então, traz a possibilidade de se construir conhecimento, não apenas aplicar de outras áreas, superando o nível da objetividade científica, forte característica do paradigma dominante. Nesse viés, então, não se olha para o objeto a fim apenas de objetificá-lo ou simplificá-lo.

A noção de verdade é um dos grandes pontos de ressignificação das CH. Anteriormente, a noção de verdade estava fadada num viés positivista, a qual era entendida como transparência – a verdade de um determinado enunciado que devia ser aceita por todos. Todo o trabalho da linguagem deveria ser claro, transparente e objetivo, a fim de não ter confusão nos resultados expostos. Uma compreensão diferente seria de total responsabilidade do interlocutor.

Para Moita Lopes (2004) uma verdade dada, pronta, acabada, coloca o pesquisador das CH numa zona de conforto. Entretanto, o autor se situa numa visão totalmente contrária a isso, afirmando que se faz necessário romper com essa noção de verdade a fim de ter um olhar sensível à vida social e tudo o que nela está engendrado. “Nossas verdades são só possibilidades de tratar certas questões – e são efêmeras” (MOITA LOPES, 2004, p. 161).

O movimento de voltarmos para a vida social a partir de um viés problematizador e sensível, a fim de compreender as motivações, contribui para ressignificar a ideia de realidade una. Todos os pontos da pesquisa, desde a metodologia, a teorização, até o próprio objeto, devem ser ressignificados por meio dessa noção de verdade, a qual não é mais transparente, nem única.

Ainda sobre o fazer pesquisa nas CH, Moita Lopes (2004) afirma que se queremos construir conhecimento acerca de algum ponto das práticas sociais do sujeito, questões como a vida política, sócio-histórica e cultura, devemos impactar diretamente na pesquisa. Nas palavras do autor,

[...] se a área de estudos lingüísticos quer produzir conhecimento que tenha alguma relação com o modo como as pessoas agem e vivem nas práticas sociais, mudanças relacionadas à vida política, sociocultural e histórica que estamos experimentando devem diretamente afetar a pesquisa que fazemos e, por conseguinte, os modos de entender as metodologias e as teorizações que nos inspiram. (MOITA LOPES, 2004, p. 162).

A partir da resignificação do campo das CH e sua nova valoração, outros estudos começam a aparecer no cenário, ganhando mais atenção. Os apontamentos realizados por Bakhtin e o Círculo acerca do campo são de suma importância. Essas contribuições focam-se em trabalhar a problemática do campo, bem como a natureza de sua ordem e seu objeto, entendendo que esses pontos compreendem parte fundacional para a realização de uma pesquisa.

Bakhtin e o Círculo trazem discussões profícuas quanto às CH, abordando como ponto principal o conceito de enunciado, mais especificamente, o texto como objeto. Primeiramente, trazemos aqui uma contraposição realizada por Bakhtin (2011 [1979]) das Ciências Exatas e das CH. O autor remete que

As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma *coisa* e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a *coisa muda*. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico*. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 400, grifos do autor).

Para Bakhtin (2011 [1979]), não há como pensar sobre o sujeito, ou seja, produzir pesquisa no campo das CH, nesse caso, sem olhar para o texto. Se assim o fizer, não estará mais nesse campo, mas sim na anatomia e/ou fisiologia. Nas palavras do autor,

As ciências humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade de expressar-se sempre (falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial). Quando o homem é estudado fora do texto e

independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humanas, etc.). (BAKHTIN, 2011 [1979] p. 312).

Segundo Bakhtin (2011 [1979]), todo texto faz remissão a outro, todo o agir em sociedade acontece por meio do texto, e ele forma uma cadeia de texto com os outros já produzidos, respondendo-os. Além disso, não é finalizador de um determinado evento, pois entendemos que há sempre um texto pré-figurado, ou seja, uma potencial resposta.

Considerando essa incompletude do texto, o qual sempre precisa de uma resposta, um texto pré-figurado, e responde a outro, o já-dito, em um processo de encadeamento de posições valorativas e discussões, o texto é o objeto das CH. É objeto, pois nele encontram-se vozes, posições, valores, marcas, produção de sentido novas e incompletas. É objeto, porque esses fatores que o compõe não são apagados no momento da pesquisa, mas entram em diálogo permanente com o pesquisador que se debruça sobre ele.

Prosseguindo em sua exposição, Bakhtin (2011 [1979]) remete a questão da metodologia das CH. O autor diferencia o conhecimento de algo morto, sem vida e do indivíduo. Esse algo morto é transparente, provido de aparência, que pode ter sua revelação por meio de um ato unilateral, ou seja, o pesquisador, sozinho, consegue revelar sua totalidade.

Já o conhecimento do indivíduo, há uma relação contínua entre o sujeito que pesquisa, o cognoscente e o objeto pesquisado, o cognoscível. O trabalho realizado na pesquisa não é mais sozinho por parte do pesquisador, mas ele entra em diálogo permanente com seu objeto, um ato bilateral, não importando tanto o nível de exatidão do conhecimento, mas a profundidade da relação entre os dois. Essa colocação fica evidente, no momento em que Bakhtin (2011 [1979], p. 400) afirma que “[...] o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito, não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico.”

O intuito das CH não é mais o de desbravar e revelar o desconhecido, mas o de compreendê-lo em sua essência. Acerca da compreensão, Bakhtin (2011 [1979]) afirma que ela é um ato de cotejamento entre textos em um novo contexto. Esse cotejar de textos em um novo determinado contexto é o que proporciona a sensação de movimento, de um novo passo. Em outras palavras, não é a partir do que está dado ou de um conhecimento único que o sentido se dará, mas pelo contato dos textos, de um novo determinado contexto, ou seja, a partir do *novo*. A compreensão é concebida como um grande diálogo (BAKHTIN, 2011 [1979]).

Ainda sobre a noção de compreensão dentro do fazer pesquisa em CH, o autor afirma que o pesquisador é parte integrante da pesquisa, pois, ele com o enunciado – o texto – produzirão o sentido em um movimento dialógico. Nas palavras do autor,

O experimentador é parte integrante de um sistema experimental [...]. Pode-se dizer que praticar ato de compreensão é tornar-se parte integrante do enunciado, do texto (mais precisamente, dos enunciados, da dialogicidade entre eles na qual participa um novo parceiro). Encontro dialógico de duas consciências nas ciências humanas. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 329).

Amorim (2004) ratifica os postulados de Bakhtin, mencionando que o caráter dialógico nas pesquisas em CH é a grande diferença entre essa ciência e as Ciências da Natureza. Nessa, um objeto mudo; naquela, um encontro dialógico entre sujeitos.

O gênero científico participa de uma relação alteritária do tipo dialógico. Nas ciências naturais e matemáticas, entretanto, essa relação restringe-se ao processo de pesquisa, mas não concerne ao conteúdo objetual propriamente dito, uma vez que o objeto dessas ciências é um objeto mudo. Bakhtin formula o objeto das ciências humanas como sendo de outra natureza: tal objeto coloca o problema específico da transmissão da palavra do *outro*. Tal como nas disciplinas filosóficas, aqui, o locutor e sua palavra constituem o objeto fundamental do conhecimento. Para estas disciplinas, o texto representa uma realidade imediata, a única, aliás, suscetível de engendrará-las. Ali onde não há texto, não há objeto de estudo e de pensamento (AMORIM, 2004, p. 187, grifos da autora).

Para a Amorim (2016), a pesquisa nas CH pode ser chamada como ciência do discurso. Por meio dos postulados do Círculo de Bakhtin, a autora explica que o objeto da pesquisa nesse campo não é o homem empírico, como nas pesquisas em outras ciências, mas o discurso dialógico, a matéria significativa. O objeto é um sujeito que produz seu discurso e é por meio desse discurso que o pesquisador fará seu trabalho. Para ela, esse objeto é, ao mesmo tempo, *objeto já falado, objeto a ser falado e objeto falante*. A construção do objeto parte de um objeto já falado, ou seja, outros sujeitos já falaram sobre e esses discursos outros já fazem parte dele. O pesquisador entra em diálogo com eles, os discursos, a fim de tentar definir seu objeto e o recorte dele. Além disso, trata de um objeto falante, ele mesmo sendo um discurso. Discurso sobre discurso sobre discurso e assim de maneira interminável e suscetível.

Se há discurso sobre discurso sobre discurso, das CH é requerido um caráter *interpretativo*, que transpasse o reconhecimento apenas e a não exauribilidade do objeto estudado. O que marca a relação com o objeto nas CH não é a descrição, nem a descoberta, mas a alteridade.

Entre pesquisador e objeto pesquisado deve haver um diálogo profícuo, mas também se precisa de um olhar exterior a esse objeto. A relação entre pesquisador e pesquisado deve passar por uma aproximação e um afastamento posterior, a fim de que haja um olhar de pesquisador e que haja assim uma possível interpretação do objeto, dos fatos, enfim, das relações que são estabelecidas no determinado contexto de estudo (AMORIM, 2007).

Peça fundamental dessa relação do pesquisador com o objeto pesquisado, dessa aproximação e afastamento, é o conceito de exotopia. Para Amorim (2007, p. 14), “exotopia significa desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior”, isto é, só um contemplador de fora consegue ver algo que o sujeito nunca consegue ver de si mesmo. Trazendo para a pesquisa, só o sujeito na posição de pesquisador, na posição de fora, consegue ver do algo do objeto, do discurso e do sujeito.

Acerca da aproximação e do afastamento posterior realizados pelo pesquisador junto ao seu objeto, devemos marcar que não são de caráter limitado, com sentido de colonizador. Na pesquisa, necessita-se da aproximação entre ambos, entretanto sem sofrer a transformação em um só. O pesquisador deve se aproximar, mas voltar ao seu lugar, ou seja, precisa ocupar seu lugar na exotopia. Somente nessa relação de ir e voltar que há uma relação de alteridade entre os dois, pesquisador e pesquisado.

Pensando pelo outro ponto, a pesquisa em CH, pensada por meio dos postulados de Bakhtin e seu Círculo, estabelece que o objeto pesquisado tem caráter expressivo e falante, o qual só se faz possível nas relações de interação com o outro, sendo ativamente participativo no desenvolvimento do conhecimento, junto ao pesquisador.

Em suma, percebemos que o campo das pesquisas em CH passou por diversas mudanças durante os tempos. Passando por uma fase em que o caráter positivista, racional, do paradigma dominante era o pilar fundamental, até momentos de contestação e o nascimento de uma nova abordagem, o paradigma emergente. Vimos ainda que postulados como os do Círculo contribuem ainda mais para se pensar no fazer pesquisa nesse campo. Por meio dos sujeitos falantes e seus discursos, materializados em forma de texto, há uma relação dialógica entre pesquisador e pesquisado.

Abaixo, apresentamos um quadro, sintetizando os apontamentos acerca do campo das Ciências Humanas e correlacionando com a nossa pesquisa.

Quadro 4 – A nossa pesquisa em Ciências Humanas

	A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS	A PRESENTE PESQUISA NAS CIÊNCIAS HUMANAS
--	--------------------------------	--

Objeto de pesquisa	Sujeito que produz seu discurso. Por meio desse discurso, em forma de texto, que o pesquisador fará seu trabalho.	Os discursos de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+
Características do objeto	Plurais. Objeto falado, objeto a ser falado. Objeto falante.	Discursos, materializados em forma de texto, presentes em sites de webnotícias e redes sociais, cuja temática envolva militância e resistência LGBTQIA+.
Objetivos da pesquisa	Compreender o homem, sua vida em sociedade.	Analisar as relações dialógicas que se engendram no discurso de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+
Pressupostos teóricos	Existência de várias áreas dentro das Ciências Humanas. Variação do aporte teórico de acordo com a área escolhida pelo pesquisador	Aporte teórico ancorado nos postulados do Círculo de Bakhtin. Concepção de língua(gem) bakhtiniana. Análise Dialógica do Discurso (ADD).
Pressupostos e Procedimentos Metodológicos.	Os procedimentos metodológicos se constituirão por meio da escolha e recorte dos dados do objeto e da área em que se insere.	Análise discursiva do objeto encorada nos pressupostos das Ciências Humanas, da Linguística Aplicada e da ADD.

Fonte: o autor.

Após a apresentação e discussão dos postulados acerca da trajetória das pesquisas em CH, passamos para a próxima seção (2.3), na qual abordaremos os principais conceitos da pesquisa em Linguística Aplicada, área presente nas Ciências Humanas, ancoragens de nossa pesquisa

2.3 SITUANDO A PESQUISA EM LINGUÍSTICA APLICADA

A linguística [...] é muito mais uma prática discursiva do que um campo do saber. Ao reduzir a linguística a um certo tipo de saber, alguns filósofos da ciência deixam escapar *insights* valiosos sobre o real funcionamento da ciência. Muitos pecam ao não levar em consideração o fato de que em sua prática científica cotidiana os linguistas estão construindo sua identidade junto à sociedade. De forma lenta, porém certa, os linguistas estão moldando sua identidade. Como não podia deixar de ser, só se pode entender o modo como isso acontece se levarmos em conta as preocupações sociopolíticas que marcam cada movimento histórico pelo qual a disciplina passa. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 76, grifo do autor).

Ao se pensar em pesquisa realizada no campo da língua(gem), isto é, que tenha como objeto de estudo alguma particularidade dessa, várias abordagens distintas podem ser mobilizadas para a realização do estudo – desde movimentos mais formais até movimentos de reflexão acerca do discurso e do sujeito desse discurso.

A presente pesquisa se enquadra nos postulados da Linguística Aplicada¹⁷, a qual almeja refletir acerca da língua(gem) em uso partindo de seu contexto sócio-histórico. Entendemos a área da LA como sendo *in, trans e interdisciplinar*. Para um melhor esclarecimento da nossa pesquisa como pertencente a essa área de pesquisa, exporemos uma contextualização acerca da LA, sua constituição, sua visão de pesquisa, seu objeto e seus objetivos para com as pesquisas.

Assim como a pesquisa em Ciências Humanas, a LA, primeiramente, nutriu-se de um olhar positivista em suas pesquisas. Esse viés positivista, como mencionado na seção anterior que tratou especificamente da pesquisa em CH, trabalhava com a ideia de que o pesquisador era um representante da neutralidade ideal e objetiva, a qual era totalmente externa a ele e deveria permanecer transparente. O pesquisador, nesse contexto, era um, sujeito associal, apolítico e ahistórico (MOITA LOPES 2004). A função do linguista perante a pesquisa era apenas de aplicar um saber já determinado, fechado em si. O pesquisador aplicava uma abordagem formal/estrutural, geralmente da linguística teórica, em um objeto da língua(gem) a fim de obter uma solução para um problema da língua em específico.

Oliveira (2013) relata que o viés matemático, abstrato e formal dos estudos formalistas para com as pesquisas conferia o caráter científico dos estudos, pois essa era a exigência na época. A abordagem de cunho social não tinha enfoque. A fim de se adequar a esses padrões, o objeto da LA, fenômeno da língua(gem), era retirado do seu contexto social e de suas condições sociais e históricas. Tal objeto era analisado, então, pelo viés racional, matemático e lógico, não levando em conta os aspectos ideológico-valorativos, éticos e políticos. Para o autor, a pesquisa, ao ter esse aporte teórico-metodológico, acabava por simplificar o objeto.

Schmitz (2010) remete, acerca da consolidação do campo, a algumas definições da LA que passam por conflitos. Por meio de argumentos de diversos especialistas, o autor tenta evidenciar como a linha de pesquisa se encontra quanto a sua constituição em geral. De acordo com esses especialistas e seus argumentos conflitantes, Schmitz (2010) relata que a LA ainda seria um campo sem uma definição estável, até considerada indescritível. Por ter diferentes olhares para seu objeto, os fenômenos da língua(gem), diferentemente da linguística teórica (viés positivista), não se saberia ao certo o que então é fazer pesquisa em LA. Indo contra esses argumentos, o autor afirma que uma definição estável tem relação completa com a noção de multt/inter/indisciplinar do campo na atualidade, o qual tem a intenção de ressignificar a noção de unidirecionalidade e voltar-se ao engendramento entre diversos campos de conhecimento, resultando em saberes constituídos que perpassem esses campos. Signorini (2013) relata que

¹⁷ A partir desse momento, Linguística Aplicada será mencionada pela sigla LA.

A linguística Aplicada, e, sua forma atual, é uma multidisciplinar emergente, ou transdisciplinar, desenvolvida em uma base multidisciplinar de investigação da linguagem em uso, mais especificamente, na comunicação verbal dentro de um determinado contexto social e/ou institucional. (SIGNORINI, 2013, p. 72)¹⁸.

Moita Lopes (2004), quanto a constituição da LA, afirma que ainda há desconfortos e repreensão e resistência quanto ao fato da LA ter esse caráter multidisciplinar. Mesmo assim, o autor ratifica que devemos nos preocupar menos com os limites e direcionar os olhares para uma construção de conhecimento que almeja a compreensão do objeto da pesquisa em constante diálogo entre campos de pesquisa, em outras palavras, o campo da língua(gem) necessita de uma aproximação efetiva dos campos que trabalham o social, o político e o histórico.

Em questão de datas e marcos de pesquisa, nos anos de 1940, a LA se preocupa em estudar a língua estrangeira, resultado de uma emergência em aplicar estudos de cunho linguístico ao contexto de ensino de segunda língua nos Estados Unidos. Esse contexto, segundo Pennycook (2001), surge por meio do interesse no ensino da língua inglesa como segunda língua, decorrência dos processos de globalização da época.

De acordo com Damianovic (2005), em meados da década de 1960, o campo da LA preocupou-se em focar nos estudos que abordavam avaliação, políticas educacionais, possibilitando uma nova abordagem de pesquisa na área de aquisição de segunda língua. Aqui, não se pensava apenas no ensino, mas principalmente na aprendizagem.

Já no Brasil, na mesma época, mais precisamente no dia primeiro de março de 1966, houve a abertura do estabelecimento Centro de Linguística Aplicada Yásigi, em São Paulo, caracterizando a entrada oficial da LA no país, de maneira informal. (DAMIANOVIC, 2005). Foi em 1970 que, de maneira formal, a LA chegou em território brasileiro. Na PUC-SP, é inaugurado o programa de Pós-Graduação *stricto-sensu* em Linguística Aplicada.

Nessas décadas, a LA ainda era dependente da Linguística, pois os novos linguistas aplicados eram precedidos de outros linguistas que tinham a vocação de aplicar teorias em contextos de uso da língua(gem), ou seja, a prática se configurava como uma mera aplicação e determinados estudos linguísticos já prontos e acabados. A LA, nesse contexto, não tinha foro próprio para a teorização e o desenvolvimento de pesquisa (DAMIANOVIC, 2005).

¹⁸ A citação foi traduzida do inglês pelo autor da presente pesquisa. Original: “Applied Linguistics, in its present form, is an emergent multidiscipline, or trans-discipline, developed on a multidisciplinary basis of inquiry into language in use, more specifically, into verbal communication within a given social and/or institutional context.” (SIGNORINI, 2013, p. 72).

É a partir da década de 1980 que há um alargamento das fronteiras de estudo e pesquisa dentro da LA. Segundo Damianovic (2005), novos trabalhos foram registrados no *Journal of Applied Linguistics* e no *Annual Review of Applied Linguistics*, os quais se preocupavam com questões e problemáticas da língua(gem) com relação ao seu acontecimento em contexto social, no mundo real. Nesse novo contexto de pesquisa, passou-se a se preocupar menos com o exame do produto e mais com a investigação de todo o processo que transpassava o uso da língua(gem).

Nessa nova roupagem, o linguista aplicado se dedicou a investigar, na tentativa de compreender o sujeito como construído dentro dos mais diferentes discursos, as relações de poder na formação desse sujeito construído socialmente por meio da linguagem. Sendo assim, o “foco das pesquisas do linguista aplicado passou a ser a presença de problemas com relevância social suficiente para exigir respostas teóricas que trouxessem benefícios sociais a seus participantes” (DAMIANOVIC, 2005, p. 187).

Nos meandros da década de 1990, o campo da LA já tem uma autonomia organizacional, sendo que, nela, os linguistas aplicados iam em busca de uma nova redefinição, através de uma visão multidisciplinar, para cada problema em relação à língua(gem).

É no final de 1990 que o linguista aplicado passa a assumir seu lado crítico nos estudos da língua(gem). Rajagopalan (2003, p. 106) caracteriza o linguista aplicado como “um ativista, um *militante*, movido por certo idealismo e convicção inabalável de que, a partir da sua ação, por mais limitada e localizada que ela possa ser, seja possível desencadear mudanças sociais de grande envergadura e consequência” (grifo nosso). Pesquisar em LA passar a ser visto como um ato político, que assume uma postura moral e que tece críticas a fim de tentar mudar e/ou melhorar o mundo que se encontra estruturalmente desigual.

Para Damianovic (2005, p. 192) percebe-se que

[...] os trabalhos de LA do início do novo milênio buscam compreender as implicações políticas da prática, pois o que é feito não é a-político e a-histórico. O linguista aplicado vê a necessidade de explorar como o uso da linguagem é historicamente construído em torno de questões de poder para evitar o desenvolvimento de uma prática de ensino que tem mais a ver com acomodação do que com acesso ao poder, e privilegiar uma prática de um linguista aplicado que busca criar possibilidades de mudanças sociais. (DAMIANOVIC, 2005, p. 192).

Fazer pesquisa em LA, portanto, pode ser entendido como um estudo que se preocupa com o sujeito e o entende como múltiplo e construído no contexto social por meio da e na língua(gem) e seus discursos. Problematizar, criticar, ser comprometido com questões éticas, que atendam às necessidades e os objetivos da sociedade, no mesmo instante que

sincronicamente ao ato de se preocupar na oferta de soluções e mudanças ao sujeito constituem esse *fazer pesquisa* (PENNYCOOK, 2001).

É através do objeto, a língua(gem) em uso situada em contexto social, e os diferentes caminhos epistemológicos que o pesquisador pode analisar e refletir acerca de um fenômeno da língua(gem), compreendemos a importância de se fazer pesquisa no campo da LA, sendo ela multi/trans/indisciplinar. Pesquisa, essa, com caráter que abranja diferentes campos de pesquisa, com suas especialidades e jogo de reflexão para com o objeto.

Compreendemos que a LA, por meio dessa multi/trans/indisciplinaridade, foca-se em problemas sociais e intenta em refletir e resolvê-los através da expansão de suas bases e práticas metodológicas, englobando outras áreas que façam sentido no momento da construção da pesquisa.

Nesse ínterim, acerca da concretização da LA como um campo de pesquisa, Almeida Filho (2008) afirma que não há dúvidas que

[...] a LA se firmou nas especificidades que a sua natureza aplicada abriu, livrou-se das limitações definitórias dos seus primórdios ganhando preciosa consciência dos seus domínios teóricos, dos seus limites e potencialidades no trato de importantes pontos da sua sempre crescente agenda de pesquisa balizada pela percepção de questões limite da nossa sociedade e época (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 26-27).

Expostas essas considerações acerca do campo da LA, seu caminho histórico, suas características como campo de pesquisa e seu objetivo, podemos entender como um campo de pesquisa multi/trans/indisciplinar, o qual se preocupa com a língua(gem) mobilizada por sujeitos situados histórico-socialmente em determinados contextos. Com o intuito de ilustrar as considerações acerca do campo da LA e como a presente pesquisa se enquadra dentro desse campo, apresentamos o quadro abaixo.

Quadro 5 – A nossa pesquisa em Linguística Aplicada

	A PESQUISA EM LINGUÍSTICA APLICADA	A PRESENTE PESQUISA EM LINGUÍSTICA APLICADA
Objeto de pesquisa	Língua(gem) em uso, situada sócio historicamente em um determinado contexto, caracterizando o caráter social do objeto.	Os discursos de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+
Características do objeto	Práticas da língua(gem) atravessadas por suas características históricas, sociais, éticas e políticas, enunciadas em forma de discurso por sujeitos socialmente situados.	Discursos, materializados em forma de texto, presentes em sites de webnotícias e redes sociais, cuja temática envolva militância e resistência LGBTQIA+.

Objetivos da pesquisa	Identificar e refletir problemas sociais nos quais a língua(gem), em forma de discurso, se faz ponto central.	Analisar as relações dialógicas que se engendram no discurso de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+
Pressupostos teóricos	Existência de várias áreas dentro da LA. Variação do aporte teórico de acordo com a área escolhida pelo pesquisador.	Aporte teórico ancorado nos postulados do Círculo de Bakhtin. Concepção de língua(gem) bakhtiniana. Análise Dialógica do Discurso (ADD).
Pressupostos e Procedimentos Metodológicos.	Os procedimentos metodológicos constituídos por meio das particularidades do objeto escolhido.	Análise discursiva do objeto encorada nos pressupostos das Ciências Humanas, da Linguística Aplicada e da ADD.

Fonte: o autor.

Em suma, nessa pesquisa, como evidenciado no quadro acima, assumimos um viés de pesquisa dentro do escopo da LA, entendendo a língua(gem) em uso, materializada em forma de discurso, a qual traz em si marcas históricas, sociais, políticas e éticas e que é enunciada por sujeitos situados. Adiante, passamos para o capítulo que trata dos postulados acerca da pesquisa dentro da Análise Dialógica do Discurso.

2.4 SITUANDO A PESQUISA EM ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

[...] um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a postura dialógica diante do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador. A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico. (BRAIT, 2018 [2006], p. 29)

A presente pesquisa tem como postura metodológica a Análise Dialógica do Discurso. Para a análise dos nossos dados, tomamos como aporte teórico-metodológico, os pensamentos que fazem parte dessa perspectiva. Cabe aqui, então, apresentarmos e discutirmos o que seria a metodologia que olha para os objetos de análise de maneira dialógica.

Em primeira instância, é nosso papel esclarecer que a ADD¹⁹ não é uma metodologia engessada de análise de dados. Os pesquisadores da área preferem chamar de uma *postura* dialógica perante os dados. Essa postura dialógica tem ancoragem nos postulados acerca da língua(gem) do Círculo de Bakhtin. Para Brait (2018 [2006], p. 10),

Sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, uma vez que esse fechamento significaria

¹⁹ A partir desse momento, Análise Dialógica do Discurso será mencionada pela sigla ADD.

uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicitar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas. Mais ainda, esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados. (BRAIT, 2018 [2006], p. 10).

Os postulados do Círculo de Bakhtin atentaram em trazer uma reflexão acerca do que se entendia dentro da filosofia da língua(gem), com o intuito de pensar e como analisar os fenômenos da língua(gem) a partir de seu contexto social de enunciação e a realidade histórico-social daqueles sujeitos que estão engajados no processo de enunciação. Em outras palavras, a análise de objetos da língua(gem) deve acontecer pelo seu contexto social (externo) e o contexto verbal (o interno), pois retirar um desses pontos no momento do estudo “[...] é destruir o ponto de vista dialógico, proposto e explicitado pela teoria e pela análise [...]”, a bivocalidade dessa postura a caracteriza como estudo (BRAIT, 2018 [2006], p. 13).

Sendo assim, uma análise que se preocupa tanto com o contexto social, quanto o contexto verbal, pois entende que os dois são constitutivos do processo de interação por meio da língua(gem), transpassa os limites do fazer análise em linguística tradicional. Essa postura se volta para as relações dialógicas no contexto social (no extralinguístico) do discurso, sem deixar de lado todas as especificidades que fazem parte do contexto verbal da materialidade do discurso – o enunciado. Para Bakhtin (2011 [1979]), a vida do enunciado está nessas relações dialógicas. Sobre essa postura dialógica em que dois contextos são envolvidos a fim de se observar as relações dialógicas, Bakhtin afirma que

As relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria. Para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem [...] materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso [...]. (BAKHTIN, 2015 (1963), p. 210).

Compreendendo essa abordagem de observar e analisar os fenômenos da língua(gem) além da simples abstração, entendendo que há relações dialógicas nesses discursos, a ADD tem o dialogismo como ponto fundamental para suas pesquisas e estudos. Ressaltamos aqui que o dialogismo não seria um método definido e engessado de pesquisa. A ideia de análise da postura dialógica, tendo os postulados do Círculo de Bakhtin como ancoragem, é a de observar os

diferentes discursos em suas relações dialógicas a fim de que, assim, se construam sentidos (BRAIT 2018 [2006]).

No instante em que as relações dialógicas são consideradas fundamentais na prática da ADD, outros fatores se fazem presentes junto, tais como: o contexto social e histórico dos sujeitos e seus discursos, o sujeito e suas particularidades, as marcas ideológicas, as valorações, enfim, tudo aquilo que compõe o que o Círculo entende como enunciação.

Entendemos, nessa pesquisa, dialogismo como princípio organizador de todos os processos que envolvam a língua(gem). Brait (2005, p. 94-95) afirma que

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos. (BRAIT, 2005, p. 94-95).

Estudar e pesquisar discurso parte da ideia de estudar na intersubjetividade, isto é, nas relações dos sujeitos que entram em situação de comunicação nas mais diferentes esferas sociais por meio da língua(gem). Segundo o que o Círculo apresenta acerca da língua(gem), o sentido de um enunciado é entendido por meio da relação e confronto dos sentidos outros. Ressaltamos aqui que nesse processo de interação e produção de sentido do discurso materializado na forma de enunciado, a alteridade é parte fundamental para a compreensão do enunciado. Essa alteridade é referida por Amorim (2004) em seu texto. Para a autora, a alteridade como elemento inerente a toda pesquisa desenvolvida recebe, nas CH, uma particularidade singular que é o fato de se tratar de uma alteridade humana. “Entre o sujeito e o objeto de pesquisa, a relação que se estabelece é de uma diferença no interior de uma identidade” (AMORIM, 2004, p. 28).

Compreendemos que para o Bakhtin e o Círculo, as noções de dialogismo e alteridade estão completamente interligadas. Os autores, ao tratarem da pesquisa nas CH, evidenciam um caminho de pesquisa que leva o pesquisador a olhar a língua(gem) por meio dos discursos, e além disso, a olhar o *outro* dos discursos. Outro ponto de suma importância para a teoria dialógica da linguagem é a noção da bivocalidade do discurso. Bakhtin (2015 [1963], p. 212, grifos do autor) afirma que a palavra tem duplo sentido, voltado para o objeto do discurso como palavra comum e para um *outro discurso*, para o *discurso de um outro*”, isto é, a existência de

uma dupla orientação do discurso. A bivocalidade traz consigo a ideia de que sempre que o pesquisador se debruçar sobre a língua(gem), ele deve fazer de uma forma dialógica.

Para essa pesquisa, compreendemos que realizar uma análise dialógica do discurso, materializado em forma de enunciado, significa produzir sentido por meio desse discurso e das relações que o constitui a partir das relações do sujeito desse discurso com outros sujeitos. Outro fator de importância a ser destacado nesse momento é que, na ADD, as pesquisas produzem diversas possibilidades de sentidos, sendo assim dificultoso para a teoria criar categorias pré-prontas a fim de serem colocadas perante os dados – os discursos. Sobre isso Acosta-Pereira (2016) afirma que

[...] no caminho metodológico bakhtiniano, não há categorias de análise a priori aplicáveis de forma sistemática a textos, discursos, gêneros, com a finalidade de entender uso situado da língua. Nos escritos do Círculo, há, na verdade, uma arquitetura das diferentes formas de conceber o enfrentamento dialógico da linguagem, que se constituem de movimentos teórico-metodológicos multifacetados. (ACOSTA-PEREIRA, 2016, p. 8).

Para Brait (2007), os textos bakhtinianos trazem em si esse outro novo olhar para com as pesquisas. Não se tem mais essas categorias previamente pensadas, mas sim uma postura dialógica perante o objeto pesquisado. É por meio dessa postura dialógica, ou seja, o constante diálogo com os dados, que os conceitos/categorias serão extraídos deles. Sendo assim, para a ADD, o pesquisador é um sujeito inserido em um contexto social e nessa relação dialógica com os dados, mesmo tendo seu local exotópico.

Acosta-Pereira (2016, p. 9) afirma que “é nas ‘idas e vindas’ aos dados que as regularidades ascendem e não na aplicação de modelos de análise pré-estabelecidos, imobilizando a potencialidade discursiva dos dados”. Em outras palavras, é por meio dessa postura dialógica, do contato (aproximação e distanciamento) com o objeto, das idas e vindas a ele, que as categorias aparecem.

Mesmo não sendo possível, na ADD, ter conceitos e categorias para uma análise, aqueles que estudam minuciosamente os textos escritos pelo Bakhtin e o Círculo intentaram em compreender um jeito de se fazer pesquisa, ou seja, buscaram um movimento metodológico de se fazer pesquisa. Primeiramente, isso foi possível por meio das diretrizes sociológicas para o estudo da língua, o método sociológico apresentado por Volóchinov 2017 [1929/1930], o qual segue enumerado abaixo.

- (1) As formas e os tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas.
- (2) As formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos na vida e na criação ideológica.
- (3) Partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 220).

Volóchinov (2017 [1929/1930]), propõe, a fim de trazer orientação ao pesquisador, três etapas para a análise do discurso. Parte-se do que é social ao linguístico, dos tipos de interação ao exame das formas da língua. Como primeira etapa, então, o pesquisador preocupa-se em olhar para as formas de interação verbal engendradas em condições concretas de realização, isto é, uma análise da esfera da atividade humana e do cronotopo. Segundo Acosta-Pereira (2008; 2012; 2016) e Rodrigues, R. (2001; 2005), a análise do discurso materializado na forma de enunciado sob o viés dos postulados do Círculo de Bakhtin deve inicialmente voltar-se ao horizonte social, com o intuito de compreender como se constitui o seu cronotopo e sua situação social (ampla e imediata).

A segunda etapa metodológica de análise diz respeito à análise dos gêneros do discurso. Ao entrar em contato com *as formas distintas de enunciação*, “o pesquisador se depara com o gênero como referencial enunciativo-discursivo a partir do qual as interações se materializam e significam” (ACOSTA-PEREIRA, 2016, p. 6). Sendo assim, o pesquisador volta-se para a análise dos elementos do gênero, como conteúdo temático, seu estilo, enfim, sua arquitetônica, em diálogo constante com a dimensão social do enunciado.

Por último, a terceira etapa foca-se em analisar *as formas da língua*. O pesquisador nessa etapa analítica busca entender, no uso de determinadas formas da língua, os sentidos que são agenciados no enunciado. Em conjunto com as outras duas etapas, a análise do horizonte social e das formas típicas do enunciado, o pesquisador olha para os recursos da língua e tenta apreender como eles são agenciados para a construção dos sentidos. “É o momento no qual o pesquisador “embrenha-se” na projeção a partir da qual as formas da língua engendram “potenciais de sentido” e tornam-se [...] temático-valorativas” (ACOSTA-PEREIRA, 2016, p. 6).

Sob a perspectiva sociológica, segundo Volochínov (2013 [1925-1930]), tem-se a necessidade de (i) analisar o intercâmbio social – a esfera social – no qual o enunciado se constrói; (ii) entender o conceito de interação verbal como “a efetiva realização na vida real de uma das formas, de uma das variedades, do intercâmbio comunicativo social” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930], p. 159), isto é, uma das situações de interação nas esferas da

atividade humana; (iii) analisar e compreender as formas típicas dos enunciados – os gêneros do discurso; e, por fim, analisar as formas da língua balizadas pelos gêneros do discurso, entendendo que estão dentro de uma determinada situação de interação, pois cada “tipo de intercâmbio comunicativo [...] organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma gramatical e estilística da enunciação [...] (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930], p. 159). O quadro abaixo sintetiza o que expomos aqui.

Quadro 6 – Esquema proposto por Volochínov (2013 [1925-1930])

INVESTIGAÇÃO DA UNIDADE REAL DA LÍNGUA – O ENUNCIADO	1. Organização da sociedade
	2. Intercâmbio comunicativo social
	3. Interação social
	4. Enunciações
	5. Formas gramaticais da língua

Fonte: O autor com base nos postulados de Volochínov (2013 [1925-1930]).

Ainda sobre esses caminhos teórico-metodológicos para a realização de uma análise do discurso, na ADD, estudiosos dos textos de Bakhtin e o Círculo propõem diferentes caminhos. Apresentamos no quadro abaixo alguns desses caminhos propostos.

Quadro 7 – Caminhos teórico-metodológicos da ADD para uma análise do discurso

AUTORES	TÍTULO	CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ADD PARA UMA ANÁLISE DO DISCURSO
ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo	A orientação sociológica para a análise da língua (2016)	Uma pesquisa realizada nas bases da Análise Dialógica do Discurso entende que “(e1) a unidade de análise desconjunta-se da palavra ou oração para o enunciado. (e2) o <i>enunciado</i> seja considerado como unidade de comunicação social e, integrado às conjecturas da interação, materializa-se na forma típica de gêneros do discurso; (e3) as etapas de análise transitam do social (as formas típicas de interação e das enunciações) para o verbal (as formas linguísticas em sua interpretação habitual). (e4) a <i>análise das formas linguísticas</i> deve aceder a elucidação estilística e o desvelar sociológico.”. (p. 17, grifos do autor)
ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES, Rosângela Hammes	Por uma análise dialógica do discurso: reflexões (2015)	Em uma análise do discurso, ancorada pela ADD, o pesquisado deve atentar-se para “(i) a concepção de discurso como língua viva, a língua em uso em contextos de interação específicos; (ii) o estudo do enunciado como a forma material do discurso; (iii) o estudo do discurso a partir das relações dialógicas com outros discursos; (iv) o estudo das relações dialógicas [...]; (v) o estudo das projeções valorativas e ideológicas como índices sociais plurivalentes que consubstanciam o discurso e o situam em determinados horizontes sócio-histórico-culturais; (vi) o estudo das formas da língua [...] como resultado da relação expressiva do sujeito com o seu discurso em situações singulares e concretas de interação verbal.”. (p. 81)

BRAIT, Beth	O discurso sob o olhar de Bakhtin (2007)	Na pesquisa com bases da ADD, ter conceitos pré-estabelecidos configura-se como inviável, entendendo que entre pesquisador e corpus deve haver um contato dialógico, em um <i>continuum</i> de inconclusibilidade, mesmo que em seu acabamento. A pesquisa deve buscar sempre por outros conceitos e acepções, dada a complexidade da relação entre as atividades discursivas e humanas.
FRANCO, Neil; ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição	Por uma análise dialógica do discurso (2019)	Proposta de análise do discurso: (i) primeiramente, orienta-se para a dimensão extraverbal, sendo ela a esfera da atividade humana, a situação de interação, o cronotopo, a ideologia, as valorações e as relações dialógicas. (ii) Posteriormente, volta-se para a dimensão verbo-visual, que inclui os gêneros do discurso e os elementos constitutivos do enunciado que o organizam materialmente, o conteúdo temático, o estilo e, por fim, a construção composicional,
ROHLING, Nívea	A pesquisa qualitativa e a análise dialógica do discurso (2014)	A pesquisa em ADD orienta-se para o “estudo da esfera de atividade humana, em que se dão as interações discursivas em foco; a descrição dos papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva, analisando as relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores na produção de discurso; o estudo do cronotopo (o espaço-tempo discursivo) dos enunciados; o estudo do horizonte temático-valorativo dos enunciados; a análise das relações dialógicas que apontam para a presença de assimilação de discursos já-ditos e discursos prefigurados, discursos bivocais, apagamentos de sentidos, contraposições, enquadramentos, reenunciação de discursos e reacentuações de discursos.”. (p. 50)

Fonte: O autor, adaptado de Santos-Clerisi (2020).

Fica mais claro, a cada momento, que analisar discurso, seja em qualquer esfera da atividade humana nas quais eles são produzidos, significa ir muito mais do que a análise estritamente linguística (da forma). Entendemos que, para a realização de uma análise do discurso, devemos atravessar as condições de produção, compreendendo as circunstâncias em que ele foi produzido, o sujeito que o produziu, a quem respondeu, com quais outros discursos esse entra em relações dialógicas, tendo assim uma completa produção do projeto de dizer do sujeito interlocutor. Volochínov (2013 [1930]) afirma que todo processo de enunciação tem uma orientação social, a qual, junto à situação da enunciação e o subentendido do enunciado – o horizonte aperceptivo que é compartilhado entre os interlocutores em um determinado cronotopo – constituem sua unicidade. O sentido do enunciado, portanto, só pode ser compreendido quando todos os fatores supracitados são levados em conta. Na ADD, o pesquisador precisa ter isso em mente.

Pensando em nossa pesquisa, podemos delinear, a partir de toda a discussão realizada acima, etapas de análise do nosso *corpus* por meio de quatro elementos que compõem o que chamamos de enunciado: 1) o cronotopo, 2) a esfera da atividade humana, 3) a situação de interação, 4) a materialidade do texto – o conteúdo temático, a composição, a forma e as

escolhas linguísticas. Todos esses elementos condizem com os postulados de Volochínov (2013 [1925-1930]) quanto à proposta de investigação da unidade real da língua – o enunciado. Salientamos aqui que os itens citados anteriormente não são categorias pré-produzidas para serem aplicadas aos dados da pesquisa. É a partir do contato com os dados que os conceitos irão surgir.

Com o intuito de tornar mais perceptível o movimento da presente pesquisa dentro dos fundamentos da ADD, apresentamos a seguir um quadro teórico-metodológico, no qual estão presentes os elementos que fazem parte da ADD. Juntamente, estão mobilizadas perguntas referentes a esses elementos e como elas dialogam com a presente pesquisa.

Quadro 8 – A nossa pesquisa na Análise Dialógica do Discurso

	QUESTÃO NORTEADORA	MOBILIZAÇÃO PARA A NOSSA PESQUISA
Cronotopo	Quais as amplitudes espaço-temporais do discurso? De que maneira essas amplitudes cronotópicas contribuem para a construção de sentido do enunciado?	Quais são as amplitudes espaço-temporais das webnotícias de sites de webnotícias e redes sociais, cuja temática envolva militância e resistência LGBTQIA+? Como elas contribuem para a construção dos enunciados selecionados?
Esfera da atividade humana	De que forma as características da esfera da atividade humana em que o enunciado produzido interfere na produção do sentido?	Como a esfera do jornalismo e das redes sociais legitima a veiculação de discursos relacionados a militância e resistência LGBTQIA+?
Situação de interação	De que maneira a situação de interação entre os sujeitos organiza e interfere os discursos?	Quais os sujeitos que produzem os discursos dos sites de notícia, bem como das redes sociais? A quem esses discursos se direcionam? Como a situação de interação entre sujeitos legitima valoritivo-ideologicamente os dizeres e os sujeitos envolvidos?
Materialidade do texto	Como os recursos linguísticos contribuem para a produção de sentido dos discursos? Como objeto discursivo é tematizado nos discursos?	De que maneira a militância e resistência LGBTQIA+ são tematizadas e quais são os efeitos de sentido produzido? Quais os recursos linguísticos utilizados e como eles contribuem para a produção de efeitos de sentido?

Fonte: o autor.

Realizadas essas considerações acerca do campo da ADD e do fazer análise sob essa ótica, podemos afirmar que essa pesquisa tem uma postura dialógica de análise. A análise dos dados selecionados parte do entendimento que a língua(gem) é constituída a partir da interação

de sujeitos sócio e historicamente situados e os discursos produzidos nessa interação social dos sujeitos são entendidos por suas dimensões social (extralinguística) e verbal (linguística). Nosso objeto de análise são os discursos materializados na forma de enunciados – mais precisamente os enunciados de sites de webnotícias e suas redes sociais – e voltamo-nos a eles a partir de suas dimensões social e verbal, a fim de identificar e entender as relações dialógicas que são produzidas entre os diversos discursos, tendo em vista que são diversos sujeitos envolvidos no processo de interação.

Tendo o entendimento dessas considerações, finalizamos essa seção e seguimos para a próxima parte em que exporemos acerca dos movimentos da pesquisa.

2.5 OS MOVIMENTOS DA PESQUISA

Com o intuito de finalizar esse capítulo, no qual apresentamos os pressupostos metodológicos agenciados para a realização desse trabalho, expomos aqui os movimentos da pesquisa desenvolvida nessa tese. Para isso, recuperamos de forma concisa aquilo que foi já dito nesse capítulo e trabalhamos aquilo que ainda está por vir no desenvolver do trabalho, visto que esse universo de explicações se relaciona de maneira direta com todo o nosso estudo.

Como vimos anteriormente, nosso **objetivo de investigação** são **as relações dialógicas que se engendram no discurso de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+ publicados em jornais/portais *online* e em redes sociais brasileiras**. Perante isso, realizaremos uma análise de discurso a fim de atingirmos os objetivos geral e específicos propostos para esse estudo.

A análise que nos propomos a realizar, está ancorada em uma **postura dialógica da língua(gem)**, sendo essa denominada de **Análise Dialógica do Discurso**. Essa postura que assumimos, como exposto em uma determinada seção anterior, está ancorada nos estudos realizados por Bakhtin e o Círculo. Vale ressaltar ainda que essa análise está fíndada também nos preceitos metodológicos da **Linguística Aplicada**, a qual está inserida na grande área denominada **Ciências Humanas** (propostas expostas, também, em seções anteriores desse capítulo).

No que tange às ancoragens epistemológicas, teóricas e metodológicas, respaldamos nosso trabalho na **concepção dialógica da língua(gem)**, sendo essa desenvolvida nos trabalhos de Bakhtin e o Círculo. Buscamos compreender essa concepção de linguagem a partir de alguns conceitos-chave para esse grupo de estudiosos: o cronotopo, o discurso, o enunciado, a

ideologia, a valoração e o sujeito. Adiantamos que todos esses conceitos-chave são apresentados e debatidos no capítulo que está por vir.

Apresentamos a seguir um quadro que explicita os enlaces da nossa pesquisa e das áreas que nos ancoramos. No quadro, apresentamos os principais pontos discutidos no decorrer do presente capítulo e de que maneira eles respaldam todo o desenvolver do trabalho.

Quadro 9 – Síntese dos pressupostos epistemológicos, teóricos e metodológicos em relação a nossa pesquisa

	A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS	A PESQUISA EM LA.	A PESQUISA NA ADD	A NOSSA PESQUISA
Objeto(s) de pesquisa	Sujeito real, situado sócio historicamente que produz seu discurso.	Língua(gem) em uso, situada sócio historicamente em um determinado contexto.	Discursos reais, os quais são materializados em forma de enunciados na interação entre sujeitos.	Discurso de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+ publicados jornais/portais <i>online</i> e em redes sociais brasileiras.
Características do objeto(s)	Plurais. Objeto falado, objeto a ser falado. Objeto falante. Os sujeitos falantes agentes em suas realidades.	Práticas da língua(gem) atravessadas por suas características históricas, sociais, éticas e políticas, enunciadas em forma de discurso por sujeitos socialmente situados.	Língua(gem) situada sócio e historicamente, atravessada por ideologias e valorações e em constante relação dialógica com o discurso de outrem.	Discursos, materializados em forma de texto escrito, presentes em sites de webnotícias e redes sociais, cuja temática envolva militância e resistência LGBTQIA+.
Objetivo(s) da pesquisa	Compreender o homem, sua vida em sociedade. Produzir reflexões acerca da compreensão de homem.	Identificar e refletir problemas sociais nos quais a língua(gem), em forma de discurso, se faz ponto central.	Compreender de que maneira os discursos de sujeitos situados são tematizados, atravessados por ideologias e valorações. Refletir acerca dos recursos linguísticos e como eles ajudam na construção de sentidos dos enunciados, de maneira dialógica.	Analisar as relações dialógicas que se engendram no discurso de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+
Pressupostos teóricos	Variação do aporte teórico de acordo com a área escolhida para a realização da pesquisa.	Na LA, há várias áreas dentro dela. Variação do aporte teórico de acordo com a área escolhida pelo pesquisador, o objeto e objetivo.	Concepção dialógica da língua(gem) a partir dos postulados de Bakhtin e o Círculo.	Concepção dialógica da língua(gem), a qual tem ancoragem nos postulados de Bakhtin e o Círculo e em estudos contemporâneos em ADD.
Pressupostos metodológicos	Os procedimentos metodológicos se constituem por meio da escolha e	Os procedimentos metodológicos constituídos por meio das particularidades	Pressupostos metodológicos criam-se a partir dos dados, em um movimento de ir e vir. Nunca a priori.	Análise das relações dialógicas que se engendram no discurso de militância e resistência de/em torno

	recorte dos dados do objeto e da área em que se insere.	do objeto escolhido.	Necessita-se de uma postura dialógica diante do objeto pesquisado.	de sujeitos LGBTQIA+ publicados jornais/portais <i>online</i> e em redes sociais brasileiras por meio de uma postura dialógica perante o objeto, com diálogos com os postulados das grandes áreas (CH e LA).
--	---	----------------------	--	--

Fonte: o autor

Diante do que foi exposto acima, afirmamos que a presente pesquisa se dará a partir de um viés em que os discursos materializados na forma de enunciado sejam analisados dialogicamente, isto é, a partir do cronotopo, da esfera de atividade humana, da situação de interação e, por fim, da sua materialidade textual – princípios da ADD – dialogando com as outras áreas exploradas no presente capítulo – CH e LA. Para que isso ocorra, temos o pensamento de uma análise que parta dos discursos selecionados para a composição do corpus da pesquisa, primeiramente, voltando-se aos efeitos de sentido produzidos por esses; quais as marcas linguísticas que são utilizadas, a fim de construir tais sentido; e, juntamente aos discursos e a discussão realizada, a mobilização do aporte teórico da tese à análise.

Tendo exposto isso, encerramos esse capítulo e passamos para o próximo, o qual irá tratar de toda a ancoragem teórico-metodológica da tese.

3 PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS

Neste capítulo, são apresentados os pressupostos teórico-metodológicos que ancoram o desenvolvimento da pesquisa. O capítulo trata acerca da concepção fundante dos escritos de Bakhtin e o Círculo – a concepção dialógica da língua(gem); e subseções que trazem clareza quanto a pontos específicos que se desdobram dessa concepção de língua(gem), são eles: o discurso, o cronotopo, a enunciação, a ideologia e a valoração e o sujeito.

Para a realização deste capítulo, utilizamos dos postulados de Bakhtin e o Círculo (BAKHTIN, 2011 [1979], 2012 [1920-1924], 2014 [1975], 2015 [1963], MEDVEDEV, 2016 [1928], VOLOCHÍNOV, 2013 [1925-1930] 2017 [1929]), bem como dos pesquisadores contemporâneos que estudam os escritos bakhtinianos – Acosta Pereira, 2008; 2012; 2016; Acosta Pereira; Rodrigues, 2014; Amorim, 2004; Brait, 2005; 2007; 2018 [2006]; Rodrigues, R. 2001; 2005, Rohling, 2014;,, entre outros.

3.1 POR UMA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE DISCURSO

Com o intuito de compreendermos a concepção dialógica do discurso, base fundamental para a realização da presente pesquisa, pensamos ser necessário adentrarmos em alguns conceitos fundacionais estudados pelo Círculo de Bakhtin. Para isso, nessa seção, trilhamos um caminho nas obras do Círculo, bem como nas de seus debatedores, a fim de entendermos o que os estudiosos compreendem acerca dos pontos específicos supracitados.

Como pesquisadores que estudam e têm como base teórica a teoria bakhtiniana, entendemos que seja uma tarefa árdua explorar os conceitos apresentados pelo Círculo de maneira isolada. Notoriamente, nas seções abaixo, fica evidente o imbricamento dos conceitos, pois é por meio de uma fluidez na construção teórica que a filosofia da língua(gem) bakhtiniana é concebida.

Em primeiro momento, devemos nos focar naquilo que o Círculo entende por *filosofia da língua(gem)*. Volochínov, ao escrever seu ensaio “*As mais recentes tendências do pensamento linguístico ocidental*” (2013 [1928]) e seu livro intitulado “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*” (2017 [1929]) trabalha essa questão. Por meio de perguntas como: qual é objeto da filosofia da linguagem? O que é linguagem, o que é a palavra?, o autor disserta acerca de duas tendências filosóficas de se pensar a linguagem na época - o Subjetivismo Individualista e o Objetivismo Abstrato. A partir desse pensar sobre revisitar as concepções e debatê-las,

Volóchinov (2013 [1925-1930]; 2017 [1929/1930]) apresenta uma terceira perspectiva: a língua como interação discursiva.

Volóchinov (2017 [1929/1930]) caracteriza como primeira tendência filosófica da linguagem o Subjetivismo Individualista, a qual tinha como grande pensador filosófico, no final do século XIX e começo do século XX, Wilhelm von Humboldt. Para o estudioso do Círculo, essa tendência entendia a língua(gem) como ato discursivo individual e criativo, tendo a *psique* do sujeito como fonte de toda a língua, isto é, a linguagem para essa tendência era a representação do pensamento do indivíduo – uma atividade consciente.

Para os pensadores dessa tendência, a língua é um fenômeno ininterrupto de criação, realizada por atos discursivos de caráter individual, sendo ela um produto pronto e acabado. Essa língua se constitui como um sistema linguístico estável, análogo a qualquer fenômeno de cunho ideológico, particularmente à arte. O papel do sujeito sob essa ótica é apenas o de representar esse produto já pronto e acabado (VOLOCHÍNOV (2013 [1925-1930])).

As leis de criação linguísticas do Subjetivismo Individualista, segundo o autor, são leis individuais e psicológicas, posto que se configura como produto do pensamento de um sujeito tido como individual, egocêntrico, ideal, tudo voltando para si próprio. Essas leis de criação linguísticas, então, devem ser o objeto de estudo dos linguistas e dos filósofos da linguagem. Para Volóchinov (2017 [1929]), o termo chave para essa corrente linguístico-filosófica é a *expressão*, ou seja, externalizar/expressar o pensamento que já se encontra pronto e acabado, construído na psique de um sujeito individual, egocêntrico e ideal.

A partir dessas discussões, Volóchinov (2017 [1929]) apresenta quatro princípios fundamentais do pensamento do Subjetivismo Individualista:

- 1) A língua uma atividade, um processo ininterrupto de criação realizado por meio de atos discursivos individuais.
- 2) As leis da criação linguística são, em sua essência, leis individuais e psicológicas.
- 3) A criação da língua é uma criação consciente, análoga à criação artística;
- 4) A língua como um produto pronto, como um sistema linguístico estável (dotado de vocabulário, gramática, fonética), representa uma espécie de sedimentação imóvel, da lava petrificada da criação linguística, construída de modo abstrato pela linguística com o objetivo prático de ensinar a língua como um instrumento pronto. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 148-149).

Como segunda tendência do pensamento linguístico-filosófico, Volóchinov (2017 [1929]) apresenta o Objetivismo Abstrato. Um dos principais nomes dessa tendência foi o linguista Ferdinand Saussure. O termo abstrato do nome não se refere à “abstração”, mas está ligado mais a ideia de “abstraído”, isto é, retirado/deslocado/separado. Para essa tendência

então, temos a língua(gem) abstraída das situações concretas de interação, compreendendo-a, assim, como um sistema objetivo e abstraído.

Para o Objetivismo Abstrato, o ponto central dos fenômenos da língua(gem) não se encontra mais na *psique* do sujeito individual e passa a ser o sistema linguístico, compreendido como fechado, voltado para si mesmo e, também, como “*sistema de formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua*”. (VOLÓCHÍNOV, 2017 [1929]). Compreender a língua(gem) à luz dos postulados do Objetivismo Abstrato é analisar os elementos que fazem parte do sistema, do qual a língua é concebida como o núcleo, noutras palavras, conceituar a língua(gem) é entender os elementos que orbitam o sistema do qual a língua(gem) é parte integrante.

Perante os postulados acima, Volóchinov (2017 [1929]) apresenta para essa tendência, também, quatro princípios fundamentais:

- 1) A língua é um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrado previamente pela consciência individual e indiscutível para ela.
- 2) As leis da língua são leis linguísticas específicas de conexão entre os sinais linguísticos dentro de um sistema linguístico fechado. Essas leis são objetivas em relação a qualquer consciência subjetiva.
- 3) As leis linguísticas específicas não possuem nada em comum com os valores ideológicos (artísticos, cognitivos e outros). [...]
- 4) Os atos individuais de fala são, do ponto de vista da língua, apenas refrações e variações ocasionais ou simplesmente distorções das formas normativas idênticas. [...] (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 162).

De acordo com esses princípios, então, podemos compreender que a língua é um sistema fixo, pois a língua (a *langue*) é homogênea, isto é, não passível de mudanças. Ela é fixa, pois há um regimento de leis que a tornam fixa. As leis do sistema não sofrem interferências das leis da *psique* do sujeito, pois são leis imutáveis e fixas. E, nessa ótica, os atos individuais de fala (a *parole*) são refrações de um sistema que a língua faz parte.

Posteriormente a apresentação e discussão acerca das duas tendências filosófico-linguísticas, Volochínov (2013 [1925-1930]; 2017 [1929/1930]) disserta acerca de uma terceira tendência para os estudos da linguagem. Para isso, o autor faz uso de seis teses de questionamentos/refutações as duas correntes anteriores – o Subjetivismo Abstrato e o Objetivismo Individualista.

Acerca do Objetivismo Abstrato²⁰, o autor primeiramente irá remeter a ideia de que o falante nunca vê a língua como um sistema linguístico fechado em si, mas que, na concretude,

²⁰ Nos textos de Volochínov (2013 [1925-1930]; 2017 [1929]), há, primeiramente, questionamentos relacionados ao Objetivismo Abstrato – segunda tendência apresentada e discutida pelo autor - e, em seguida, ao Subjetivismo

[...] o objetivo do falante é direcionado a um enunciado concreto pronunciado por ele. Para ele, não se trata da aplicação de uma forma normativa idêntica [...] em um determinado contexto. O centro de gravidade para ele não se encontra na identidade da forma, mas naquela significação nova e concreta que ela adquire naquele contexto. [...] *para um falante, a forma linguística é importante não como um sinal constante e invariável, mas como um signo sempre mutável e flexível.* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 177, grifos do autor).

A citação supracitada ratifica a noção de que para que compreendamos a língua, não nos basta compreender seu código e seu sistema, isto é, o centro de gravidade que orbita em torno da forma, mas como essa forma – os elementos da língua – recebe sentido em uma determinada situação real de interação. Só a interação traz ressonâncias de sentidos para a forma da língua, que pode ser a mesma, fazendo com que essa seja totalmente flexível e mutável. Em outras palavras, uma mesma frase pode ser enunciada de diferentes sentidos a depender da situação de interação dos sujeitos falantes.

Em segundo momento de questionamentos, Volóchinov (VÓLOCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 177) se indaga sobre a seguinte questão: “o falante deve levar em consideração o ponto de vista daquele que escuta e compreende. Será que justamente aqui entra em vigor a identidade normativa da forma linguística?”. De antemão, o autor dá uma resposta negativa à pergunta. A tarefa de compreensão não acontece apenas por meio da decodificação de um sistema linguístico, mas sim “[...] à sua compreensão em um contexto concreto, à compreensão da sua significação em um enunciado, ou seja, à compreensão da sua novidade e não ao reconhecimento da sua identidade. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 177-178).

O terceiro questionamento/refutação traz o ouvinte para a discussão sobre a compreensão da língua(gem). Para o autor, o papel do interlocutor/ouvinte é “aquele que compreende também se orienta para uma forma linguística tomada não como um sinal imóvel e idêntico a si, mas como um signo mutável e flexível” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 178).

Como quarto ponto que vai contra as ideias do Objetivismo Abstrato, Volóchinov (2017 [1929]) declara que

[...] a forma linguística é dada ao falante [...] apenas no contexto de certos enunciados e portanto apenas em um determinado contexto ideológico. Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos uma palavra, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou algo mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável, e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.* É apenas essa palavra que

Abstrato. No decorrer do nosso texto, seguimos a mesma ordem a fim de ter conformidade com os textos do autor. Sendo assim, apresentamos primeiramente os questionamentos à segunda tendência e, em seguida, à primeira.

compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 181, grifos do autor).

Nesse trecho, notamos a inserção de um ponto de suma importância para a teoria do Círculo quanto a concepção de língua(gem) – avaliação social/valoração. No momento em que se *ouve verdades ou mentiras, algo bom ou ruim* é que esse avalia por um viés social. Ressaltamos aqui que não entramos em muitos detalhes acerca da valoração nesse trecho, pois, posteriormente, será apresentada uma seção em que a discussão estará totalmente centrada nesse aspecto da língua(gem).

Volóchinov (2017 [1929/1930]) apresenta o quinto questionamento/refutação partindo de estudos linguísticos por meio de *discursos monológicos completos*, os quais são chamados de documentos escritos. O autor menciona que qualquer tipo de enunciado faz parte da comunicação discursiva, isto é, não há discurso monológico, mas sempre um discurso dialógico. Nas palavras do autor: “todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ela é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 184).

Como sexto e último questionamento ao Objetivismo Abstrato, Volóchinov (2017 [1929/1930]) afirma que todo enunciado, sendo um elo na cadeia ininterrupta de discursos, responde aos já-ditos e não ditos, bem como espera uma reação-resposta ativa do sujeito interlocutor. Só assim, acontecerá uma compreensão efetiva da linguagem.

Em suma, o autor sintetiza suas inquietações acerca da compreensão da linguagem pela corrente do Objetivismo Abstrato dizendo que, de fato,

[...] o ato discursivo, ou mais precisamente o seu produto – o enunciado – de modo algum pode ser reconhecido como fenômeno individual no sentido exato da palavra, e tampouco pode ser explicado a partir das condições psicoindividuais e psíquicas ou psicofisiológicas do indivíduo falante. O enunciado é de natureza social. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 200).

Sobre o Subjetivismo Individualista – primeira tendência filosófico-linguística – Volóchinov (2017 [1929/1930]), em um primeiro momento, afirma que todo enunciado é dirigido a um sujeito interlocutor, ao enunciado desse interlocutor, se construindo por meio dessa relação com o interlocutor. Essa ideia inicial refuta a noção do discurso como monológico, individual, o qual era mencionado por essa tendência. Nas palavras do autor,

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim

dizer, de uma imagem de representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. *A palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor: [...] Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois como ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco, no sentido figurado. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 204-205, grifos do autor).

Bem como,

[...] *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* ela se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 205, grifo do autor).

Como segundo ponto de questionamento, Volochínov (2013 [1925-1930]) se remete ao falante, pois se no processo de interação discursiva há um interlocutor/ouvinte, também há um sujeito falante. Essa noção de enunciação onde se encontram sujeitos social-historicamente concebidos é trazida pelo autor visto que o Subjetivismo Individualista entendia que esse processo apenas acontecia dentro do indivíduo falante. O “[...] centro organizador da enunciação não está no interior [do falante], mas no exterior: no ambiente social que circunda o indivíduo” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925-1930], p. 128).

A partir desses postulados acima, o autor menciona que a enunciação sob essa perspectiva é entendida como um produto social, dada as circunstâncias e condições de produção em que ocorrem, podendo ser algo de caráter mais imediato, como também mais remoto.

O quarto e quinto ponto de questionamento trazidos por Volochínov (2013 [1925-1930]) têm um caráter entrelaçado. Os pontos discorrem acerca da estrutura do enunciado e, para o autor, essa “estrutura do enunciado, bem como da própria vivência expressa, é *uma estrutura social*. [...] Toda palavra é ideológica, assim como cada uso da língua implica mudanças ideológicas.” (2017 [1929], p. 128, grifos do autor).

Como sexto e último questionamento/refutação, Volóchinov (2017 [1929]), já trazendo à luz o que uma nova tendência filosófico-linguística entende por língua(gem), afirma que

A realidade efetiva da linguagem não é um sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco, o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 218-219).

Seguindo o padrão das outras tendências, Volóchinov (2017 [1929/1930]) organiza os princípios fundantes da terceira tendência do pensamento filosófico da linguagem:

- 1) *A língua como um sistema estável de formas normativas idênticas é somente uma abstração científica*, produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.
- 2) *A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio de interação sociodiscursiva dos falantes.*
- 3) *As leis da formação da língua não são de modo algum individuais e psicológicas, tampouco, podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes.* As leis de formação da língua são leis sociológicas em sua essência.
- 4) *A criação da língua não coincide com a criação artística ou com qualquer outra criação especificamente ideológica. No entanto, ao mesmo tempo a criação linguística não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e valores ideológicos que as constituem. [...]*
- 5) *A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social.* O enunciado, como tal, existe entre os falantes. [...]. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 224-225, grifo do autor).

O papel da língua(gem) não é mais entendido como apenas uma estrutura linguística acabada e fechada – como se entendia no Objetivismo Abstrato -, nem como uma linguagem isolada concebida na psique de um sujeito individual – concepção do Subjetivismo Individualista. Ela agora é compreendida como um produto social da interação verbal, sendo a interação social o ponto chave para toda a realização e constituição da língua(gem). Para essa nova tendência a língua(gem), em suma, é um objeto social.

Rodrigues, R. (2001, p. 9) reitera a ideia do Círculo afirmando que a origem e o desenvolvimento da linguagem

“[...] se encontram na organização econômica e sócio-política da sociedade. A linguagem é o resultado, o "produto" da atividade humana coletiva, fundada nas necessidades da comunicação social, e sua criação e representação, sendo, portanto, de natureza social. [...] A linguagem é a forma materializada da comunicação social, sendo que nisso consiste a sua existência como signo, refletindo nos seus elementos a organização econômica e sócio-política da sociedade que a gerou.

Realizadas a explanação acerca da concepção da língua(gem), passamos para os aspectos dela. Sendo assim, na seção que iniciaremos a seguir, trataremos da discussão sobre o *discurso* na teoria de Bakhtin e o Círculo.

3.1.1 O discurso

Nessa seção, focamo-nos em apresentar e discutir o conceito de discurso segundo a perspectiva apresentada por Bakhtin e o Círculo. Entender o discurso segundo esse pensamento é entender a língua; não aquela focada nos estudos da Linguística da época – um sistema linguístico abstraído, delimitado e segmentado em categorias gramaticais estanques –, mas uma língua concreta e viva, concebida nas e das interações sociais nos mais diversos campos da atividade humana e encharcada por ideologia. Sendo assim, tal como a língua, o discurso é compreendido naturalmente como “social em todos os campos da sua vida e em todos os seus elementos, da imagem sonora às camadas semânticas abstratas”. (BAKHTIN, 2015 [1975] p. 21).

Entendendo o discurso como um fenômeno de natureza social, fica claro que ele não tem sua criação na consciência individual do sujeito, ou seja, na sua psique. Ele é o resultado claro das interações discursivas nas mais diferentes esferas de comunicação. Medviédev (2016 [1928]) aborda essa ideia, afirmando que

As concepções de mundo, crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem. (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 48-49, grifo do autor).

Conforme os autores do Círculo, o discurso é composto por duas partes de importância igual para a sua concretude: o verbal e o extraverbal. Se ele não for entendido a partir desse princípio, ou seja, estratificado do contexto social (extraverbal) ou concebido como uma criação individual do sujeito, de acordo com Bakhtin (2015 [1975], p. 68), “ficaremos com um cadáver nu da palavra em nossas mãos, através do qual nada conseguiremos descobrir sobre a situação social nem sobre o destino vital de dada palavra.”

Segundo Bakhtin (2015[1963], p. 207) o discurso é “[...] a língua em sua integridade concreta e viva [...]”, se constituindo como um objeto daquilo que o autor chamará de metalinguística. O autor se distancia das ideias propostas pela Linguística para o tratamento do

discurso – abstração da realidade concreta – e volta-se ao objeto a partir das suas relações dialógicas. Tendo o entendimento de que “o discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem desse objeto é dialógica” (BAKHTIN, 2014 [1935], p. 89), compreendemos que nossa discussão acerca do conceito de discurso precisa atender-se ao que o Círculo postula sobre as relações dialógicas.

As relações dialógicas são entendidas como ponto que caracteriza o discurso, as quais não podem ser definidas a partir de parâmetros meramente linguísticos. Isso se dá, pois, diferentemente das relações lógicas, as relações dialógicas são extralinguísticas. Bakhtin defende que “[...] não pode ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto.”

As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. (BAKHTIN, 2015 [1979] p. 209).

É por meio das relações dialógicas que o discurso se constitui, como dito anteriormente. Por entrar em contato com discursos interiores, entrelaça-se com eles, amalgama-se a uns, isola-se de outros. Todo esse intenso processo é realizado a fim de se criar um novo discurso. Nas palavras de Bakhtin (2015 [1975]),

O discurso voltado para seu objeto entra nesse meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mutuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros; e tudo isso pode formar com fundamento o discurso, ajustar-se em todas as suas camadas semânticas, tornar complexa sua expressão, influenciar toda a sua feição estilística. (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 48).

Em qualquer movimento ao seu objeto, o discurso entra em contato obrigatoriamente com outros discursos na cadeia da comunicação verbal. Por esse contato com o discurso de outrem, interage com ele e estabelece diálogo, não havendo a possibilidade da não-resposta ao que está dito. A palavra²¹ serve como uma ponte entre o sujeito e o outro, sendo ambos constituídos dialogicamente. Ao se referir ao contexto bíblico, na forma da personagem Adão, Bakhtin (2015 [1975]) faz uma alusão à orientação dialógica do discurso. Em suas palavras,

²¹ O termo *palavra* é entendido como *discurso*, ou seja, como fenômeno social da interação verbal, e não como palavra-dicionário, constituída por meio de um sistema abstrato de formas linguísticas.

Só o Adão mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não pré-condicionado, o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto. Isso não é dado à palavra histórica concreta do homem: pode abstrair-se da palavra do outro, mas apenas em termos convencionais e só até certo grau. (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 51).

Para Bakhtin (2015 [1975]), todo discurso cria-se como uma resposta aos discursos outros, isto é, os já-ditos, forma-se e está inteiramente ligado através da interação com seu interlocutor e adaptado à sua réplica – os discursos pré-figurados. Em outras palavras, esse discurso somente pode se constituir a partir dos discursos já-ditos e prevendo as respostas de seu interlocutor.

Todo discurso está voltado para uma *resposta* e não pode evitar a *influência profunda do discurso responsivo antecipável*. O discurso falado vivo está voltado de modo imediato e grosseiro para a futura palavra-resposta: provoca a resposta, antecipa-a e constrói-se voltado para ela. Formando-se num clima do já dito, o discurso é ao mesmo tempo determinado pelo ainda não dito, mas que pode ser forçado e antecipado pelo discurso responsivo. Assim acontece em qualquer diálogo vivo. (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 52-53, grifos do autor).

Essa resposta provocada pelo discurso é parte fundante, ela participa como componente da formação do discurso, mais especificamente no que diz respeito à compreensão. Sem a interpretação responsiva, ou seja, a reação-resposta, não há como se ter um discurso. “A interpretação discursiva é uma força essencial que participa da formação do discurso, sendo ainda uma interpretação ativa, sentida pelo discurso como resistência ou apoio que o enriquecem”. (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 54).

Nessa relação dialógica com os outros discursos, Bakhtin (2015 [1975]) afirma que todo discurso é atravessado por raios e diferentes facetas que ora refletem sentidos, ora os refratam. Retomando a discussão da lei da física de reflexão e refração de diferentes cores, cada cor pode se estabelecer como um sentido através das relações dialógicas dos discursos. Nas palavras do autor

[...] a orientação sobre o objeto de tal discurso pela forma de um raio, então nós explicaremos o jogo vivo e imitável de cores e luzes nas facetas da imagem que é construída por elas, devido à refração do “discurso-raio” não no próprio objeto (como o jogo de imagem-tropo do discurso poético no restrito sentido, na “palavra isolada”), mas pela sua refração naquele meio de discursos alheios, de apreciações e de entonações através do qual passa o raio,

dirigindo-se para o objeto. A atmosfera social do discurso que envolve o objeto faz brilhar as facetas da sua imagem. (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 87, grifos do autor).

Ressaltamos aqui que, mesmo o Círculo entendendo que o discurso seja engendrado nos discursos já-ditos e nos pré-figurados, ele nunca será “[...] um espelho refletindo a expressão de algo dado e acabado, que já existe fora dele, pois ele sempre cria algo novo, singular, que não existia antes dele” (RODRIGUES, N. 2009, p. 42). Em outras palavras, em todo discurso haverá algo novo e singular, pois sua singularidade é encontrada na valoração – também chamada de avaliação social por Medviédev (2016 [1928]) – que o sujeito do discurso atribui a ele.

Iremos chamar de avaliação social justamente essa atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com a abrangência e plenitude do seu sentido, que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora. Pois é essa avaliação social que atualiza o enunciado tanto no sentido da sua presença fatural quanto no do seu significado semântico. (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 184).

Outra ressalva que fizemos é que a importância das relações dialógicas no processo do discurso não nos exime de atentarmos também acerca das relações lógicas, também chamadas de concreto-semânticas, uma vez que essas também fazem parte do todo do discurso. Segundo Bakhtin (2014 [1935]) as relações dialógicas só se tornam realmente dialógicas no instante em que se materializam por meio dessas relações lógicas na forma de discurso. Compreendemos que é a dialogicidade interna do discurso que define sua forma e seu conteúdo, pois “o diálogo social ressoa no seu próprio discurso, em todos os seus elementos, sejam eles de ‘conteúdo’ ou de ‘forma’” (BAKHTIN, 2014[1935], p. 106).

No intuito de dissertar acerca da noção de discurso, Bakhtin (2015 [1963]), a partir das suas análises das obras de Dostoievski, afirma que existem diferentes tipos de discursos. Esses tipos de discursos podem ser divididos em dois grandes grupos: os monovocais (monológicos) e os bivocais (dialógicos).

Os discursos monovocais, segundo o autor, têm apenas uma orientação, tendo seu direcionamento ao seu objeto. Bakhtin (2015 [1963]) usa do exemplo do *discurso referencial direto imediato*, o qual é entendido como aquele que se orienta diretamente ao objeto, tornando-se aquele discurso que comunica; e do *discurso representado ou objetificado*, o qual tem relação de semelhança com o primeiro, entretanto o próprio discurso é o objeto de outra orientação – a

orientação do autor. Tanto uma forma, quanto a outra dessa primeira especificação dos discursos são entendidas como formas de discurso de uma voz apenas.

Acerca dos discursos bivocais, são apresentadas três formas diferentes: (i) a estilização e o *skaz*²², (ii) a paródia, e (iii) o diálogo. Todas essas formas são constituídas primordialmente de uma ponto: apresentam mais de uma voz. Nas palavras de Bakhtin (2015[1963], p. 212, grifos do autor), “[...] a palavra tem duplo sentido, voltando para o objeto do discurso como palavra comum e para um *outro discurso*, para o *discurso de um outro*.”

A estilização, primeira forma destacada pelo autor, corresponde a objetificação de um outro determinado discurso a partir de uma significação histórica e socialmente situada. De acordo com Bakhtin (2015[1963], p. 217) “[o] estilizador usa o discurso de um outro como discurso de um outro e assim lança uma leve sombra objetificada sobre esse discurso.”. O *skaz* também se orienta a partir do discurso do outro, tomando seu modo de fala como alicerce para suas composições, realizando uma conexão entre as vozes distintas do discurso. Entre as duas formas mencionadas acima – a estilização e o *skaz* – Bakhtin (2015 [1963]) destaca aproximações entre elas, um traço comum.

Esse traço comum consiste em que o autor inclui no seu plano o discurso do outro voltado para as suas próprias intenções. [...] Após penetrar na palavra do outro e nela se instalar, a ideia do autor não entra em choque com a ideia do outro, mas a acompanha no sentido que esta assumo, fazendo apenas esse sentido tornar-se convencional. (BAKHTIN, 2015[1963], p. 221).

Diferentemente das formas da estilização e do *skaz*, na paródia, mesmo que apareçam duas vozes, a voz do autor do discurso orienta-se de forma oposta à voz do outro, no sentido semântico, direcionadas a fins opostos. A relação proporcionada pela segunda voz tem um sentido hostil. Nas palavras de Bakhtin (2015 [1963] p. 221-222), “o discurso se converte em palco de luta entre duas vozes [...] aqui, as vozes não estão apenas isoladas, separadas pela distância, mas estão em oposição hostil”. Mesmo separados e em oposição, essas vozes constituem o discurso como um todo.

O diálogo, última forma mencionada dos discursos bivocais, se difere dos anteriores. Ao invés de usar diretamente as palavras do outro, a fim de empregar uma nova orientação, há a interpretação das palavras desse outro e ela serve para o emprego de novas palavras pelo autor do discurso. A *polêmica velada* – na qual o autor resguarda seu objeto e contesta o discurso do

²² Skaz diz respeito a um “[tipo] específico de narrativa estruturado como narração de uma pessoa distanciada do autor (pessoa concretamente nomeada ou subentendida, dotada de uma forma de discurso própria e *sui generis*” (BAKHTIN, 2015[1963], 211-212, nota de rodapé).

outro acerca do mesmo objeto – e as *réplicas dialógicas* – que tratam de um mesmo objeto, mas em constante contestação, apresentando reações simultâneas e reelaborando suas orientações a todo momento – são exemplos dessa forma (BAKHTIN, 2015 [1963]).

Para o autor, o diálogo é considerado como uma variedade ativa, enquanto as outras supracitadas – estilização, *skaz* e paródia –, passivas. No diálogo, a palavra do outro possui direta influência no discurso autoral, visto que esse autor, antecipando possíveis reações-respostas, molda e muda seu discurso com efeito da orientação discursiva do outro. Já nas formas anteriormente explanadas, o autor, de acordo com seus fins, reveste seu discurso da significação que pretende sem que sofra influência pelo discurso do outro defensivamente.

De acordo com Bakhtin (2015 [1975], p. 27), o discurso ainda pode ser definido por três características, sendo elas: “pluriestilístico, heterodiscursivo e heterovocal”. Pluriestilístico – apresenta uma gama diversa de estilos diferenciados, dependendo da questão da geração, das comunidades sociais, dos extratos sociais, isto é, da situação de interação. Heterodiscursivo – abarca diferentes vozes no sentido social na sua essência, como dialetos sociais, a língua das gerações/idades, das ruas, os jargões, entre tantas outras. Heterovocal – sofre atravessamentos de diferentes vozes sociais²³.

A palavra²⁴ é sempre singular e concreta, porque possui unidades de estilo heterogênicas dada a circunstância de interação social. As categorias que são usadas para um discurso determinado não são replicáveis a outros, tornando esses discursos sempre irrepetíveis. Cada discurso traz em si suas leis distintas.

A fim de tornar mais compreensível as explicações realizadas acima, apresentamos um quadro que aponta as principais características do discurso.

Quadro 10 – O discurso segundo Bakhtin e o Círculo

O DISCURSO	É um fenômeno de natureza social.
	É um resultado claro das interações discursivas nas mais diferentes esferas de comunicação.
	É composto pelo verbal e pelo extraverbal.
	É a língua em sua integridade concreta e viva.
	Nasce no diálogo com outros discursos - relações dialógicas.
	É atravessado por raios e diferentes facetas que ora refletem sentidos, ora os refratam.
	Não é um espelho refletindo a expressão de algo dado e acabado, que já existe fora dele, pois ele sempre cria algo novo

²³ Ressaltamos que para Bakhtin (2013 [1963]) o conceito de vozes sociais pode ser definido como um construto semântico axiológico-ideológico de dizer *no*, *para* e *com* o mundo.

²⁴ Vide nota 10.

	É bivocal – dialógico.
	É pluriestilístico.
	É heterodiscursivo.
	É heterovocal.

Fonte: o autor.

Realizadas essas considerações acerca do conceito de discurso segundo os postulados de Bakhtin e o Círculo, passamos para a próxima seção dessa tese, a qual aborda a noção de cronotopo.

3.1.2 O cronotopo

Quanto ao conceito de cronotopos, este traz no nome um maior equilíbrio entre as dimensões de espaço e de tempo. Bakhtin toma-o emprestado à matemática e à teoria da relatividade de Einstein para exprimir a indissolubilidade da relação entre o espaço e o tempo, sendo este último definido como a quarta dimensão do primeiro. O cronotopos em literatura é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a *fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto*. (AMORIM, 2012, p. 102, grifos da autora).

O conceito de cronotopo pode ser percebido no caminho inteiro das obras de Bakhtin e o Círculo. Entretanto, em dois momentos de escrita, esse conceito é trabalhado detalhadamente: quando Bakhtin volta seu olhar aos textos literários dos autores Goethe e Rabelais. Esses estudos estão respectivamente presentes nas obras *Estética da criação verbal*, em *Questões de literatura e estética* e em *A cultura na Idade Média e Renascimento*.

Mesmo que percebamos o foco nos textos literários para a análise e discussão do cronotopo, assim como em outros conceitos trazidos por Bakhtin e o Círculo, fazemos um movimento de explaná-lo para com a língua(gem) além da esfera literária, sendo essa um fenômeno da interação social.

Morson e Emerson (2008) afirmam que, nos escritos do Círculo, não há uma definição estanque e rígida acerca do que é o cronotopo. O que conseguimos observar nos textos são desenvolvimentos do conceito por meio de diálogos com outros textos e análises empreendidas pelo grupo.

Sendo assim, para construirmos um estudo acerca do que é cronotopo, expomos o que Bakhtin postula em um de seus textos. Para o autor, a “interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura, chamaremos de *cronotopo* (que

significa “tempo-espaço”)” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 211, grifos do autor). No ensaio intitulado *As formas do tempo e do cronotopo no romance*, o autor ainda afirma que

Na literatura, o processo de assimilação do tempo e do espaço histórico reais, e do homem histórico e real que neles se revela, transcorreu de forma complexa e descontínua. Assimilaram-se aspectos isolados do tempo e do espaço acessíveis apenas em dada fase histórica do desenvolvimento da humanidade, elaboraram-se nos gêneros os respectivos métodos de representação e formulação artística dos aspectos assimilados da realidade. (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 211).

Rohling (2020), acerca do conceito de cronotopo, comenta que é uma ideia proveniente do campo da matemática e trazida por Bakhtin a fim de se analisar o discurso do romance. Para a autora, os valores cronotópicos, abordados por Bakhtin

[...] constituem-se em uma entrada importante para o entendimento do romance do próprio homem, ou seja, o sujeito no mundo e suas relações de alteridade. Bakhtin chama de cronotopo a interligação essencial das relações de espaço e tempo, em que pese a inseparabilidade do espaço e do tempo. Nessa relação, há um processo de assimilação do tempo e do espaço históricos reais e do homem histórico e real que neles se revela, e esse processo transcorre de modo complexo e descontínuo. (ROHLING, 2020, p. 5224).

Com base nessas afirmações, podemos compreender que tempo e espaço se configuram como essenciais para a criação de um contexto de uma obra literária (de um discurso). Entendemos, então, que a visão de uma determinada realidade, isto é, seu contexto histórico e social, sua cultura, seus valores ideológicos, o homem que vive nela tem total relação com a junção desses dois aspectos.

Para Bakhtin (2015 [1979]), o cronotopo passa por todos os elementos da obra literária/do discurso: pelo narrador, pelo autor, pelas personagens, pelo evento, até mesmo pelo ponto de vista. Acerca disso, Bakhtin (2015 [1979]) afirma que

[o] ponto de vista é cronotópico e abrange tanto o elemento espacial quanto o temporal. A isto se vincula imediatamente o ponto de vista axiológico (hierárquico) (a relação com o alto e o baixo). O cronótopo de um acontecimento representado, o cronótopo do narrador e o cronótopo do autor (a última instância autoral) (BAKHTIN, 2015[1979], p. 369).

Tendo esse entendimento, assumimos que o discurso não pode ser isolado, ser abstraído de seu contexto, o qual está profundamente ligado a um tempo e a um espaço específico. A cada

novo tempo e novo espaço, novos mundos são emoldurados para cada novo acontecimento e formação. (BAKHTIN, 2014 [1975]). Os acontecimentos são definidos a partir do cronotopo, pois é a relação entre tempo e espaço que estabelece o contexto. Bezerril e Acosta-Pereira (2011, p. 40), afirma que o “cronotopo é responsável pela imagem-demonstração dos acontecimentos: o espaço, o tempo, os participantes, a situação imediata, a situação ampla [...]”.

Bakhtin (2014 [1975]), a todo momento, faz menção à indissolubilidade dos fatores temporal e espacial na construção na obra/no discurso. O autor explica que no

[...] cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da histórica. Os índices de tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. (BAKHTIN, 2014 [1975] p. 21).

O todo compreensivo e concreto, referido pelo autor, pode ser compreendido, então, como a junção do tempo e espaço, não há todo que exista sem a relação completa entre esses dois elementos. Conseguimos observar isso a partir de uma determinada obra literária, no momento em que se identifica relacionada a um contexto temporal-espacial que lhe é próprio e que a torna concreta e real em um mundo verdadeiro. Acerca disso, Bezerril e Acosta-Pereira (2011, p. 40) afirma que “[...] o cronotopo determina toda e qualquer unidade de uma obra, isto é, todas as definições espaço-temporais são inseparáveis em uma obra e são sempre constituídas pela matriz da unidade. A obra abarca o cronotopo de forma integral e plena. [...] o cronotopo é o centro organizador do gênero.”.

A ideia de gêneros do discurso deriva da relação do tempo e do espaço, como mencionado pelos autores acima. As temporalidades históricas (tempo) dos homens em determinados contextos (espaço) são evidenciadas a partir das formas coletivas típicas expressas por meio dos gêneros. Amorim (2012 [2006], p. 105) acerca desse tema relata que o cronotopo

[...] trata de uma produção da história. Designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde as várias histórias se contam ou se escrevem. Está ligado aos gêneros e a sua trajetória. Os gêneros são formas coletivas típicas, que encerram temporalidades típicas e assim, conseqüentemente, visões típicas do homem.

Só pode existir gêneros do discurso, na sua gama de variedades, a partir do cronotopo, pois é o tempo e o espaço que moldam a materialidade do discurso, ou seja, o enunciado. Esse

é um dos motivos dos gêneros se diferirem, tendo sua relativa estabilidade diante das particularidades temporal e espacial e de demandas específicas: sujeito, esfera social, contexto histórico, social e político. Acerca disso, Rodrigues, R. (2011, p. 103) postula que “cada gênero está assentado num diferente cronotopo: uma organização particular do tempo, do espaço e do homem sócio-históricos, ou seja, compreende uma situação social de interação particular (no sentido de que se diferencia das outras)”.

Diversas são as possibilidades de olhares para um dado discursivo tendo o cronotopo como ponto de partida. Acosta Pereira, Rodrigues e Costa-Hübes (2019), apresentam diversos pressupostos teórico-metodológicos sobre a noção de cronotopo, o qual é entendido como unidade fundamental para a percepção da realidade cotidiana dos sujeitos e uma categoria que ajuda os sujeitos a compreenderem o mundo em que estão inseridos. Também, através do cronotopo, podemos compreender a visão de mundo social de um discurso materializado na forma de enunciado, as formas dos sujeitos e as práticas sociais específicas desse. São diversas as possibilidades de sentidos através do olhar da cronotopia de um determinado enunciado.

Realizado esse estudo das reflexões de Bakhtin e seus interlocutores contemporâneos sobre cronotopo, podemos empreender que há diversas possibilidades e relações temporais e espaciais, nas obras literárias, objeto de estudo do autor, bem como na vida concreta, ou seja, na língua(gem) viva. Como um dos últimos pontos, trazemos aqui as considerações do autor acerca das fronteiras entre o mundo real e o mundo da obra literária (poderíamos dizer aqui também mundo do discurso) e da relação cronotópica que é criada entre esses.

Apesar de toda a impossibilidade de fusão do mundo representado e mundo do que representa, apesar da presença irrevogável da fronteira principal entre esses mundos, eles estão indissolúvelmente ligados um ao outro e se encontram em constante interação, ocorre entre eles uma troca permanente, semelhante ao metabolismo que ocorre entre um organismo vivo e seu meio ambiente: enquanto o organismo está vivo ele não se funde com esse meio, mas, uma vez separado, ele morrerá. A obra e o mundo nela representado entram no mundo real e o enriquecem, e o mundo real entra na obra e no mundo representado tanto no processo de sua criação como no processo de sua vida subsequente, numa renovação permanente pela recepção criadora dos ouvintes-leitores. Sem dúvida, esse processo de troca é ele mesmo cronotópico: realiza-se, antes de tudo, no mundo social que se desenvolve historicamente, mas também sem se separar do espaço histórico em mutação. (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 231).

Para uma melhor visualização das explicações realizadas acerca do conceito de cronotopo, apresentamos abaixo um quadro síntese, no qual ficam evidentes os pontos de maior relevância e dissertados anteriormente.

Quadro 11 – O cronotopo segundo Bakhtin e o Círculo

CRONOTOPO	Definição não estanque e rígida.
	Interligação fundamental das relações temporais e espaciais.
	Ideia proveniente do campo da matemática e trazida por Bakhtin a fim de se analisar o discurso do romance.
	Entrada importante para o entendimento do sujeito no mundo e suas relações de alteridade.
	Tempo e espaço se configuram como essenciais para a criação de um contexto de um discurso.
	Passa por todos os elementos da obra literária/do discurso: pelo narrador, pelo autor, pelas personagens, pelo evento, até mesmo pelo ponto de vista.
	Centro organizador dos gêneros do discurso.
	Os gêneros estão assentados em determinado cronotopo.

Fonte: o autor.

A fim de buscar uma relação entre os postulados acerca do conceito de cronotopo acima explanados e a pesquisa que se apresenta aqui, entendemos que esse conceito se configura como um elemento de suma importância para a compreensão do nosso objeto, anteriormente apresentado e explicado: webnotícias em portais e comentários em redes sociais desses portais. Devemos, como pesquisadores, ater nossos olhares aos discursos selecionados partindo da análise do cronotopo, a fim de entender todo o contexto de produção deles, ou seja, olhar para o tempo e o espaço da produção deles para a análise e compreensão.

Além disso, ressaltamos que o tempo e espaço desses enunciados possuem possibilidades diferentes, uma vez que estão disponíveis para a leitura por tempo indeterminado. A cada nova leitura realizada, novos tempos e novos espaços também são agenciados, e, junto a eles, novas significações e olhares.

Enfim, com a conclusão dessa seção que trata sobre o cronotopo, podemos nos adentrar a outros fatores que abarcam a concepção dialógica da língua(gem). Sendo assim, na próxima seção trataremos do que Bakhtin e o Círculo postula sobre o *enunciado*.

3.1.3 O enunciado

Dando continuidade ao aporte teórico postulado por Bakhtin e o Círculo, se faz necessária a abordagem da noção de enunciado. Volochínov (2013 [1925-1930]) utiliza da arte e da linguagem poética para construir uma concepção de enunciado. Primeiramente, o autor retoma ideias recorrentes da época – a *corrente imanente*, a qual se atentava em observar apenas a imanência da linguagem, isto é, essa observação se dava na forma, em um sistema fechado em si; e a *corrente causal*, a qual voltava-se para um viés de representacionalidade, ou seja, a representação de uma realidade externa.

De antemão, Volochínov (2013 [1925-1930], p. 72) esclarece que “um sociólogo marxista não pode estar de acordo com uma afirmação semelhante”, trazendo à luz as correntes citadas anteriormente. A partir disso, o autor propõe um terceiro viés para com o enunciado – um método sociológico.

Para Volochínov (2013 [1925-1930], p.74), “a arte é [...] eminentemente social”. Sendo a arte um fator social, a qual faz uso da língua(gem), podemos reformular o pensamento do autor, direcionando à língua(gem) e, enfim, considerá-la, também, como *eminente social*.

O enunciado²⁵, de acordo com Bakhtin (2011 [1979]), consiste na unidade concreta e real da comunicação discursiva. O discurso, tema abordado anteriormente, só existe nas enunciações concretas que acontecem em determinados contextos específicos de comunicação, entre sujeitos dos discursos situados.

Segundo Volochínov (2013 [1925-1930]), o enunciado não se centra em si, mas é construído por meio das situações de interação e é atravessado por valorações da vida real, por isso, nunca se enuncia palavras soltas, mas conteúdo. Nas palavras do autor,

A palavra na vida, com toda evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido.

Eis aqui as características e as valorações que costumamos atribuir a determinadas enunciações da vida real: “é mentira”, “é verdade”, “está dito atrevidamente”, “não devia dizer isto”, etc. (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925-1930], p. 77).

O autor ainda reitera que o enunciado não é reflexo da situação de interação, pois, caso fosse entendido dessa forma, teria um enfoque de um viés mais representacionista, aproximando-se dos postulados da *corrente causal*. O enunciado, entretanto, integra-se à situação de interação e com ela se torna uma “unidade indissolúvel” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925-1930], p. 77). Entre os dois, enunciado e situação de interação, há uma união, tornando-os em uma unidade que não se separa.

O enunciado da vida real é composto por duas partes: a) *verbal* – aquilo que se realiza verbalmente, ou seja, o material linguístico e b) o extraverbal – aquilo que carrega as especificidades do contexto do enunciado, conforme afirma Volochínov (2013 [1925-1930]), a

²⁵ Os termos *enunciado* e *enunciação*, nas obras de Bakhtin e o Círculo, nas traduções brasileiras, são empregadas com o mesmo sentido, sendo assim, na presente tese, os termos serão também utilizados correspondendo aos postulados dos autores.

vida do enunciado. Sem a união dessas duas partes no processo de constituição, não há como existir um enunciado concreto e real.

O material linguístico, componente da primeira parte do enunciado, é composta por três elementos fundamentais: “o *som expressivo* da palavra, quer dizer, a entonação, e também a *seleção* das palavras e finalmente sua *disposição* no interior do enunciado.” (VOLOCHÍNOV, 2013, [1925-1930], p.174, grifos do autor).

O extraverbal, segunda parte do enunciado, pode ser compreendida por meio de dois elementos: a *situação de interação* e o *auditório social*. Segundo Volochínov (2013 [1925-1930], p. 180), a “situação e o auditório [...] determinam sobretudo a orientação social da enunciação e, finalmente, o próprio tema da conversação”.

Ampliando ainda mais os dois pontos elencados pelo autor, a situação de interação forma-se de três elementos: o *horizonte espaço temporal ou espaço e tempo*, isto é, o onde e o quando o enunciado se realiza; o *horizonte temático ou tema*, compreendido como qual o tema do enunciado realizado e, por fim, o *horizonte axiológico ou atitude*, como o falante se posiciona ao que acontece na situação de interação – a valoração do enunciado (VOLOCHÍNOV, 2013, [1925-1930]).

Se tratando do auditório, Volochínov (2013, [1925-1930]) afirma que são os falantes do enunciado. Sem esses não seria possível haver enunciação, do mesmo modo, sem a situação de interação não seria possível esses falantes produzirem seus discursos. É nessa relação mútua entre situação e auditório que se possibilita a enunciação acontecer.

Por esses fatores acima mencionados, compreendemos os enunciados como sempre singulares e únicos, pois, quando alguma dessas partes são modificadas, os sentidos também são alterados, abarcando uma nova significação para o processo de interação (VOLOCHÍNOV, 2013, [1925-1930]). Sobre esse ponto, o autor afirma que

Uma enunciação concreta (e não uma abstração linguística) nasce, vive e morre no processo de interação social dos participantes da enunciação. Sua significação e sua forma em geral se definem pela forma do caráter desta interação. Ao arrancar a enunciação deste chão real que a alimenta, perdemos a chave que abre o acesso de compreensão tanto de sua forma quanto de seu sentido; em nossas mãos ficam ou uma moldura linguística abstrata, ou um esquema abstrato de sentido [...], duas abstrações que são irreconciliáveis entre si, posto que não existe uma base concreta para sua síntese viva. (VOLOCHÍNOV, 2013, [1925-1930], p. 86).

Tendo entendido a forma da organização da dimensão social, voltamo-nos, agora, à dimensão verbal do enunciado, isto é a materialização por meio do uso da linguagem dos

elementos sociais. Volochínov (2013[1925-1930]) compreende que a dimensão verbal é constituída pelo *som expressivo* (entonação), pela *seleção* de palavras determinadas e pela *disposição* dessas palavras selecionadas na frase. Todas essas partes mencionadas acima são forte e intrinsecamente conectadas, pois “cada entonação necessita de palavras que lhe sejam correspondentes – que se adaptem – e indica, assinala, a cada palavra, o posto que deve ocupar na proposição, proposição na frase, e a frase na enunciação completa” (VOLOCHÍNOV, 2013[1925-1930], p. 177).

Para Volochínov (2013[1925-1930], p. 86), a entonação “se situa na fronteira entre a vida e a parte verbal da enunciação; parece bombear a energia de uma situação vital à palavra, e atribui a tudo o que é linguisticamente estável uma dinamicidade histórica viva e uma unicidade irrepitível”. Além disso, é por meio dessa entonação que o enunciado se conecta com sua situação e seu auditório, uma vez que os dois fatores da conexão determinam a entonação e realizam o que o autor menciona como seleção e disposição das palavras, atribuindo um sentido ao processo de enunciação. É por meio da entonação que “[...] a palavra se relaciona com a vida.” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925-1930], p. 82).

Encontramos uma síntese realizada por Volochínov (2013[1925-1930]) acerca da relação entre a enunciação, sua situação e seu auditório, e conseqüentemente a entonação na seguinte passagem:

A situação e o auditório [...] determinam sobretudo a *orientação social* da enunciação e, finalmente, o próprio *tema* da conversação. A orientação social, por sua vez, determina a *entonação* da voz e a *gesticulação* – que dependem parcialmente do tema da conversação – nas quais encontra sua expressão exterior a relação dessemelhante do falante e do ouvinte naquela situação e sua diferente valoração. (VOLOCHÍNOV, 2013[1925-1930], p. 180 – 181).

A entonação, entendida dessa forma, representa a expressão sonora da valoração social, a qual requer uma especificidade significativa de palavras e uma organização dessas a fim de manifestar a intenção do sujeito no processo de interação, sendo ainda totalmente sensível às relações sociais.

O quadro abaixo mostra de forma organizada os postulados quanto a composição do enunciado:

Quadro 12 – Contextos verbal e extraverbal do enunciado

ENUNCIADO (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925-1930])

Contexto verbal	Material linguístico.
------------------------	-----------------------

Contexto extraverbal	a) situação * horizonte espaço temporal; ** horizonte temático; *** horizonte axiológico. b) auditório.
---------------------------------	---

Fonte: O autor com base em Volochínov (2013 [1925-1930]).

Acerca dessa discussão, Bakhtin (2011[1979]) afirma que os sujeitos participantes de um processo de interação, ao produzirem seus enunciados, estão sempre atribuindo valores aos seus conteúdos, seja concordando, seja discordando – totalmente ou parcialmente –, seja complementando, entre outros aspectos. O autor chama esse processo de posição ou atitude responsiva. Essa posição acontece desde o momento da primeira enunciação, a qual não precisa ser falada obrigatoriamente, podendo ser parte do pensamento do sujeito, e perpassa todo o processo de interação. Bakhtin (2011 [1979], p. 271) chama isso de fala viva e afirma que toda “compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.”

Além dos pontos debatidos acima, Bakhtin (2011 [1979]), ainda, apresenta características do enunciado como unidade real da comunicação discursiva, sendo elas: (i) *a alternância dos sujeitos do discurso*, (ii) *a conclusibilidade* e (iii) *a relação do enunciado com o próprio falante e com outros participantes da comunicação*. Essas características, segundo o autor, são chamadas de peculiaridades estruturais comuns e são entendidas como absolutamente necessárias para a caracterização do enunciado.

A *alternância dos sujeitos do discurso*, também denominada por Bakhtin (2011 [1979]) de réplica, demarca as fronteiras do enunciado, uma vez entendido que todo e qualquer processo de enunciação tem um começo e um fim, isto é, acarreta o caráter dialógico do enunciado. Para que isso ocorra, o sujeito falante deixa marcado o término do seu enunciado, o *díxi* conclusivo, e passa a palavra ao seu interlocutor no processo de interação, permitindo-o a ter uma reação-resposta ativa, podendo ser ela verbal ou não, imediata ou não, podendo até mesmo ser silenciosa. Rodrigues, R. (2001, p. 30) ratifica que a alternância dos sujeitos do discurso “emoldura o enunciado, estabelece suas fronteiras e cria sua corporeidade específica em relação aos outros enunciados vinculados a ele”.

Bakhtin (2011 [1979]), quanto aos limites do enunciado e alternância dos sujeitos do discurso, afirma que

os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão. (BAKHTIN, 2011 (1979), p. 275, grifos do autor).

A *conclusibilidade* é entendida por Bakhtin (2011 [1979], p. 280-281) como “uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso”, pois é ela que cria condições para a reação-resposta do ouvinte/interlocutor. Para que os sujeitos, no processo de comunicação discursiva, possam alternar seus papéis, necessita-se que cada um deles encerre o que pretendia dizer no determinado momento. Em outras palavras, só há alternância dos sujeitos do discurso, primeiro ponto levantado pelo autor, se houver uma conclusibilidade.

Para Bakhtin (2011 [1979]) o critério de maior importância da conclusibilidade é a posição responsiva, em outras palavras, a possibilidade de *responder a ele*. Como já explanado anteriormente, essa posição responsiva diz respeito à possibilidade de todo enunciado responder a outros e ser respondido por outros. Para o autor “[...] cedo ou tarde, o que foi ouvido ou ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte. [...] toda compreensão plena é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta.” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 272). Nesse ínterim, a posição responsiva é entendida como parte fundamental do enunciado na sua conclusibilidade.

A conclusibilidade é, ainda, definida por Bakhtin (2011 [1979]) em três fatores: i) *exauribilidade do objeto e do sentido*, ii) *projeto de discurso ou vontade de discurso do falante* e iii) *formas típicas composicionais*.

A *exauribilidade do objeto e do sentido*, primeiro fator da conclusibilidade destacado pelo autor, diz respeito aos acabamentos que os enunciados incorporam em uma situação de interação em uma esfera social determinada. O objeto é em si inexaurível, entretanto, no momento em que se torna tema de um enunciado determinado, ele ganha uma relativa conclusibilidade em determinadas condições, ou seja, no âmbito de uma ideia definida pelo sujeito que enuncia (BAKHTIN, 2011 [1979]).

Entendemos que algumas esferas sociais têm acabamentos mais fechados e determinados, como no caso das ordens e dos pedidos na esfera jurídica, ou onde os enunciados sejam sumamente padronizados, como afirma Rodrigues, R. (2001):

A possibilidade de “esgotar” o sentido do objeto é muito diferente nas diversas esferas da comunicação discursiva. Ela pode ser quase completa nas esferas da vida cotidiana, em certas esferas oficiais [...]. A possibilidade mais intensa de tratamento exaustivo do tema observa-se nos enunciados cujos gêneros se apresentam mais estabilizados e padronizados em um grau máximo, onde o momento criativo quase não se encontra presente. (RODRIGUES, R. 2001, p. 38).

Em relação ao segundo fator - o *projeto de discurso ou vontade de discurso do falante* –, Bakhtin (2011 [1979], p. 281), afirma que é ele que “determina o todo do enunciado, o seu volume e suas fronteiras”. Isso se refere às intenções do falante diante dos seus interesses comunicativos individuais e subjetivos, sendo o determinante da exauribilidade semântico-objetiva do tema e do gênero.

Como afirmado acima, a partir do projeto de discurso, o falante determina as *formas típicas composicionais* – terceiro fator determinante –, também chamadas pelo autor como gêneros do discurso. Bakhtin (2011 [1979]) afirma que os gêneros do discurso são formas típicas e estáveis na construção do enunciado, os quais são selecionados pelo sujeito falante a partir dos seus propósitos comunicativos. Os gêneros desempenham o papel de organização das interações dos sujeitos frente ao tema de seu enunciado. Os enunciados somente se tornam unidades da língua(gem) quanto engendrados em gêneros específicos. Para Bakhtin (2011 [1979]),

[...] aprendemos a moldar nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos um discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, previmos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo de fala. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 283).

Os outros autores do Círculo também trazem considerações acerca dos gêneros, as quais tem completa relação com os postulados de Bakhtin (2011 [1979]). Volochinov (2013 [1925-1930], p. 157, grifos do autor) afirma que cada “tipo de intercâmbio comunicativo referido anteriormente organiza, constrói e completa, à sua maneira, a forma gramatical e estilística da enunciação, sua *estrutura tipo*”. Essa *estrutura tipo* referida pelo autor pode ser entendida como os gêneros do discurso.

Medviédev (2016 [1928]) traz uma ideia parecida com as de seus colegas autores. Para ele, os gêneros podem ser compreendidos como formas típicas do todo de um determinado enunciado, as quais relativamente se estabilizam e conferem totalidade ao enunciado e, ainda,

[...] cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 195-196).

Para Rodrigues, R. (2001), debatedora e estudiosa do Círculo, os gêneros do discurso são como balizas que ajudam na construção do enunciado nas mais diversas situações de interação. Nas palavras da autora,

É a noção acerca da forma do enunciado total, isto é, de um determinado gênero do discurso, que baliza o falante no processo discursivo. Na construção do discurso, já lhe antecede a totalidade do seu enunciado tanto na forma de uma intenção discursiva individual como na forma de um gênero específico, no qual se verterá o enunciado [...] (RODRIGUES, R. 2001, p. 39-40).

Lembramos nesse ponto que os três fatores acima discutidos – *a exauribilidade do objeto e do sentido, a vontade do falante e as formas típicas composicionais* – são componentes constitucionais da segunda peculiaridade constitutivo-funcional denominada *conclusibilidade*. A partir desse momento, passamos a nos referirmos à terceira e última peculiaridade chamada de *relação do enunciado com o próprio falante e com outros participantes da comunicação*.

Como exposto anteriormente, o enunciado, segundo os postulados de Bakhtin e o Círculo, está sempre em contato com outros enunciados, em um movimento que participam sujeitos com suas orientações sociais em determinados contextos específicos. Esse enunciado pode ser entendido, em seu conteúdo semântico-objetal, como composto de dois elementos: os meios linguísticos – tema que já exploramos no momento em que nos voltamos à parte verbal do enunciado –, e o constituinte expressivo – tema explorado anteriormente como extraverbal. Esse último aspecto, o constituinte expressivo tem total relação com a subjetividade dos sujeitos, sendo isso o foco da terceira peculiaridade do enunciado.

Entendemos por expressividade o tom valorativo²⁶ imbricado em todo enunciado. Esse tom expressivo é realizado na forma da entonação do enunciado diante de uma interação social. Bakhtin (2011 [1979], p. 289) afirma que a expressividade é “[...] a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado”. Diante disso, podemos afirmar que não há como existir neutralidade nos

²⁶ A questão da valoração será mais explorada na seção a seguir “3.1.5 A valoração”.

enunciados, uma vez que esses vêm acompanhado da expressão, da valoração dos sujeitos falantes.

Sob um olhar dialógico, a expressividade pode ter uma maior ou uma menor intensidade. Isso depende de como o falante se posiciona acerca do objeto do discurso e em relação aos outros enunciados, aqueles que vieram antes. Nas palavras de Bakhtin (2011 [1979], p. 298) “a expressão do enunciado, em maior ou menor grau, responde, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado”.

Apresentamos a seguir, no quadro 13 a síntese das características do enunciado elencadas e debatidas por Bakhtin (2011 [1979]).

Quadro 13 - Características do enunciado

ENUNCIADO (BAKHTIN, 2011 [1979])	
Características do enunciado	Alternância dos sujeitos do discurso.
	Conclusibilidade
	Exauribilidade do objeto e do sentido; Projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; Formas típicas composicionais.
	Relação do enunciado com o próprio falante e com outros participantes da comunicação (expressividade).

Fonte: O autor com base em Bakhtin (2011 [1979]).

Bakhtin (2011 [1979]) entende o enunciado como elo da cadeia discursiva, ratificando que não pode existir um enunciado adâmico, isto é, concebido isoladamente e sendo o primeiro ou último. Todo enunciado está engendrado a outros, seja confirmando-os, rejeitando-os, completando-os, entre outros movimentos. Notamos aqui a presença do dialogismo da e na língua(gem).

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo [...] ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 297).

Todo enunciado, entendido como elo na cadeia da comunicação verbal, tem caráter social. Ele se constitui sempre nas relações de ordem intersubjetiva e interpessoal. Não existe forma de analisarmos um enunciado senão através do seu enraizamento na situação de interação, podendo ela ser imediata ou ampla, e sem compreender que esse enunciado está em total entrelaçamento a outros, como afirma Volochínov (2013 [1925-1930], p. 80).

[...] cada enunciação da vida cotidiana é um entinema socialmente objetivo. É uma espécie de palavra-chave que somente conhecem os que pertencem a um mesmo horizonte social. A peculiaridade das enunciações da vida cotidiana consiste em que elas, mediante milhares de fios, entrelaçam-se com o contexto extraverbal da vida e, ao serem separados destes, perdem quase por completo seu sentido: quem desconhece seu contexto vital mais próximo não as entenderá.

Volochínov (2013 [1928], p. 158) ainda utiliza de uma metáfora para compreender melhor o enunciado como esse elemento pertencente da cadeia discursiva. Ele afirma que o enunciado é “uma gota no rio da comunicação verbal, rio ininterrupto, assim como é ininterrupta a própria vida social [...]”.

Em suma, fazendo uso das palavras de Volochínov (2013 [1928], p. 86) podemos compreender que o enunciado é “o produto de sua interação viva no material da palavra, em outras palavras”, dito de outro modo, é a real unidade da comunicação verbal; sua vida e sua significação não se parecem com uma forma linguística e estanque ou a simples representação de uma realidade; é um elo na cadeia discursiva, pois “as palavras ditas estão impregnadas do suposto e do não-dito”; e, por fim, não há como separar o que é verbal – essência linguística – do que é extraverbal – situação de interação –, pois, caso alguma das partes seja retirada, o enunciado perde sua vida.

Abaixo apresentamos um quadro final a fim de sintetizar as principais ideias postuladas acerca da concepção de enunciado.

Quadro 14 – O enunciado segundo Bakhtin e o Círculo

O ENUNCIADO	Compreendido como unidade concreta e real da comunicação discursiva.
	Não se centra em si.
	Construído por meio das situações de interação e é atravessado por valorações da vida real.
	Não é reflexo da situação de interação.
	Consiste em unidade indissolúvel à situação de interação.
	É singular e único.
	É o elo na cadeia da comunicação verbal.
	É uma gota no rio da comunicação verbal.

Fonte: O autor.

Realizadas as discussões acerca do conceito de enunciado a partir da teoria de Bakhtin e o Círculo, prosseguimos com o aporte teórico de nossa pesquisa. A próxima seção trabalha as questões relacionadas à ideologia, temática que já foi brevemente mencionada nas seções anteriores.

3.1.4 A ideologia

Propomo-nos, nessa seção, a dissertar acerca de ideologia, conceito pensado por Bakhtin e o Círculo. Entendemos que sintetizar o conceito em um texto é uma tarefa árdua e complexa, visto que ele é discutido de maneira fragmentada em diversas obras da produção do Círculo, além de ser chamado de formas diferentes – *verbo-ideológico*, *semântico axiológico*, *social e ideológico* e *cultural e ideológico* são algumas dessas formas. Entretanto, sabendo da relevância do conceito para o construto teórico do Círculo e também para uma análise dialógica de discurso, visto que esse está diretamente relacionado à língua(gem) e a interação verbal, faz-nos necessário a produção de uma reflexão.

Segundo Volochínov (2013 [1925-1930 p.193, grifos do autor) “a palavra, por sua própria natureza intrínseca, é *desde o início* um fenômeno puramente ideológico. Toda realidade objetiva da palavra consiste exclusivamente na sua destinação de ser um signo”. O autor, ao afirmar isso, nos apresenta um conceito de grande relevância para pensarmos a ideologia, como também para todo o construto teórico do Círculo – *o signo*.

Os signos apresentam sempre um significado que remete a algo que lhes é externo. Com esse postulado, entendemos que tudo aquilo que é signo, independente de categorias, visto que qualquer produto pode vir a ser um signo, é ideológico. Signo e ideologia vivem juntos no campo da vida real, pois os dois, como mencionado anteriormente, são intrinsecamente ligados. O signo materializa uma realidade, na qual é produzida a ideologia de maneira social. Acerca disso, Acosta-Pereira (2012) comenta que todo signo ideológico é um fenômeno extralinguístico, o qual só pode ter vida em terreno que for interindividual. O verdadeiro território da ideologia é o material social dos signos criados a partir das relações entre os sujeitos.

A especificidade dos signos ideológicos está no fato de que eles são construídos entre sujeitos, criados nas mais diferentes relações interpessoais. Volochínov (2017 [1929/1930] p. 98) afirma que a “realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. [...] Isso se refere a todos os signos ideológicos”. Sendo assim, “*somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se*” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 111, grifos do autor). Para o autor, ainda, tudo o que podemos entender como ideológico tem um valor semiótico.

É a partir do uso da língua(gem) que os aspectos semióticos dos fenômenos ideológicos e da mediação das situações de interação social se constroem de maneira profícua. Sobre isso, Volochínov (2017 [1929/1930] p. 99, grifos do autor) afirma que a palavra pode ser

entendida como um signo privilegiado, pois ela não é apenas um signo *par excellence*, mas também “é o médium mais apurado e sensível da comunicação social”. Segundo o autor, “[...] a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a clareza excepcional de sua estrutura semiótica já seriam suficientes para colocá-la no primeiro plano da ciência da ideologia.” (VOLOCHINOV, 2017 [1929], p. 99).

Além da palavra ser abordada como o signo mais puro, Volóchinov (2017 [1929/1930]) ainda menciona que ela se constitui como um signo neutro. Cada campo de atividade humana possui seu material ideológico próprio e cria seus próprios signos e símbolos, os quais não podem ser aplicáveis em outros determinados campos. Dessa maneira, o signo é produzido a partir de uma função ideológica específica e não pode ser separada dela. Já a palavra “é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir qualquer função ideológica: científica, estética, moral, religiosa.” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930] p. 99).

A palavra é o material privilegiado da comunicação. Ela penetra todas as realidades interindividuais e precisa ser compreendida a partir das diferentes possibilidades e orientações possíveis. Ela pode, por exemplo, estar centrada na vida cotidiana, e, conseqüentemente, nas ideologias do cotidiano, ou centradas nos sistemas formalizados, sendo assim, junta aos sistemas ideológicos construídos.

As atividades que não se fixam em um determinado sistema fechado podem ser caracterizadas como ideologias que se centram na vida cotidiana. Elas não deixam de tocar, ou seja, de entrar em contato com as ideologias sistematizadas, entretanto são mais sensíveis e móveis, podendo ser indicadores das diversas mudanças sociais e repercutindo-as de maneira mais rápida do que as ideologias do segundo grupo mencionado – as ideologias de um sistema construído e formalizado.

Estabeleçamos o acordo de chamar de ideologia cotidiana a todo conjunto de sensações cotidianas – que refletem e refratam a realidade social objetiva – e as expressões exteriores imediatamente a ela ligadas. A ideologia cotidiana dá significado a cada ato nosso, a cada ação nossa e a cada um de nossos estados “conscientes”. (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925-1930], p. 151).

Os sistemas ideológicos formalizados podem ser considerados produtos de desenvolvimento socioeconômico da sociedade. Eles passam por um processo de cristalização a partir da ideologia do cotidiano e produzem, em retorno, o tom a essa ideologia (VOLÓCHINOV 2017 [1929/1930]). Acerca desses dois sistemas ideológicos, Volóchinov (2017 [1929/1930]) ainda comenta que eles estão sempre em relação mútua em um terreno comum.

Por meio desse entendimento trazido pelos teóricos do Círculo que exploramos outro ponto de suma importância para entender ideologia, bem como signo ideológico: a refração, processo ideológico que constitui o signo. Os signos para o Círculo não só refletem, mas refratam o real, numa determinada realidade constituída historicamente. Isso acontece por meio de projeções sociais contrastantes e construídas valorativamente dentro das relações de classe. A refração se define por meio do confronto de forças – as centrípetas e as centrífugas – que se cruzam e entrecruzam no processo de construção das relações interpessoais e nos múltiplos sentidos no uso da língua(gem). Nas palavras de Volóchinov (2017 [1929/1930], p. 94) “[q]ualquer signo ideológico não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa realidade [...]. Nesse sentido, a realidade do signo é bastante objetiva [...]. Um signo é um fenômeno do mundo exterior”.

Toda palavra, em nosso entendimento, é constituída por ideologias, as quais não só refletem a realidade, mas também a refratam. Assim como um fenômeno físico da refração, onde um raio de luz muda sua constituição quando penetra um meio óptico, o signo ideológico, ao atravessar uma determinada realidade, é afetado e a afeta completamente.

Segundo Bakhtin (2015 [1963]), a refração é uma prática de orientação dialógica, visto que, uma palavra, ao ser refratada, se constrói em um espaço repleto de valoração, as quais são peças constituintes da construção do sentido. A refração, então, pode ser compreendida como a confluência de valorações diversas. Nas palavras do autor,

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou. [...] Que discurso domina numa determinada época e numa determinada corrente, quais as formas de refração da palavra que existem, **o que serve de meio de refração?** Todas essas questões são de importância primordial para o estudo do discurso [...]. (BAKHTIN, 2015 [1963], p. 233, grifos do autor).

Compreendemos que a refração ideológica é a homogeneidade de valores que existem juntos, pois para conseguirmos interpretar o mundo que nos rodeia, precisamos pensar em todos os conteúdos como simultâneos, e em um determinado corte temporal, atinar-lhes as inter-relações (BAKHTIN, 2015 [1963]). Assim sendo, onde podemos encontrar o signo, podemos também encontrar o ideológico, entendendo que cada signo ideológico não apresenta a si mesmo apenas como um reflexo daquilo que se constitui como real, mas como um fragmento daquilo que é real também. Nas palavras de Volóchinov (2017 [1929/1930]),

Um signo não é somente uma parte de uma realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológicas (falso, verdadeiro, correto, justo, bom, etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 93).

Ponzio (2009), acerca do signo, comenta que esse representa uma determinada realidade e também a refrata, acrescentando índices de valores. Por esses pontos supracitados, compreendemos que o signo só pode existir nas relações sociais, fazendo parte de uma realidade refletindo e refratando-a.

Volóchinov (2017 [1929/1930]) intenta em compreender a ideologia não por vias de uma compreensão subjetiva – aquela que entende a ideologia como uma ideia cativa à mente humana, isto é, que vive inteiramente dentro da consciência individual do sujeito –, nem por vias de uma compreensão idealista – aquela que entende a ideologia como uma ideia que é dada ao sujeito –, mas na concretude dos acontecimentos, a qual é materializada em formas de enunciado. Para o autor, a ideologia é construída por meio do movimento da instabilidade e da estabilidade, e não na estabilização.

Acerca dessa constituição do campo ideológico trabalhado pelo Círculo, Medviédev (2016[1928]) aborda de forma perceptível o caráter concreto e material do mundo das ideologias. Para o autor, qualquer criação ideológica irá existir através de palavras e ações em um mundo real e concreto.

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológico também não existem no interior, nas cabeças, nas "almas" das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem. (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 48-49).

Corroborando com as ideias sobre esse distanciamento das visões subjetiva e idealista, Acosta-Pereira (2012) ratifica que “a ideologia é um conceito central na obra do Círculo e que não corresponde a um produto de ordem internalizada, subjetiva, mas constitui-se na vida social, sendo a própria condição de existência da consciência e da linguagem.”.

Faraco (2006) apresenta uma síntese da concepção de ideologia para os estudiosos do Círculo. Segundo ele,

[...] a palavra **ideologia** é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura **imaterial** ou produção **espiritual** (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista). **Ideologia** é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar uma certa terminologia marxista). (FARACO, 2006, p. 46, grifos do autor).

Em síntese, podemos compreender, a partir dos postulados dessa seção, que a ideologia é o conjunto de reflexos e refrações prenas de índices de valor da realidade, em outras palavras, as maneiras diferentes de conceber e compreender a realidade, mediadas pelos signos. Para Volóchinov (2017 [1929/1930]) a ideologia é dialógica, semiotizada e atravessa todas as situações de interação social, uma vez que entendemos que tudo o que é ideológico é construído de maneira semiótica. Esses signos ideológicos surgem sujeitos em um determinado processo de interação, ou seja, a relação intersubjetiva entre consciências individuais.

Abaixo, apresentamos um quadro de síntese a fim de deixar mais claro os pontos de destaque acerca da discussão sobre ideologia.

Quadro 15 – A ideologia segundo Bakhtin e o Círculo

IDEOLOGIA	Signo ideológico.
	A palavra - um fenômeno puramente ideológico.
	Signo e ideologia vivem juntos no campo da vida real.
	O signo materializa uma realidade, na qual é produzida a ideologia de maneira social.
	O verdadeiro território da ideologia é o material social dos signos criados a partir das relações entre os sujeitos.
	O que é ideológico tem um valor semiótico.
	Ideologias do cotidiano – ideologias que se centram na vida cotidiana/ sensíveis e móveis/ indicadores das diversas mudanças sociais.
	Sistemas ideológicos construídos - produtos de desenvolvimento socioeconômico da sociedade / cristalização a partir da ideologia do cotidiano.
	Ideologia do cotidiano e sistematizada – sempre em relação mútua em um terreno comum.
	O signo reflete e refrata.
	Construção por meio do movimento da instabilidade e da estabilidade, e não na estabilização.
	Existência através de palavras e ações em um mundo real e concreto.

Fonte: O autor.

Tendo realizado essas considerações acerca do conceito de ideologia, entendemos ser de suma importância discorrermos de outro ponto que está intrinsecamente ligado à ideologia:

a questão da valoração. O tema já teve algumas menções na presente seção, mas decidimos trabalhá-lo de forma abrangente na próxima seção.

3.1.5 A valoração

[...] todos os atos do sujeito estão sempre sendo atravessados por tons **emotivo-volitivos**. [...] todo sujeito sempre enuncia atitudes avaliativa sobre si e sobre o outro. Pelo simples fato de agir, enquanto sujeito único e singular, este entra em relações volitivas com o mundo. (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 60, grifos do autor).

Iniciamos nossa seção acerca do conceito de valoração por meio da ligação desse conceito ao que foi apresentado anteriormente – a ideologia. Essa, como vimos, está presente na língua(gem), uma vez que todo processo de comunicação acontece por meio da interação verbal, em contextos sócio-historicamente constituídos, por sujeitos situados. É nesse contexto que a valoração orbita. Ela atravessa as relações dos sujeitos e alcança os signos ideológicos que constituem partes da realidade social de diferentes contextos. Em todo processo de comunicação, o sujeito que interage traz em seu discurso avaliações sociais – valoração (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]).

Sobre essa relação entre valoração – avaliação social – e ideologia, Volóchinov (2017 [1929/1930]) esclarece que o signo ideológico é marcado por seu horizonte social, sendo esse de um grupo e de uma época determinada. Os signos ideológicos, para o autor, são definidos a partir das formas de interação social, isto é, o conteúdo dos signos é determinado pelas condições sociais dos sujeitos que interagem e de seus índices sociais de valor. Em todo momento de desenvolvimento social, determinados objetos recebem valores particulares. Para que esses objetos recebam esses valores, compreendemos que seja indispensável que ele esteja em constante ligação com os movimentos sociais e econômicos de um determinado grupo Volóchinov (2017 [1929/1930]).

Toda valoração é ideologicamente constituída. Mesmo que o enunciado seja produzido por sujeitos em seus atos únicos e singulares no evento do ser, eles se constituem como social, pois visam projeções de valor de reconhecimento social “e apenas em prol desse reconhecimento são realizadas no exterior, no material ideológico” (VOLÓCHINOV, 2017[1929/1930], p. 111). Fica claro que, para o autor, todo signo ideológico irá se constituir sempre de valoração.

Volóchinov (2017 [1929/1930]) ainda expõe que toda valoração enraizada nos signos ideológicos entra em contato com a consciência individual de maneira semelhante. Elas, as

valorações, se tornam individuais na consciência individual, entretanto a fonte da sua projeção está findada no horizonte social. Podemos entender a valoração, então, como de natureza interindividual, a qual tem sua existência no mundo exterior, onde os atos únicos e singulares dos sujeitos e as relações com os outros se encontram.

Não existe enunciado que não seja atravessado por valorações, sejam elas do sujeito ou até mesmo da classe social. Todo sujeito, quando participa de um processo de interação verbal, não produz palavras soltas de qualquer tipo de juízo de valor, mas a todo tempo, seja enunciando discursos ou ouvindo discursos alheios, se posiciona quanto a isso ou aquilo, ou seja, atribui valores sociais ao enunciado. Sendo assim, a valoração “[...] está presente em cada palavra viva, já que a palavra faz parte de um enunciado concreto e singular.” (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 183).

Retomando questões de detalhamentos do enunciado apresentadas em uma seção anterior, afirmamos que o enunciado é entendido por Bakhtin e o Círculo por meio de três peculiaridades estruturais. Esses elementos do enunciado levam-nos a compreendê-lo como unidade real da língua(gem), a qual é sempre orientada a outro sujeito, também sofrendo influências de discursos outros. Nessa interação, há sempre sujeitos em posição responsiva aptos a interagir. Perante isso, compreendemos que toda e qualquer compreensão requer uma resposta ativa dos sujeitos, sendo que essa resposta é a chave para a produção da avaliação social que irá orientar os posicionamentos de valor perante um determinado tema.

Acerca dessa ideia, Volóchinov (2017 [1929/1930]) comenta que

Não existe enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma *orientação avaliativa*. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa mas também avalia. Apenas um elemento abstrato, percebido no sistema da língua e não na estrutura do enunciado, aparece provado de avaliação. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 236, grifos do autor).

Todo enunciado é atravessado por valorações que podem ser pessoais ou de uma determinada classe social, como já comentamos. Isso ocorre, no contexto de classe social, pois não há como o sujeito não ser exposto a diferentes vozes, diferentes enunciados e, assim, diferentes valorações. Nesse contato, ou seja, nesse processo de interação verbal, seu enunciado, independente da vontade do sujeito e sua consciência, irá coincidir com a visão e com as opiniões de outros, ou seja, com as valorações da classe social a que pertence.

Dissertando sobre a questão da avaliação social, e que corrobora com os postulados dos outros autores do Círculo, Medviédev (2016 [1928]) explica existir diferentes tipos de avaliação social. Há aquelas que têm mais profundidade e são mais estáveis – as pertencentes à uma classe

social de uma época determinada – e há aquelas avaliações que têm relação mais direta com a vida social – a vida singular do sujeito – essas estão ligadas ao instante, à uma dada situação específica. Sendo assim, toda avaliação social, segundo o autor, engloba aquilo que é de uma época determinada junto do que é de um dia específico, produzindo um tom apreciativo acerca de algum tema. Por essa razão, segundo Bakhtin (2014 [1975], p. 46, grifos nossos), um enunciado “isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e *semântico-axiológico* (científico, artístico, político etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível.”.

Uma vez entendida, primeiramente, a relação da valoração com a ideologia e, posteriormente, da dimensão valorativa do enunciado, faz-nos necessário discutir acerca de, precisamente onde, a valoração irá aparecer no enunciado – na entonação expressiva. Volochínov (2013 [1925-1930], p. 174-175, grifos do autor) afirma que “a entonação é o condutor mais dúctil, mais sensível, das relações sociais existente entre os falantes em uma dada situação [...] é a *expressão sonora da avaliação social*.”. Sem ela, então, a valoração não pode ser expressa.

A entonação é peculiaridade do enunciado que dará cor a toda e qualquer palavra e apresenta a singularidade histórica desse. O caráter da expressão não é definido por um sistema lógico de sentidos, mas por toda a sua situação concreta, sócio-histórica, sua integridade e plenitude individual (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]). É na entonação expressiva que a avaliação social fica visível no enunciado.

Rodrigues, R. (2001) comenta que através da entonação

[...] o discurso se orienta para fora dos seus limites verbais e entra em contato com a vida sócio-ideológica. Ela se situa na fronteira da vida social e da parte verbal do enunciado, marcando a atitude valorativa (feliz, aflita, interrogativa, de admiração, de surpresa etc.) do falante frente ao objeto do seu discurso e frente aos enunciados dos outros participantes da comunicação discursiva (enunciados que "discutem" e avaliam o objeto e as reações-resposta do interlocutor vistas como enunciados possíveis). Pela entonação o falante se engaja socialmente e toma posição ativa em relação a certos valores. (RODRIGUES, R. 2001, p. 27).

Um determinado tema de um enunciado não irá se desenvolver através da utilização de palavras vazias, cruas, dicionarizadas, nem por qualquer movimento articulatório gramatical. É através da entonação expressiva que o tema de um enunciado passa a ter uma significação específica, no instante em que entra em contato com um conteúdo que se dá na fala viva, que tem relação com o social, em um contexto situado.

Fica a cada momento mais claro que é na entonação que a valoração tem sua expressão mais pura. Ela se situa nos limites do que é considerado verbal e do extraverbal. Mesmo sabendo que a realidade social determina o todo do enunciado, precisamos salientar que os enunciados não refletem de forma passiva essa realidade, mas a concluem, representando sua forma de avaliação (RODRIGUES, R. 2001).

O papel da entonação não é de proporcionar vínculos entre o enunciado e a situação social, mas o de desempenhar a função de situar o enunciado nos limites do que seria verbal e extraverbal. Segundo Acosta-Pereira (2012, p. 64, grifos nossos), a entonação, “como expressão da atitude valorativa do sujeito é, portanto, uma propriedade constitutiva do enunciado. Assim, a entonação pode ser entendida como a *materialização da avaliação social*”.

Para concluirmos a discussão acerca da valoração, trazemos uma afirmação de Volochínov (2013 [1925-1930]) acerca do tema. Para o autor, a valoração “se situa na fronteira entre a vida e a parte verbal da enunciação; parece bombear a energia de uma situação vital à palavra e atribui a tudo o que é linguisticamente estável uma dinamicidade histórica viva e uma unicidade irreparável” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925-1930], p. 86). Então, sem a existência de um horizonte valorativo não há como existir língua(gem). Para que a língua(gem) exista, ela deve ter sua criação, seu fundamento, nos limites dos valores que os sujeitos atribuem a tudo o que pode vir a ser o tema de um enunciado.

Abaixo, apresentamos uma síntese do tema abordado na seção a fim de uma melhor visualização realizada pelo leitor.

Quadro 16 – A valoração segundo Bakhtin e o Círculo

VALORAÇÃO	Ligada à ideologia – Ideologicamente constituída
	Formada no contexto social;
	É interindividual – atravessa as relações dos sujeitos – existência no mundo exterior;
	Está presente em cada palavra viva;
	Consiste em dois tipos: 1) mais profundas e estáveis – classe social e 2) da vida social singular – sujeito;
	Fica visível no enunciado por meio da entonação – expressão mais pura;
	Se situa na fronteira entre a vida e a parte verbal da enunciação;
	Atribui uma dinamicidade histórica viva e uma unicidade irreparável ao que é linguisticamente estável.

Fonte: O autor.

Na sequência, abordaremos o último conceito debatido por Bakhtin e o Círculo acerca da concepção da linguagem que se faz importante para o desenvolvimento desse trabalho – o

sujeito. Como todo discurso é produzido por sujeitos situados, participantes do evento único do ser e a presente pesquisa foca-se em analisar dialogicamente discursos, se faz necessária a abordagem do tema.

3.1.6 O sujeito

Refletir sobre sujeito, para Bakhtin e o Círculo, assim como todos os outros conceitos que foram abordados, é pensar em uma relação constante entre diversos fatores que compõem a vida social. Alguns deles se fazem presentes nesse referencial teórico – a linguagem, o discurso, o enunciado, entre outros. Assim como a linguagem é entendida pelo Círculo como um fenômeno enraizado no social, o sujeito também tem seu cerne no social.

Bakhtin e o Círculo entendem o sujeito como social e dialógico, sendo que ele é transpassado por outro conceito-chave: a exotopia – a qual pode ser referida nas obras como excedente de visão ou também como distanciamento do eu com o outro.

Segundo Bakhtin (2011 [1979]),

[q]uando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver [...]. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila de nossos olhos. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 21).

Podemos entender então que em todo instante em que o eu vê o outro, vê questões/pontos que o outro não consegue ver em si mesmo. A mesma ideia segue para com o outro, ou seja, quando ele vê o eu, ele enxerga questões/pontos que esse eu não consegue. Tudo o que o eu vivencia, o outro não vivencia e vice-versa, visto que os dois estão em amplitudes espaço-temporais diferentes, em situações entendidas como irrepetíveis e únicas.

Esse distanciamento entre o eu e o outro (numa relação de eu-para-mim, eu-para-o-outro, o-outro-para-mim) é o que Bakhtin (2011 [1979]) chama de excedente de visão – ou horizonte de distanciamento. É por meio desse horizonte de distanciamento, segundo o autor, que o sujeito irá se constituir, a partir da visão de um outro. A construção do sujeito se dá a partir do outro, da outridade.

O que podemos afirmar até então é que o sujeito é atravessado pela alteridade, conseqüentemente, por um excedente de visão também. Ele se constitui por meio da relação

intersubjetiva com o outro e sempre se situa em um horizonte concreto, vivenciável, o qual nunca irá coincidir com o horizonte concreto e vivenciável do outro.

Se tratando da questão alteridade, Geraldi (2010) a entende como uma contraposição entre o eu e o outro, sendo que esse processo só pode acontecer através da língua(gem), meio pelo qual a consciência dos sujeitos se constitui. Sobre isso Bakhtin (2011 [1979]), postula que

O indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio. A interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível. Os elementos da expressão [...]; neles se cruzam e se combinam duas consciências (a do eu e a do outro); aqui eu existo para o outro, com o auxílio do outro. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 394).

Geraldi (2010) comenta a noção de alteridade debatida por Bakhtin (2011 [1979]):

o processo social de produção da língua é sempre um processo que demanda alteridade. E essas “alteridades” não são sujeitos ou individualidades soltas no mundo, mas individualidades e subjetividades que se constroem no processo mesmo de uso da linguagem, no contexto de uma organização social e seus modos de relações, também essas historicamente mutáveis. (GERALDI, 2010, p. 78).

Todo o processo de interação social se dá, segundo o autor, por meio da relação de alteridade. No processo de enunciação, o sujeito passa a se construir por meio do seu discurso, dando importância ao discurso do outro da interação. Como existem uma diversidade gigantesca de situações diferentes no dia-a-dia, o sujeito constrói e reconstrói diferentes identidades de si, na completa relação com o outro.

Para Pires (2003),

A alteridade intervém sempre. A identidade é um movimento em direção ao outro, um reconhecimento de si pelo outro que tanto pode ser a sociedade como a cultura. E o elo de ligação é a linguagem. [...] O suporte do sujeito é um “nós”, pois ele não coincide jamais consigo mesmo, sendo inesgotável em sua significação. O ser humano não existe para si, senão na medida em que é para os outros. (PIRES, 2003 40-41).

Por meio do excedente de visão, conceito explanado acima, Bakhtin (2011 [1979]) marca outros pontos de extrema importância para entender o sujeito. Segundo o autor,

Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no

mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 21, grifo do autor).

Todo sujeito é singular, pois é compreendido como único e, também, é insubstituível, pois ele ocupa um lugar único no mundo, uma posição social única, através do horizonte aperceptível, isto é, a posição social que ocupa nas mais diversas relações de interação das quais se encontra. Isso acontece já que em determinado cronotopo, isto é, em um determinado tempo e espaço, o sujeito é o único a estar situado em uma interação social. Todos os outros sujeitos se encontram em uma relação de exotopia com ele, dado que estão em horizontes concretos e vivenciáveis não coincidentes.

De acordo com Bakhtin (2011 [1979], p. 22), “a contemplação estética e o ato ético não podem abstrair a singularidade concreta do lugar que o sujeito desse ato e da contemplação artística ocupa na existência.”. Ao se remeter ao ato ético, o autor se refere a singularidade do sujeito, ser um sujeito insubstituível, desse modo totalmente *responsável* pelo seu dizer. Então, para ser singular e insubstituível, para ser consciente e entrar em relação de intersubjetividade com o outro e constituir-se em uma relação exotópica, carece do sujeito não se abstrair da singularidade concreta, o lugar que ocupa.

Ainda sobre essa responsabilidade do sujeito, o autor afirma que

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um *ato singular responsável meu*; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir (BAKHTIN, 2012[1920-1924], p. 44, grifos nossos).

Bem como, no decorrer de suas obras e desenvolvimento de sua filosofia da língua(gem), o autor irá complementar os postulados anteriores, dizendo que

O excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera do *meu ativismo exclusivo*, isto é, um conjunto daquelas *ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro*, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim: tais ações *completam* o outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se. Essas ações podem ser infinitamente variadas em função da infinita diversidade de situações da vida em que eu e o outro nos encontramos num dado momento [...]. (BAKHTIN. 2011 [1979], p. 22-23, grifos nossos).

A relação exotópica do sujeito com o outro é uma relação responsável, em outras palavras, o sujeito não tem alibi para não dar uma resposta. Ressaltamos aqui que, segundo o Círculo, até o silêncio se configura como uma resposta responsiva. Acerca do não-alibi do sujeito, trazemos a voz de Bakhtin (2012 [1920-1924]).

Neste preciso ponto singular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de um existir único. E é ao redor deste ponto singular que se dispõe todo o existir singular de modo singular e irrepitível. Tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. A singularidade do existir presente é irrevogavelmente obrigatória [...]. este fato do *meu não-alibi* no existir [...], não é algo que eu aprendo e do qual tenho conhecimento, mas algo que eu *reconheço e afirmo de um modo singular e único*. (BAKHTIN, 2012 [1920-1924], p. 96, grifos do autor).

Além disso, a incompletude do sujeito diz respeito ao fato do sujeito precisar do outro para se constituir. Ele é sempre um sujeito a devir nas relações exotópicas. O excedente de visão estará em constante permanência produzindo novos acabamentos para a incompletude do sujeito, os quais ele não tem acesso por si só.

Holquist (1990), um debatedor das obras de Bakhtin e o Círculo, discute a noção de responsividade do sujeito. Para ele,

Nós somos responsáveis no sentido de que somos compelidos de responder [...] Cada um de nós ocupa um lugar na existência que é unicamente nosso; mas longe de ser um privilégio [...] a singularidade do lugar que eu ocupo na existência é, no profundo sentido da palavra uma responsividade [...] nós devemos continuar respondendo enquanto estivermos vivos.²⁷ (HOLQUIST 1990, p. 30).

Geraldi (2010, p. 85), indo de encontro aos pensamentos explorados, marca ainda que “a responsabilidade abarca, contém e implica necessariamente a alteridade perante a qual o ato responsável é uma resposta. Somos cada um com o outro na irrecusável continuidade da história.”

Bakhtin (2003 [1979]) afirma de maneira metafórica que

²⁷ “we are responsible in the sense that we are compelled to respond [...] Each one of us occupies a place in existence that is uniquely ours; but far from being a privilege [...] the uniqueness of the place I occupy in existence is, in the deepest sense of the word, an answerability [...] we must keep on forming responses as long as we are alive.”

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ele desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge o que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplando sem perder a originalidade deste. Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse lugar se descortina fora dele [...]. (BAKHTIN. 2003 [1979], p. 22-23).

Através dessa declaração metafórica, o autor almeja explicar que o sujeito, sendo considerado como a flor, só nasce na e da relação de excedente de visão com o seu outro, o broto. Para que esse sujeito se constitua no excedente de visão, carece dele a compreensão de sua singularidade e sua insubstituíbilidade. O sujeito precisa entrar em empatia com o outro, entender todos os atravessamentos avaliativos do mundo em que estão engajados e, em conclusão, constituí-lo com as questões que ele próprio, de seu lugar, não consegue ver. Compreendemos aqui a posição singular, única e distinta do sujeito social, sendo ela de natureza axiológica.

Todas essas posições de natureza axiológica, segundo Bakhtin (2011 [1979]), são sempre posições que ascendem a partir do horizonte aperceptivo, sendo assim, valorações – tema abordado anteriormente. O sujeito toma posição em relação ao outro, a todo momento, em termos valorativos, situando-se em um horizonte aperceptivo. Em outras palavras, a cada momento que o sujeito faz uso da língua(gem), num momento de interação social com o outro, ele faz a partir desse horizonte aperceptivo. Nas palavras de Bakhtin (2011 [1979]),

Todas as minhas reações volativo-emocionais, que apreendem e organizam a expressividade externa do outro – admiração, amor, ternura, piedade, inimizade, ódio, etc. -, estão orientadas para o mundo adiante de mim; não se aplicam diretamente a mim mesmo na forma em que eu me vivencio de dentro; eu organizo meu *eu* interior – que tem vontade, ama, sente, vê, e conhece – de dentro, em categorias de valores totalmente diferentes e que não se aplicam de modo imediato à minha expressividade externa. (BAKHTIN. 2003 [1979], p. 28, grifo do autor).

O autor ainda complementa com a afirmação de que entre o que o sujeito pensa e sua externalização, existe uma antecipação da reação responsiva do outro da interação social, uma “reação volativo-emocional” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 29), de maneira intersubjetiva, evidenciando que toda e qualquer posição de valor do eu em relação ao outro, ou do outro em relação ao eu, é atravessada por um *horizonte de expectativa* dos sujeitos.

Abaixo apresentamos um quadro expositivo acerca do conceito de sujeito debatido por Bakhtin e o Círculo, seus debatedores e explorado na presente seção.

Quadro 17 – O sujeito segundo Bakhtin e o Círculo

SUJEITO	Se constitui através da exotopia/excedente de visão;
	Constitui-se de maneira intersubjetiva com os outros sujeitos;
	É atravessado pela alteridade;
	Se relaciona com o outro a partir dos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidentes;
	É singular;
	É insubstituível;
	É incompleto;
É responsável pelo seu dizer.	

Fonte: o autor.

Finalizamos aqui, com a seção acerca da concepção de sujeito e podemos prosseguir com os aportes teóricos que dão alicerce para essa pesquisa. Para isso, nos debruçamos sobre os estudos da resistência e da militância na próxima seção.

4 OS JÁ-DITOS SOBRE RESISTÊNCIA E MILITÂNCIA

A resistência é [...] constitutiva dos sujeitos e dos sentidos; o sujeito resiste, o corpo resiste, o sentido se desestabiliza, desliza, torna-se outro. [...] Pela língua se faz resistência, por isso, pensar as línguas e a relação complexa de sua (co)existência [...] também, resistir. (GRIGOLETTO, NARDI & SILVA (org), 2020, p. 9).

[...] o militante é, em realidade, um soldado a serviço de sua lei; e será tanto melhor soldado quanto mais sua obediência decorrer de sua opção interior, de sua consciência e não de mecanismos reguladores (VALVERDE, 1986, p. 92).

Abrimos a nossa seção com discursos que nos levam a refletir acerca dos temas *resistência e militância*. A partir disso, podemos afirmar que no decorrer desse texto, abordamos os já-ditos (BAKHTIN, 2015 [1975]) sobre os termos, ou seja, um olhar para esses dois movimentos, como eles se configuram e como os estudos acadêmicos dialogam com e sobre essas questões sociais do sujeito.

Salientamos aqui que para poder realizar isso, utilizamos de um diálogo com outras áreas do saber científico e linguístico, como por exemplo, a AD – Análise do Discurso. Entretanto, declaramos que a tese não tem como base essas teorias, apenas trazemos os já-ditos (BAKHTIN, 2015 [1975]) sobre as questões da resistência e militância, entendendo que esses movimentos sociais são discutidos amplamente pelos estudos do discurso com base francesa.

Para adentrarmos em questões bibliográficas acerca do entendimento da resistência, chamamos ao debate autores como Althusser (1985), Pêcheux (2009a [1978]; 2009b [1978]), Foucault (2006 [1979]), bem como alguns comentadores como Orlandi (2012) e Soares (2015), entre outros.

De início, focamo-nos na questão da resistência. Segundo Soares (2015), resistir é um ato de possibilidades de se deslocar daquilo que se espera, ou seja, sair de uma forma pré-moldada, seja ela em qualquer contexto possível. Resistir é trazer novos sentidos às enunciações, se afastando das interpretações já existentes e esperadas em sociedade. Nas palavras da autora:

Resistência é, em termos discursivos, a possibilidade de, ao dizer outras palavras no lugar daquelas prováveis ou previsíveis, deslocar os sentidos esperados. É ressignificar rituais enunciativos, deslocando processos interpretativos já existentes, seja dizendo uma palavra por outra (na forma de um lapso, um equívoco), seja incorporando um *non-sens*, ou simplesmente não dizendo nada. Além disso, a resistência discursiva se dá também pela contradição: entre a sujeição ao poder e a luta contra o poder. (SOARES, 2015, p. 10).

A resistência, portanto, coexiste aos processos de interpelação de cada indivíduo social, sendo assim, pode ser considerada um dos elementos de fundação dos processos de interpelação.

Pensando dessa maneira, o sujeito do discurso não é meramente assujeitado num movimento de reprodução das relações com os discursos dominantes nas lutas de classe, mas se posiciona como sujeito ativo, podendo transformar essas relações e ainda resistir a esses discursos dominantes. Esses outros movimentos podem provocar deslizamentos e até mesmo causar rupturas com a formação discursiva a qual o sujeito participa (SOARES, 2015).

Conseguimos aqui traçar um paralelo com os postulados de Volóchinov (2017 [1929/1930]) acerca das questões da ideologia dominante e a ideologia do cotidiano. Essa luta incessante da resistência com o discurso dominante muito se assemelha às concepções das ideologias pensadas pelo Círculo.

A resistência pode ser considerada como um discurso da ideologia do cotidiano, pois não se limita em um sistema fechado e cristalizado, ela desempenha um caráter contrário a esse, a quebra dessa cristalização do discurso dominante – da ideologia dominante. São o que Volóchinov (2017 [1929/1930]) relata como discurso mais sensível e móvel às mudanças sociais. A resistência é a ideologia que “reflete e refrata a realidade social objetiva” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 151).

Já os discursos dominantes, os quais a resistência entra em luta constante, poderia ser visto como os sistemas ideológicos formalizados. Eles, segundo (VOLÓCHINOV 2017 [1929/1930]), constituem-se como produto de desenvolvimento social, passam por processos de enraizamento e produzem ideologias marcadas.

Trazendo ao foco do nosso trabalho – os discursos de e sobre sujeitos LGBTQIA+ num movimento de resistência e militância – discursivamente, o indivíduo se posiciona diante dos dizeres que podem desqualificá-lo, podem prejudicá-lo, enfim, podem apagá-lo socialmente e resistem a eles em um movimento de embate de discursos.

Pêcheux (1980) se propõe a analisar de maneira particular o que ele chama de categoria da contradição. Para o autor ela é constitutiva dos processos de subjetivação do sujeito. O autor nos apresenta uma visão de que é por meio dessa categoria que temos um movimento de *reprodução-transformação* – relação também explanada por Althusser (1985).

Entretanto, é em outro momento que Pêcheux aprofunda nessa questão, trazendo à tona o movimento de resistência no discurso. Segundo o autor, pensar a “interpelação ideológica como *ritual* supõe reconhecer que não há ritual sem falhas” (PÊCHEUX, 2009a [1978], p. 277, grifos do original). É a partir da referência ao ato falho, a um lapso que o autor supõe uma

“origem não-detectável da resistência e da revolta” (PÊCHEUX, 2009b [1978], p. 278). Em outras palavras, é na “contradição histórica motriz (um se divide em dois) e não em um mundo unificado pelo poder de um mestre” que podemos situar a resistência no discurso, uma vez que a discordância ideológica se faz presente de maneira pulsante nos movimentos de luta de classe social.

Ao ser interpelado por essa discordância das ideologias, o sujeito discursivo ocupa o seu lugar na teia discursiva e como um sujeito socialmente constituído que é, resiste. Ele resiste a discursos outros no processo de interpelação pelas ideologias, pois, para ser um sujeito discursivo e social, se faz necessário a ocupação de uma posição na cadeia ininterrupta dos discursos. Nesse processo de posicionamento, o sujeito produz discursos ora corroborando, ora resistindo a outros.

Acerca do assujeitamento, entendemos aqui que não significa um processo de submissão, mas é da ordem do político e do simbólico, sendo assim, da resistência. Esse movimento, então, depreende a resistência não como uma mera resposta à sujeição, mas como um elemento fundando desse processo.

Acerca dessas categorias supracitadas, Pêcheux (2009b [1978], p. 279-280), comenta sobre as relações entre “revolta e extorsão do sobre-trabalho”, e ratifica que elas não se confundem, mas se relacionam entre elas, isto é, “elas têm, politicamente, algo a ver uma com a outra”.

Para o autor, “não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 2009b [1978], p. 281), pois todo movimento social é suscetível a falhas, e é exatamente por ter falhas, por ter contradições na ordem das ideologias que podemos falar sobre dominar e resistir, entendendo que dominar-resistir coexistem, sem se confundirem. A resistência se configura como uma condição do movimento social, em resumo, nele há falhas, pois há resistência e se há falhas, há resistência – um jogo duplo.

Pêcheux (1990 [1982]), ao falar sobre as falhas dos processos sociais dominantes, afirma que,

[...] através dessas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma origem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o movimento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo da repetição (PÊCHEUX, 1990 [1982], p. 17).

Sendo assim, segundo Nardi & Nascimento (2016), todo posicionar-se, toda identificação do indivíduo como sujeito social, passa pelos caminhos da resistência,

[...] tanto a esse lugar como aos discursos outros que o atravessam, que contradizem os saberes dessa FD [formas discursivas] ou os negam, provocando rupturas. Desse mesmo modo, a tomada de posição do sujeito do discurso que o leva a se contraidentificar ou desidentificar também faz parte de um movimento de resistência, previsto no ritual (com falhas) e no trabalho de *reprodução (resistência-revolta-revolução) transformação* [...]. (NARDI & NASCIMENTO, 2016, p. 88).

De acordo com Pêcheux (2009b [1978], p. 280), nos processos de *reprodução-transformação*, está inserido também a tríade – *resistência-revolta-revolução* –, sendo essa de extrema necessidade para que se saia da mera reprodução e chegue aos campos da transformação. O percurso mostra-se de difícil execução, entretanto com possibilidades de acontecer: ao reproduzir sempre, o sujeito resiste, revolta-se e cria uma revolução que gerará uma transformação no ser desse sujeito.

Orlandi (2012) ratifica o que Pêcheux (2009b [1978]) no momento em que comenta que “nos processos discursivos há sempre ‘furos’, falhas, incompletudes, apagamentos e isto nos serve de indícios/ vestígios para compreender os pontos de resistência” (p. 213). A autora analisa a resistência por meio da individualização do sujeito pelo Estado, entendendo que algo nessa atividade falha, e “a falha é o lugar do possível” (ORLANDI, 2012, p. 230).

Segundo a autora, um movimento que pode ser considerado como resistência é que na falha, há uma abertura para a ruptura, fazendo com que haja condições e sentidos outros para o sujeito, isto é, a criação de sentidos no âmago do não-sentido, na falha.

Para Orlandi (2012),

[...] podemos considerar que a questão da resistência está, de um lado, vinculada à relação entre forma-sujeito-histórica (o sujeito de direito) individualização pelo Estado (sujeito responsável); de outro, pelo processo de identificação do sujeito individuado com a formação discursiva em sua vinculação ao interdiscurso (memória), que diz respeito ao lugar de rebeldia/resistência.

Fica perceptível que para a autora, é cabível de entendimento dois movimentos de resistência: primeiramente, na individualização pelo Estado, e posteriormente, identificação do sujeito com a formação discursiva.

Por último, em questão do discurso de resistência, trazemos uma visão foucaultiana. Segundo esse viés, na relação entre poder e resistência nunca teria uma exterioridade. Os dois,

poder e resistência, residem no mesmo campo de batalha. Não se trata de uma visão de dualidade, uma grande recusa apenas, mas sim de resistências múltiplas, plurais e heterogêneas. No social, onde existe poder, existe resistência, sendo assim, existe a possibilidade de luta – a noção de uma arena de luta.

Nas palavras de Foucault (2006 [1979]),

Esta resistência de que falo não é uma substância; ela não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela é coextensiva a ele e absolutamente contemporânea. (...) Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tao inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente [onde existe poder, existe resistência – não é uma tautologia]. Digo simplesmente: a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder; podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 2006 [1979], p. 229).

Esse fazer resistência, ser um sujeito que resiste e reinventar é no aqui e agora. Segundo Foucault (1995), a resistência não é uma promessa de futuro melhor, ela é ativa e socialmente presente. Historicamente, de acordo com o autor, articulam-se três formas principais de lutas por meio da resistência: i) diante das formas de dominação, seja ela religiosa, social, étnica, etc; ii) diante das formas de exploração que aparta o sujeito daquilo que é produzido por ele; e iii) diante das formas de sujeição, isto é, contra a submissão da subjetividade. Essa última citada, tem maior peso para o autor no contexto da atualidade, entendendo que

São lutas que questionam o estatuto do indivíduo: por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que toma os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo. (FOUCAULT, 1995, p. 234-235).

Para o autor, essas lutas não são movimentos que beneficiam ou desfavorecem o sujeito, mas são embates contra os dispositivos de poder que o enjaulam e fixam à sua própria identidade. Destarte, a resistência é compreendida como a luta capaz de acarretar formas novas de subjetividade, através da recusa das individualidades apresentadas e impostas historicamente. “A ideia não é descobrir quem somos, mas recusar quem somos e transformarmo-nos” (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Deleuze (1998) corrobora com os postulados de Foucault (1995) e acrescenta que a resistência é uma constante luta com duas principais formas de sujeição:

Uma que consiste em nos individualizar de acordo com as exigências de poder, outra que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas. A luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose (DELEUZE, 1998, p. 113).

Conseguimos evidenciar que em uma visão foucaultiana, a resistência está ligada aos processos de subjetivação. Para Foucault (1995), então, resistir é não se sujeitar, não se emoldurar em um caráter de sujeito previsto historicamente por um discurso dominante e abrir-se para novas maneiras de ser sujeito e de pertencer ao mundo social.

Nesse ínterim, compreendemos que resistir significa, ainda, insistir, persistir e existir. Nesses movimentos todos, a resistência ainda pode ser vista como re-existir, ou seja, existir de maneiras novas e outras. No próprio dicionário - *Novíssimo Dicionário Latino Português* (1993) –, mostra que no verbete resistência – do latim *resistere*, sua raiz – *sistere* – também se encontra nas palavras insistência, persistência e existência.

Realizadas essas considerações sobre a questão da resistência, podemos prosseguir nossos estudos e nos adentrarmos no outro ponto de discussão: a militância. Assim, como a resistência, esse segundo termo apresenta certa problemática quanto a sua definição, causando assim um impasse ao conceituar.

A fim de buscarmos bibliografias que ajudassem na construção do entendimento da questão da militância, voltamo-nos para a sociologia do engajamento militante (SALES, FONTES & YASUI, 2018). Para isso, chamamos ao debate autores como Sawicki e Simeant (2011), os quais pontuam que a dificuldade em se definir o termo dentro de um campo de estudo está ligada a alguns fatores: i) ao aprimoramento e metodologias de estudo diversificadas que trabalhem com a ideia e como a questão da militância está engajada no fazer viver dos sujeitos; ii) ao contínuo trabalho de análise e investigação sobre as diferentes retribuições para os sujeitos vindos de engajamentos de militância e iii) uma exposição de uma observação atenta da relações entre as transformações macrossociais e a constituição e organização da militância.

Sabendo disso, os autores começam por esclarecer o que seria primeiramente esse “engajamento militante”. Para eles, isso seria "toda forma de participação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa" (SAWICKI & SIMEANT, 2011, p. 201). Posteriormente, os autores apresentam o que compreendem com militância em si: qualificam-na como uma forma adjetiva que traz características de um movimento social coletivo de sujeitos por uma determinada causa.

Fica então exposto aqui a nossa compreensão de que militância como o exposto acima: uma relação de participação ativa por sujeito socialmente enraizados em movimentos de

defesa/luta por determinadas causas. Podendo haver a criação de grupos a partir de interesses coletivos. Em nosso trabalho, nosso foco está na militância, por meio da resistência também, dos sujeitos LGBTQIA+ por seu viver, seus direitos, entre outras causas.

Quando trazemos a imagem de um sujeito que milita, segundo (SALES, FONTES & YASUI, 2018), a ideia é sempre a de um sujeito com falar firmes, objetivas quanto a seu propósito, disposto a se sacrificar por sua causa. A ideia reverberada nessa figura de sujeito é a de um mártir que se dispõe a morrer segundo suas causas.

Oliveira et al. (2009) abrange essa questão, afirmando que

Quando evocamos a imagem de um militante, quem facilmente nos vem ao pensamento é alguém de fala firme e disposto ao sacrifício por uma causa. Frequentemente visto em manifestações, em cima de um caixote, aos berros, ou em um palanque empunhando um megafone, ou mesmo distribuindo panfletos com dizeres que se destinem a subverter algo. Algo este que encontra em sua voz um grito que capta as supersonias abafadas das gargantas de multidões que, sem saber onde gritar, "engolem", no cotidiano, as dores resignadas de tudo aquilo que, em nome da sobrevivência, foi-lhes enfiado goela abaixo. Este militante é dos poucos que reconhece uma dor que põe em risco o que estava ali vivo, embora frágil e anestesiado. Vemos que, frequentemente, é posto em cena um militante/mártir disposto até mesmo a morrer em nome de seus ideais. Para este militante, a bandeira que carrega confunde-se com o que ele acredita ser e, muitas vezes, não vê que a bandeira que tanto ostenta acabou sendo, aos poucos, 'transplantada' para a sua córnea. Então, para onde ele mira o olhar, só vê a bandeira e, por isso, deixa de enxergar o que se põe diante de seus olhos. (OLIVEIRA *et al*, 2009, p. 524).

Para Canguilhem (2014), essa ideia supracitada pode ser entendida da seguinte maneira: assim que alguém almeja buscar como a vida deveria acontecer, buscando uma razão de se viver, também encontra na trajetória razões para perder a vida. Diante disso, conseguimos inferir que a militância tem o poder de produzir uma maneira determinada de comportamento dos sujeitos nas atividades sociais, marcada por luta, força e vigor, e, também, pela posição de sacrifício de suas necessidades pessoais em defesa daquilo que é de todos, do social.

Trazemos ainda uma fala de Ernesto Che Guevara, um revolucionário marxista, autor, guerrilheiro e teórico militar, para tratar do sujeito militante. Segundo Guevara (2010), o militante seria

[...] um orientador que plasma em diretivas concretas os desejos por vezes obscuros das massas; um trabalhador incansável que tudo entrega a seu povo, um trabalhador sofrido que entrega suas horas de descanso, sua tranquilidade pessoal, sua família ou sua vida à revolução. (GUEVARA, 2010, p. 129).

A militância é cabível de entendimento como uma força de ação em sociedade, um agir para frente, a ação de mudança de um estado estanque e regulador. Ao tomar posição militante, o sujeito se propõe a sair de uma imposição social e busca o novo, o diferente.

Adentrando ao campo discursivo, notamos marcas da militância. O discurso militante pode ser caracterizado como aquele que tem o objetivo de evidenciar de maneira precisa tudo aquilo que os sujeitos militantes almejam concretizar, isto é, seus ideais e movimentos de lutas. No discurso, o sujeito encontra um caminho para a tentativa da concretização daquilo que ele anseia diariamente.

De acordo com Bocchi (2016, p. 311), “a construção discursiva do sujeito militante se dá por meio de processos ideológicos que se inscrevem na materialidade linguística”, isto é, toda a forma de militar por meio dos discursos é atravessado por ideologias. Tomar a palavra como fundamento de suas lutas é uma forma de militância, pois essa joga com sentidos (BOCCHI, 2016), produz rupturas e deslizamentos nas lacunas das ideologias dominantes, criando novas ideologias, ou seja, novas lutas.

Um ponto interessante e de importância para marcarmos nesse momento quanto a militância é o movimento intitulado *cibermilitância*. Devido ao crescimento das conexões via rede virtual e seu fácil acesso, a sociedade em geral tem a possibilidade de transpor seus costumes, criar novos e se perceber em outros que nunca imaginou que existiriam. Com isso, a criação de um novo social coletivo, mas virtual, foi possível e os sujeitos que estavam distantes fisicamente entram em contato com movimentos ideológicos de outros. A noção de grupo social que luta por uma causa em comum é transpassada para os meios virtuais e esses grupos formam-se de pessoas distantes fisicamente ou não.

Acerca da internet como papel significativo para com o desenvolvimento e sustentação desses novos grupos sociais organizados, Rigitano (2003) afirma que

É possível ser dito que a Internet se constitui uma ferramenta imprescindível para as lutas sociais contemporâneas, já que facilita as atividades (em termos de tempo e custo), pode unir e mobilizar pessoas e entidades de diferentes localidades em prol de uma causa local ou transnacional, bem como quebrar o monopólio da emissão e divulgar informações “alternativas” sobre qualquer assunto (RIGITANO, 2003, p. 2, grifos do autor).

A *cibermilitância* pode ser considerada então como ações realizadas por grupos sociais a partir da utilização de conexões virtuais – *internet* –, utilizando ferramentas disponíveis, com as quais consigam orquestrar todo o engajamento de suas causas. Nessa relação do grupo, independe a quantidade de pessoas interagindo, desde que seja em prol de um objetivo coletivo,

ou seja, “a força para atingir os objetivos aqui, independe de grandes quantidades, mas sim, dos trabalhos através das informações - subsídios para o nascimento, desenvolvimento e crescimento dos menores grupos e suas visões” (PONTES, 2011, p. 14-15).

Essa questão se faz importante para a nossa pesquisa, visto que todo o movimento de resistência e militância aqui observado está presente dentro da rede virtual – a *internet* –, seja em portais de jornais ou as páginas na rede social *Facebook* desses jornais.

Acerca desse quesito ainda, precisamos mencionar a preocupação da academia. A maior crítica realizada sobre a *cibermilitância* diz respeito ao receio de se tornar algo efêmero, de pouca duração, sendo ele um movimento frágil.

Segundo Masse (2010), o perigo está no desligamento com o mundo real, isto é, a permanência da ação permanecer em apenas um território virtual. Essa desconexão entre os dois mundos enfraqueceria a relação de influência das manifestações militantes, as quais necessitam de existência no mundo real para serem instrumentos concretos e eficazes. Perante esse exposto, fica claro que a ideia é de que a *cibermilitância* deve caminhar em prol dos movimentos sociais do mundo real.

Para o autor,

A *cibermilitância* deve acompanhar a militância real. É um complemento necessário, mas não um fim em si, porque a *cibermilitância* sozinha pode facilmente desembocar na não-militância. Além disso, a Internet é uma mercadoria que não é ainda acessível a todos. Então, deparamo-nos com uma contradição dialética – este último conceito tendo aqui o sentido de movimento da realidade. A *cibermilitância*, ou militância virtual, reforça a militância real, podendo fazer que esta seja possível [...] (MASSE, 2010, p. 15).

Feitas essas considerações, marcamos aqui que buscamos ainda a definição no dicionário do verbete militância também, para fechamento dessa discussão. O documento menciona que militância é a “prática da pessoa que defende uma causa, busca a transformação da sociedade através da ação: militância política, social, estudantil. Característica da pessoa militante, de quem milita, defende uma causa.” (MICHAELIS, 2009, p. 537)

Para fechamento dessa seção, buscando apresentar um quadro expositivo acerca dos pontos elencados como principais na discussão da resistência e da militância. Segue abaixo o quadro:

Quadro 18 - Síntese da discussão sobre resistência e militância

RESISTÊNCIA	Ato de possibilidades de se deslocar daquilo que se espera, ou seja, sair de uma forma pré-moldada, seja ela em qualquer contexto possível.
	Resistir é trazer novos sentidos as enunciações, se afastando das interpretações já existentes e esperadas.
	É a partir da referência ao ato falho, a um lapso que se supõe a “origem não-detectável da resistência e da revolta” (PÊCHEUX, 2009b [1978], p. 278).
	“Não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 2009b [1978], p. 281), pois todo movimento social é suscetível a falhas, e é exatamente por ter falhas, por ter contradições as ordens das ideologias que podemos falar sobre dominar e resistir, entendendo que dominar-resistir coexistem, sem se confundirem.
	Condição do movimento social, em resumo, nele há falhas, pois há resistência e se há falhas, há resistência – um jogo duplo.
	Está ligada aos processos de subjetivação. Resistir é não se sujeitar, não se emoldurar em um caráter de sujeito previsto historicamente por um discurso dominante e abrir-se para novas maneiras de ser sujeito e de pertencer ao mundo social.
MILITÂNCIA	"Toda forma de participação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa" (SAWICKI & SIMEANT, 2011, p. 201)
	Forma adjetiva que traz características de um movimento social coletivo de sujeitos por uma determinada causa.
	Relação de participação ativa por sujeito socialmente enraizados em movimentos de defesa/luta por determinadas causa. Podendo haver a criação de grupos e associações a partir de interesses coletivos.
	<i>Sujeito militante</i> - sujeito com falar firmes, claras quanto a seu propósito, disposto a se sacrificar por sua causa. A ideia reverberada nessa figura de sujeito é a de um mártir que se dispõe a morrer segundo suas causas.
	Tem o poder de produzir uma maneira determinada de comportamento dos sujeitos nas atividades sociais, marcada por luta, força e vigor, e, também, pela posição de sacrifício de suas necessidades pessoais em defesa daquilo que é de todos, do social.
	Força de ação em sociedade, um agir para frente, a ação de mudança de um estado estancado e regulador. Ao tomar posição militante, o sujeito se propõe a sair de uma imposição social e busca o novo, o diferente.
	“A construção discursiva do sujeito militante se dá por meio de processos ideológicos que se inscrevem na materialidade linguística” (BOCCHI, 2016, p. 311).
	<i>Cibermilitância</i> - ações realizadas por grupos sociais a partir da utilização de conexões virtuais – <i>internet</i> –, fazendo uso de ferramentas disponíveis, com as quais consigam orquestrar todo o engajamento de suas causas.

Fonte: o autor

Nesse momento finalizamos o capítulo em que discutimos as ancoragens epistemológicas e teórico-metodológicas assumidas na presente pesquisa. Prosseguindo com o trabalho, apresentamos uma discussão acerca da Linguística Queer, desde seu surgimento por meio dos caminhos da Teoria Queer e se enraizando na Linguística Aplicada.

5 OS DISCURSOS JÁ DITOS SOBRE PESQUISAS QUEER NO BRASIL

Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2008, p. 7-8).

A termo *queer* – que poderia ter a tradução como *esquisito/estranho* – teve sua criação por grupos homofóbicos que tentavam difamar e atacar grupo de pessoas que se entendiam como LGBTQIA+. Essas pessoas eram “esquisitas/estranhas”, pois não se encaixavam no modelo heteronormativo, dito como padrão para a sociedade. Posteriormente, entretanto, esse termo de ofensa foi apropriado por pessoas atacadas e atribuído um novo significado. Para elas, *queer* não significava mais um insulto e/ou um defeito, mas uma palavra que representava a diferença e luta contra a imposição das identidades de gênero (SPARGO, 1999).

Segundo Butler (1997), levados por essa contestação das injúrias, houve uma ressignificação também no campo da ciência, isto é, estudos que eram intitulados como Estudos Gays e Lésbicos passam a ser denominados estudos *queers*. Sendo assim, a palavra *queer* passa a ter dois fortes novos significados: (1) refere-se aos grupos de gays, lésbicas e transgêneros de modo abrangente; (2) refere-se à área de estudos sobre esses grupos. (BORBA, 2015 [2006]).

Interessante destacarmos o que Bakhtin e o Círculo falam sobre signo ideológico. A palavra, sendo um signo ideológico por excelência, produz, reflete e refrata a realidade e seus significados (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]). No contexto em exposição a palavra *queer* tem significados díspares dependendo dos interlocutores que fazem uso dela: ora num sentido ideológico pejorativo, ora um significado de luta, de resistência, enfim, de militância.

Teresa de Lauretis foi quem cunhou o nome *Teoria Queer* em uma conferência realizada na Universidade da Califórnia. Segundo a autora, os estudos que se voltavam as pessoas e questões *queer* partem da

[...] premissa especulativa de que a homossexualidade não deve continuar a ser vista como algo marginal em relação a uma forma dominante e estável da sexualidade (a heterossexualidade) contra a qual seria definida ou por oposição ou desviante vis-à-vis uma sexualidade correta e natural (i.e. a sexualidade institucionalizada reprodutiva) [...]. (DE LAURETIS, 1991, p. IV).

A teoria *queer* traz à luz e à discussão acadêmica as sexualidades diversas, aquelas que não são a heterossexual, constituída como socialmente dominante. Para Louro (2008, p. 31), a teoria *queer* está focada nas críticas que “voltam-se contra a heterossexualização da sociedade”.

Essa teoria acarreta então um prisma novo e libertador de estudo. Pesquisadores que discutem a noção de sexualidade nas ciências humanas (LOURO, 2001; FOUCAULT, 2003, BUTLER, 2003, entre outros) vêm questionando as perspectivas de cunho tradicional por meio dessa teoria, isto é, há um novo olhar acerca das categorias sexuais, que por muito tempo eram estanques e hegemônicas – a dualidade homem/mulher – e que serviam de apagamento das identidades de sujeitos que essas não contemplavam.

Para Louro (2001, p. 546), “*queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier [...]. *Queer* representa a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (p. 546). Nesse interim, estar sob uma perspectiva *queer* significa olhar criticamente os discursos acerca da sexualidade que ora tratam como normal uns, ora trata como marginal/diferente/esquisito outros.

Os teóricos *queers* afirmam, diante das críticas à heteronormatividade estabelecida em sociedade, ser “fundamental uma mudança efetiva que desestabilize e destrua a lógica binária de gênero e seus efeitos controladores: a exclusão, a hierarquia, a classificação, a dominação, a segregação” (BORBA, 2015 [2006], p. 98). A teoria *queer*, a fim de desenvolver determinada mudança, tem como aporte teórico-metodológico a desconstrução e a refutação para a análise e crítica social e cultural.

Outro ponto importante da teoria é destacado por Barrett (2020, p. 49) em um de seus escritos. Para o autor essa teoria vai muito além do que a tentativa de entender como pessoas ditas como diferentes do que socialmente é tido como normal agem, falam, enfim, se comportam. É olhar para o agir humano na tentativa de levantar questionamentos acerca das “premissas teóricas excludentes”.

Em suma, a teoria *queer* foi concebida por estudiosos e grupos sociais que viviam à margem da banalização e do desprezo, ou seja, aquelas pessoas que eram desprivilegiadas em relação às normatizações e classificações de gênero e sexo presentes na sociedade. Através da introdução da palavra *queer*, outras formas de se entender se tornaram possíveis, bem como as identidades adquiriram uma posição de contestação aos padrões estabelecidos. Essa teoria, então, traz novas identidades, novas posições, novas vozes ao palco da sociedade.

Diversas áreas do conhecimento já aderiram a essa nova, e poderíamos dizer recente, perspectiva, visto que ela, a cada estudo, a cada publicação, se mostra mais eficiente no pensar sobre o sujeito e sobre a sociedade. Uma das áreas que trabalha com a teoria *queer*, é a linguística.

A fim de deixar claro o que é linguística *queer*, empreendemos um caminho explicativo na seção abaixo. Para isso, discutimos, de forma breve, a constituição dessa área de pesquisa,

apresentando discussões acerca da criação, bem como seu aporte teórico-metodológico e seu objetivo como ciência e como ela se consolidou no Brasil. Posteriormente apresentamos, em uma última seção, um mapeamento de pesquisas dentro dessa área no Brasil, a fim de observar como se apresenta no território brasileiro.

5.1 AFINAL O QUE É PESQUISA *QUEER* EM LINGUÍSTICA APLICADA?

[...] não se pode dizer que a linguística *queer* seja o estudo de uma categoria pré-definida e bem delimitada, como gays e lésbicas. A empreitada é muito mais pretensiosa. Quer-se, ao cravejar os estudos linguísticos com ideais *queer*, criar inteligibilidades sobre como construímos, negociamos e estruturamos nossas identidades dentro de sociedades heteronormativas que impõem determinadas maneiras de ser *aprioristicamente*. (BORBA, 2016 [2005]).

A linguística *queer*²⁸ teve sua criação na publicação de Livia e Hall (1997) intitulada *Queerly phrased: language, gender, and sexuality*, uma obra que reunia artigos com a proposta de discutir acerca da construção discursiva das identidades sexuais por meio da ideia de performance – ideia que segundo as autoras é de extrema importância para o campo da linguagem. A LQ foca-se na noção de performance sob a ótica da ideologia, da prática e da identidade, conceitos esses que poderiam servir de aporte para situar a produção discursiva sobre a sexualidade dos sujeitos. A identidade de um sujeito, nesse viés, nunca é individual, intrínseca e proposital. (BORBA, 2015 [2006]).

Barrett (2020, p. 50) menciona que há um comum entendimento de que a LQ é a forma de estudo da utilização da linguagem por grupos *queer* específicos, por exemplo a linguagem utilizada por lésbicas, travestis e gays. Entretanto, essa ideia é errônea. O objetivo da LQ não é o estudo do uso da linguagem por grupos determinados e fechados, mas sim uma linguística que não reconhece categorias identitárias com entidades *a priori*, mas que as entende como “constructos ideológicos produzidos por discursos sociais”. O autor ainda ratifica que

a LQ tem o potencial de contribuir para o nosso entendimento sobre o uso da língua em termos gerais (o objeto específico da linguística) e sua aplicação não pode se limitar a categoria identitária específica. Aliás, tal atitude seria contrária a muitas das ideias fundamentais da teoria *queer*. Um dos pontos principais é demonstrar como as ideias (heteronormativas) sobre categorias identitárias fixas são parte de um discurso social de dominação mais amplo. Se o foco da LQ estivesse em tais categorias predeterminadas, ela estaria simplesmente reforçando essa dominação. (BARRET, 2020, p. 50-51).

²⁸ A partir desse momento, linguística *queer* será mencionada pela sigla LQ.

Na LQ, as identidades sexuais dos sujeitos são efeitos de práticas sociais e culturais, sendo que aquelas só podem ser estudadas mediante uma pesquisa com densa descrição, que analise as performances dos sujeitos engendrados em sociedade, sejam essas discursivas e/ou corporais/físicas.

Para Borba (2015 [2006], p. 99-100), a LQ

[...] requer que examinemos como falantes administram ideologias locais sobre as posições identitárias disponíveis na produção de suas identidades sexuais. O objetivo principal da LQ é investigar como indivíduos considerados não-normativos negociam suas identidades dentro dos constrangimentos discursivos da heteronormatividade ao repeti-la ou desafiá-la em suas performances linguísticas.

A LQ volta seu interesse de pesquisa e investigação para as identidades, as práticas sexualizadas e para a ideologia imbricada a essas. Todos esses fatores mencionados devem ser analisados/estudados entendendo que são emergidos de práticas socioculturais em determinados contextos específicos de interação. O estudo, então, foca-se no comportamento humano, possibilitando a compreensão de como as sexualidades múltiplas são construídas, estruturadas e controladas dentro de movimentos heteronormativos, os quais são construções materializadas discursivamente de maneira repetitiva e incessante (BORBA, 2015 [2006]).

Para Bucholtz e Hall (2004), a sexualidade dentro da LQ pode ser compreendida como “um conjunto de sistemas de ideologias, práticas e identidades mutuamente constituídas que dão significados sóciopolíticos aos corpos como lugares erotizados e/ou reprodutivos” (p. 470). Por meio dessa explicação das autoras, entendemos que as sexualidades na LQ ganham vida por meio de práticas sociais, por meio do contato social, em sociedade, onde orbita todo cunho ideológico.

Essa ideia supracitada acerca da sexualidade traz marcas do que a teoria *queer* fala, pois para os estudiosos *queer* a sexualidade nunca é pré-formada, isto é, pronta e acabada, mas ela é sempre performada (Pennycook, 2004) em diversos contextos diferentes por meio de práticas sociais.

Melo (2020) nos apresenta algumas considerações acerca do fazer pesquisa na LQ. Para o autor, essa área pode ser enquadrada como uma perspectiva crítica dos estudos voltados à linguagem, pois, em suas pesquisas, empenha-se em utilizar teorias das ciências sociais – em alguns casos reestruturando-as – explicando a relação mantida com a linguística e criando estratégias pedagógicas para o *empoderamento social* e a conscientização dos sujeitos. Em outras palavras, uma ciência que seja além de teórica, totalmente aplicável em contextos sociais.

Nesse sentido, o autor apresenta seis princípios que norteiam o fazer pesquisa em LQ: O primeiro princípio é intitulado de *Ímpeto crítico*. A LQ não se foca apenas nos elementos linguísticos. Seus objetivos de análise buscam evidenciar conexões e causas mascaradas nos objetos que constroem e desconstroem práticas entendidas como dominantes de poder sobre vidas, muitas vezes, compreendidas como inviáveis, posto que “as estruturas hegemônicas e seus discursos estabilizam as convenções sociais e as convertem em algo natural, fazendo com que as mais várias práticas ideológicas sejam, muitas vezes, tidas como inquestionáveis” (MELO, 2020, p. 185). A LQ, assim, desempenha o papel de descortinar as práticas de uso da linguagem, a fim de que o sujeito entenda as influências desse uso nos contextos sociais.

O segundo princípio, segundo o autor, pode ser chamado de *explicitude político-ideológica*. A LQ empenha-se em entender o desenvolvimento científico como um conjunto de práticas que está engendrado a elementos extracientíficos, como as posições ideológicas e os efeitos sociais da sua investigação. Os linguistas *queer* devem, diante de suas pesquisas, adotar uma posição política, isto é, a prática de fazer pesquisa na área deve ser entendida pelo pesquisador como um projeto de intervenção que aproxime de alguma maneira o saber científico com a sociedade, acarretando em mudanças favoráveis àqueles sujeitos em situações de vulnerabilidade. A LQ “recusa o mito da isenção científica e, agindo assim, diferentemente de outros saberes, não nega, mas explicitamente define e defende seu próprio posicionamento político. Isto é, a LQ não é neutra – e tem orgulho disso” (MELO, 2020, p. 186).

A *interdisciplinaridade* é o terceiro princípio. A LQ entende que transgredir os limites entre disciplinas é um pressuposto básico para se analisar problemas sociais materializados em forma de discursos. Sendo um dos intuitos a busca por movimentos transformadores sociais, a LQ vive uma constante relação dialógica com outras teorias e disciplinas. Para Moita Lopes (2006), essas relações dialógicas não são interdisciplinares, tão pouco transdisciplinares, mas sim indisciplinadas.

A LQ, segundo Bucholtz e Hall (2004), busca em disciplinas diversas, como na antropologia, na sociolinguística, na antropologia linguística e na análise do discurso, subsídios teórico-metodológicos para realizar suas pesquisas. Em suma, entendemos a ligação da LQ com essas outras disciplinas, pois todas compreendem que a linguagem tem grande papel nas relações e constituição dos sujeitos.

Sobre esse engajamento da LQ e as áreas supracitadas, as autoras mencionam três aspectos relevantes quanto ao tratamento da linguagem, são eles. (i) todas as áreas compreendem a linguagem como engrenagem por onde a ideologia circula; (ii) é tida como

palco sobre o qual as práticas sociais acontecem; e (iii) as identidades dos sujeitos são construídas por meio dela (BUCHOLTZ E HALL, 2004, p. 492).

Seguindo a ideia da relação das disciplinas que estudam a linguagem com a LQ, Borba (2015 [2006]) apresenta considerações acerca do caráter das investigações dentro dessa área. Para o autor,

[...] as investigações linguísticas com um viés *queer* devem [...] salientar os atravessamentos identitários que constituem as sexualidades localmente construídas. [...] ao analisarmos as práticas discursivas nas quais os indivíduos engajam-se podemos estudar a construção discursiva de um imenso leque identitário que, em suas performances corporais e linguísticas, escapam as dicotomias homem/mulher, hetero/homo. Conquanto, é crucial observar que embora à primeira vista essas identidades pareçam escapar do binarismo, elas podem ser por ele moldadas. (BORBA, 2015 [2006], p. 101).

Como quarto princípio, Melo (2020) menciona a *aplicabilidade*. O autor afirma que as pesquisas em LQ não são desenvolvidas para ficarem presas em estantes de bibliotecas ou apenas para satisfazer o pesquisador que a produziu. Sendo ela de cunho social, deve promover mudanças sociais na vida dos sujeitos, desempenhando o papel de prática real para atender questões sociais imanentes e propulsoras de transformações na maneira de ser dos sujeitos diversos. A pesquisa deve se revestir de um caráter aplicativo e colaborativo, entendendo que ela é feita *sobre* sujeitos, mas também *para* e *com* os sujeitos.

Acessibilidade é o quinto princípio levantado por Melo (2020). Qualquer trabalho desenvolvido dentro da LQ deve ser de fácil entendimento para os sujeitos, a fim de haver uma socialização e um ensino sobre o tema escolhido. Melo (2020) comenta que “o obscurantismo promove a imitação cega em vez do discernimento”, ou seja, caso fiquemos num desenvolvimento de pesquisa em um caráter de um estilo hermenêutico, de nada se tirará valor, pois a aplicabilidade da pesquisa em sociedade será perdida.

O sexto, e último, princípio destaca-se pelo nome *empoderamento social*. Sobre esse ponto o autor destaca que

em face dos esforços para que pesquisas sejam aplicáveis e acessíveis, alguns questionamentos da LQ revelam a necessidade de que as investigações sirvam para aumentar a consciência de como a linguagem contribui para a dominação de algumas pessoas sobre outras, entendendo a tomada de consciência como o primeiro passo para a emancipação dos indivíduos. A LQ funciona, desse modo, como ferramental de empoderamento social. A LQ vê-se como um selo de pesquisa politicamente envolvida com uma exigência emancipatória. Ela procura ter um efeito na prática e nas relações sociais. (MELO, 2020, p. 189)

Para Borba (2015 [2006]), *queerificar* os estudos linguísticos pode ser entendido como a produção de visões diversas acerca dos sujeitos *queer* e como esses utilizam da língua(gem) para produzir discursos sobre si e sobre o outro, a fim de se constituir dentro das limitações heteronormativas que trazem imposições tidas como naturais de posições de sujeitos. Esse processo de *queerificar* os aspectos dos estudos da/sobre a linguagem torna-se relevante, pois por muito tempo os sujeitos das pesquisas eram brancos, de classe média e heterossexuais, entendendo assim que todo falante fosse assim e que os discursos construídos por esses fossem únicos. É só com o estudo voltado às pessoas *queer*, que a linguística conseguirá compreender melhor como o uso da linguagem é fundacional na constituição e construção das identidades desses (MOITA LOPES, 2002).

Em suma, sobre a importância desse processo, trazemos as palavras de Borba (2015 [2006] p. 102). Para o autor, a *queerificação* da linguística é “*par excellence* uma ação epistemológica pós-estruturalista que desconstrói visões monolíticas das ligações entre identidade e uso de língua se mostrando como uma bela esperança para aqueles/as que (ainda) estão à margem da sociedade e da academia”.

Realizada essa explanação acerca do que entendemos como realizar pesquisa dentro da área da Linguística *Queer*, passamos a apresentar um panorama das pesquisas em LQ no contexto nacional. Para a exposição desse mapeamento, utilizamos dos dois principais bancos de dados que publicam teses e dissertações no Brasil: (i) o *Banco de Teses da Capes* e (ii) a *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações*, como também dois bancos de dados referentes a artigos, livros e capítulos de livros: (iii) o *Periódicos da CAPES* e (iv) o *SciElo*.

Optamos pelos bancos de dados listados acima em vista de alguns critérios: a) que publicassem trabalhos produzidos em nível de pós-graduação – *stricto sensu* – em todo o Brasil, isto é, a busca foi realizada a fim de encontrar teses e dissertações no âmbito nacional. Para isso, utilizamos das duas primeiras plataformas supracitadas – a *BDTD* e o *Banco de Teses e Dissertações da Capes* – e b) sites que reunissem artigos, periódicos, livros e capítulos de livros no Brasil. Entendemos que existem pesquisas realizadas em outros países que se voltam a LQ, entretanto, a fim de realizar um recorte quanto a produção brasileira da área, não tomamos esses dados em nota.

Definidas as plataformas, focamos em determinar os termos que serviriam para a realização da pesquisa. Os termos definidos para a pesquisa foram: “Linguística queer”, “queer”, “dialogismo”, “Bakhtin” e “discurso LGBT”. Os termos destacados foram pesquisados em todas as plataformas mencionadas acima, ora sozinhos, como no caso da linguística queer, ora juntos, ao acrescentar termos que se direcionam ao constructo bakhtiniano.

A pesquisa, primeiramente, aconteceu com os termos soltos, entretanto muitos trabalhos de outras áreas apareceram. Um exemplo claro que podemos citar é o uso do termo linguística queer: os sites buscaram todos os trabalhos que fossem relacionados a essa área, mas também a área da Linguística em geral e também trabalhos de outras áreas que focam o queer, configurando um aparecimento de mais de cem mil pesquisas. Por esse motivo, decidimos trabalhar apenas com os termos dentro de aspas, a fim de alcançar uma delimitação maior.

Vale mencionarmos aqui que a exposição dos resultados das pesquisas feitas está presente no Apêndice da pesquisa e organiza-se segundo os seguintes pontos: a) *tipo de trabalho*, isto é, tese/dissertação/artigo/livro; b) *título*; c) *autoria*; d) *instituição* e, por fim, e) *ano de publicação*, na ordem dos bancos de dados supracitados.

*Banco de Teses e Dissertações da Capes*²⁹

Criado em 2020, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, o banco de teses e dissertações busca reunir e compartilhar os trabalhos desenvolvidos em curso de pós-graduação a fim de disseminar o acesso às informações e conhecimento científico. Diante desse panorama, o banco se configura apto para as nossas pesquisas, visto que buscamos por trabalhos da modalidade *strictu sensu* de pós-graduação – teses e dissertações.

Foram utilizadas as palavras-chave mencionadas anteriormente: Linguística queer, dialogismo, Bakhtin. Primeiramente, ocorreu a tentativa da busca sem as aspas, o resultado obtido com a busca “Linguística queer” passou de cem mil trabalhos. Ao analisar o resultado, notamos que o banco de dados apresentou pesquisas que tratavam das palavras, mas ora juntas, ora individuais. Sendo assim, decidimos realizar as pesquisas apenas com as aspas a fim de obter um resultado mais preciso.

No momento em que delimitamos os termos, o recorte foi bem maior. Foram encontrados seis trabalhos que se voltavam ao tema. Dentre esse número, dois trabalhos eram teses, defendidas nos anos de 2012, na UFPE, e 2016, defendida na UFSC. Os outros trabalhos são dissertações de mestrado (Cf. *Apêndice 1*).

*Biblioteca Digital de Teses e Dissertações*³⁰

²⁹ Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br>.

³⁰ Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>.

Tendo em vista o pequeno resultado obtido, pensamos em realizar a mesma pesquisa em outro banco de dados. Para isso, então, selecionamos a *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações*, a qual tem a proposta de oferecer e disseminar os trabalhos científicos – em forma de tese e dissertações – defendidos em instituições brasileiras de ensino e pesquisa. O acesso ao banco de informações é totalmente gratuito.

Os resultados obtidos nesse site foram maiores e mais promissores, apresentando outros trabalhos acerca do tema em exposição – a LQ. No total, foram encontrados e analisados vinte e cinco trabalhos. Desses vinte e cinco trabalhos, nove são teses de doutorado e quatorze são dissertações de mestrado.

Ressaltamos que alguns dos resultados presentes na BDTD são os mesmos encontrados no Banco de Teses da Capes, como a tese defendida por Santos Filho (2012). Outro ponto importante para a exposição das pesquisas da área é quanto às datas, notamos que os trabalhos começam a ser defendidos em 2009, chegando, os resultados, até 2019, compreendendo uma área nova de abordagem no campo da linguagem.

No quadro, presente no Apêndice (Cf. *Apêndice 2*), expomos os trabalhos, separados primeiramente pelas teses e, posteriormente, as dissertações. Essa divisão não foi encontrada no banco de pesquisa, mas resolvemos fazer no presente trabalho a fim de ter uma exposição dos resultados.

Posteriormente, realizamos a pesquisa com o termo LQ juntamente à termos que são ligados aos estudos realizados por meio da teoria de Bakhtin e o Círculo, a fim de buscar trabalhos que tenham uma maior afinidade com o presente projeto. O resultado, como esperado, foi menor do que o anterior. Isso pode demonstrar que esse tipo de trabalho ainda é pouco explorado (Cf. *Apêndice 3*).

Por fim, pesquisamos também pelo termo “discurso LGBT” juntamente aos termos dialogismo e Bakhtin (Cf. *Apêndice 4*). Entendendo que a LQ se configura como uma área relativamente nova, o “discurso LGBT” poderia proporcionar novos resultados. Foram encontrados quatro trabalhos que se encaixam aos padrões da pesquisa realizada – uma tese e três dissertações –, sendo a defesa mais antiga datada em 2013 e a mais recente no ano de 2018.

Notamos em nossas pesquisas que os estudos dentro da LQ têm um caminho novo ainda no fazer ciência em território nacional. A pesquisa com a data mais antiga registrada nos bancos pesquisados é de 2009 – dissertação de autoria de Wagner Vonder Belinato.

*Periódicos da CAPES*³¹

³¹ Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>.

O banco de dados Periódicos da CAPES faz a reunião de produções científicas e informações sobre normas técnicas, patentes, enciclopédias, entre outros. Criado no ano 2000, tem o objetivo de democratizar o acesso à informação a fim de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa científica e fortalecer os programas de pós-graduação em todo o território brasileiro. O site é totalmente gratuito, tendo acesso livre para qualquer pessoa que tenha interesse.

Sabendo do papel difusor e propagador do *Periódicos da Capes*, vimos como necessária a realização da busca nessa plataforma. Em outras palavras, a escolha da plataforma é justamente centrada na sua relevância no campo científico brasileiro.

Para realizar a busca no banco de dados, o site disponibiliza alguns mecanismos de pesquisa, tais como: assunto, periódico, livro e base – nessa ordem. Mesmo com todas essas ferramentas disponíveis, optamos em pesquisar apenas pela primeira – assunto –, pois entendemos que essa opção contemplaria o que almejando de resultados.

Como resultado à pesquisa com o termo “Linguística queer”, foram encontrados dezesseis artigos. O primeiro artigo tem sua data de publicação no ano de 2006 e os últimos tem sua publicação no ano passado, 2020 (Cf. *Apêndice 5*). Dando prosseguimento a pesquisa nos bancos de dados, buscamos os termos juntos: Linguística queer e dialogismo ou Bakhtin (Cf. *Apêndice 6*). Percebemos uma proximidade com as teses e dissertações quanto ao ano de início das publicações da área no Brasil, isto é, os trabalhos começam a aparecer no Brasil (segundo os dados disponibilizados) a partir de 2006/2009.

SciElo³²

A plataforma SciElo, conhecida como biblioteca eletrônica científica online – do inglês *scientific electronic library online* – é uma biblioteca digital de acesso gratuito, na qual são reunidos periódicos, artigos, entre outras publicações científicas brasileiras. Ela é o resultado de um projeto da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – em parceria com a BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. A partir do ano de 2002, dispõe do apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

³² Disponível em: <http://www.scielo.org>.

A plataforma, assim como o *Periódicos da Capes*, busca armazenar, disseminar e avaliar uma grande quantidade de trabalhos científicos produzidos no âmbito acadêmico em formato eletrônico.

Nossa pesquisa se realizou como na plataforma anterior. Em primeiro momento, a partir da pesquisa feita com o segmento “Linguística queer”, foram encontrados doze artigos (Cf. *Apêndice 6*). As outras pesquisas realizadas com os outros segmentos – dialogismo, Bakhtin e discurso LGBT – não se mostraram tão satisfatórias, chegando a ter apenas um resultado. Por isso, não trouxemos um quadro expositivo.

Destacamos ainda que, assim como nas teses e dissertações, nos resultados das pesquisas pelos artigos e outros formatos de textos acadêmicos, apareceram textos iguais. Decidimos mantê-los repetidos a fim de expor o que cada plataforma traz em sua biblioteca quanto aos temas.

Parecer “quase” final

Em suma, buscamos nesse capítulo, de forma breve, trazer uma discussão sobre o campo que tem o contexto *queer* como enfoque. Para isso, abordamos alguns pensamentos e discussões da já consolidada teoria queer, da nova área do campo da Linguística – a LQ – e chegamos, enfim, na busca dos trabalhos, a fim de observar como a LQ se encontra como campo científico no âmbito nacional.

Nossas pesquisas obtiveram um número relativamente considerável de trabalhos. Foram ao todo: oito teses de doutorado, vinte dissertações de mestrado, vinte e três artigos acadêmicos e dois livros. A LQ, de acordo com os dados encontrados, teve suas primeiras publicações no Brasil no ano de 2006 e, até os dias atuais, ainda produz textos.

Reconhecemos que o trabalho ainda é pequeno se comparado com outras áreas da Linguística. Entretanto, dada a importância de trazer esses sujeitos *queers* para o olhar acadêmico, entendemos a relevância que um trabalho dentro da LQ tem na esfera acadêmica.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO

No presente capítulo, voltamo-nos aos dados da pesquisa. Para isso, apresentamos uma análise dialógica sobre os conteúdos semântico-objetais de resistência e de militância no discurso de/em torno de sujeitos LGBTQIA+. A fim de realizar essa discussão e análise, nosso foco, primeiramente, volta-se para uma discussão acerca do cronotopo, a qual é organizada em dois momentos: (1) o grande cronotopo – desdobramento que realizamos para discutir acerca dos aspectos sócio-históricos e políticos do Brasil contemporâneo aos quais os discursos (objeto da pesquisa) respondem; e (2) o pequeno cronotopo – parte em que nos focamos na questão da autoria e interlocução dos discursos, objeto da pesquisa.

Dito isso, passamos para a primeira seção de análise.

6.1 O CRONOTOPO

Destinamos essa seção para a discussão de um panorama histórico do campo jornalístico e das redes sociais no Brasil, a fim de apresentar questões acerca da constituição desses espaços sociais como produtores e legitimadores de sentidos dos discursos em análise. Para isso, iniciamos nosso apanhado com considerações que retomam de forma breve os dizeres da presente tese acerca da compreensão do cronotopo, presente no capítulo 3, para assim entrelaçar com as particularidades de tempo e espaço tanto do jornalismo, quanto das redes sociais no Brasil. Cronotopo esse que é compreendido como a junção do tempo e do espaço e participa ativamente na compreensão da realidade cotidiana por parte do sujeito que participa dela BAKHTIN (2014[1934-1935]).

Segundo Arán (2006), o cronotopo pode ser compreendido como “uma categoria generalizante, semântico-valorativo, que é artisticamente resolvido em motivos concretos (ou figuras textuais)”.³³ De acordo com as considerações da autora, podemos entender o cronotopo como grande palco das representações imagéticas da realidade cotidiana, pensando a partir de uma relação indissolúvel do tempo e do espaço dos eventos. Faz-se importante a reflexão acerca dessa relação indissolúvel das dimensões, pois compreendemos no presente trabalho que o cronotopo não pode ser desassociado dos acontecimentos da vida, bem como os acontecimentos não existem sem a relação com o cronotopo.

³³ Tradução do autor da tese. Texto original: “una categoría generalizadora, semántico-valorativa, que se resuelve artísticamente em motivos concretos (o figuras textuales)”. (ARÁN, 2006).

O trabalho acerca do cronotopo nas obras de Bakhtin tem um grande desdobramento, mas vale aqui pontuarmos os movimentos iniciais de estudo do tema. Segundo Arán (2006), o termo cronotopo é proveniente das ciências matemática e físicas, em específico da teoria da relatividade que Einstein produziu em três grandes obras. Quando Bakhtin escreve o texto “As formas do tempo e o cronotopo no romance”, esses postulados de Einstein já caminhavam em diálogo com outros campos disciplinares. Bakhtin intenta em trazer os estudos do cronotopo para a área da linguagem, mais especificamente para a literatura e os estudos dos gêneros do discurso.

Nos seus estudos acerca do tema, Bakhtin se afasta da concepção de tempo e espaço tida pelos kantianos, a qual entende tempo e espaço como parte da consciência do homem. Nas palavras de Arán (2006, p. 69):

Bakhtin resiste considerar o tempo e o espaço como formas puras de consciência do homem e, por outro lado, considera que são categorias – no sentido de que sem Cronotopo eles não podem ser do conhecimento mundo - mas que constituem entidades objetivas cujas existência é independente de conhecimento.³⁴

Bemong e Borghart (2015) trazem contribuições sobre o estudo do cronotopo voltado aos gêneros discursivos. Por meio das leituras da teoria bakhtiniana, os autores elencam cinco tipos diferentes de cronotopo, a saber: i) microcronotopos; ii) cronotopo menores; iii) cronotopo maior ou dominante; iv) cronotopos genéricos; v) cronotopos teológicos ou monológicos. Para muitos comentadores das obras do Bakhtin e o Círculo, não há um consenso acerca das definições mencionadas anteriormente. Algumas das tipologias se mesclam, dependendo da leitura realizada, como no caso cronotopo dominante juntamente aos cronotopos menores e genéricos. Diante disso, assumimos a postura de não fazer essa distinção de cinco tipos, mas trabalhamos com a ideia de grande e pequeno cronotopo já mencionada na seção que trata do assunto no referencial teórico e será abordado com maior afinco nas próximas páginas dessa pesquisa.³⁵

Ao pensar no desenvolvimento da pesquisa, dividimos esta seção em dois movimentos: i) primeira subseção destinada ao trato do grande cronotopo do jornalismo e das redes sociais; ii) segunda subseção, na qual abordamos as questões relacionadas aos pequenos cronotopos,

³⁴ En efecto, Bajtín se resiste a considerar al tiempo y al espacio como formas puras de la conciencia del hombre y, en cambio, estima que son *categorías* -en el sentido de que sin ellas no puede haber conocimiento del mundo-, pero que constituyen entidades de carácter objetivo cuya existencia es independiente de la conciencia. (ARÁN, 2006, p. 69)

³⁵ Nosso intuito nessa abordagem do cronotopo é relatar que existem diferentes estudos acerca do termo a partir das leituras dos textos bakhtinianos.

isto é, as situações de interação social, apresentando os dados, discutindo-os e refletindo sobre a teoria junto à análise.

6.1.1 O grande cronotopo do jornalismo e das redes sociais no Brasil.

Para os estudiosos da literatura bakhtiniana, o entendimento de grande cronotopo adentra o campo da literatura, o qual é compreendido como o elemento que possibilita o leitor de uma obra compreender o todo global desta (BEMONG; BORGHART, 2015). Entretanto, na presente tese, compreendemos a noção de cronotopo proposta por Bakhtin além do campo literário, mais precisamente em todos os usos da língua(gem), em contextos de interação.

Acosta Pereira (2012), por meio dos estudos bakhtinianos, menciona que o cronotopo é o responsável pela imagem-demonstração dos acontecimentos: no qual está inserido o tempo, o espaço, os partícipes, a situação imediata, bem como a situação ampla. Para o autor ainda, o cronotopo

[...] de fato, realiza as indicações precisas sobre o lugar e o tempo históricos da realização do gênero. Entendemos, a partir disso, que o cronotopo em cada gênero nos apresenta uma imagem de homem, isto é, uma determinada visão da história, da cultura, das pessoas, das experiências e da realidade. (ACOSTA PEREIRA, 2012, p. 129)

Morson e Emerson (2008) pontuam que o cronotopo também pode ser compreendido como

[...] uma maneira de compreender a experiência; é uma ideologia modeladora da forma específica para a compreensão da natureza dos eventos e ações. [...] As ações são necessariamente praticadas num contexto específico; os cronotopos diferem segundo os modos pelos quais compreendem o contexto e as relações que as ações e os eventos mantêm com ele. (MORSON E EMERSON, 2008. p. 384)

Ao abordarem esse assunto, Acosta Pereira *et al* (2019) mencionam que o cronotopo ainda reflete e refrata todo o modo valorativo-ideológico de nações, instituições, organizações, esferas e grupos sociais, pois ele mobiliza a imagem de homem, de mundo e as visões de realidade. É a partir desses postulados que exploramos o grande cronotopo dos nossos dados – do jornalismo e redes sociais no Brasil.

Uma vez que nossos dados analisados posteriormente partem de webnotícias de portais jornalísticos e também de rede sociais desses jornais, pensamos, assim, em realizar um estudo sobre o grande cronotopo, primeiramente, dos jornais e das redes sociais, para então,

adentrarmos aos nossos dados. Para isso, tecemos uma abordagem acerca da constituição do jornalismo – hegemônico e contra hegemônico – e das redes sociais no Brasil, a fim de construir um panorama cronotópico que sustenta toda nossa discussão no olhar os dados da pesquisa.

De início, adentramos na compreensão das noções de hegemonia e contra hegemonia a fim de situar o leitor sobre as escolhas realizadas em questões de portais de notícias e bem como a explanação do grande cronotopo do jornalismo do Brasil.

Entendemos a noção de hegemonia, presente no fazer jornalismo brasileiro, como um conceito enraizado em uma visão de mundo que tende a ser dominante em uma gama da sociedade, o que tende a ser entendido como uma forma de direção, como postula Giannotti (2014, p. 14), “ter hegemonia é dar a direção. A direção político-ideológica à sociedade”.

Gramsci (2000) cunha uma noção de hegemonia. Para o autor, ela vem à tona por meio de conflitos na sociedade em que estamos inseridos, no que tange os pilares da estrutura política, econômica, como também os marcos éticos e culturais. Ela desempenha o papel de trabalhar com a inclusão de um universo de convicções e normas morais, assim como a superação das crenças e sentimentos acerca da vida e do mundo. Essa visão nos indica que há no mundo uma constante tensão, sendo essa motivadora da constituição de períodos/blocos históricos por meio de troca de forças. Conseguimos aqui notar uma aproximação entre a noção de hegemonia trazida por Gramsci (2000) e a ideia de Bakhtin e o Círculo acerca da ideologia.

Um ponto de aproximação entre as duas noções, hegemonia *gramsciana* e a ideologia de Bakhtin e Círculo, é onde e como elas são observadas: para Gramsci (2000), a hegemonia se manifesta nas práticas sociais e nos valores de uma dada sociedade, se materializando através do uso da língua(gem); para Bakhtin (2014[1975]), a ideologia é compreendida como um constructo social que deriva das relações dos sujeitos socialmente enraizados e se manifesta por meio da língua(gem). Medviédev (2016[1928]), outro pensador do Círculo acrescenta ao tratar do mundo da ideologia que as concepções de mundo, de valores, de crenças se transformam em realidades ideológicas e materiais no momento em que são realizadas por meio das palavras e ações. Palavras essas que Volóchinov (2017 [1929/1930]; 2013[1925-1930]) afirma ser puramente ideológica e fruto das interações do sujeito.

Partindo desse paralelo entre as noções de hegemonia e ideologia e a teoria que embasa esse estudo – a teoria dialógica da língua(gem) –, conseguimos entender a hegemonia como uma ideologia dominante/oficial, isto é, um sistema ideológico firmemente constituído e cristalizado a partir das ideologias do cotidiano. Sobre a relação de formação e constituição do sistema ideológico mais formal a partir dos sistemas ideológicos do cotidiano, Volochínov (2014 [1979]) comenta:

Já as camadas superiores da ideologia do cotidiano, aquelas que se encontram em contato direto com os sistemas ideológicos, são mais substanciais, responsáveis e possuem um caráter de criativo. Elas são muito mais ativas e sensíveis do que a ideologia formada; são capazes de transmitir as mudanças da base socioeconômica com mais rapidez e clareza. É justamente aqui que se acumulam as energias criativas responsáveis pelas transformações parciais ou radicais dos sistemas ideológicos. Antes de conquistar seu espaço na ideologia oficial organizada, as novas forças sociais emergentes primeiramente encontram expressão e acabamento ideológicos nas camadas superiores da ideologia do cotidiano. É claro, no processo de luta, no processo de penetração gradual nas formações ideológicas (na imprensa, na literatura, na ciência), essas novas tendências da ideologia do cotidiano, por mais revolucionárias que sejam, sofrem a influência de sistemas ideológicos já formados, assimilando parcialmente as formas acumuladas, as práticas e as abordagens ideológicas (VOLOCHÍNOV, 2014 [1979], p. 215).

Diante do que foi apresentado anteriormente, fica evidente uma relação de sentido entre os conceitos de hegemonia pensado por Gramsci (2000) e ideologia cunhado por Bakhtin e o Círculo. A hegemonia se faz presente em sociedade a partir de palavras que abarcam valores dominantes, os quais são legitimados pelos sujeitos socialmente constituídos. Entendemos assim que a esfera jornalística por meio do seu propósito, do seu projeto de dizer e dos recursos utilizados para a materialização dos seus discursos, abarca esses valores dominantes.

Entender a prática jornalística enraizada nesses valores dominantes – a hegemonia –, nos possibilita pressupor uma reflexão sobre essa prática como um prisma de relações de poder que coexistem em sociedade, visto que a hegemonia se constitui por meio de uma ideologia, a qual molda as maneiras de se relacionar em sociedade partindo de um ponto de vista. Sendo assim, a hegemonia não pode ser compreendida como um ponto estático no mundo, mas está sempre em um complexo desenvolvimento impulsionado pelas experiências e relações ideológicas em uma determinada sociedade. Esse processo traz renovações e alterações constantes ao que se entende por hegemonia.

Moraes (2010) comenta que o jornalismo hegemônico é

[...] um processo perverso de centralização das fontes emissoras e aguda comercialização dos produtos simbólicos, de modo a alimentar os padrões de acumulação e de rentabilidade dos conglomerados de mídia, informática e telecomunicações. (MORAES, 2010, p. 69)

Podemos aqui trazer um exemplo de articulação de fatos e valores ideológicos trazidos por um dos grupos escolhidos – G1 – Globo.com – com a seguinte webnotícia (WG1#1): “*Governo de SC proíbe linguagem neutra em escolas públicas e privadas*”, na qual traz falas tanto do governo estadual a partir da imagem do governador em exercício na época – Carlos

Moisés da Silva (PSL), como também da deputada Ana Caroline Campagnolo, apoiadora do presidente Jair Bolsonaro – atual presidente da época.

Antes de nos atermos aos discursos, precisamos mencionar que o assunto da webnotícia diz respeito à proibição por parte do governo estadual de Santa Catarina, através de um decreto, o uso da linguagem neutra em qualquer documento que envolva o ambiente escolar: provas, material didático, comunicados, documentos oficiais, dentre outros.

Figura 6 - Destaque do título - WG1#1



globo.com g1 ge gshow vídeos ASSINE JÁ E-MAIL ENTRAR

MENU G1 SANTA CATARINA BUSCAR

Governo de SC proíbe linguagem neutra em escolas públicas e privadas

Decreto vale para documentos escolares oficiais, provas, grade curricular, material didático, comunicados e editais de concursos.

Por G1 SC e NSC
18/06/2021 16h08 - Atualizado há 5 dias

Sala de aula em escola estadual de Santa Catarina — Foto: Cristiano Estrela/Secom/Divulgação

Fonte: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/06/18/governo-de-sc-proibe-linguagem-neutra-em-escolas-publicas-e-privadas.ghtml>> Acessado em 06/07/2021.

Percebemos a predominância dos valores hegemônicos do governo estadual e também de apoio ao governo federal da época por meio das falas dos representantes políticos citados no texto. No decorrer do enunciado, conseguimos ter a compreensão do que o poder público catarinense entende por linguagem neutra e sua posição quanto a isso. Seguem abaixo alguns excertos que ratificam essa posição.

Ex. 1 – Segundo o governo, na prática, o “conteúdo não fará referência à linguagem do gênero neutro, inexistente na língua portuguesa e que apresenta contrariedade às regras gramaticais consolidadas no país”. (WG1#1)

Ex. 2 - Após o anúncio do decreto, a deputada estadual Ana Caroline Campagnolo, apoiadora do presidente Jair Bolsonaro, afirmou em uma rede social que a decisão evita "prejuízos educacionais provocados pela aberração linguística que chamam de 'linguagem de gênero neutro'". (WG1#1)

Ex. 3 – [...] a Secretaria de Estado da Educação (SED) alegou que seu objetivo é prezar pela qualidade da educação, com "respeito à inclusão e à diversidade, ressaltando a norma culta e gramatical da língua portuguesa". (WG1#1)

Os dois excertos evidenciam uma visão quanto ao uso do pronome neutro nos dias atuais, o qual visa a inclusão de todos aqueles que são excluídos diariamente da sociedade - pessoas transexuais, travestis, não binárias ou intersexuais. Para os representantes governamentais o que importa é seguir o cânone da gramática da Língua Portuguesa, ligando as questões de mudanças linguísticas, como no caso em debate, a ser tidos como *prejuízos* e também “*aberrações linguísticas*”. Entendemos que tais discursos reverberam um dizer de preconceito a esses sujeitos, bem como seu apagamento da sociedade.

No terceiro exemplo, a fala da SED – Secretaria de Estado da Educação – nos aparenta ter um equívoco, pois é comentado em primeiro momento em respeito à inclusão e à diversidade, entretanto acreditam que o uso deve ser barrado assim como os outros representantes governamentais. No processo de exclusão das mudanças linguísticas que auxilia a trazer esses sujeitos à superfície há um apagamento dos próprios sujeitos, ou seja, não existe nem respeito à inclusão, nem respeito à diversidade.

Podemos ainda trazer aqui outros discursos hegemônicos de cunho político e religioso reverberado nas páginas dos jornais por meio da webnotícia (WG1#7): *Projeto de lei contra LGBTs em propaganda avança na Alesp; OAB, marcas e evangélicos fazem campanha pela diversidade.*

Figura 7- Destaque do título - WG1#7



globo.com g1 ge gshow videos ASSINE JÁ E-MAIL ENTRAR

MENU G1 SÃO PAULO BUSCAR

Projeto de lei contra LGBTs em propaganda avança na Alesp; OAB, marcas e evangélicos fazem campanha pela diversidade

PL 504 de 2020 de autoria da deputada Marta Costa (PSD), com emenda de Janaína Paschoal (PSL), foi aprovado pelas comissões e aguarda votação em plenário. Agências publicitárias e entidades reagiram pedindo veto à proposta nas redes sociais.

Por Vivian Reis, G1 SP
23/04/2021 08h56 · Atualizado há um mês

Deputada estadual Marta Costa (PSD) — Foto: TV Alesp/Reprodução

A Assembleia Legislativa de São Paulo deve votar nos próximos dias um projeto que pretende proibir a veiculação de propagandas no estado com a presença de LGBTs.

Fonte: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/23/projeto-de-lei-contralgbts-em-propaganda-avanca-na-alesp-oab-marcas-e-evangelicos-fazem-campanha-pela-diversidade.ghtml>>. Acessado em 06/07/2021.

A presente webnotícia relata um projeto de lei criado pela deputada do PSD, Marta Costa, mulher, branca, evangélica participante da igreja Assembleia de Deus, filha de pastor, o qual é presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.

O objetivo desse projeto, PL 504 de 2000, era a proibição de sujeitos LGBTQIA+ e assuntos que permeassem esses sujeitos em propagandas no estado de São Paulo. O projeto, juntamente da emenda apresentada pela deputada Janaína Paschoal (PSL) foram aceitos e com isso gerou muita revolta por parte da população – esses sujeitos que se enquadram no veto, os órgãos de publicidade, entre outros.

Em trechos do enunciado, podemos observar discursos enraizados em preceitos religiosos que atingem a comunidade LGBTQIA+, pois os tratam como sujeitos ruins na sociedade. Segundo esses discursos, o sujeito LGBTQIA+, agora com seu espaço também em propagandas, trazem malefícios à família.

Ex. 4 – [...] alega o desejo de acabar com propagandas que geram "desconforto emocional a inúmeras famílias, além de estabelecer prática não adequada a crianças".³⁶ (WG1#7, grifos nossos)

Ex. 5 – “A intenção é limitar a veiculação da publicidade que incentive o consumidor do nosso Estado a práticas danosas”, diz. (WG1#7, grifos nossos)

Nos discursos aqui representados, notamos a utilização de palavras com forte significado pejorativo e preconceituoso acerca do sujeito LGBTQIA+: *desconforto emocional, práticas não adequadas, práticas danosas*. O movimento de desqualificação desses sujeitos por através de discursos de uma mulher política e religiosa é reverberada pelo discurso do jornalismo hegemônico.

Com os excertos acima, visualizamos a materialização de uma visão de mundo por parte dos autores, sendo essa de cunho extremamente religioso. Por conseguinte, podemos aqui ainda afirmar que os trechos da webnotícia, ou seja, os discursos ali presente tem relações dialógicas (BAKHTIN, 2015[1975]) com os discursos estudados e ensinados do documento que rege os preceitos da religião evangélica, a bíblia, na qual apresenta o relacionamento homoafetivo como pecado perante Deus – Levítico – cap. 18, vers.22.

Esses exemplos ainda nos permitem pensar sobre de que maneira o cronotopo que dá vida aos presentes dados desse trabalho permite a observação, de forma material, uma visão de mundo social no texto (ACOSTA PEREIRA; OLIVEIRA 2020). Isso acontece no que diz respeito ao constructo de um olhar em relação à sociedade que se constitui sendo predominante heterossexual com seus preconceitos ao que difere do seu ser em sociedade.

Prosseguindo então, entendendo a hegemonia como a vontade de uma coletividade de um bloco social, notoriamente observamos isso nos trechos destacados acima. Os discursos apresentados compõem o saber e viver de grupo políticos e religiosos extremistas, pois levam marcas de ensinamentos de uma religião fortemente enraizada no solo brasileiro – o cristianismo³⁷.

Entretanto, seguindo o panorama das discussões sobre o discurso jornalístico, em um complexo desenvolvimento, a hegemonia é afetada por pressões. Peixoto (2019, p. 10) afirma que “uma hegemonia é resultado da vontade coletiva de um bloco social dominante, articulado

³⁶ Nossos grifos nos excertos, ou seja, os destaques para a análise são feitos por meio da utilização do sublinhado.

³⁷ Informação retirada de <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>> Acesso em 14/03/2023.

por uma perspectiva ideológica. No entanto, ela não é estanque: é sempre passível de resistência.”.

Um demonstrativo desses discursos contra hegemônicos presentes nas páginas do jornalismo, ou seja, aqueles que vão de embate do discurso estabelecido como correto e determinado por um grupo social dominante, está presente na mesma webnotícia relatada anteriormente. Acerca do projeto de lei que vetada propagandas com sujeitos LGBTQIA+ em São Paulo, os exemplos a seguir mostram:

Ex. 6 – *"Associar pessoas LGBTIs a essas características, pela sua condição, por simplesmente serem quem são, é, além de desumanizador, cruel – afinal, a afeição a 'práticas danosas', ou a exercício de 'influência inadequada', pode ser feita por qualquer pessoa e não se condiciona ao fato de alguém pertencer a determinada condição da diversidade sexual e de gênero", pontuou a deputada Erica Malunguinho. (WG1#7)*

Ex. 7 – *No ofício da ONG Mães pela Diversidade, elas afirmam que o "nefasto e cruel PL 504/2020, que associa pessoas LGBTs a 'práticas danosas' e 'influências inadequadas', desumaniza nossos filhos e vai contra tudo aquilo que lutamos", na medida em que desconsidera a existência de crianças e adolescentes com estas orientações sexuais. (WG1#7)*

Ex. 8 – *“Este projeto mostra uma clara inversão de valores: precisamos, sim, proteger as nossas crianças, pois esse é nosso dever enquanto mães, pais, educadores e parlamentares, mas precisamos protegê-los da violência, dos abusos, das desigualdades e da falta de condições. Precisamos também protegê-las dos preconceitos e da exclusão”, disse a deputada Marina Helou (Rede). (WG1#7)*

Nos exemplos acima, temos os discursos de três sujeitos diferentes aos primeiros citados anteriormente: primeiramente, Erica Malunguinho, mulher trans, negra, educadora, artista plástica e política brasileira pelo PSOL – Partido Socialismo e Liberdade³⁸; posteriormente, Marina Helou, mulher, branca, deputada estadual pelo Rede em São Paulo, com foco nas questões da infância, entre outros³⁹; e finalizando, a ONG Mães pela Diversidade – um sujeito coletivo – um grupo de mães (na sua maioria) e pais de sujeitos LGBTQIA+, com 8 anos de existência no estado de São Paulo⁴⁰.

Nos discursos retratados, notamos reações-respostas ao que foi argumentado pela deputada, evangélica, Marta Costa (PSD). Malunguinho traz à tona a crueldade e os malefícios

³⁸ Informações coletadas em < <https://www.al.sp.gov.br/deputado/?matricula=300625>> Acesso dia 03/03/2023.

³⁹ Informações coletadas em < <https://www.al.sp.gov.br/deputado/?autor=1000000349>> Acesso dia 03/03/2023.

⁴⁰ Informações coletadas em [https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/observatorio-de-direitos-humanos/maes-pela-diversidade#:~:text=O%20coletivo%20M%C3%A3es%20Pela%20Diversidade,para%2014%20estados%20do%20pa%C3%ADs](https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/observatorio-de-direitos-humanos/maes-pela-diversidade#:~:text=O%20coletivo%20M%C3%A3es%20Pela%20Diversidade,para%2014%20estados%20do%20pa%C3%ADs.). Acesso dia 03/03/2023.

que as palavras da deputada, como também o projeto, abarcam e constroem uma visão deturpada dos sujeitos LGBTQIA+, desumaniza-os e os transformando em demônios.

Segundo Reguera (2008), a demonização teve respaldo nos discursos religiosos e trabalha a ideia do bem contra o mal, sendo que esse bem prevalecerá. De acordo com isso, a demonização de um determinado grupo social implica na crença da existência de uma intrínseca maldade dos sujeitos que o compõem. Perante essa demonização, surge a grande necessidade de destruir esse mal em nome do bem. O fato de serem o que são não os fazem maus exemplos para a sociedade.

Os outros discursos retratados acima procuram expor o mesmo paralelo – a desumanização do sujeito LGBTQIA+. Vale o destaque para um ponto importante do discurso da deputada Marina Helou, no qual ela usa do argumento de proteção às crianças, entretanto para questões como preconceito e exclusão. Ou seja, percebemos uma ressignificação dos valores trazidos pela deputada Costa e seu projeto de lei: uma proteção sim, mas contra determinados malefícios e não de um grupo social.

Entretanto, não há uma unilateralidade no dizer jornalístico, pois outras forças agem como opositoras e respostas a essas forças dominantes, as quais são chamadas de contra hegemonia.

Toda hegemonia, então, é cabível de ter uma contra hegemonia. Esse embate de resistência/pressões na constituição e legitimação de uma dada hegemonia muito se aproxima da ideia de Bakhtin (2014[1975]) acerca das forças centrípetas e centrífugas.

Como mencionado anteriormente, no momento em que a discussão se volta para as forças centrípetas e centrífugas que Bakhtin (2014 [1975]) disserta sobre esse encontro de forças e pressões. Para o autor, as forças centrípetas são aquelas que unificam e são tendenciosas a apagar e/ou suprimir as vozes heterogêneas, é esse movimento constante de aproximação, aglutinação. Já as forças centrífugas atuam como forças de pressão, de resistência a esse movimento de unificação. O autor comenta que “[...] ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verboideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação.” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 82). Os movimentos contra hegemônicos atuam como essas forças centrífugas, já os discursos hegemônicos seriam com as forças centrípetas as forças na perspectiva gramsciana.⁴¹

⁴¹ Vale aqui ressaltar que para alguns estudiosos, como Dore; Souza (2018), o conceito de contra hegemonia não foi cunhado por Gramsci, mas sim por Raymond Willians. Entretanto, as contribuições de Willians partem da ideia de hegemonia cunhada por Gramsci, sendo assim, totalmente ideias em constante contato.

É no envolver do cronotopo que sujeito e realidades particulares se fazem vivas. Sendo assim, as demandas de grupos sociais determinados atuam nessa constante relação de forças centrípetas e centrífugas, pois como Bakhtin (2015 [1975], p. 41) comenta:

[...] ao lado das forças centrípetas segue o trabalho incessante das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verboideológica e da unificação desenvolvem-se incessantemente os processos de *descentralização e separação*. Cada enunciação concreta do sujeito do discurso é um ponto de aplicação tanto das forças centrípetas quanto das centrífugas. Nela se cruzam os processos de centralização e descentralização, unificação e separação, um basta não só a sua língua como materialização discursiva individual como também basta ao heterodiscurso, é seu participante ativo. E essa comunhão ativa de cada enunciado no heterodiscurso vivo determina a feição linguística e o estilo do enunciado em grau não inferior à sua pertença ao sistema normativo-centralizador da língua única. (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 41, grifos do autor).

Entendemos aqui então que não apenas esse embate das forças centrípetas e centrífugas determina a feição dos enunciados como também é partícipe na construção de uma imagem fundamental para a compreensão da realidade cotidiana – o cronotopo.

A partir desse embate de forças explanada anteriormente, e seguindo com os pontos de importância para a análise dos dados, poderemos comentar acerca da contra hegemonia especificamente. Devemos mencionar que Gramsci nunca chegou a formular e pensar nesse conceito como uma dualidade à hegemonia. Entretanto relata em seu trabalho uma forma profundamente ativa de uma ação revolucionária que partem e são mediadas por formas de lutas e realizações de diferentes formas.

A prática contra hegemônica dentro do jornalismo, num viés gramsciano, mostra um esforço intelectual para construir conhecimento através das relações entre objetividade e subjetividade, transpassando a ideia do senso comum e indo na busca da legitimidade dos fatos que comprovam o desvelamento da ideologia e desperte a consciência de classes não hegemônicas e dominantes – a trabalhadora, por exemplo.

Em suma, podemos resumir a ideia de contra hegemonia por meio das palavras de Peixoto e Lima (2021):

Uma práxis jornalística contra-hegemônica busca reestruturar o debate público por meio da equidade, da defesa de uma democracia radical e do interesse público. Não se trata da defesa da institucionalidade democrática, mas de uma atitude profunda que construa vias de manifestação midiática dos grupos sociais, rompa com a agenda oficial e se referencie numa lógica cidadã, em detrimento da lógica de consumo. Tal práxis confronta o monopólio da mídia tradicional, que vê o jornalismo como um produto de mercado, e não

como uma esfera pública atenta às demandas sociais. O jornalismo, nessa perspectiva, exige um grau de ativismo, para além de uma apropriação técnica, metodológica e estética (PEIXOTO E LIMA, 2021, p. 35).

Realizadas essas considerações acerca da ideia de hegemonia e contra hegemonia e traçando um paralelo com toda a teoria que embasa essa pesquisa – as considerações acerca da língua(gem) de Bakhtin e o Círculo –, afirmamos nossa compreensão de que os movimentos políticos/sociais contemporâneos não existem se não apoiados pela esfera midiática e suas produções. Temos a compreensão de que o jornalismo hegemônico é aquele sustentado por empresas de grande difusão no âmbito da comunicação nacional e que tem papel determinante na sustentação e legitimação de ideias dominantes.

Ressaltamos aqui que a noção trazida nessas breves páginas acima – a hegemonia e a contra hegemonia – é de suma importância para entendermos o movimento jornalístico de uma dada sociedade, isto é, os discursos, valores, ideologias, que circulam em um ambiente social. Moraes (2009, p. 45) afirma que “na essência, o discurso midiático se propõe a determinar a interpretação dos fatos por intermédio de signos fixos e constantes que tentam proteger de contradições aquilo que está dado e aparece como representação do real, como verdade”.

No território brasileiro, nos dias de hoje, a dominância dos canais de comunicação fica nas mãos de poucas empresas. Chama-se de oligopólio do sistema de comunicação esse movimento de controle de um determinado aspecto da sociedade. Essas empresas trabalham com a organização de seus objetivos visando o lucro e pregam a regulação dos pontos coletivos pelo mercado, não se atendo a tradições e necessidades dos sujeitos que estão inseridos na sociedade. (MORAES, 2009).

Nesse momento, partimos para o nosso outro ponto de ancoragem da nossa análise – as redes sociais – como já mencionado anteriormente no decorrer do texto. De modo abrangente, as tecnologias trouxeram um papel importante na impulsão de uma nova lógica social e cultural. O sujeito social passa a ser usuário dessas tecnologias – seja criando algo ou consumindo algo –, apropriando-se das possibilidades de comunicação, sendo diretamente transpassado pelos movimentos de usos (TEIXEIRA, 2011).

Desde os primórdios da humanidade, o sujeito está engajado em um grupo mediado pela língua(gem). Ferramentas para a comunicação mediada pela língua(gem) são inventadas e reinventadas no decorrer dos tempos. Atualmente, dentre ferramentas utilizadas pelos sujeitos, encontram-se as redes de internet com suas plataformas de redes sociais, o palco de interação e de conflitos no século XXI. Acerca disso, Sodré (1996) afirma que

Na sociedade mediatizada, as instituições, as práticas sociais e culturais articulam-se diretamente com os meios de comunicação, de tal maneira que a mídia se torna progressivamente o lugar por excelência da produção social do sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos sociais (SODRÉ, 1996, p. 27).

Recuero (2001, p. 32) afirma que a comunicação mediada pelos computadores, ou seja, pelas redes de internet, desenvolve um papel grande de influência na sociedade. Essas novas comunidades que surgem com o advento das tecnologias e toda essa influência é intitulada de “comunidades virtuais”.

Acerca do conceito de comunidades virtuais, temos o postulado de Rheingold (1996), o qual afirma que

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço] (RHEINGOLD, 1996, p. 20).

Percebemos a partir dos postulados de Rheingold (1996) que as discussões públicas são os agentes formadores dessas comunidades virtuais, que no interior delas se configuram encontros, articulações, discussões, interações, enfim, aspectos que estão diretamente ligados ao uso da língua(gem). O mundo cibernético e as redes sociais participam como palco dessa nova roupagem trazida ao uso social da língua(gem).

Trazemos aqui alguns exemplos dos nossos dados que expõem essas interações com os exemplos anteriormente expostos (as webnotícias *WG1#1* e *WG1#7*):

Ex. 9 – *Linguagem neutra é coisa desnecessária neste momento. Temos muitas prioridades como: combate ao analfabetismo e analfabetismo funcional, além dos prejuízos pedagógicos causados pela pandemia. (C3WG1#2)*

Ex. 10 – *É uma discussão mais complexa do que parece. Não se evita a transformação da língua por decreto. Um decreto em 1900 não teria impedido que o "vossa mercê" virasse o "voce", hoje presente na norma culta. O que hoje soa estranho, em uma década pode ser a regra. Mas quanto ao uso na escola, nos casos previstos no decreto, é um debate para os especialistas na área, que espero tenham sido ouvidos para a formulação da lei.⁴² (C14WG1#2)*

⁴² Os textos são trazidos para a tese na sua originalidade, sendo assim, podem conter desvios das regras gramaticais e ortográficas da Língua Portuguesa conforme a norma padrão.

Os dois comentários acima são entendidos nessa pesquisa como reações-respostas à webnotícia *WGI#1*, que diz respeito ao veto do uso do pronome neutro em escolas de SC. Observamos dois movimentos nos discursos acima: ora, corroborando com a ideia do governo acerca do veto e seus argumentos para o movimento, como o *Ex. 9*; ora, uma certa contraposição de acordo com os estudos das mudanças linguísticas historicamente datadas, como o *Ex. 10*.

Ex. 11 – *Para que o preconceito diminua requer incluir as pessoas que são discriminadas sejam elas quais forem e não fazer de conta que não existem, os lgbtq+ são trabalhadores que tanto pagam impostos como consomem produtos que inclusive são de diversas marcas que estão na tv, internet... a pessoa achar que é errado por questões religiosas o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo ok ela tem o direito, agora de excluir seja lá do quê for não.* (C9WG1#7)

O discurso do sujeito supracitado entra em diálogo com o texto da webnotícia reafirmando questões importantes, como o não apagamento dos sujeitos LGBTQIA+, expondo a ideia de que são responsáveis, trabalhadores e participam ativamente da sociedade.

O nosso intuito de apresentar esses excertos é o de evidenciar que as redes sociais, hoje em dia, são palco ativo de diálogos efetivos na sociedade. Em decorrência disso, importante destacarmos aqui que as redes sociais sempre existiram como um campo complexo de atividade social de comunicação, como afirma Wellman *apud* Recuero (2009):

Redes sociais complexas sempre existiram, mas os desenvolvimentos tecnológicos recentes permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Exatamente como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas, instituições e suporta redes sociais. (WELLMAN *apud* RECUERO, 2009, p. 93).

O sujeito sempre teve a necessidade de se comunicar, pois assim ele se fez sujeito, por meio da interação social. Para que essa interação seja concretizada é de suma importância meios que possibilitem o engajamento dos sujeitos envolvidos no processo. No cenário atual, a internet expõe-se como um dos principais meios para isso. O autor Pierre Lévy (2000) afirma que a internet traz em seu bojo uma desterritorialização e uma virtualização, onde a sociedade torna-se cada vez mais ligada à velocidade, à universalidade e à multimodalidade.

Os meios mudam, pois o sujeito muda. Entretanto, as características determinantes da língua(gem) e seu uso continuam desempenhando o mesmo papel; há, em qualquer palco que possa surgir, um constante diálogo. Acerca disso Bakhtin (2011, p. 293) afirma que a “vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo. Ele se põe todo na palavra, e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal.”

Esse diálogo vivo das redes sociais é perceptível nos excertos destacados acima, pois eles entram em uma arena de valores e ideologias sobre os temas abordados, respondendo aos textos jornalísticos, os discursos de outrem presentes, também, nessas webnotícia e os próprios discursos nas redes anteriormente postados.

No momento em que pensamos no conceito de redes sociais, conseguimos observar que as abordagens quanto ao uso da língua(gem), postuladas por Bakhtin e o Círculo, estão presente de maneira muito atual e significativa, uma vez que para as redes sociais se fazerem vivas, necessitam de uma constante interação dialógica dos sujeitos. Antes de atrelarmos as redes sociais aos pensamentos de Bakhtin e o Círculo, carecemos de uma definição mais completa do que seriam essas redes. Para Recuero (2009) destaca que

[...] sites de redes sociais propriamente ditos aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em publicar e expor redes sociais de atores. São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada a publicização dessas redes. (RECUERO 2009, p 109).

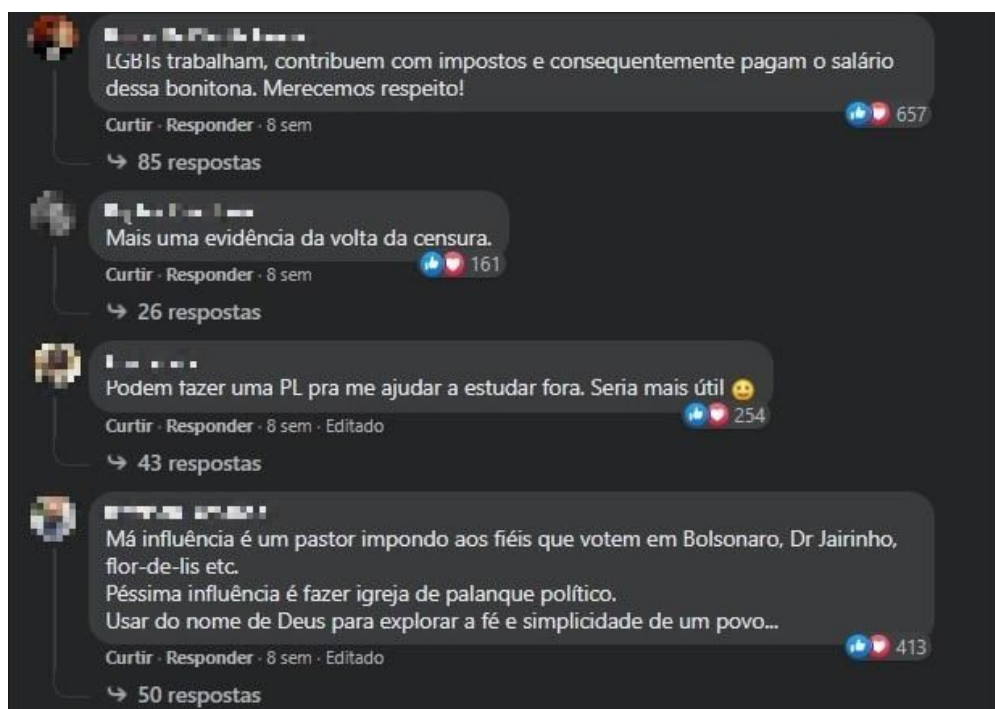
O olhar de Recuero (2009) para os sites de redes sociais é de que eles ajudam na facilitação das interações *off-line*, uma vez que essas aconteciam apenas na presença física dos sujeitos. Entretanto, com essas plataformas a interação tomou novos ares: uma interação distante, mas imediata, eminentemente virtual. Levy (1999) aborda de forma parecida essa questão no momento em que afirma que

[...] o desenvolvimento das comunidades virtuais acompanha, em geral, contatos e interações de todos os tipos. A imagem do indivíduo 'isolado em frente à sua tela' é muito mais próxima do fantasma do que da pesquisa sociológica. Na realidade, os assinantes da Internet (estudantes, pesquisadores, universitários, executivos sempre em deslocamento, trabalhadores intelectuais independentes etc.) provavelmente viajam mais do que a média da população [...] as comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato (LEVY 1999, p.130-131).

Para outros estudiosos dos sites redes sociais, alguns pontos são determinantes para que esses sejam considerados válidos, são eles: (i) a construção de uma representação do eu do sujeito, uma persona, por meio de uma página específica dele – um perfil; (ii) a interação dialógica entre sujeitos por meio de comentários em postagens e troca de mensagens; e (iii) a exposição pública da rede social de cada autor. (BOYD & ELLISON, 2007).

Trazemos aqui a fim de exemplificar o que foi exposto acima, a imagem dos discursos em redes sociais, na qual observamos os diálogos realizados pelos usuários da rede social *Facebook*.

Figura 8 - Comentário na rede social Facebook - Página do jornal G1 - WG1#7



Fonte: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/23/projeto-de-lei-contra-lgbts-em-propaganda-avanca-na-alesp-oab-marcas-e-evangelicos-fazem-campanha-pela-diversidade.ghtml>>. Acessado em 06/07/2021.

A construção da rede social comentada por Boyd & Ellison (2007) torna-se evidente na imagem destacada: perfil mediado pela imagem do perfil, nome do sujeito que entra em diálogo com a webnotícia e com os outros sujeitos presentes na rede social, partindo da ideia de exposição pública e identidade.⁴³

Muito podemos trazer em enlace as questões das redes sociais, com seus sites, e a teoria de Bakhtin e o Círculo. No primeiro quesito exposto pelos autores acima, Boyd & Ellison, a criação de uma representação do eu, uma espécie de avatar, observamos a necessidade da criação do sujeito construir uma imagem para o seu outro (o eu para o outro). Bakhtin (2011 [1979]) afirma que é a alteridade, o excedente de visão, que define o sujeito, é por meio dos diálogos das diferenças que esse sujeito se descobre, ou seja, tem sua identidade, e consequentemente descobre o outro também (como já explorado de forma mais abrangente no

⁴³ Ressaltamos que tanto a imagem dos sujeitos, como também os seus nomes, foram borrados propositalmente, a fim de manter o anonimato na pesquisa, por fins judiciais.

capítulo de referencial teórico dessa pesquisa). Ao criar seu perfil, sua persona, em um site de rede social, o sujeito cria uma representação do eu no formato digital, no qual suas idiossincrasias são marcadas e formuladas de maneira que exista uma representação/uma semelhança daquilo que se pretende criar na vida fora da *internet*.

Acerca do segundo quesito, as interações por meio dos comentários e postagens, percebemos a aproximação com o caráter dialógico da comunicação discursiva: o outro se torna sujeito no momento em que interage com o outro, tornando-se parte da própria construção da subjetividade individual.

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 302).

Vale aqui a ressalva de que esse quesito é de suma importância para a nossa pesquisa, visto que grande parte dos dados que compõem o corpus são comentários no site *Facebook*, mais especificamente, nas páginas dos portais anteriormente selecionados.

Dando continuidade, nos entremeios das redes sociais, fica evidente outra questão abordada por Bakhtin e o Círculo: a incorporação de discursos alheios no discurso do sujeito. Isso pode ocorrer nas formas de *retweet*, na plataforma *Twitter*, compartilhamentos e menções no *Facebook*. Ao fazer uso do discurso alheio, por meio de mecanismos disponibilizados pelos sites, ele sofre modificações e não se torna mais o mesmo, entretanto, mesmo esse sendo modificado, alterado, conseguimos perceber seu aparecimento, o reconhecemos no discurso do sujeito, Volóchinov (2017 [1929/1930], p. 252) afirma que o discurso de outrem não se dilui nem se efetua completamente. Assim sendo, fica perceptível as marcas do dialogismo nas interações sociais online. Acerca disso, ainda, Bakhtin marca que o enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. (...) como uma resposta a enunciados anteriores” (BAKHTIN 2011 [1979], p. 316).

Nos trechos selecionados abaixo, conseguimos notar essas marcas do discurso alheio, presentes nas webnotícias, nos discursos dos sujeitos das redes sociais.

Ex. 12 – Má influência é um pastor impondo aos fiéis que votem em Bolsonaro, Dr Jairinho, flor-de-lis etc. Péssima influência é fazer igreja de palanque político. Usar do nome de Deus para explorar a fé e simplicidade de um povo... (C4WG1#7, grifos nossos)

A marca do discurso alheio é trazida nos recursos linguísticos utilizados pela autora do projeto de lei e aqui mencionados – má influência e péssima influência. O sujeito autor do discurso retoma o discurso alheio ao utilizar dos termos, ressignificando-os e trazendo um novo olhar para o tema.

Com a ascensão das tecnologias na vida dos sujeitos, as redes sociais tornam-se cada vez mais palcos de interação e conflitos. Esses *sites* são responsáveis por trazer uma reconfiguração das interações entre os sujeitos, as quais eram muito mais pessoais, agora se tornam mais virtuais. A voz social ultrapassa barreiras territoriais em uma velocidade extremamente grande. Recuero (2016) afirma que os discursos das redes sociais, se propagam em uma velocidade rápida e, além disso, são legitimados pela sociedade. Isso acontece, pois o discurso de um sujeito passa a ser uma convenção coletiva, na qual se faz presente o que é ideológico e tem o propósito de propagar sua visibilidade na esfera digital.

A autora afirma que “nessa perspectiva, o discurso não está apenas no enunciado e em sua construção, ele está sistematicamente imbricado como conjunto ideológico que se reflete no corpo de presenças e ausências de elementos de falas dos usuários” (RECUERO, 2016, p.19-20). A maioria das pessoas, segundo a estudiosa, ao criar um perfil em uma rede social, se dispõe a sair de um anonimato, de uma zona desconhecida em que vive, que muitas vezes não exerce efetivamente sua posição social e busca uma voz nessa outra esfera.

Ao encontrar um lugar de interação nas redes sociais, sendo esse um lugar com possibilidades múltiplas de liberdade de expressão, os discursos dos sujeitos se tornam diversas vozes sociais que desnudam diversos valores ideológicos. Em decorrência disso, em muitos momentos, as redes sociais são palco de intolerância e violência verbal. O palco de conflitos se torna, literalmente, em uma zona de luta. Cunha (2013), ao analisar os contextos de violência verbal nos comentários em uma rede social, afirma que o sujeito ganha sua voz na internet e agora é onipresente, comentando e sendo crítico de tudo aquilo que se faz presente na esfera pública social.

Segundo Recuero (2014), os comentários nas redes sociais podem ser configurados como práticas sociais evidentemente mais convencionais, representando uma participação mais efetiva que demanda um esforço maior do sujeito que tem algo a discursivizar acerca de um determinado assunto. Além desse panorama, trazemos aqui o que Cunha (2012) postula acerca da caracterização do comentário em redes sociais.

Prática discursiva que tem seu propósito e suas regras: a partir de um texto fonte, o internauta constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de tema em função do seu ponto de vista (CUNHA, 2012, p. 28).

Enfim, realizadas as considerações acerca do jornalismo – da hegemonia e da contra hegemonia –, bem como o seu panorama e das redes sociais, chegamos às seguintes declarações: o movimento contemporâneo apoia sua existência nos meios de comunicação de grande massa. O viés hegemônico do jornalismo é sustentado por grandes empresas de comunicação e é ele que sustenta a manutenção das ideologias dominantes, muitas vezes com vista aos interesses do sistema capitalista. Já a hegemonia alternativa – contra hegemonia – busca um rompimento dessas ideias dominantes por meio de lutas e ações. E, as redes sociais são componentes de suma importância nos dias atuais pois são os novos palcos dos discursos, sendo esses de rápida propagação e grande interação.

Enfatizamos que os movimentos dentro da prática jornalística são de fundamental importância, pois é nesse movimento de ideologias dominantes e não dominantes, de lutas, de relações de forças centrífugas e centrípetas, que os diálogos acontecem. Segundo Moraes (2009), o jornalismo atua por meio da divulgação dos equivalentes simbólicos da construção social. De acordo com o autor, “na essência, o discurso midiático se propõe a determinar a interpretação dos fatos por intermédio de signos fixos e constantes que tentam proteger de contradições aquilo que está dado e aparece como representação do real, como verdade” (MORAES, 2009, p. 45).

Percebemos ainda no decorrer dessa seção uma relação entre os pensamentos bakhtinianos, gramscianos e as discussões sobre o jornalismo e as redes sociais, no que confere as noções de uso da língua(gem), ideologia e hegemonia. Nos momentos de discussão acima, conseguimos perceber como as relações sociais são mediadas pelos discursos, como as ideologias se movimentam no fluxo contínuo da linguagem e como os sujeitos se constituem perante tudo aquilo que são expostos diariamente.

Por fim, a fim de marcar a posição do cronotopo no nosso trabalho, declaramos aqui nosso entendimento de que a noção bakhtiniana do termo traz consigo certas balizas históricas, sociais, político-econômicas e culturais que se manifestam na forma de discursos/enunciados. Sendo assim, assumimos que todos os dados mobilizados para essa pesquisa estão carregados sempre de valores cronotópicos de que fazem parte.

Além dos enunciados, o cronotopo urge uma imagem de sujeito também. Segundo Bakhtin (2015 [1975]) todo cronotopo implica uma imagem de homem. Em todo momento que o discurso é mobilizado para fins de análise, o cronotopo projeta nesse discurso uma imagem de homem, sendo aquele que legitima, que regulariza o que normatiza o sentido do discurso numa dada época. No nosso caso de estudo, o sujeito pode ter diversas facetas, visto que os dados da pesquisa são coletados de plataformas diferentes.

Primeiramente, temos os sujeitos autores dos discursos, ora sujeitos institucionalizados, como no caso dos jornalistas redatores das webnotícias, ora sujeitos diversos, nos casos dos comentários em rede social. Fora os autores, temos também os sujeitos nos/dos textos: a imagem LGBTQIA+ - indivíduo que luta por seus direitos, por seu espaço em sociedade e por um reconhecimento de partícipe da sociedade como qualquer outro.

Esse sujeito foco dos discursos é aquele que necessita mobilizar discursos de resistência e militância na contemporaneidade, tendo em vista os acontecimentos dos últimos anos: taxas elevadas de assassinato desse grupo no país, discursos de ódio proferidos ao sujeito, discursos de apagamento, entre outros⁴⁴. Esse sujeito se projeta discursivamente na contemporaneidade em função das demandas sociais, de implicações sociais.

Assim, a partir do que foi explanado acima, passamos a nossa próxima seção, na qual abordaremos o cronotopo dos nossos dados, ou seja, o cronotopo dos portais de notícias e rede social escolhidos.

6.1.2 O cronotopo dos portais de notícias e redes sociais em estudo

Por meio do que exploramos no referencial teórico dessa pesquisa, com o auxílio de Bakhtin e o Círculo, juntamente com seus interlocutores contemporâneos, bem como o que já foi mencionado nas seções anteriores a essa, reafirmamos o entendimento de que o cronotopo pode ser entendido como a noção de tempo e espaço totalmente vinculado a um determinado evento na vida dos sujeitos. Segundo dois interlocutores do Círculo, Morson e Emerson (2008, p. 388), “ na literatura e na cultura em geral, o tempo é sempre, de um modo ou de outro, *histórico* e *biográfico*, e o espaço é sempre *social*; assim, o cronotopo na cultura deve ser definido como um ‘campo de relações históricas, biográficas e sociais’” [grifo dos autores].

⁴⁴ Essas questões são apresentadas na introdução desse trabalho, como no caso dos dados de violência contra os sujeitos LGBTQIA+, como também nos próprios dados e excertos trazidos durante a discussão – exemplo disso são os excertos das webnotícias que abrange questões de preconceito e apagamento desses sujeitos.

Essa declaração nos dá indícios de como o olhar do pesquisador deve se voltar ao estudo do cronotopo: a busca pelo histórico, pelo biográfico e pelo social; não separados, mas coexistindo em constante harmonia.

Na subseção anterior, nosso intuito foi trabalhar com a situação histórica do cronotopo do jornalismo e das redes sociais. Na presente seção, damos continuidade à análise, partindo para outros aspectos que o constituem: a situação social de interação dos discursos agenciados aqui escolhidos como *corpus*.

Para podermos adentrar nesse terreno, necessitamos citar alguns pontos importantes da teoria bakhtiniana: *as noções de situação de interação imediata e ampla*. A imediata origina a interação em que surgem os enunciados, já a situação ampla é a que perpassa e dá sustentação à situação imediata. Segundo Volóchinov (2017 [1929/1930], p. 205), a “situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação”.

Ressaltamos aqui que, em uma perspectiva dos estudos bakhtinianos, o cronotopo dá a existência de uma imagem de sujeito enraizado nas balizas histórico-sociais, culturais e políticas, como mencionam Acosta Pereira e Oliveira (2020, p. 102): “o discurso é balizado por uma matriz tempo-espacial que, dadas as conjecturas dessa matriz, legitima uma imagem de sujeito: uma imagem ideológico-avaliativa do sujeito e suas relações com outrem”

Por conseguinte, dada a importância da situação de interação, discutimos, antes de olharmos para os discursos em si – dados da pesquisa –, acerca a) dos movimentos do jornalismo contemporâneo e b) das redes sociais, caracterizando o mercado que os sustenta.

Segundo Peixoto (2019), o sistema midiático brasileiro é comandado por grandes empresas, as quais são proprietárias dos meios de produção. Essas grandes empresas são detentoras de acesso a sistemas diversificados, complexos e tecnológicos. Esse acesso faz com que elas tenham o comando de uma espécie de regime de produção de material.

Em busca de uma veracidade dessas declarações, recorreremos ao *Media Ownership Monitor – MOM* –, projeto criado com o intuito de defender a liberdade de imprensa e o direito de informar e ser informado de forma abrangente. O projeto tem como foco ser uma ferramenta de dados acerca dos proprietários dos meios de comunicação global. No Brasil, temos o MOM-BRASIL, o qual já atua ativamente, trazendo dados relevantes acerca da mídia brasileira. Por meio de um mapeamento de 50 veículos ou redes de comunicação, sendo eles: 11 redes de TV, 12 redes de rádio, 17 veículos de mídia impressa e 10 veículos online, realizado a partir da base de audiência desses, o levantamento mostra que esses pertencem a grupos específicos que têm interesses econômicos, políticos e/ou religiosos.

Figura 9 – Página das mídias no site do MOM - Media Ownership Monitor - Brasil

MEDIA OWNERSHIP MONITOR BRASIL 2017

intervozes coletivo brasil de comunicação social

PT

Q

MENU

Brasil · Mídia

Mídia

O MOM-Brasil mapeou 50 veículos ou redes de comunicação no Brasil, em quatro segmentos: **11 redes de TV** (aberta e por assinatura), **12 redes de rádio**, **17 veículos de mídia impressa** (jornais pagos de circulação diária e revistas pagas de circulação semanal) e **10 veículos online** (portais de notícias de interesse geral). Esses veículos foram selecionados com base na audiência. Também foi considerada sua capacidade de agendamento, ou seja, seu potencial de influenciar a opinião pública. A diferença entre o número de veículos de cada tipo se deve à maior ou menor concentração de audiência e ao alcance geográfico em cada segmento.

Base de Dados

TV **RÁDIO** **IMPRESSO** **INTERNET**

Fonte: <<https://brazil.mom-gmr.org/br/midia/>> Acesso em 15/03/2023.

Dados do projeto evidenciam que, no âmbito brasileiro, a imprensa majoritária é dominada por um total de vinte e seis grupos privados, sendo que uma média de dezesseis desse grupo se fazem presentes em outros negócios dentro da área de comunicação, se configurando, como relata o MOM-BRASIL (2017), como uma propriedade cruzada. Todos esses fatores, a dominância por um pequeno grupo de empresas, sendo elas algumas vezes entrelaçadas a outros projetos da área da comunicação, bem como o envolvimento político, econômico e religioso, retrata a configuração hegemônica do jornalismo brasileiro.

Um comentário que podemos traçar aqui sobre esse aspecto da mídia hegemônica brasileira e a pluralidade de ideias é que como a configuração da mídia está orientada a um propósito maior desses grupos, seja ele informativo, político, econômico e/ou religioso, a

multidiversidade de ideias acaba sendo escassa. Todo o projeto de dizer dentro dessas mídias é construído a fim de produzir sentido em relação ao seu objetivo com as informações, levando em conta o seu interlocutor e sua possível resposta, aquilo que Bakhtin (2015 [1975]) chama de resposta-ativa. O discurso é moldado pensando nas possíveis respostas do sujeito que interage com esse discurso.

Partindo desse panorama da realidade da mídia brasileira, podemos prosseguir e apresentar aspectos específicos sobre os grupos que incluem os portais de notícias que selecionamos para compor o banco de dados dessa pesquisa: O Grupo Globo – portal G1 – Globo.com –, Põe na roda.

Nas divulgações de dados feitos pelo MOM-BRASIL, o Grupo Globo aparece como um dos mais dominantes em relação a liderança de audiência do público em geral, com mais de 8 milhões de acessos diários em um período de um mês. Isso nos evidencia a importância que esse grupo tem dentro da mídia brasileira.

O grupo Globo é de propriedade da família Marinho – Irineu Marinho, primeiramente, Roberto Marinho e seus filhos, posteriormente. Irineu Marinho, em 1911, funda o jornal A Noite, no Rio de Janeiro. Com o sucesso do jornal, em 1925, Irineu decide fundar um segundo jornal, O Globo, o qual foi assumido por Roberto Marinho em 1931. Roberto Marinho, em seu legado, expande a empresa se tornando o que se conhece hoje.

Na imagem abaixo, podemos ter um panorama da dominância do grupo em relação a quatro âmbitos: televisão, imprensa, rádio e internet:

Figura 10 - Grupo Globo



Fonte: <https://brazil.mom-gmr.org/br/proprietarios/empresas/detail/company/company/show/grupo-globo/>
<acesso em 20/12/2022>

Atualmente, o Globo.com é considerado o maior conglomerado de mídia da América Latina, o qual agrega os maiores portais de notícias do Brasil, tais quais G1 – dados do corpus –, Globoesporte.com, GloboPlay, entre outros⁴⁵. A empresa ainda trabalha como fornecedora de serviços e suporte na internet para outros negócios do grupo.

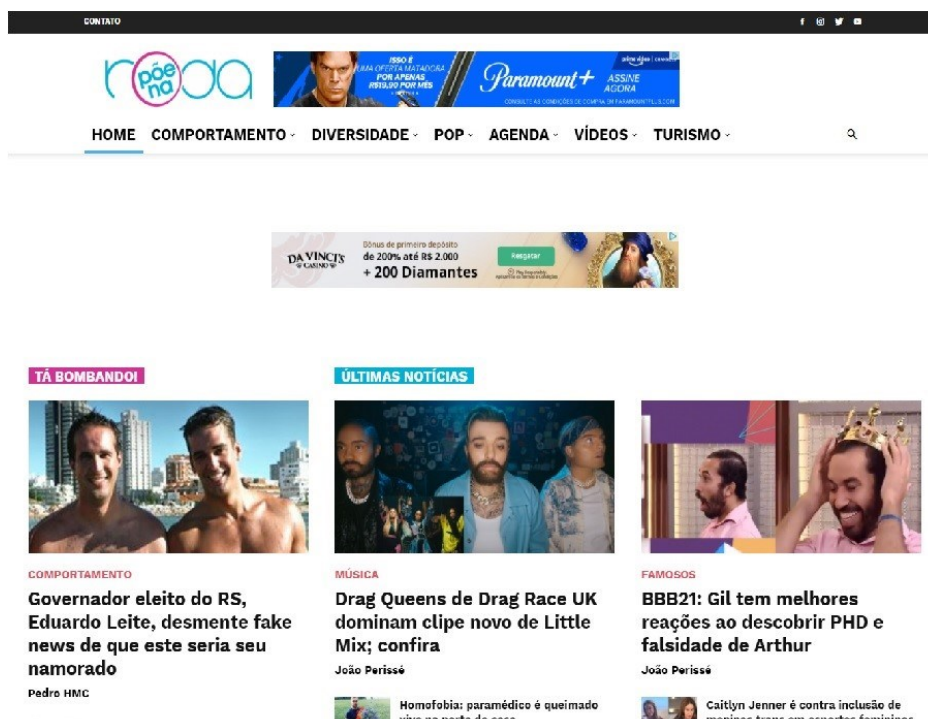
Segundo o MOM-Brasil, cerca de 187 *sites* integram o Globo.com e todos eles têm relevância na produção editorial e possuem público próprio. O G1 – Globo.com é o principal palco do grupo, contendo 52 seções com temáticas variadas, as quais incluem até páginas de notícias mais regionais e/ou locais. Para que isso ocorra, o G1 – Globo.com tem forte ligação de afiliação com grupos regionais de produção de conteúdo local em todo o território brasileiro. Essas páginas locais são mantidas por esses grupos regionais.

Ao se tratar do cronotopo do outro portal – Põe na Roda –, temos outro patamar. Tendo seus assuntos voltados à comunidade LGBTQIA+, o portal tem menos visibilidade do que o

⁴⁵ Informações retiradas do site do projeto MOM-Brasil. <<https://brazil.mom-gmr.org/br/midia/detail/outlet/globocom/>>. Acesso em 20 de dez. de 2022.

primeiro portal aqui exposto. Entretanto, independente desse aspecto, o Põe na Roda se destaca dentro dos conteúdos LGBTQIA+ com grandes números.

Figura 11 - Página inicial do portal Põe na Roda



Fontes: <<https://poenaroda.com.br/>>. Acesso em: 06/07/2021.

Tem por criador e autor, Pedro HMC – homem cis, gay, designer, *youtuber*, apresentador e roteirista brasileiro. Trabalhou como roteirista em diversos programas conhecidos nacionalmente: Amor e sexo, Furo MTV, CQC, entre outros. Além desses trabalhos desenvolvidos, já publicou livros autorais sobre a temática gay e criou o canal Põe na Roda.

O primeiro canal criado foi na plataforma *Youtube*, em 2014, onde atualmente conta com mais de um milhão de inscritos e duzentos e quinze milhões de visualizações. Posteriormente, o canal se expandiu para outras plataformas: o próprio portal de notícias, e redes sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*.

Como mencionado anteriormente, no capítulo que contextualizou os dados da pesquisa, o Põe na Roda tem como objetivo trazer pautas e informações a respeito da comunidade LGBTQIA+ de uma forma extrovertida e despojada.

De um lado temos um portal de notícias, constituinte de um grande grupo de atividades jornalísticas, comandado por uma família de grande respeito dentro da sociedade brasileira, até

mesmo da história brasileira. Do outro, temos um portal voltado a um nicho da sociedade que por muitos anos teve sua voz apagada, até mesmo sua existência apagada.

Realizadas as devidas caracterizações do cronotopo dos portais de notícias selecionados para compor o *corpus* da pesquisa, compreendemos que o portal de grande difusão (G1 – Globo.com) pode ser caracterizado dentro do que chamamos de hegemonia jornalística, no seu quase ínterim, o qual também é sustentado por uma empresa de grande escala e tem seus interesses voltados a seu benefício, seja ele informativo, político, econômico e/ou religioso – tendo em vista toda a discussão discorrida anteriormente.

Em relação ao portal Põe na Roda, temos características que fogem desse patamar hegemônico, podendo caracterizá-lo como discurso contra hegemônico, se pensarmos o simples fato de sua existência, seu propósito e seu público alvo.

A partir disso, conseguimos pensar na imagem de autoria dos discursos desses portais em estudo – que é discutida mais detalhadamente no decorrer do texto –, a qual é constituída a partir do panorama cronotópico apresentado anteriormente. Entendemos a questão da autoria como sendo um sujeito – não um sujeito único, mas uma figura abrangente visto que esse representa uma empresa e/ou uma instituição jornalística – que possui orientação e projetos de dizeres fundados em motivações editoriais, com o intuito de produzir sentidos a partir do que a próprio portal acredita ser o correto. Isto é, a motivação dos discursos desse sujeito jornalístico é enraizada nas ideologias dos grupos que os dominam.

Reafirmamos aqui também que o intuito de trazer essas duas facetas da atualidade jornalística brasileira não é a comparação entre ambos, mas sim analisar como as relações dialógicas engendradas no discurso de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+ publicados portais *online* e em redes sociais brasileiras são discursivizadas, por meio dos discursos dos portais e, juntamente, dos discursos de interação por parte das pessoas que entram em diálogo em forma de comentários.

Ao se tratar do pequeno cronotopo das redes sociais, afirmamos primeiramente que compreendemos a grande quantidade de sites de redes sociais presentes atualmente em âmbito mundial. Entretanto, por questões de recorte da tese, optamos por nos voltar ao *site Facebook*, como já exposto no capítulo 2

Figura 12 - Página inicial do site Facebook



Fonte: <<https://www.facebook.com/>>. Acesso em 15/03/2023.

Aqui acima, trazemos, primeiramente, para situar o leitor quanto à rede social escolhida como dado, a imagem da página inicial do site. Na página, há o local onde o sujeito usuário coloca suas informações para entrar na rede, bem como também há informações que expõem que o site se enquadra dentro do panorama de uma rede social:

Ex. 13. [...] *se conectar e compartilhar com as pessoas [...]*.

O Facebook hoje constitui um conteúdo dentro de uma bolha maior intitulada de META – nome dado atualmente à empresa que detém o poder e gerencia redes *como Facebook, Instagram e Whatsapp*. Sua sede fica na Califórnia nos Estados Unidos e tem como logo principal o símbolo do infinito. O intuito dessa nova visão da empresa foi o de englobar da melhor forma todos os componentes que fazem parte.

No site da empresa, conseguimos encontrar pontos interessantes que condizem com o que os teóricos das redes sociais já mencionados orientam. Primeiramente a questão da missão, como segue na figura abaixo:

Figura 13- Missão da empresa META

Meta Loja ▾ Nossas tecnologias ▾ Quem somos ▾ Construa conosco ▾

Nossa missão

Possibilitar que as pessoas criem comunidades e se aproximem

Fonte: < <https://about.meta.com/br/company-info/>> acesso em 20/03/2023.

Notamos aqui a clareza da relação entre a teoria das redes sociais e a missão da empresa que detém um dos maiores sites de redes sociais do mundo. Recuero afirma (2009, p. 93) que a maior importância das redes sociais online atuais é que elas “permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social, [que] conecta pessoas”.

A criação dessa comunidade de diálogos traz consigo o resgate do contato pessoal agora à distância. Pessoas distantes entram em constante interação, seja com pessoas conhecidas ou não.

Outro ponto que achamos interessante para a discussão da constituição da rede escolhida como *corpus* da pesquisa é o que aparece na imagem a seguir:

Figura 14 - Dizeres da empresa META



Fonte: < <https://about.meta.com/br/company-info/>> acesso em 20/03/2023.

Analizamos alguns pontos na imagem trazida acima. Primeiramente o discurso centralizado mencionando a abrangência das redes do grupo META e seu propósito – proporcionar o compartilhamento de ideias e entrar em interação. Além disso, as pessoas trazidas estão todas conectadas a dispositivos tecnológicos a fim de passar a imagem dessa conectividade, esse constante diálogo entre os sujeitos.

Feitas essa pequena apresentação da empresa META, podemos seguir exclusivamente com a rede de escolha. Apresentamos aqui, então, os aspectos que constituem o Facebook como uma rede social de grande difusão no território brasileiro.

O Facebook, atualmente, se constitui como a maior plataforma de rede social do mundo. Teve seu advento em meados dos anos 2004 na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos da América, onde um determinado grupo de jovens decidiu criar um site com as características de um livro de formatura (RECUERO, 2009).

O criador da rede social Facebook se chama Mark Zuckerberg. Sujeito norte americano, nascido no subúrbio de Nova Iorque, em uma família de classe média, sendo filho de uma psiquiatra e um dentista. Zuckerberg sempre teve contato com computadores e desde sua adolescência já se interessava no desenvolvimento de códigos e programas. Na universidade, desenvolveu a plataforma de rede social, possibilitando posteriormente o rapaz chegar ao patamar de bilionário.⁴⁶

O site surge com a ideia de que os usuários, estudantes da época, consigam utilizar a ferramenta para o compartilhamento de acontecimentos diários através de textos, fotos e vídeos. Entretanto, ocorreu posteriormente a expansão da abrangência do site, isto é, não ficou alocado apenas no âmbito da universidade. A rede social tomou grandes proporções mundiais e, segundo Giacomo; Arena; Myczkowski (2013), o número de usuários ultrapassa a marca de 800 milhões de sujeitos usuários, sendo que mais de 28 milhões desses são brasileiros.

Giacomo; Arena; Myczkowski (2013), ainda, trazem de forma sucinta qual a principal ideia da rede Facebook:

Através da rede é possível que as pessoas compartilhem seus sentimentos, suas alegrias e angústias através de fotos, vídeos e textos escritos, e que com isso todos possam “curtir” e mostrar apoio em relação ao que foi postado. E as postagens podem ser de todos os tipos: viagens, acontecimentos importantes, reclamações de empresas e serviços, músicas que reflitam o sentimento da pessoa num determinado momento, pedidos de ajuda e compartilhamento de

⁴⁶ Informações retiradas de <<https://www.infomoney.com.br/perfil/mark-zuckerberg/>>. Acesso em 17/03/2023.

suas perdas, entre outros. (GIACOMO; ARENA; MYCZKOWSKI, 2013, p. 8).

Notamos um paralelo com o que já foi abordado acerca do panorama do grande cronotopo das redes sociais na seção anterior. Trazemos as ideias de Recuero (2009) como esse paralelo, as quais aproximam-se da citação do texto de Giacomo; Arena; Myczkowski (2013), pois ela fala sobre como as redes sociais são categorias de um sistema de exposição pública dos sujeitos, a fim de se relacionar com os outros.

Segundo Recuero (2009), o Facebook funciona por meio da criação de perfis, isto é, só participa da rede quem estiver disposto a se expor como um sujeito ativo e pela sua conectividade com os outros em uma espécie de comunidade. Criado o perfil, os usuários podem convidar outros a participarem e/ou ser convidados por outros, criando assim uma rede de contatos, uma interação cibernética.

Sobre essa relação entre os participantes da rede, Rigo (2012, p. 462) comenta sobre a “existência a partir de sua conectividade. Só se existe no momento em que se está conectado”. Podemos aqui traçar um paralelo com os postulados de Bakhtin (2011 [1979]) sobre a alteridade. Somente no diálogo entre pessoas, seja ele frente a frente ou não, como é o caso aqui, é que o sujeito se descobre e se constitui. Ele constrói sua identidade, sua existência, no diálogo com o outro, na conectividade.

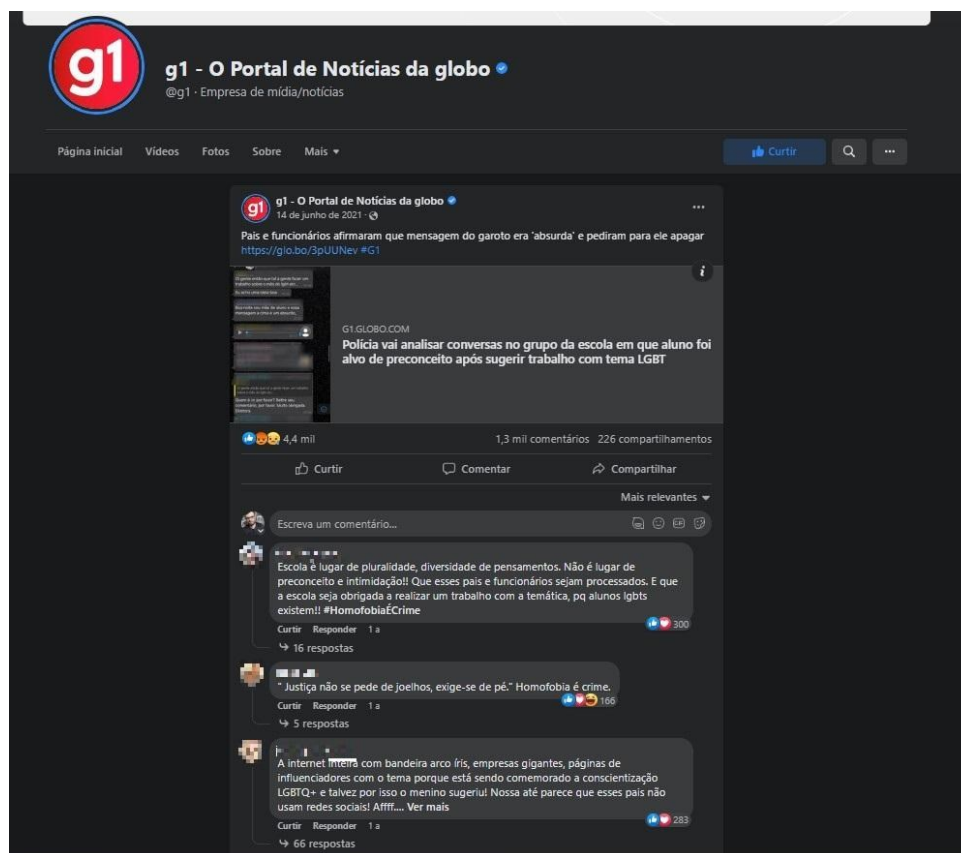
A interação na plataforma acontece em diferentes momentos. Os usuários podem interagir por meio de seus perfis, numa rede de amizades, intitulada pelo próprio site, ou também em páginas de outrem, como é o caso dos nossos dados, as páginas dos jornais G1 – Globo.com e Põe na Roda.

Essa interação nas redes acontece por diversas formas – principalmente por curtir, compartilhar e comentar. Sobre isso Amaral (2016) comenta que

[...] o usuário tem a possibilidade de se conectar a ela por meio de alguns comandos oferecidos pelo sistema. Esses comandos se referem às práticas de curtir, comentar e compartilhar. Curtir transmite aos demais usuários que você aprovou e gostou do que viu, porém, a partir do final de fevereiro de 2016, esse comando ganhou mais cinco botões que além de curtir, permite ao usuário expressar amor, alegria, surpresa, tristeza e raiva em relação às postagens que aparecem em sua página. Comentar permite mostrar a sua impressão sobre o fato e compartilhar permite a disseminação e até mesmo o aumento da interação da mensagem. (AMARAL 2016, p. 42).

A imagem abaixo nos evidencia essa relação de interação:

Figura 15- página do - G1 - webnotícia WG1#5 - Interação por curtidas e comentários



Fonte: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/06/14/policia-vai-analisar-conversas-no-grupo-da-escola-em-que-aluno-foi-alvo-de-preconceito-apos-sugerir-trabalho-com-tema-lgbt.ghtml>>. Acesso em 17/03/2023.

Podemos observar alguns elementos presentes na imagem: primeiramente, o título da página, juntamente da imagem da página – *G1 – Globo.com – o portal de notícias da Globo* – caracterizando a quem pertence a seguinte página; seguindo de seu conteúdo, ou seja, a exposição da notícia divulgada em seu site e aqui referenciada através de um pequeno texto e seu *hyperlink*, pelo qual os sujeitos participantes da rede podem ser direcionados à notícia.

Além disso, encontramos o que os autores supracitados mencionam como as relações dos sujeitos nas redes: os comentários, curtidas e compartilhamentos. É em páginas como essa que os sujeitos, por meio de seu perfil (constituído de foto, nome e outros elementos que já mencionamos que o constitui nas redes) entra em contato com outros. E essas relações podem acontecer por i) meio das reações dadas à postagem da webnotícia (curtir e reações), como no exemplo acima que tem um total de 4,4 mil e comentários diretamente ao texto, ou seja, uma reação-resposta (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]) ao discurso jornalístico; ii) bem como, uma relação entre os discursos dos sujeitos, em forma de enunciado, seja por reações novamente, seja por respostas diretas ao que o sujeito discursivizou.

Conseguimos aqui trazer os postulados de Volóchinov (2017 [1929/1930], p. 184), afirmando que “todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ela é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais”. Todos os enunciados/discursos, entendidos como elos na cadeia da comunicação verbal, têm caráter social. Eles se constituem sempre nas relações de ordem intersubjetiva e interpessoal.

Em outras palavras, olhando para os dados da pesquisa, todo discurso agenciado nas redes sociais faz parte da grande cadeia da comunicação verbal, como um elo socialmente constituído. Os discursos dos sujeitos são respostas aos já-ditos e não ditos, os discursos jornalísticos, bem como espera uma reação-resposta (BAKHTIN, 2016[1952-1953]) ativa do sujeito interlocutor, os outros da rede social.

Relembramos aqui o que Bakhtin (2015[1930-1936]) discorre acerca dos já ditos:

O discurso falado vivo está voltado de modo imediato e grosseiro para a futura palavra-resposta: provoca a resposta, antecipa-a e constrói-se voltado para ela. Formando-se num clima do *já dito*, o discurso é ao mesmo tempo determinado pelo não dito, mas que pode ser forçado e antecipado pelo discurso responsivo. Assim acontece em qualquer diálogo vivo. (BAKHTIN, 2015[1930-1936], p. 52-53).

O que podemos construir de verdade acerca da análise desses discursos engendrados uns nos outros é que, nesse contexto dialógico de linguagem, esses discursos contribuem para o entender da realidade social dos sujeitos que entram em interação.

Ressaltamos aqui de que todas as postagens na rede social *Facebook* selecionadas para a constituição do *corpus* da pesquisa aparecem da mesma forma: título da página com foto – seja do G1 – Globo.com ou Põe na Roda –, a matéria publicada com o *hiperlink* do portal e posteriormente as interações – reações/curtidas, comentários e respostas.

Diante do que já foi exposto até aqui no capítulo de análise dos dados, podemos afirmar que a seleção e toda a maneira de organizar o *corpus* da pesquisa acontecem por meio de processos interpretativos e axiológicos. Esses processos configuram desde os temas, os estilos e as formas composicionais dos nossos dados em um teor cronotópico.

Até o presente momento tratamos dos lugares discursivos dos enunciados, como também a posição dos sujeitos como autores desses enunciados e seus constantes diálogos em um tempo e um espaço determinado. O início da discussão, portanto, se deu partindo do fazer entender da situação de interação de um enunciado como a convergência dos aspectos espaciais e temporais, temáticos e axiológicos, além, também, dos sujeitos que entram em interação. (ACOSTA PEREIRA, 2012).

Partindo disso, seguimos nossas reflexões acerca da situação de interação das webnotícias selecionadas dos portais **G1 – Globo.com** e **Põe na Roda**, bem como dos comentários nas redes sociais. Se tratando dos portais, nos dois espaços, as webnotícias possuem um lugar determinado, de fácil acesso – privilegiado.

Se tratando do primeiro portal **Globo.com**, começamos pela página principal onde evidencia-se a existência de uma página específica para as notícias – o **G1** –, o qual pode ser acessado por meio de um *hiperlink* na barra superior do portal de forma rápida e fácil.

Destacamos ainda a organização da página do portal Globo.com, pois toda a sua disposição de notícias é feita por cores conforme a cor dos outros sites do portal, marcados na barra superior (os *hiperlinks*). Como o G1, está marcado pela cor vermelha, na página da Globo.com, as notícias que são direcionadas para o G1 estão com o título em vermelho. Bem como, por exemplo a mais à tese, as notícias do GE (Globo Esporte – verde na barra) estão marcadas de verde e as laranjas dizem respeito ao Gshow (entretenimento). Na imagem abaixo, mostramos essa disposição do portal, marcando as partes importantes anteriormente comentadas aqui.

Figura 16 - O lugar das notícias no portal - Globo.com - G1

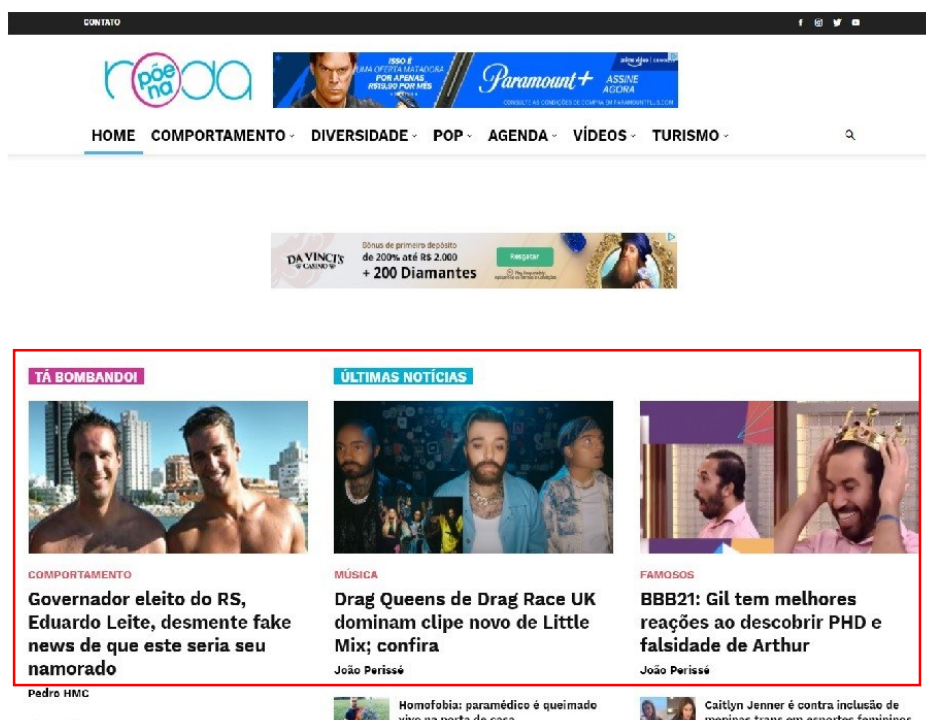


Fonte: <<https://www.globo.com/>>. Acesso em 27/03/2023.

Se tratando do portal **Põe na Roda** é um portal propriamente de notícias que giram em torno dos sujeitos LGBTQIA+, isto é, a grande maioria dos textos contidos no site são de gêneros discursivos em comum – notícias, reportagens. Isso nos indica que toda a página frontal

do portal já traz diversas webnotícias através de *hiperlinks* – salvo os espaços para eventuais publicidades. O espaço das webnotícias, então, é amplo, claro e de fácil acesso. A barra presente em cima, após o título do site, ajuda o sujeito leitor a encontrar determinado grupo de assunto. Tudo isso é evidenciado na imagem abaixo:

Figura 17 - O lugar das notícias no portal - Põe na Roda



Fontes: <<https://poenaroda.com.br/>>. Acesso em: 06/07/2021.

Antes de prosseguirmos com a análise, precisamos mencionar que atualmente, no ano de 2023, o site do portal **Põe na Roda** encontra-se indisponível para acesso. Isso ocorreu após o falecimento do marido de Pedro HMC, dono e criador do site. Seu marido, o policial trans Paulo Vaz, tirou a própria vida no ano de 2022. Pedro, assim, desativou as redes, mantendo apenas algumas, como é o caso da página do portal no Facebook, entretanto com poucas publicações nos anos de 2022 e 2023.

Dando continuidade do estudo, acerca da periodicidade das publicações, acreditamos que os portais seguem com a noção de imediatismo e da possibilidade de publicação em rápida forma após determinados eventos sociais, podendo ainda os textos passarem por atualizações e edições de acordo com a necessidade e compreensão desses eventos. Quanto à questão quantitativa dos portais, isso varia de acordo com as demandas temáticas de cada uma das

propostas; como o **G1 - Globo.com** não se limita a uma parcela da sociedade – os entornos dos sujeitos LGBTQIA+ - sua parte quantitativa acaba sendo maior do que o portal **Põe na Roda**.

Acerca disso, Guilherme (2021) comenta que

o trabalho jornalístico é organizado a partir de tipificações dos eventos, assim, a circulação do gênero notícia [...] depende, por exemplo, se os acontecimentos noticiosos localizados, não-programados, que aparecem subitamente e devem ser divulgados de imediato, as chamadas *hard news*. (GUILHERME, 2021, p. 186).

Outro critério que podemos mencionar aqui para a questão das publicações são os chamados eventos noticiosos em continuação. Eles são compreendidos como eventos pré-anunciados e intencionais que têm uma duração longa em questão de período de tempo específico (TUCHMAN, 1978, *apud* TRAQUINA, 2005).

E um terceiro aspecto para a periodicidade das publicações, segundo essa perspectiva, é a de acontecimentos em desenvolvimento, que estão ligados a fatos súbitos ocorridos anteriormente, em alguns casos. Podemos citar aqui o desdobramento de três webnotícias com o mesmo acontecimento ocorrido de forma súbita – *WG1#3 – Família denuncia preconceito contra aluno de 11 anos após sugestão de trabalho com tema LGBT em grupo da escola*, *WG1#4 – Escola de aluno criticado após sugestão de trabalho com tema LGBT recebe cartazes de protesto: 'Aceita ou respeita'* e *WG1#5 – Polícia vai analisar conversas no grupo da escola em que aluno foi alvo de preconceito após sugerir trabalho com tema LGBT*.

As três webnotícias cobrem o desdobramento de um acontecimento em uma escola de Campinas – SP. A família de um aluno registra um devido a uma fala preconceituosa da diretora da unidade escolar, após o discente sugerir um trabalho voltado ao “mês do LGBT”. As três webnotícias são divulgadas em dias subsequentes e trazem todas as informações pertinentes ao processo realizado, a reação do aluno, como também as declarações da própria unidade escolar. Na imagem abaixo, trazemos os títulos das três webnotícias e sua periodicidade, isto é, as datas destacadas:

Figura 18 - Periodicidade das webnotícias

The figure consists of three screenshots of news articles from the G1 website, specifically from the 'CAMPINAS E REGIÃO' section. Each screenshot shows a news article with a red box highlighting the date of publication. The first article is dated 13/06/2021, the second is dated 14/06/2021, and the third is dated 15/06/2021. The articles are about a family's complaint against a 11-year-old student for suggesting a project with an LGBT theme in a school group, the police's investigation into the case, and the school receiving protest signs.

13/06/2021 17h30 · Atualizado há um ano

14/06/2021 19h31 · Atualizado há um ano

15/06/2021 12h28 · Atualizado há um ano

Fontes: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/06/13/familia-denuncia-preconceito-contraluno-de-11-anos-apos-sugestao-de-trabalho-com-tema-lgbt-em-grupo-da-escola.ghtml>>
 <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/06/14/policia-vai-analisar-conversas-no-grupo-da-escola-em-que-aluno-foi-alvo-de-preconceito-apos-sugerir-trabalho-com-tema-lgbt.ghtml>>
 <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/06/15/escola-tem-cartazes-colocados-em-protesto-por-ataques-a-aluno-apos-sugestao-de-trabalho-com-tema-lgbt-ou-aceita-ou-respeita.ghtml>>. Acesso em: 29/03/2023.

A partir dos postulados, compreendendo nesse trabalho que a periodicidade das webnotícias nos portais varia de acordo com as características específicas dos eventos motivadores, com demandas culturais e institucionais sendo avaliadas ainda quanto a sua relevância para com a notícia. Esses fatores determinantes, além da valoração que é imbricada aos eventos que viram notícias e seus desdobramentos em sociedade que compõem toda a discursividade das notícias (GUILHERME, 2021).

Acerca disso, buscamos nos ancorar nos postulados de Volóchinov (2017 [1929/1930]), mais especificamente na questão dos índices de valores nos chamados signos ideológicos. Compreendemos que isso é o que ancora grande parte do nosso trabalho. Não são apenas as escolhas de temas, mas juntamente a organização semiótica do discurso – no nosso caso aqui as webnotícias – e também o local de ancoragem escolhido pela instituição de comunicação a fim de veicular o texto atuam como valores axiológicos por parte dos portais. Esses acontecimentos – escolha do tema, da organização e dos locais de veiculação – são atravessadas de maneira ideológica.

Segundo Guilherme (2021), as webnotícias, por sofrerem adaptações em relações às suas demandas sociais e serem do mesmo seguimento do gênero notícia, mas em um suporte eletrônico/virtual, são cabíveis de terem passado por um processo de ressignificação, deixando à parte a visão de um jornalismo informativo e tornando-se um jornalismo que assume um viés de interesse e atenção às questões das demandas sociais e/ou ideológicas de uma determinada sociedade. Com isso, esse novo modo de se fazer notícia acaba “trazendo, em alguns casos, uma roupagem mais reflexiva e com sua demarcação axiológica mais evidenciada, sem a famigerada neutralidade prevista para o gênero”. (GUILHERME, 2021, p. 190).

Entendemos que essa neutralidade dita existente no se fazer jornalismo não é cabível de existência, uma vez que, segundo Bakhtin (2015 [1979]), todo enunciado é imprescindivelmente ideológico. Os signos ideológicos estão sempre em um patamar de atravessamento de critérios da avaliação ideológica, fazendo com que reflita e refrata a realidade na qual está inserido. Nas palavras de Volóchinov (2017 [1929/1930], p. 236, grifo do autor): “Não existe enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma *orientação avaliativa*. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia”.

Afirmamos aqui que as escolhas institucionais, as quais dizem respeito aonde os textos se encontram e o período das publicações, são valorativamente carregadas. Isso acontece, pois compreendemos que ao se fazer determinadas escolhas, essas não são neutras, mas atravessadas por posicionamentos ideológicos. Sobre isso, Volóchinov (2017 [1929/1930]) tece

considerações acerca da relação entre valoração e ideologia: “Porque o poeta não escolhe suas palavras de um dicionário, mas do contexto da vida no qual as palavras se sedimentam e se impregnam de valorações” (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 88). São as valorações intrínsecas que selecionam as palavras do autor e sua percepção do sujeito leitor.

Sabendo que todos enunciados são carregados de avaliações sociais e valorações Medviédev (2016[1928]), consideramos que o lugar escolhido para a publicação dos webnotícias, bem como sua periodicidade nos portais não são meramente acasos, mas tem todo uma questão valorativa em relação a situação de interação.

Realizadas as considerações acerca do lugar no qual essas webnotícias se fazem presente, pontuando ainda a questão da periodicidade desses discursos, e também a ancoragem dos outros dados da pesquisa, as páginas na rede social e os comentários nelas, nos encaminhamos a outras duas questões que se fazem importante para compreendermos o todo do cronotopo: a questão da autoria e do destinatário dos discursos aqui elencados como parte do *corpus*.

A questão do sujeito foi discutida, anteriormente nesse trabalho, na seção 3.1.6. Sendo assim, trabalhamos a partir daqui com os postulados já dissertados e trazendo outras considerações para podermos analisar nossos dados e como essa questão de suma importância para o desenvolvimento do discurso entra em voga.

A questão da autoria é pensada por Bakhtin e o Círculo em muitos momentos de suas obras. Um desses momentos é quando o autor trabalha sobre enunciado, dizendo que sempre há um sujeito que enuncia algo, ou seja, sempre há a presença de um autor. Segundo o autor, por meio de suas análises sobre o romance, não podemos separar a figura do autor da composição das personagens e também das imagens, visto como elementos constitutivos (BAKHTIN, 2015[1979]).

Indo muito além apenas do romance, podemos afirmar que numa perspectiva dialógica da língua(gem), baseada nos estudos de Bakhtin e o Círculo, todo tipo de comunicação discursiva acontece por meio de relações dialógicas entre sujeitos sociais e do discurso, o que envolve, dentre diversos pontos, a situação imediata de interação, os interlocutores e também os contextos sociais.

Ao compreendermos a noção de sujeito bakhtiniano como esse sujeito falante, podemos aqui mencionar ainda outra noção imbricada – a noção do ato. Para Bakhtin (2012[1920-1924]), os atos são únicos e irrepetíveis, podendo ser compreendidos como ações reais e realizadas de maneira intencionada pelos sujeitos situados em um social. Por ser intencionado,

esse ato é sempre responsável, isto é, quando um sujeito se coloca como autor de um discurso na forma de um enunciado, ele assume a responsabilidade daquele ato. Nas palavras do autor:

O dever de pensar e a impossibilidade de não pensar são dados pela posição que ocupo em um dado contexto da vida real e concreta. Desse lugar, que somente eu ocupo, o que vejo e o que penso são da minha responsabilidade. Ninguém mais pode pensar aquilo que penso. Ninguém mais pode prestar contas da minha posição e realizá-la, por isso não existe *nenhum álibi* para que eu não pense e não assumo o que penso. Do meu lugar concreto e único, o pensamento e o ser que ele exprime adquirem um valor, uma entonação e deixam de ser uma mera abstração. O conteúdo de um pensamento tem uma significação estável que é dada pela identidade do ser que ele revela. Mas esse mesmo pensamento somente adquire sentido quando eu o assumo e o *valoro*. (BAKHTIN, 2012[1920-1924], p. 23-24, grifos nossos).

A partir do que Bakhtin comenta acima, podemos novamente trazer outro aspecto do ato para a discussão – o não-álibi. O ato responsável é uma assinatura do falante, justamente por não haver um álibi para o sujeito se opor ou deixar de realizá-lo.

Assumimos ainda aqui o nosso entendimento de que toda palavra tem mais de voz e mais de uma apreciação de mundo, isto é, toda palavra é bivocal. A autoria, juntamente da palavra, é então um atravessamento contínuo de vozes, sendo o autor o sujeito que cria todo esse diálogo dentro do discurso (BAKHTIN, 2015[1930- 1936]).

Por meio dessa reflexão sobre o sujeito e autoria, bem como toda a seção em que debatemos esse ponto na teoria bakhtiniana anteriormente no referencial teórico, podemos prosseguir com a análise dos dados. Nos voltamos agora para a autoria das webnotícias primeiramente, para focar nos comentários nas redes sociais dos portais posteriormente.

Como a autoria das webnotícias é composta de um menor número, conseguimos sintetizar em um quadro expositivo. Segue abaixo:

Quadro 19 – Autorias vinculadas às webnotícias

DADO	AUTORIA DE VINCULAÇÃO		Papel na Hierarquia Social (BAKHTIN, 2015[1979])
	PROFISSIONAL	INSTITUIÇÃO	
WPNR#1	João Perissé	Põe na Roda	Jornalista
WPNR#2	Jeferson Vita	Põe na Roda	Jornalista
WPNR#3	Pedro HMC	Dono do portal Põe na Roda e jornalista	Jornalista
WPNR#4	Jeferson Vita	Põe na Roda	Jornalista
WPNR#5	João Perissé	Põe na Roda	Jornalista
WPNR#6	Pedro HMC	Dono do portal Põe na Roda e jornalista	Jornalista
WPNR#7	Marcio Rolim	Põe na Roda	Jornalista

WPNR#8	Marcio Rolim	Põe na Roda	Jornalista
WG1#1	-	RJ1	-
WG1#2	-	G1 SC e NSC	-
WG1#3	Marcello Carvalho	G1 Campinas e Região	Jornalista
WG1#4	-	G1 Campinas e Região	-
WG1#5	-	G1 Campinas e Região	-
WG1#6	-	Jornal Nacional	-
WG1#7	Vivian Reis	G1 SP	Jornalista

Fonte: o autor. Quadro com base em Guilherme (2021).

Em todas as webnotícias, existe a figura da autoria, podendo ser uma pessoa específica ou uma instituição jornalística. A partir do exposto no quadro acima, destacamos que das 15 webnotícias escolhidas para a composição do *corpus*, 10 delas tem a indicação de um sujeito como autor, sendo que 8 dessas se encontram no portal **Põe na Roda**. Em 5 dessas webnotícias, há a instituição jornalística marcada como autor. Já em outros casos ainda, há a mescla de um sujeito autor juntamente da instituição, trazendo a ideia de que a voz de autoria desse sujeito é sempre respaldada pela voz de um grupo institucional. O autor em casos como esse - *WG1#3* e *WG1#7* – escreve partindo do ponto de vista da esfera em que atua, se tornando um representante legitimado por essa esfera. Isso nos faz entender que não existe apenas uma fala individual do autor, mas uma voz institucional de que ele faz parte. O autor aqui se torna praticamente um porta-voz da instituição e seu discurso se prova um discurso totalmente bivocal (RODRIGUES, 2001).

Na imagem abaixo, trazemos o exemplo da webnotícia *WG1#3*, na qual podemos observar essa relação entre voz da autoria, juntamente da voz institucional – o jornalista Marcello Carvalho e a instituição G1 Campinas e Região:

Figura 19 – Sujeito autor e instituição – bivocalidade na webnotícia

globo.com g1 ge gshow globoplay ASSINE JÁ ENTRAR >

MENU **g1** CAMPINAS E REGIÃO EPTV BUSCAR

Família denuncia preconceito contra aluno de 11 anos após sugestão de trabalho com tema LGBT em grupo da escola

Pais e funcionários afirmaram que mensagem do garoto era 'absurda' e pediram para ele apagar; irmã da criança registrou boletim de ocorrência. Secretaria Estadual de Educação disse que vai tomar 'medidas cabíveis'.

Por Marcello Carvalho, G1 Campinas e Região

13/06/2021 17h30 · Atualizado há um ano

Facebook Twitter WhatsApp Telegram LinkedIn Share

Fontes: < <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/06/13/familia-denuncia-preconceito-contraluno-de-11-anos-apos-sugestao-de-trabalho-com-tema-lgbt-em-grupo-da-escola.ghtml> > Acesso em 03/04/2023.

Interessante marcarmos algo em relação a essa webnotícia quanto a autoria. Como mencionado anteriormente na questão da periodicidade dos acontecimentos em desenvolvimento, esse fato narrado, o possível preconceito de uma instituição escolar com um aluno via aplicativo *Whatsapp*, teve um desdobramento em três webnotícias no portal **G1 – Globo.com**, entretanto apenas na primeira há a aparição de um sujeito autor, como mostra o quadro “autorias vinculadas às webnotícias”. Nas outras duas, há apenas a presença da voz institucional, ou seja, o sujeito autor acaba sendo apagado e se sobressai apenas a voz de um grupo institucional jornalístico brasileiro.

Acerca do amparo institucional junto à autoria de um sujeito acaba por diminuir o tom individual do texto. O peso da voz institucional se sobressai e configura esse discurso que ora poderia ser considerado individual, um discurso bivocal (RODRIGUES, 2001).

Na teoria bakhtiniana, Bakhtin (2015[1930-1936], p. 113) ao trabalhar com o discurso no romance, afirma que o heterodiscurso é “o discurso de outro na linguagem do outro”, que amparam assim as intenções da autoria. Ou seja, para o autor, a palavra nesse contexto de discursos é sempre bivocal, pois serve a dois sujeitos falantes, sendo sempre dialogada.

Chamamos de construção híbrida um enunciado que, por seus traços gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um falante, mas no qual estão de fato mesclados dois enunciados, duas maneiras discursivas, dois

estilos, duas “linguagens”, dois universos semânticos e axiológicos. (BAKHTIN, 2015[1930-1936], p. 84).

Prosseguindo com nossos estudos sobre o *corpus* da pesquisa, destacamos agora as webnotícias sem uma marca autoral. Como mencionado anteriormente, 5 delas não há a marcação de um sujeito autor, mas sim a instituição jornalística como autora. Entendemos que nesses casos, há o apagamento da figura individual que assina o texto, prevalecendo apenas a voz institucional. A imagem abaixo evidencia isso.

Figura 20 – Instituição jornalística como autora da webnotícia



Fontes: < <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/06/18/governo-de-sc-proibe-linguagem-neutra-em-escolas-publicas-e-privadas.ghtml> > Acesso em 03/04/2023.

Outra questão autoral que se evidencia nos nossos dados é a autoria por meio da associação de uma empresa/programa que tem ligação com os portais aqui em análise. Nos nossos dados, aparecem alguns casos: *NSC*, *RJI* e *Jornal Nacional*. Em todos os três casos, são jornais televisivos de cunho estadual, como nos casos do NSC e do RJ1, e nacional, no caso do Jornal Nacional. Entendemos aqui que a responsabilidade do todo informativo é do programa jornalístico, sendo assim, os portais marcam a autoria dos mesmos, como mostramos nas imagens a seguir.

Figura 21 – Autoria de programas ligados aos portais

globo.com g1 ge gshow globoplay ASSINE JÁ ENTRAR >

MENU g1 RIO DE JANEIRO BUSCAR

Jornalistas são vítimas de ataques homofóbicos; MP abre investigação contra padre

Declaração de Erick Rianelli para o marido, Pedro Figueiredo, por ocasião do Dia dos Namorados, viralizou. Dono de lanchonete em Brasília e sacerdote de Mato Grosso os atacaram.

Por RJ1

17/06/2021 14h02 · Atualizado há um ano

f t w i s

Fontes: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/17/jornalistas-sao-vitimas-de-ataques-homofobicos-mp-abre-investigacao-contr-padre.ghtml>> Acesso em 03/04/2023.

Através dos dados, excertos trazidos aqui, e de toda a discussão apresentada até o momento, compreendemos que nos discursos em forma de enunciados existe sempre a presença de outros discursos, de outros sujeitos e de outras organizações. Sendo assim, os discursos se configuram com bivocais, pois são transpassados sempre por outros (BAKHTIN, 2015[1930-1936]). Essas vozes no discurso estão “dialogicamente relacionadas, como se conhecem uma à outra” e se unem em um só discurso, compreendendo em não só duas vozes, mas também em “dois sentidos, duas expressões” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 127).

Nesse ínterim, o discurso do outro não é apenas uma informação, uma indicação, uma regra ou um modelo, mas “procura determinar os próprios fundamentos da nossa relação ideológica com o mundo e do nosso comportamento, atua aqui como um *discurso autoritário* e como discurso *interiormente persuasivo*” (BAKHTIN, 2015[1930-1936], p. 136 [grifos do autor]).

Aqui entram em cenário dois conceitos importantes para a teoria bakhtiniana, como também para nossa análise: a noção de discurso autoritário e discurso interiormente persuasivo. Os dois tipos até podem ter uma relação de união, entretanto geralmente divergem. O primeiro, discurso autoritário – que diz respeito ao discurso moral, ao discurso religioso e ao discurso político – é aquele entendido como monológico, imposto ao sujeito, sem abertura a questionamentos e negociações, ou seja, necessita persuadir. Já o segundo, o interiormente persuasivo – o discurso da ciência, da opinião pública, da crítica – não tem autoritarismo e legalidade, mostra-se aberto às relações dialógicas.

Bakhtin (2015[1930-1936], p 137-138) afirma ainda que o discurso autoritário “entra em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível”, à medida que o discurso internamente persuasivo “se entrelaça estreitamente com a nossa palavra”, pois o nosso discurso “se elabora gradual e lentamente a partir das palavras reconhecidas e assimiladas dos outros”. Ainda Bakhtin (2015[1930-1936], p. 136) pontua que “a luta e as relações dialógicas entre essas categorias do discurso ideológico costumam determinar a história da consciência ideológica individual”.

Um exemplo que podemos trazer acerca do que foi exposto está no exemplo abaixo, no qual há a referência da Constituição Federal, lei fundamental e suprema do Brasil, acerca da publicidade comercial, visando a liberdade, igualdade e censura de cunho ideológico e social. Esse discurso foi trazido como resposta à proposta de uma deputada para a retirada de propaganda que aparecessem sujeitos LGBTQIA+ e nele percebemos o agenciamento da voz da autoridade, Constituição, a fim de proporcionar um parâmetro mais fechado ao discurso.

Ex. 14 – A entidade lembra que a Constituição estabelece a exclusividade da União em legislar sobre publicidade comercial, assim como veda qualquer afronta ao direito à liberdade, à igualdade e à censura de natureza ideológica e social. (WG1#7, grifos nossos)

Seguindo os caminhos da análise, temos a questão autoral nas redes sociais. Diante do que foi exposto acima acerca da constituição do grande cronotopo – Boyd & Ellison (2007) e Recuero (2009) – temos um padrão de exposição e identidade na rede social selecionada: a criação de um perfil – página pessoal –, na qual há a presença de imagem, nome do sujeito que entra em diálogo com a webnotícia e com os outros sujeitos.

Abaixo mostramos um exemplo de alguns comentários, no qual podemos perceber esses elementos, bem como todo o diálogo.

Figura 22 - Autoria na rede social Facebook



Fontes: <<https://www.facebook.com/poernaroda/posts/3803845219695084>> Acesso em 03/04/2023.

Diferentemente das webnotícias, que em determinados momentos tem como autoria a instituição, os discursos agenciados nas redes sociais têm um rosto e um nome. Há assim, uma exposição quase que obrigatória. Na página do *Facebook*, a dinâmica de configuração é sempre: aparecimento da foto do perfil e nome do sujeito que ali dialoga (aqui na pesquisa foram borrados por motivos de anonimato). Os comentários são relacionados a webnotícia (*WPNR#3*) que trata de um trisal ter conseguido o registro de 3 paternidades nos documentos dos filhos.

Temos, ainda, a compreensão aqui de que a autoria de um texto, seja ela de uma pessoa ou de uma instituição, augura a existência de um sujeito leitor – a figura do seu interlocutor. É a partir desse que o sujeito autor molda todo seu discurso, isto é, por meio de suas expectativas com o outro.

Ao pensarmos em parte dos nossos dados – webnotícias –, nos é difícil delimitar com total precisão o interlocutor, pois nosso suporte é virtual e a interação se dá a partir da leitura dos textos *online*, isto é, as relações dialógicas não são diretas – face a face –, entretanto são mediadas. Essa interação entre sujeito autor e sujeito interlocutor “é mediada por diferentes instâncias, como a própria escrita (procedimento geral de simbolização), o jornal e a Internet

(suporte material de inscrição e rede de difusão), e a esfera jornalística (função ideológica)” (RODRIGUES, 2001, p. 209).

O conhecimento que temos acerca da relação da autoria com seu interlocutor no âmbito virtual é o de que, os autores têm uma projeção de como é seu interlocutor, sendo ela construída por meio de expectativa demarcada pela instituição jornalística a qual o autor faz parte. O processo dessa projeção pode acontecer, segundo Rodrigues (2001) por

[...] enquetes socioeconômicas feitas pelas empresas jornalísticas, que definem o "perfil" do público leitor do jornal. Embora se afirme que o jornalista "escreve para todos os tipos de leitor", os jornais têm uma determinada concepção de destinatário. As grandes empresas jornalísticas publicam jornais diferenciados, destinados ao consumo de diferentes tipos de destinatários, normalmente estabelecendo como critério a classe socioeconômica. (RODRIGUES, 2001, p. 134).

No caso do **G1 – Globo.com**, portal de grande porte e difusão em território brasileiro, que tem milhões de acessos mensais, há uma grande dificuldade em delimitar e monitorar esses acessos a fim de conseguir traçar o perfil de um grupo de sujeitos que acessam de maneira até que diária. Uma forma da tentativa de delimitá-los dentro de seu portal é a criação de extensões (editoriais) com temas distintos, isto é, portais que sejam mais nichados: variedades, esporte, saúde, moda, entretenimento e etc.

Uma tentativa do portal de entender o seu público foi a criação da plataforma Ogon, em 2014. A ideia aqui direciona-se às agências de publicidade ligadas ao Grupo Globo. A plataforma propõe uma negociação de mídia direcionada e focada no perfil dos mais diversos usuários do Grupo. Um exemplo disso é que o portal Globo.com tem, a partir das análises 13 perfis diferentes de sujeitos interlocutores, ou seja, um público bastante diversificado.

Se tratando do **Põe na Roda**, temos apenas a informação de que o portal, seja o antigo site que se encontra suspenso, página do Facebook e canal do *Youtube.com*, se direciona às notícias voltadas ao mundo LGBTQIA+. Subentende-se aqui que uma grande parcela ou quase toda ela seja majoritariamente sujeitos LGBTQIA+.

A partir dessas informações supracitadas, notamos a dificuldade em encontrar informações precisas acerca dos interlocutores de parte dos nossos dados, partindo do pensamento da natureza dos portais – *online*. Sendo assim, nosso caminho aqui se dará visando abranger considerações acerca dos sujeitos que tem acesso à internet em contexto brasileiro, ou seja, possíveis interlocutores dos portais.

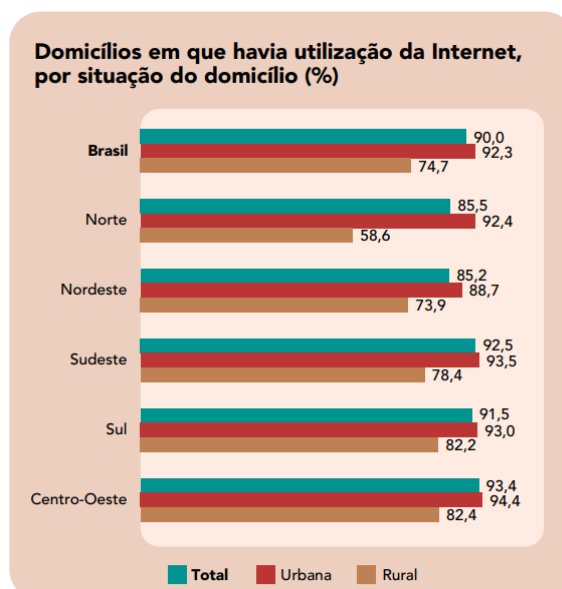
Trazemos aqui uma pesquisa realizada pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizada em 2021 e publicada em 16 de setembro de 2022. Tem como título *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2021*⁴⁷ e seu foco centra-se nas diferentes tecnologias possíveis de serem encontradas nos lares brasileiros e utilizadas pelos sujeitos. A pesquisa evidencia que no ano de coleta dos dados, 90% da população brasileira tem acesso à internet em domicílio, apenas 10% ainda se mantém sem. Nos dados apresentados pelo estudo, é evidenciado que a região Centro-Oeste é a detentora da maior taxa de acesso: 93,4% – somando a área urbana e a área rural.

Sobre a faixa etária dos usuários, a pesquisa relata que há um grande acesso por sujeitos de 10 a 59 anos. A porcentagem de acesso dessas idades fica em torno de 70-90%. Apenas na faixa 60 ou mais que o estudo mostra o caimento do uso.

Entre as pessoas que não utilizam, há um grande percentual relatando que não faz a utilização por não saber como, cerca de 22,3%, aparecendo nesse ponto uma questão de falta de letramento digital. Outra grande parcela não tem acesso a internet devido ao alto valor dos serviços, seja de banda larga e/ou banda móvel – 28,2% dos entrevistados.

Todas essas informações estão nas imagens da pesquisa, trazidas logo abaixo:

Figura 23 - Percentual do uso de internet em domicílios no Brasil

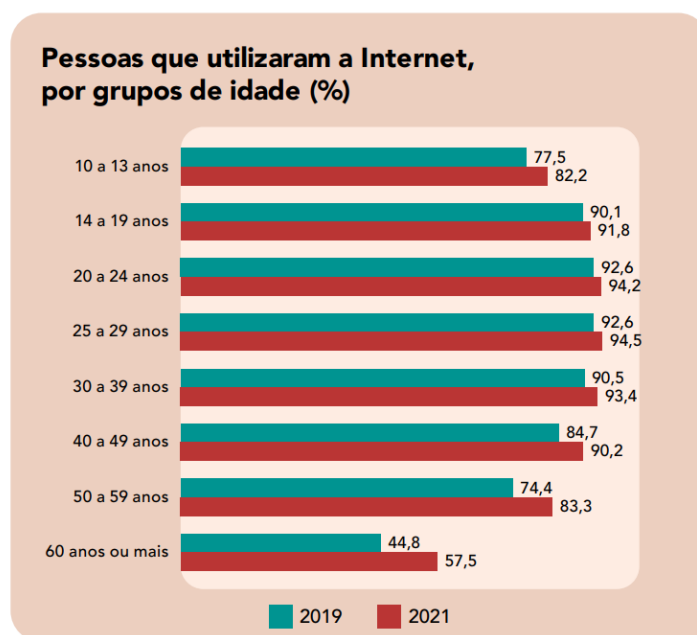


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.

Fonte: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101963>> Acesso em 01/04/2023.

⁴⁷ Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101963>> Acesso em 01/04/2023.

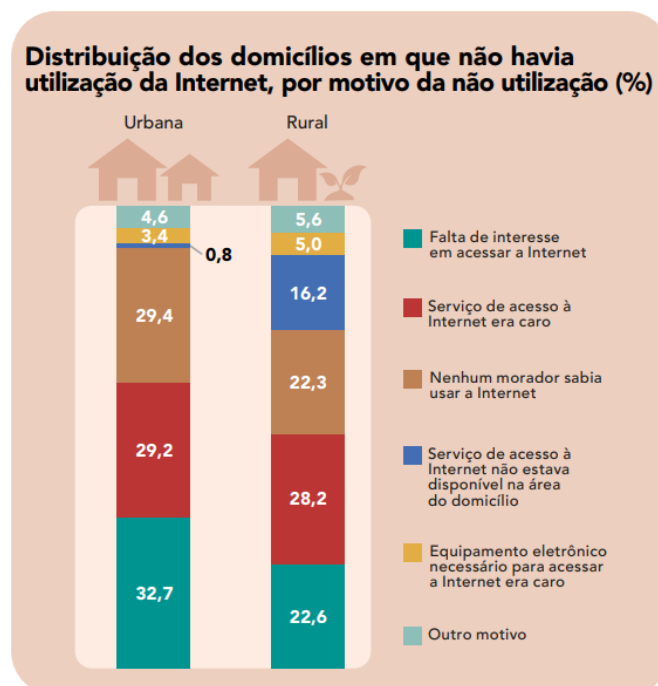
Figura 24 – Utilização da internet no Brasil por faixa etária



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019/2021.

Fonte: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101963>> Acesso em 01/04/2023.

Figura 25 - Motivos da não utilização de internet no Brasil



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.

Fonte: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101963>> Acesso em 01/04/2023.

Vale ainda comentar que a pesquisa mostra os principais motivos para a utilização da internet no Brasil. Segundo a coleta, os maiores pontos foram: i) enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de *e-mail*, ii) conversar por chamada de voz ou vídeo, iii) assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes e por último iv) enviar ou receber *e-mail*. A utilização para acesso aos portais de notícias e redes sociais não aparece entre os principais motivos.

O padrão de sujeitos usuários das redes sociais segue o mesmo das webnotícias – dificuldade em delimitar um apenas. São milhares de pessoas acessando diariamente a plataforma. Dados que podemos trazer aqui para tentar criar uma relação entre interlocutores nas redes sociais é apresentado por *Meta Quarter Results (T1 2022)* e *Kepius e Locowise* – duas grandes empresas mundialmente conhecidas no ramo das pesquisas virtuais. Segundo eles, a plataforma do Facebook, em 2022, tinha um total de quase três milhões de usuários ativos, permanecendo em primeiro lugar nas redes sociais mais utilizadas. No âmbito brasileiro, no mesmo ano, aparece uma quantidade de cento e dezesseis milhões de usuários ativo – quarto país de maior utilização da plataforma⁴⁸.

Feitas essas considerações acerca do perfil dos usuários de internet no contexto brasileiro e a discussão sobre a situação mais imediata que atravessa toda a produção dos discursos em análise aqui nesse trabalho, podemos concluir essa seção. Antes de prosseguirmos com os dados, apresentamos abaixo um quadro que sintetiza as principais questões acerca das duas seções que trataram do cronotopo dos nossos dados – grande e pequeno cronotopo.

Quadro 20 – Síntese com os resultados da análise do cronotopo e da situação de interação dos portais e rede social

O CRONOTOPO DOS DADOS	
Grande cronotopo	<p>Das webnotícias: espaço-temporalmente, a imprensa brasileira se constituiu por meio de alianças com interesses de grandes grupos de influência: político, empresariais e religiosos.</p> <p>Da rede social: ferramentas para a comunicação mediada pela língua(gem). redes de internet com suas plataformas de redes sociais, o palco de interação e de conflitos no século XXI (RECUERO, 2001).</p>
O mercado que sustenta os portais e as redes sociais	<p>Das webnotícias: atualmente, a mídia brasileira é sustentada por um mercado no qual poucas empresas são as detentoras da posse dos canais e portais. Há</p>

⁴⁸ Dados retirados de < <https://dataismo.com.br/dados-do-facebook-em-2022-total-de-usuarios-pessoas-ativas-e-regioes-de-maior-publico/> Acesso em 08/04/2023.

	<p>uma centralização das fontes de dados e comercialização. Parte dos nossos dados – as webnotícias – fazem parte de um corpo hegemônico, vinculado a um grupo midiático grande e sustentado por empresas. Interesses voltados ao grupo empresarial que comanda.</p> <p>Da rede social: existência de uma empresa com seus valores e interesses que comanda todo o funcionamento e direcionamento, seja estilístico, estético ou funcional, da rede social.</p>
A SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO DOS DADOS	
Lugar de ancoragem	<p>Das webnotícias: no G1 – Globo.com e Põe na Roda, há um grande espaço destinado às webnotícias, na própria página inicial e/ou portal específico dentro. Webnotícias são acessadas através de <i>hiperlinks</i>.</p> <p>Da rede social: página dos portais G1 – Globo.com e Põe na Roda com formatação igual entre eles, respeitando a identidade da rede social. Postagens das notícias com o hiperlink do portal para o direcionamento do sujeito leitor.</p>
Periodicidade	<p>Das webnotícias: não existe uma periodicidade padrão e estaque para a publicação das webnotícias, pois há a dependência da urgência dos fatos. Fatores mencionados anteriormente com base em Traquina (2005), como eventos noticiados, eventos em continuação e acontecimentos em desenvolvimento.</p> <p>Da rede social: como só há interação nas páginas dos portais G1 – Globo.com e Põe na Roda na rede social por meio da publicação das webnotícias, a periodicidade nas redes sociais depende completamente das postagens do portal. Posteriormente, não há como definir de maneira precisa, pois cada sujeito tem a liberdade de interagir em qualquer instância de uso da rede.</p>
Autoria	<p>Das webnotícias: autoria de maneiras diferentes: <i>individual</i>, marcada pelo nome e profissão. Nos nossos dados evidenciam-se jornalistas; e <i>institucional</i>, seja a própria assinatura dos portais e/ou outras agências e grupos que abarcam todo o funcionamento do portal.</p> <p>Da rede social: sujeitos identificados a partir de um perfil criado dentro da rede social, sendo ele composto principalmente por imagem e nome. O sujeito autor das redes se destina àqueles que têm interesse pelo conteúdo exposto e deseja interagir por meio de comentários.</p>
Destinatários	<p>Das webnotícias e da rede social: dada a natureza dos suportes dos dados, evidenciamos uma dificuldade na definição do público-alvo. Encontram-se diferentes perfis de usuários, de diferentes regiões do Brasil e de diferentes faixas etárias.</p>

Fonte: o autor.

O intuito de construir esse quadro é o de, em poucas palavras, sintetizar os postulados das seções, isto é, as discussões, os aportes teóricos e excertos dos dados, para assim ter um panorama mais claro e objetivo.

A partir do quadro de número 25, no qual expomos uma síntese dos resultados dos nossos caminhos de análise até o presente momento, evidenciamos que os movimentos mostram e reforçam discursos fundados acerca do sujeito LGBTQIA+. Desse modo, por meio do olhar para a constituição do grande e do pequeno cronotopo do jornalismo e da rede social, em específico *Facebook*, podemos entender que todo discurso é balizado e reforçado pelo cronotopo e se constitui na situação de interação, onde aparecem as figuras do sujeito autor e o sujeito destinatário. Esse modo de pensar o discurso é acontece a partir da ideia de que todo enunciado vivo tem seu surgimento em um momento histórico e social específico, e é por essa causa que milhares de fios dialógicos circundam um determinado objeto da enunciação (BAKHTIN, 2015 [1975])

Realizadas todas essas considerações acerca da questão do cronotopo dos nossos dados, conseguimos prosseguir com nossa análise e adentrar em outras questões dos discursos. Sendo assim, as próximas seções e subseções tratarão sobre o objeto discursivo dos nossos dados – resistência e militância.

6.2 SOBRE O QUE DIZEM OS DISCURSOS

Na presente seção, nos adentramos nos dados. Nesse momento, buscamos analisar nossos dados a partir de todo o nosso aparato teórico, isto é, os estudos de Bakhtin e o Círculo.

A partir de um olhar para os discursos materializados na forma de enunciados, buscamos analisar como o objeto do discurso (BAKHTIN, 2016[1952-1953]) é tematizado nas webnotícias e nos comentários da rede social *Facebook*.

Nesse ínterim, temos a ciência de que por meio dos enunciados em análise que os sentidos se potencializam e cabe a nós, pesquisadores, leitores, interlocutores desses enunciados tecer inteligibilidade sobre eles. Entretanto, entendemos que essa mobilização não é uma tarefa fácil e de simples execução, sabendo que o objeto da pesquisa, o discurso, é sempre atravessado pelos discursos de outrem e pelos discursos de outrem sobre ele próprio, como afirma Bakhtin (2015[1930-1936]):

Conceber seu objeto pelo discurso é um ato complexo: por um lado, todo objeto “precondicionado” e “contestado” é elucidado; por outro, é obscurecido pela opinião social heterodiscursiva, pelo discurso do outro sobre

ele; e nesse complexo jogo de claro-escuro entra o discurso que dele se impregna, que nele lapida seus próprios contornos semânticos e estilísticos. A interação dialógica que, no interior do objeto, ocorre entre diferentes elementos de sua apreensão e prévia combinação socioverbal, torna complexa a concepção de tal objeto. E a representação literária respectiva, a imagem do objeto, pode ser penetrada por esse jogo dialógico de intenções verbalizadas que nele se encontram e se entrelaçam, pode não abafá-las, mas, ao contrário, ativá-las e organizá-las. (BAKHTIN, 2015[1975], p. 49).

Partimos, então, da compreensão de que a construção de todo o sentido se dá por meio das relações dialógicas entre os enunciados, ou seja, da natureza dialógica da língua(gem) (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]). Para isso, nos debruçamos também nos conceitos que fazem parte do cerne da nossa pesquisa: as questões de resistência e militância. Para isso, produzimos aqui um movimento teórico de retomada do referencial teórico para poder abranger esses dois conceitos.

Sendo assim, nossa seção é constituída da seguinte forma: a partir desse diálogo entre os conceitos e teoria, apresentamos como nossos dados nos levam a pensar sobre a resistência e militância de/em torno dos sujeitos LGBTQIA+ no Brasil por meio dos discursos. Nesses movimentos, dados, teorias e conceitos, enfim, conseguimos discutir acerca do que nos propomos analisar nessa tese: como as relações dialógicas engendradas no discurso de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+ publicados jornais/portais *online* e em redes sociais brasileiras são discursivizadas.

Em suma, podemos afirmar que o caminho da seção é: (i) busca da retomada dos conceitos de resistência e militância e relação com a teoria basilar do referencial teórico; (ii) agenciamento do *corpus* da pesquisa e (iii) discussão de dados e/em teoria, motivada por nossa questão de pesquisa. Temos aqui então uma análise do discurso de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+ publicados em jornais/portais *online* e em redes sociais brasileiras.

Resistência e militância, essas entendidas aqui como movimentos de luta e posicionamento do sujeito em relação ao discurso do poder, o discurso da massa (GRIGOLETTO, NARDI & SILVA (org), 2020; SAWICKI & SIMEANT, 2011), como já exploradas de maneira mais ampla no *capítulo 4* dessa pesquisa. Essa seção se organiza em subseções, sendo elas: 6.2.1 *O discurso da resistência e da militância na reação-resposta da voz de outrem*, na qual abordamos como os temas que envolvem os sujeitos LGBTQIA+ são discursivizados, na voz de outrem, seja essa voz agenciada em *discurso direto* (subseção 6.2.1.1), *discurso indireto* (subseção 6.2.1.2) ou *discurso indireto-livre* (subseção 6.2.1.1).

Como fechamento dessa parte do olhar para o discurso de outrem, apresentamos uma subseção (*subseção 6.2.1.3*) que busca um relativo acabamento para esse tema na nossa pesquisa. Posteriormente, nos voltamos ao *discurso de resistência e militância em projeções ideológico-valorativas* (*subseção 6.2.2*), onde voltamos às marcas valorativas trazidas nos enunciados dos sujeitos. Por fim, empreendemos uma reflexão final sobre os resultados encontrados e discutidos, na subseção intitulada: *a luta, a resistência e a militância nunca terminam* (*subseção 6.2.2.1*). Tendo feito essas apresentações finais, podemos prosseguir para a análise.

6.2.1 O discurso da resistência e da militância na reação-resposta da voz de outrem

Abrimos nossa seção de análise, apresentando os caminhos trilhados aqui. Para analisarmos e discutirmos como os discursos de resistência e militância se constituem nos nossos dados, primeiramente, abordamos como o discurso para o Bakhtin e o Círculo é tematizado. Sendo assim, agenciamos um movimento de retomada dos conceitos do capítulo 3 – acerca do discurso – dessa pesquisa, como juntamente abrimos uma discussão sobre as formas de constituição das relações dialógicas conforme Bakhtin (2015 [1975]) – palavras únicas, entre discursos citados (direto, indireto, indireto livre) e na enunciação com um todo de forma diluída. Realizada essa abordagem teórica, podemos analisar os dados e construir uma discussão tecendo uma relação *análise-teoria-discussão*. Esclarecido esses pontos que dão base ao nosso caminho de análise, seguimos para os conceitos nortes – o discurso do outro e suas formas.

O discurso do outro, explorado por Bakhtin (2015 [1975]) e Volóchinov (2017 [1929/1930]), merece grande atenção, devido sua importância na construção das relações dialógicas. Pesquisadores como Brait (2005) e outros afirmam que o discurso do alheio é parte integrante do nosso dizer no cotidiano, da política, da fala retórica, na literatura, como também da mídia – o jornalismo, no nosso caso. Essa voz pode ser evidente em uma forma explícita ou velada. Seja de uma maneira ou de outra, a voz está presente e produzindo constantemente sentidos. Nas palavras de Bakhtin (2015 [1975]),

“O peso do dia a dia no tema do falante é imenso. Em nosso dia a dia, a cada momento ouvimos o discurso sobre o falante e sua palavra. Pode-se dizer francamente: o que mais se fala no dia a dia é sobre o que dizem os outros, transmitem-se, recordam-se, ponderam-se, discutem-se as palavras alheias, opiniões, afirmações, notícias, indigna-se com elas, etc. Caso agucemos o ouvido para fragmentos do diálogo cru na rua, na multidão, nas filas, no saguão do teatro, etc., ouviremos como amiúde se repetem as palavras “diz”, “dizem”, “disse”, e em conversas rápidas na multidão frequentemente se fundem em um contínuo de expressões como “ele diz... você diz... eu digo...” e como é imenso o peso específico do “eles dizem” e “disse” na opinião

pública, na biblioteca pública, nos mexericos, nas malhações, etc. É necessário considerar ainda o peso psicológico que tem no dia a dia aquilo que os outros dizem de nós e a importância que tem para nós o modo de compreender e interpretar essas palavras dos outros (a “hermenêutica do dia a dia”). (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 131).

Para Volóchinov (2017 [1929/1930]), o discurso de outrem é o discurso sobre e no discurso; é a enunciação sobre e na enunciação. Nessa perspectiva, enquanto aquilo que falamos constitui o conteúdo do nosso dizer, o discurso de outrem é mais do que isso, uma vez que há a possibilidade de entrar no discurso e na construção sintática, realizando a produção de uma unidade integral. Desse modo, de acordo com Volóchinov (2017 [1929/1930], p. 250), “o discurso alheio mantém a sua independência construtiva e semântica, sem destruir o tecido discursivo do contexto que o assimilou”.

Uma vez que o discurso do outro se integra ao discurso autoral, ele torna-se constituição dele, como tema, visto que um tema alheio se torna um tema do tema. Diante disso, o falante vê o discurso citado como discurso de outra pessoa, não dependendo de sua origem, que é finalizado em relação a sua construção e está localizado fora do contexto narrativo. O discurso do outro passa a fazer parte do discurso autoral, permanecendo seu conteúdo e, de certa forma, rudimentos de sua integridade linguística e da sua independência inicial construtiva. Todavia, ao tornar-se um com o discurso autoral, ele precisa de ajustes quanto às questões sintáticas, estilísticas e composicionais elaboradas (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]).

Segundo Volóchinov (2017 [1929/1930]), o sujeito que assimila o discurso alheio não é mudo, isto é, sem palavras; pelo contrário, é um ser pleno de dizeres interiores. Nessa circunstância, o sujeito mediatiza seu pensar via discurso interior, relacionando-o com o discurso exterior. Em suma, é a “*reação da palavra à palavra*” (p. 251, grifos do autor). No discurso interior é que o sujeito assimila e abarca valor ao discurso do outro – uma relação ativa do falante.

A relação entre o discurso do outro e o discurso autoral pode seguir duas tendências principais quanto a sua dinâmica, as quais são apresentadas por Morson e Emerson (2008) no seguinte esquema:

Quadro 21 – Esquema sobre os estilos de discurso indireto

ESTILOS DE DISCURSO INDIRETO
I. O Estilo Linear (fronteiras fortes, personalização minimizada).
II. Seu oposto, o Estilo Pictórico (fronteiras fracas, personalização maximizada).

- A. O estilo pictórico (o discurso narrativo resolve o contexto narrado). A forma extrema de IIA é a tendência “decorativa”.
- B. Uma classe não-nomeada: o discurso narrado resolve o contexto narrativo.

Fonte: Morson e Emerson (2008, p. 180) com base em Volóchinov (2017-1929/1930).

Morson e Emerson (2008) salientam sobre a importância de não entender essas duas tendências como categorias. Nas palavras dos autores, “devemos também ter em mente que Volochínov está definindo tendências, ou polos de um *continuum*, e não categorias com fronteiras rigorosas e constantes; e que muitos outros *continuum* que descrevem importantes conjuntos de atitudes são necessários para suplementar aquele” (MORSON E EMERSON, 2008, p. 180). Nessa pesquisa, corroboramos essa ideia exposta pelos autores.

A primeira tendência visa a preservação da alteridade e autenticidade do discurso alheio. “A língua pode tentar criar limites claros e estáveis para o discurso alheio” (VOLOCHÍONOV, 2017 [1929], p. 255). Ao suceder isso, temos um estilo mais linear, isto é, os esquemas da língua são usados a fim de isolar o discurso alheio, protegendo-o de possíveis penetrações do sujeito do discurso autoral, construindo fronteiras perceptíveis. “A tendência principal é a criação de contornos claros e exteriores do discurso alheio diante da fraqueza da sua individualização interior” (p. 257). Em casos como esse, a assimilação e transmissão do discurso alheio são despersonalizadas, na questão do linguístico, e mantidas em um bloco separado, em isolamento. Além disso, o autor volta a atenção para a “questão da hierarquia social da palavra alheia, que segundo ele, quanto mais intensa for a sensação de superioridade hierárquica da palavra alheia, tanto mais nítidas serão suas fronteiras e menos penetráveis ela está para tendências comentadoras e responsivas.” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]).

A segunda tendência é intitulada de *estilo pictórico*. Ela se configura como oposta a anterior, uma vez que tem um caráter mais individualizado e “tende a apagar os contornos nítidos e exteriores da palavra alheia. Nesse caso, o próprio discurso é muito mais individualizado e a percepção dos diferentes aspectos do enunciado alheio pode ser extremamente aguçada.” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 258). No aspecto pictórico, de acordo com Volóchinov (2017 [1929/1930]), há diversos tipos que variam de acordo com o grau de envolvimento do sujeito do discurso autoral. Por exemplo, o sujeito tem a possibilidade de distinguir totalmente as fronteiras do discurso alheio com a intenção de colocar sua entonação, com humor, com ironia, com amor ou com ódio, entre outros. O autor ainda cita outro tipo: quando o dominante discursivo é o discurso do outro, pois ele se configura como mais forte a acaba por envolver o discurso autoral em qual se enquadra, dissolvendo-o.

Salientando o que foi exposto anteriormente, Morson e Emerson (2008) comentam que o estilo pictórico “busca romper ou obliterar as fronteiras entre discurso referido e discurso referente, a fim de permitir uma interação dialógica máxima”. (MORSON E EMERSON, 2008, p. 180).

Oliveira (2009) sintetiza essas categorias da seguinte forma:

Em linhas gerais, entende por estilo linear aquele cuja tendência principal é preservar o discurso do outro, mantendo ao máximo sua integridade e autenticidade. Por estilo pictórico, entende aquele no qual as fronteiras entre os discursos do “eu” e do outro tendem a se apagar, atenuando-se os contornos que separam os dois tipos de discurso, podendo o autor, nesse caso, deliberadamente ou não, no seu dizer, tingir o discurso do outro com suas palavras, seu senso de humor, enfim com suas apreciações valorativas. (OLIVEIRA, 2009, p. 9).

Vale marcar aqui que Volóchinov (2017 [1929/1930]) ainda marca outra forma de abarcar o alheio – a estrutura linguística mista. Essa ocorre com o discurso indireto aparentemente sem sujeito, na medida em que apaga completamente as fronteiras do discurso do outro.

É a partir das colocações expostas acima que os autores do Círculo discorrem sobre as formas distintas do discurso do outro, à saber, *discurso direto*, *discurso indireto* e *discurso indireto livre*. De maneira breve, temos o seguinte quadro expositivo:

Quadro 22 – Síntese das três formas do discurso alheio

FORMAS DO DISCURSO DO OUTRO	
Discurso Direto	O sujeito do discurso autoral cita o discurso de outrem, buscando sempre representar a fala de maneira completa. (VOLOCHINOV, 2017 [1929]).
Discurso Indireto	Discurso no qual “[...] ouve de forma diferente o discurso de outrem; ele integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado.” (VOLOCHINOV, 2017 [1929]. p. 267).
Discurso Indireto Livre	Discurso que “[...] constitui o caso mais importante sintaticamente mais bem fixado [...] de convergência interferente de dois discursos com diversa orientação do ponto de vista da entoação.” (VOLOCHINOV, 2017 [1929]. p. 276).

Fonte: Volóchinov (2017 [1929/1930]).

Todos esses aspectos do discurso do outro fazem parte da nossa análise. Durante o percurso de análise, esses conceitos também são agenciados de forma mais profunda junto aos

dados. Pensando a partir disso, seguimos nesse momento para a seção que trabalha a partir do discurso direto as questões de resistência e militância em nosso *corpus*.

6.2.1.1 Resistência e militância através do discurso direto

Para podermos analisar os dados, começamos nossa seção realizando algumas considerações do que entendemos nessa tese como discurso direto. Para isso, nos baseamos nos postulados da teoria acerca da língua(gem) de Bakhtin e o Círculo (VOLOCHINOV, 2017 [1929]; BAKHTIN 2015 [1975]; BAKHTIN, 2016 [1950-1952]) a fim de tecer comentários analíticos embasados teoricamente.

Por conseguinte, consideramos o discurso direto como discurso em que as palavras do outro são agenciadas sob um recorte nítido do dizer pelo sujeito do discurso autoral. Esse último sujeito traz em seu discurso de maneira ideológico-valorativa palavras marcadas do outro. O sujeito do discurso citado, isto é, o sujeito outro, não se coincide em nenhum momento com o autoral (VOLOCHINOV, 2017 [1929]).

O discurso direto é a forma fundamentada na *autonomia do distanciamento nítido* (VOLOCHINOV, 2017 [1929]). Na parte citada de seu discurso, o sujeito autoral é percebido como um regente de vozes outras, um porta-voz de outros enunciados.

O sujeito autor, esse porta-voz entendido como produto social, entra em interação com uma gama gigantesca de discursos em sociedade e, conseqüentemente, seu discurso é transpassado por outros discursos, ou seja, ele é produto do interdiscurso. O discurso direto é uma das formas de retomada dessas enunciações outras a qual ele entra em contato, mas essa retomada não seria meramente ilustrativa, e sim abarcada de valoração e intencionalidade, tecendo sempre relações dialógicas (BAKHTIN, 2014 [1975]; 2011[1975]).

Podemos declarar aqui que compreendemos, então, o discurso direto como uma das estratégias empregadas para a reprodução de um discurso alheio, encharcado de tons valorativos, representando uma tomada de posição, sempre atravessado dialogicamente (BAKHTIN, 2015[1930-1936]). Nenhum discurso remetido é colocado meramente a fim de preencher espaços, ele sempre traz consigo a intenção e a valoração do sujeito autoral, aquele que fez a escolha e remissão do discurso.

Na relação entre discurso autoral e discurso alheio existe uma possibilidade real de se identificar diferentes sentidos produzidos por meio da colocação de diferentes vozes de outros em discursos autorais. Essas vozes trabalham auxiliando na tomada de posição ideológica do sujeito autor, o qual participa da interação social. Essas posições ideológicas são efetivadas por

meio de diferentes estratégias que o sujeito usa para manipular a palavra do outro, nas quais são estabelecidas as fronteiras entre as vozes dos discursos, em certos momentos aproximando-as ou afastando-as. Sendo assim, fica claro que a partir dos aspectos linguísticos do discurso, podemos tornar reconhecível as ideologias e suas relações com a constituição do discurso.

Acerca disso, Volochínov (2013 [1930], p. 196) afirma que “qualquer palavra, dita ou pensada, exprime um *ponto de vista* a respeito de vários acontecimentos da realidade objetiva, em diferentes situações”, isso significa que o sujeito autor do discurso sempre expressa seus valores sobre uma dada realidade, isto é, sua entonação. Para o autor, além da entonação outras questões trabalham para a efetivação da valoração no discurso: a seleção de palavras e a sua disposição no discurso do enunciado. A seleção de discursos alheios para dialogar em uma constante relação pode também ser compreendida como fator de auxílio a concretização do enunciado.

Marcamos ainda que para Bakhtin (2016 [1950-1952]) todo sujeito de discursos alheios que o autor busca trazer para seu enunciado se torna um parceiro dialógico, pois esses entram em relações dialógicas. Nas palavras do autor: “O falante e seu discurso não podem ser simplesmente um objeto de discurso, visto que me refiro a eles e para mim eles se tornam um parceiro dialógico” (BAKHTIN, 2016 [1950-1952], p. 137).

Pensando na questão cerne do nosso trabalho, a resistência – entendida como um ato de possibilidades de deslocamento daquilo que se espera, isto é, sair da forma pré-moldada, seja ela em qualquer contexto (GRIGOLETTO, NARDI & SILVA (org.), 2020); e a militância – compreendida como toda “forma de participação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa” (SAWICKI & SIMEANT, 2011, p. 201) –, de e em torno de sujeito LGBTQIA+ –, podemos trazer alguns exemplos dos nossos dados que corroboram com o exposto anterior acerca das interações discursivas entre discurso autoral e discurso direto e como eles abarcam tons valorativos, intencionalidade e posições de sujeito.

Como exemplo disso, inicialmente, apresentamos aqui dois movimentos analíticos acerca dos nossos dados, as quais surgiram no decorrer da leitura e análise do *corpus*: i) *os discursos diretos de outrem expostos a fim de resistir*, ou seja, discursos trazidos pelo sujeito autor onde ocorrem questões de luta/preconceito; e ii) *discursos diretos de outrem que corroboram com a ideia de resistência e militância*, em outras palavras, discursos trazidos ao discurso autoral que expõe uma ideia de resistência e militância a situações diversas, as quais ocorrem com os sujeitos LGBTQIA+.

Pertencentes ao primeiro grupo – *os discursos diretos de outrem expostos a fim de resistir* – citamos os seguintes excertos:

Ex. 15 – “*Eu tenho a minha vida super bem-resolvida com relação à minha heterossexualidade. Eu gosto demais de um monte de gays. Eu não tenho preconceitos para estar junto, de bater papo de dar risada... aliás, uma das criaturas que mais me fazem dar risada é a criatura gay. E tá tudo certo. Ele da lá com um boy, e eu da cá com uma girl.*” (WPNR#2 – grifos nossos).

Ex. 16 – Lucas postou “BBB: 10 campeões, 10 campeãs – bbb 21: 1 LGBT, coincidências...” (WPNR#5).

Ex. 17 – Outro foi pelo padre Paulo Antônio Müller, da Paróquia de Tapurá (MT), durante o sermão da missa do último domingo (13). “*A gente faz um namoro, não como a Globo apresentou essa semana. Dois viados. Desculpa, dois viados. Um repórter com um veadinho, chamado Pedrinho. ‘Prepara meu almoço, tô chegando, tô com saudade’. Ridículo! Que chamem a união de dois viados, duas lésbicas, como querem, mas não de casamento”, declarou. (WGI#1 – grifos nossos).*

O primeiro exemplo diz respeito a webnotícia *BBB21: Rodolfo diz que gays “são criaturas que o fazem rir!”*, na qual é apresentada e discutida a fala do cantor e ex-participante do programa Big Brother Brasil – BBB – acerca do sujeito gay. Ao ser perguntado sobre preconceitos e sua orientação sexual, Rodrigo declara que “*uma das criaturas que mais me fazem dar risada é a criatura gay.*” Se tratando do contexto estilístico do discurso direto, percebemos marcas de que o enunciado tem como autoria um outro sujeito que não seja o jornalista, tendo em vista as marcações, como por exemplo as aspas. Se tratando do seu conteúdo semântico-valorativo, ele se enquadra no que enquadrámos como discurso direto de outrem exposto a fim de resistir.

No conteúdo de seu discurso, primeiramente, o cantor e ex-participante traz o termo “criatura” para designar o sujeito gay – pertencente à comunidade LGBTQIA+. Segundo o dicionário Michaelis (2009), a palavra criatura pode significar: pessoa ou coisa que resulta de uma criação, como também ser disforme e ameaçador, monstro. Esse termo pode ser entendido como um processo de apagamento/silenciamento e banalização do sujeito, pois tira o estatuto de ser humano e o coloca no patamar de uma criatura anômala. Isto evidencia para nós o que Medviédev (2016 [1928]) chama de avaliação social, pois ao utilizar desse termo, o sujeito traz juízos de valor para o signo, atribuindo-lhe um tom preconceituoso.

Entretanto, um dos pontos de maior atenção no discurso direto trazido na webnotícia é a questão de o “*sujeito gay fazer rir*” – a figura do caricato na sociedade. Por muito tempo, a mídia retratou a figura do sujeito gay como o ser engraçado, o bobo da corte, e isso acarreta em diversas instâncias de preconceito e discriminação. Segundo Irigaray, Saraiva e Carrieri (2010),

a questão do humor atua como um instrumento de discriminação contra homens gays e mulheres lésbicas, fazendo com que o preconceito seja compreendido como natural.

Isso ocorre devido ao fato de que esse discurso da figura caricata tem sustentação e perpetuação no meio social, se constituindo parte de uma ideologia dominante que é entendido por Volóchinov (2017 [1929/1930]) como uma sombra da realidade que se manifesta no âmago do seu cronotopo. Compreendemos então que esse tempo e espaço contribui para a construção de uma imagem de sujeito LGBTQIA+ (deveras deturpada) em relação de desigualdade com a imagem de sujeito heteronormativo, resultando em preconceito.

No segundo excerto pertencente à primeira categoria – *Ex. 16* –, podemos notar outra marca do discurso direto: a marcação do sujeito autor daquele discurso e o verbo *dicendi* que introduz o enunciado, aqui nesse caso é o verbo “postou”. É utilizado esse verbo – postar – e não os mais comuns, como falou, declarou, entre outros, pois a webnotícia retrata o discurso em um perfil de uma rede social de Lucas – ex-participante do BBB.

Acerca da articulação do discurso alheio e uso de verbo *dicendi*, Bakhtin (2016 [1950-1952]) afirma que o uso da voz de outro de maneira direta delimita a alternância dos sujeitos do discurso e acabam dando relativo acabamento à voz que foi reenunciada. Essa é uma prática muito recorrente dentro da esfera jornalística, uma vez que terceiriza o posicionamento através do discurso alheio, uma vez que estabelece relações dialógicas com esse (BAKHTIN, 2016[1950]-1952).

Entretanto, trazemos à tona aqui o entendimento de que apesar dos órgãos que compõem a esfera jornalística não declararem que esses discursos agenciados lhes pertencem ou representam sua perspectiva sobre um tema, a escolha por trazer esses discursos para o seu é *per se* valorativa. Segundo Bakhtin (2015 [1975]), isso ocorre devido à relação que se tece entre os discursos, tendo uma influência mútua, ou seja,

A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que o enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência mútua do diálogo pode ser imenso, portanto, “[...] ao se estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual [...]”. (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 141).

Prosseguindo com a análise do excerto, o enunciado postado em seu perfil na rede social *Instagram* diz respeito a um comentário acerca da edição do programa BBB da época por parte de Lucas Gallina, ex-participante de uma edição anterior. Nele, observamos a caracterização

dos participantes: “10 mulheres, 10 homens e 1 LGBT”. O que evidenciamos aqui é a tentativa de apagamento/silenciamento do sujeito LGBTQIA+ como pertencente a noção de mulher e homem.

Fica perceptível no trecho a confusão realizada pelo autor do discurso direto acerca da constituição desse sujeito LGBTQIA+, pois há uma mistura entre sexualidade e orientação sexual. Enquanto o primeiro conceito trabalhava, inicialmente, com a ideia biológica da designação homem/mulher e ganhando ainda novos olhares e definições ao longo dos anos, o segundo, a orientação sexual, abrange um conceito mais pessoal, social e legal (CARDOSO, 2008). Em suma, segundo Melo e Sobreira (2018, p. 383) a orientação sexual, ponto de atenção no discurso alheio no *Ex. 16*, pode ser vista como a “[...] identidade que se atribui a alguém em função da direção da sua conduta ou atração sexual, se esta se dirige a alguém do mesmo sexo, denomina-se de orientação homossexual; se, ao contrário, a alguém do sexo oposto denomina-se heterossexual [...]].

No último exemplo trazido nessa categoria, temos não mais o discurso de pessoas que estão na mídia, como televisão, *internet*, entre outras, mas um sujeito que pertence a outra esfera de presença marcante na sociedade – a religiosa. Esse discurso se encontra na webnotícia que relata os ataques homofóbicos recebidos pelos repórteres da TV Globo Erick Rianelli e Pedro Figueiredo, que são casados. Após um dos repórteres fazer uma declaração no Dia dos Namorados para seu atual marido, muitas foram as reações-respostas Bakhtin (2015 [1963]). Uma dessas reações, o *Ex. 17*, é posta aqui como um discurso a ser resistido.

Percebemos novamente as marcações do discurso direto, verbo *dicendi*, a caracterização do sujeito outro autor do discurso e o uso de aspas, a fim de buscar sempre representar a fala em sua completude. (VOLOCHINOV, 2017 [1929]).

O discurso alheio revalorado pelo autor da webnotícia apresenta diversas marcações que levam a ser resistido, tais como o uso da expressão “viado”, marcada como xingamento, como o uso do diminutivo para acentuar o xingamento e a não aceitação do casamento homoafetivo. Interessante de se notar que até o próprio autor do discurso alheio, o padre, ao mencionar o termo “viado”, pede desculpas, entendendo possivelmente que se tratava de uma palavra pejorativa, mas volta a reenunciá-la com sua forma no diminutivo a fim de marcar a constituição do casal.

Acerca do termo viado/veado, Aranha (2002) traz considerações importantes acerca do peso valorativo e histórico do termo na nossa sociedade. Para o autor,

Usa-se no Brasil, com muita frequência para insultar a vítima, identificando-a como homossexual masculino. Dizem que nos tempos do Império, em praças, provavelmente cariocas, rapazes reuniam-se alegremente, formando bando de afinidades, para, entre outros objetivos, dar atendimento a clientes ricos em busca de aventuras sexuais. Quando a polícia, que nunca foi amiga dos veados, aproximava-se para coibir a caça, eles saíam correndo, aos saltos, como fazem os cervídeos. Disso resultou a criação do alcunha [sic] que se fixou como um dos mais populares do Brasil. (ARANHA, 2002, p. 352).

Essa configuração valorativa e ideológica da palavra continua a reverberar hoje em dia na sociedade, fazendo com que discursos como o do *Ex. 17* sejam validados e tidos muitas vezes como corretos.

Medviédev (2016[1928]) afirma que a compreensão de um discurso é tida por meio da atmosfera axiológica e da sua orientação valorativa no meio da ideologia, sendo assim, todos os elementos históricos e sociais atravessados axiologicamente, como esses mencionados anteriormente acerca do termo viado, compõem o todo do discurso.

Realizadas essas considerações, podemos prosseguir com o segundo movimento analítico anteriormente listado: *discursos diretos de outrem que corroboram com a ideia de resistência e militância*. Esses discursos expostos abaixo em forma de excerto têm relação com os discursos alheios do primeiro movimento. Muitos deles atuam como reação-resposta (BAKHTIN, 2016[1952-1953]) ao que foi enunciado anteriormente na análise supracitada. Seguem abaixo:

Ex. 18 – “*O problema não está no uso da palavra criatura. Aqui no nordeste usamos muito para referir as pessoas com quem falamos. agora gay para fazer rir é foda. Isso caricata a pessoa gay como se fosse uma pessoa engraçada/palhaça que faz outras rirem. E não é bem por aí.*” (WPNR#2).

Ex. 19 – Outro acrescentou: “*E o Jean Willys que ganhou e é homem e LGBT. Será que o cérebro dele fira se souber disso?*”. (WPNR#5, grifos nossos).

Ex. 20 – O Ministério Público do Estado de Mato Grosso abriu uma investigação para apurar o caso. Segundo o MP, “*as declarações do padre extrapolaram a liberdade religiosa e podem resultar em medidas extrajudiciais, de ação civil pública por dano moral coletivo causado à sociedade, bem como ação penal, por eventual crime cometido*”. (WG1#1, grifos nossos).

Ex. 21 – O deputado Márcio Pacheco (PSC), cantor e compositor católico, também se manifestou. “*Repudio as palavras que eu não quero repeti-las aqui, tão agressivas, as quais não remontam a cidadania e muito menos o direito à fé*”, declarou. (WG1#1, grifos nossos).

Ex. 22 – “*Solidariedade ao jornalista Pedro Figueredo e a Erik Rianelli. Homofobia é crime*”. Postagem de Pe. Júlio Lancellotti na rede social *Instagram*. (*WGI#1*, grifos nossos).

Assim como os excertos do movimento analítico anterior, em todos os excertos supracitados aqui possuem as marcas do discurso direto alheio, comentados por Volóchinov (2017 [1929]) e expostos na seção anterior. Sendo assim, não marcamos de forma individual, uma vez que já destacamos antes.

Se tratando do conteúdo semântico-valorativo, o primeiro excerto desse segundo movimento, *Ex. 18*, é uma reação-resposta (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]) encharcada de resistência e militância ao *Ex.15* – componente do movimento anterior –, o discurso que retratava o sujeito gay como uma “criatura” e essa que “faz rir”. O autor tece relações dialógicas (BAKHTIN, 2011 [1979]), expondo o uso regionalista da palavra criatura, colocando a palavra em um patamar de normalidade, entretanto a questão sobre a caricatura do sujeito gay não é compreendida da mesma maneira. Para o autor do discurso, esse sujeito ser representado apenas como *aquele que faz graça*, se remetendo à figura caricata muito difundida na mídia televisiva (POMPEU & SOUZA, 2019), por exemplo, o que acarreta em sérias noções sobre a constituição do sujeito gay.

A questão da caricatura na mídia é abordada por Pompeu e Souza (2019). O autor comenta que o sujeito homoafetivo caricato ainda é estereotipado nos retratos realizados pela indústria cultural na forma de novelas, filmes, programas de TV, entre outros. Essa representação pode ser percebida como validação à consolidação do que se entende desse sujeito em sociedade.

Acerca disso, podemos mencionar as palavras de Bakhtin (2015 [1975]) sobre a questão do objeto do discurso. Segundo o autor,

Se imaginarmos a intenção, isto é, a orientação de uma palavra em forma de raio voltada para o objeto, então o jogo vivo e singular de cores e luz que tal palavra constrói nas facetas da imagem deve-se à refração raio-palavra não no próprio objeto (como o jogo de imagem-tropo no discurso poético em sentido restrito, na “palavra isolada”), mas à sua refração no ambiente de palavras, avaliações e acentos alheios pelo qual passa o raio em direção ao objeto: o clima social da palavra que cerca o objeto obriga as facetas de sua imagem a entrarem no jogo. (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 49-50).

Isso quer dizer que as relações entre o sujeito e seu objeto são sempre de cunho dialógico e resultam em dar forma ao seu discurso, o que tece reverberações no seu contexto mais imediato. Podemos, então, entender a ideia do sujeito caricato pertencente à comunidade

LGBTQIA+ como um discurso de autoridade que estabelece critérios, esses sociais, os quais trabalham com fins a determinar uma das visões de correto e incorreto quando se pensa sobre a constituição desse sujeito outro.

O segundo excerto é a reação-resposta (BAKHTIN, 2016[1952-1953]) ao *Ex. 16*. O autor entra em embate e resiste ao discurso outro no trecho destacado. Sua resposta de que o sujeito LGBTQIA+, ganhador de uma edição passada do programa BBB, é homem. Essa resposta vem de encontro a um discurso de homem másculo, heteronormativo, o dito “homem normal” (ECCEL; SARAIVA & CARRIERI, 2015).

De acordo Eccel, Saraiva e Carrieri (2015), a noção de masculinidade dominante configura o ser masculino como andro-heterocentrada e homofóbica. O homem “normal”, o qual “poderá requerer o status de “homem de verdade” e seus privilégios de gênero – deve ser viril, ativo e dominante. Os outros, com perfil distinto deste, são relegados aos grupos dominados, assim como as mulheres, crianças e todos os que diferem do “normal” (p. 3).

Os próximos três excertos, *Ex. 20-21-22*, se configuram como reações-respostas ao discurso do padre acerca do casal de repórteres da TV Globo, Erick Rianelli e Pedro Figueiredo. Temos aqui três vozes diferentes: uma da esfera judicial, Ministério Público de Mato Grosso e as outras da esfera religiosa, um cantor religioso e um padre.

Vemos aqui o que Bakhtin (2015 [1963]) chama de arena de lutas nas relações dos discursos. Esse termo podemos aqui relacionar totalmente com a ideia de resistência e militância defendida na tese, pois ao se confrontar, os discursos entram em embates de forças. Ao trazer discursos alheios que se contrapõem, eles também entram em debate, em luta. Sendo assim, Bakhtin (2015 [1963]) afirma que essas vozes não estão isoladas, separadas pela distância e fragmentadas no discurso, mas estão em oposição hostil. Ao pensar na relação do discurso autoral e o agenciamento de discursos de outrem, sendo eles divergentes, conseguimos nitidamente perceber essa arena de luta entendida pelo autor.

Outro ponto a ser lembrado aqui é a questão do dialogismo, sendo ele uma qualidade ontológica do enunciado concreto: “o falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez” (BAKHTIN, 2006, p.300). E é por não serem virgens de significados que os signos serão sempre essa arena de luta de valoração/de visão de mundo daqueles que o enunciam.

Pois todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por

ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o aspecto estilístico (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 86).

Ao pensar nos dados da pesquisa e nos movimentos analíticos elencados até o momento, notamos esse embate de forças valorativas por meio do discurso autoral e os discursos diretos alheios. Observamos, primeiramente, tons valorativos de apagamento/silenciamento do sujeito LGBTQIA+, de menosprezo ao ser esse sujeito e a questões relacionadas a sua existência: união, família, posição em sociedade, entre outros, como também, posteriormente, vemos o ponto da resistência e militância a esses discursos proferidos.

Nos é claro ainda a posição do sujeito do discurso autoral – o jornalista. Isso se dá a partir das suas escolhas e inclusão dos discursos alheios no seu, pois nenhuma escolha, construção discursiva e estilística é meramente mecânica, todos os movimentos no processo de discursivização são abarcados de tons valorativos (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]), os quais se constituem como valores sociais vivos de maneira ativa no cronotopo. Um simples exemplo disso é o autor trazer primeiramente o discurso direto de outro com tons de apagamento/silenciamento social do sujeito LGBTQIA+ e posteriormente expor um discurso de resistência, que refuta o postulado anterior. Ao realizar esse movimento no campo de luta de vozes, o sujeito autoral se posiciona valorativamente acerca daquele signo discursivizado.

Essa escolha se constitui como parte de muita importância para a construção e constituição do todo do enunciado, visto que “Todas as enunciações se construirão precisamente com base em sua visão; suas possíveis opiniões e valorações determinarão a ressonância interna ou externa da voz – a entonação – e a escolha das palavras e sua composição numa enunciação concreta” (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 166).

Para Bakhtin (2016 [1950-1952], p. 121) todo discurso do “outro citado (ainda que seja uma simples citação) pressupõe uma relação dialógica com ele (mesmo que seja de concordância, de confirmação)”. Isso significa que o sujeito autoral, ao incluir em seu texto a fala de sujeitos alheios, tece relações dialógicas com esse outro discurso e valoriza seu discurso. Não é meramente aleatória a escolha do discurso ou do sujeito desse discurso, como no caso dos exemplos 20-21-22: um órgão público, um sujeito da esfera política e um da esfera religiosa. A escolha desses sujeitos para compor o discurso da webnotícia é totalmente

valorativa, pois traz reações-respostas de esferas dominantes e/ou que tenham relação com o discurso a qual eles tecem relações dialógicas (BAKHTIN, 2011 [1975]).

Realizadas essas considerações acerca dos dois movimentos acima, podemos dar continuidade a nossa análise. Outro cunho analítico que nos é concebido a partir dos dados da pesquisa é a intitulada *iii) os discursos de posicionamento como sujeito ante ao apagamento/silenciamento*, ou seja, discursos que nos mostram sujeitos que compreendem a sua concepção e se coloca como um agente de resistência (DELEUZE, 1998) e militância (SAWICKI & SIMEANT, 2011) ante a ações e discursos que tentam os apagar, os silenciar no contexto social, nas mais diversas esferas do cotidiano.

Podemos compreender esse fenômeno de apagamento/silenciamento como uma força centrípeta – aquelas que unificam e são tendenciosa a apagar o que é heterogêneo, um movimento constante de aglutinação (BAKHTIN, 2014 [1975]) – que, no embate constante com as forças centrífugas, tende a suprimir vozes que produzem dissonância.

Seguem abaixo alguns exemplos, análises e discussões:

Ex. 23 – *Ex. “Foi muito importante sermos reconhecidos como a família que somos e, felizmente morarmos na Califórnia, que é um estado que, apesar da batalha judicial, nos permitiu fazer isso”, disse. (WPNR#3, grifos nossos)*

Ex. 24 – *“Queríamos que todos soubessem que o amor faz uma família e as famílias podem parecer diferentes”, disse Jenkins. E completou “Se você se preocupa com seus filhos e está fazendo tudo que pode para dar a eles a melhor infância possível, isso é o que importa. ” (WPNR#3, grifos nossos)*

Ex. 25 – *“Ela ligou para o meu irmão e disse para ele que a sugestão era um absurdo e inadequada para a idade dele. Ela ainda disse que se ele não apagasse a mensagem iria tirá-lo do grupo. Justo agora, com as aulas online, os grupos são importantes. Nunca pensei que uma coordenadora pudesse falar desse jeito com um aluno”, afirmou [...] Isso não deveria existir nem no passado, mas, nos dias de hora, uma instituição de ensino, que deveria ensinar a não ter preconceito, promover o preconceito dessa forma, é inaceitável”, completou. (WG1#3, grifos nossos).*

Ex. 26 – *O vice-presidente da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, Renato Viterbo “A nossa preocupação não é afrontar a sociedade, e sim ser feliz da maneira que nós somos, da maneira que nascemos”, afirmou. (WG1#7, grifos nossos).*

Ex. 27 – *O coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG) entendeu o PL como uma proposta “escrita com discurso de ódio”: “É desumano em muitos termos, pois além de criminalizar pessoas LGBTQIA+ por serem quem são, ainda propõe que elas são ameaça às crianças, esquecendo que elas têm filhos, sobrinhos, são profissionais da saúde, da educação e tantas outras profissões que tratam diretamente da infância”. (WG1#7, grifos nossos).*

Nos exemplos 23 e 24, temos discursos diretos que abordam o posicionamento do sujeito LGBTQIA+ como família. A webnotícia que ampara esses discursos traz à tona o fato de um casal, 3 homens, conseguirem fazer o registro de suas crianças com a presença dos três pais nas certidões de nascimento dos filhos. Esse esquema de família foge do padrão tradicional. No discurso de um deles, retratado pelo autor da webnotícia em seu discurso, percebemos marcas de afirmação, as quais estão destacadas nos excertos, acerca do que é entendido como família para os três homens. A constituição familiar tem como base então preocupação com seus progenitores, amor e outros sentimentos.

Para Daí Prá (2013), a constituição da família presente no discurso direto exposto nos exemplos 23-24 tem total relação com os estudos que trabalham essa questão social. Para a autora,

A família é um sistema aberto e encontra-se em constante transformação devido à troca de informações que realiza com os sistemas extrafamiliares. As ações de cada um de seus membros são orientadas de acordo com as características presentes no sistema familiar e podem sofrer influências e mudar diante das necessidades e das preocupações externas. Complementando a ideia, desde que haja amor, afeto e relação, estas diferentes composições humanas merecem ser chamadas de família, tendo o respeito efetivo aos bens e direitos fundamentais de qualquer ser humano. (DAÍ PRÁ, 2013, p. 11).

Além disso, postulamos aqui a total relação com a ideia de ideologia apresentada por Bakhtin (2014 [1975]). Ao entender a ideologia como um construto que indica diferentes formas de cultura e de sistemas estruturais, ela é a expressão das relações sócio-históricas, que organiza e regulariza essas relações. Pensando na constituição da família apresentada nos excertos supracitados, temos uma nova estruturação sócio-histórica, que abarca valores e sentidos a novas relações, a qual antigamente era vista apenas composta por duas pessoas (sendo elas de sexos opostos, precisamos marcar isso também). Agora, passa-se a pensar em relações nas quais os laços amorosos constituem a família, isto é, uma nova ideologia.

O exemplo de número 25 diz respeito à webnotícia que retrata uma situação de preconceito em uma unidade escolar. Uma escola foi denunciada pelos pais de um estudante devido a uma situação de preconceito sofrido pelo filho após sugerir realizar um trabalho com a temática LGBTQIA+.

Voltamos nossa atenção a esse excerto para a questão da luta, da resistência a situações de preconceito. A tentativa de apagamento/silenciamento do tema proposto pelo aluno e filho dos denunciantes não foi silenciada. No excerto apresentado acima, temos a voz da irmã do rapaz e em seu discurso vemos a marca de lutas contra o preconceito, como o uso da palavra

inaceitável para ratificar como a situação é ultrajante. Entendemos que as escolhas lexicais não são meras escolhas de palavras de sem vida, mas escolhas de juízos de valores. Volochínov (2013[1930]) compreende que a seleção lexical de um dado enunciado é o recurso pelo qual o enunciado constrói a significação, isto é, seu conteúdo e sua orientação social. No excerto, fica claro, então, que a escolha de determinado termo abarca marcas pejorativas e preconceituosas.

No próximo excerto, o *Ex. 26*, temos a voz de um representante que rege uma organização voltada às questões LGBTQIA+: Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Em seu discurso, notamos a questão do posicionamento como sujeito em questão de sobrevivência, sendo ela algo repleta de felicidade e respeito pela forma como nasceram.

Esse discurso vem como uma reação-resposta (BAKHTIN, 2015 [1975]) à questão do apagamento/silenciamento do sujeito LGBTQIA+ frente ao projeto de lei apresentado por uma deputada em São Paulo com a intenção de retirar essas pessoas de propagandas televisivas.

Esse mesmo discurso é respondido pelo *ex. 27*. No caso não temos um sujeito individual, mas uma organização – o coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG) – que se propõe a discursar acerca do assunto, sem relevar questões importantes como “discurso de ódio”, não relativizar a imagem de deturpação com imagem do sujeito LGBTQIA+ e criminalizar esses sujeitos apenas por aquilo que são, sua constituição como sujeito.

Acerca disso, podemos trazer a voz do Círculo, principalmente na questão de posicionamento como sujeito que resiste e milita, uma vez que Bakhtin (2012 [1920-1924], p. 40) propõe o não-álibi do ser, “que subjaz ao dever concreto e único do ato responsabilmente realizado”, isto é, não somos permitimos não ser, não se posicionar no ato.

[u]m ato ou ação responsável é precisamente aquele ato que é efetivado sob a base de um reconhecimento de minha obrigatória (dever-ser) unicidade. É essa afirmação do meu não-álibi no Ser que constitui a base da minha vida, sendo tanto real e necessariamente dada como real e necessariamente projetada como algo-ainda-por-ser alcançado. (BAKHTIN, 2012 [1920-1924], p. 42).

Nesse contexto apresentado pelo autor, o posicionar-se das entidades introduzidas em forma de discurso direto abarca essa ideia do não-álibi do sujeito, pois no ato da existência, esses sujeitos, mesmo que sejam entidades/organizações, se fazem obrigados a tomar posição.

Em suma, a partir dos dados, evidenciamos as webnotícias, sejam as do portal **Globo.com - G1** ou **Põe na Roda** – fazem uso recorrente de discursos alheios na sua constituição. Entendemos que esse fator seja algo claro, devido ao fato de fazerem parte da relativa estabilidade do gênero notícia. Entretanto, nosso intuito não era a análise do

funcionamento do gênero, mas de como esse recurso, o discurso de outrem, ajuda na construção da resistência e militância quanto a visão do sujeito LGBTQIA+ em sociedade.⁴⁹

Para deixar mais claro o caminho analítico apresentado nessa subseção, apresentamos aqui um quadro-síntese com os movimentos analíticos, sua constituição, ou seja, o que procuramos evidenciar e os resultados encontrados.

Quadro 23 – Síntese da análise dos discursos diretos

MOVIMENTO ANALÍTICO	CONSTITUIÇÃO DO MOVIMENTO	ANÁLISE
i) os discursos diretos de outrem expostos a fim de resistir	Discursos enunciados pelo sujeito autor à luz de questões sobre luta/preconceito.	i) Discurso de apagamento/silenciamento. ii) A questão equivocada da sexualidade X orientação sexual. iii) O diferente do heteronormativo. iv) O tratamento pejorativo do sujeito LGBTQIA+.
ii) discursos diretos de outrem que corroboram a ideia de resistência e militância	Discursos reenunciados ao discurso autoral que expõe uma ideia de resistência e de militância a situações diversas.	i) Reação-resposta frente à tentativa de apagamento. ii) Reação-resposta a questões sobre identidade de gênero. iii) Reação-resposta de sujeitos e instituições que pertencem a convenções de autoridade ao discurso de preconceito, isto é, vozes da política, da religião, entre outras.
iii) os discursos de posicionamento como sujeito ante ao apagamento/silenciamento	Discursos que desvelam sujeitos cientes da sua constituição e se colocam como um agente de resistência (DELEUZE, 1998) e militância (SAWICKI & SIMEANT, 2011).	i) Posicionamento e reconhecimento de família, não embasada em uma formação histórica, mas constituída com base em sentimentos – amor. ii) Posicionamento como figuras importantes para debate em âmbito de ensino. iii) Posicionamento e reconhecimento de constituição do sujeito.

Fonte: o autor.

Realizadas essas considerações acerca do discurso do outro em forma de discursos diretos, podemos aqui encerrar essa discussão e prosseguir com a análise, focando-nos na próxima subseção no que Volóchinov (2017 [1929/1930]) denomina de *discurso indireto*.

6.2.1.2 Resistência e militância através do discurso indireto

Prosseguindo com a nossa análise dos dados, abrimos essa subseção com os entendemos acerca do discurso indireto. Para podermos realizar essas considerações, nos baseamos nos

⁴⁹ Ressaltamos aqui que nenhum dado foi exposto em relação aos comentários na rede social *Facebook*, pois não foi encontrado nenhum discurso direto. Isso pode salientar mais a ideia exposta de que ser um recurso muito usado na constituição do gênero notícia.

postulados de Bakhtin e o Círculo (VOLOCHINOV, 2017 [1929]; BAKHTIN, 2014 [1975]; BAKHTIN 2015 [1975]; BAKHTIN, 2016 [1950-1952]). Após uma breve exposição, então, tecemos os dados, juntamente do olhar analítico, trazendo as teorias que embasam a tese para dialogar sobre os temas em tela.

Ao começar a se referir ao discurso indireto em específico, Volóchinov (2017 [1929/1930]) tece um comentário importante, afirmando que os

sinais do discurso indireto não muito tênues e, na linguagem falada, podem ser facilmente confundidos com os sinais do discurso direto. A ausência do *consecutio temporum* e a inércia do modo subjuntivo priva o nosso discurso indireto de sua peculiaridade e não cria um terreno benéfico para o desenvolvimento abundante das modificações essenciais e interessantes para nosso ponto de vista. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 256-257).

Nesse entendimento, então, podemos afirmar que as linhas que distinguem essas duas formas do discurso alheio – o direto e o indireto – são brandas e precisam de atenção tanto do sujeito autoral do discurso como também do sujeito que entra em relações dialógicas (BAKHTIN, 2014[1975]; 2015[1975]) com esse discurso para poder compreender as vozes que são agenciadas.

Em seus estudos sobre o discurso indireto, Volóchinov (2017 [1929/1930]) afirma que a tendência analítica do discurso alheio

[...] manifesta-se no fato de que todos os elementos afetivo-emocionais do discurso, por serem expressos não no conteúdo, mas nas formas do enunciado, sofrem mudanças quando transpostos para o discurso indireto. Eles são transferidos da forma do discurso para o seu conteúdo e apenas desse modo são introduzidos na construção indireta, ou mesmo são transferidos para a oração principal, sob a forma de comentários que orientam o verbo introdutor do discurso. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 269).

Volóchinov (2017 [1929/1930], p. 271) continua dissertando sobre o tema e comenta que a análise feita acerca da construção indireta do discurso alheio pode ser desenvolvida em duas direções distintas, ou mais, podendo se relacionar com objetos que são diferentes em sua essência. Essas duas direções mais destacadas são chamadas pelo autor de *modificação analítico-objetual* e *modificação analítico-verbal*. A primeira preocupa-se em olhar para o discurso alheio e o perceber como uma “determinada posição semântica do falante e, nesse caso, a construção indireta transmite analiticamente a sua exata *composição objetual* (aquilo que o falante disse)”; já a segunda direção busca analisar o enunciado alheio como uma expressão “que caracteriza não apenas o objeto do discurso [...], mas o próprio falante: o seu

modo de falar, individual ou típico (ou ambos), seu estado de espírito, expresso não no conteúdo, mas nas formas do discurso [...]”.

De maneira mais detalhada, Volóchinov (2017 [1929/1930]) afirma que a

A modificação analítico-objetual percebe o enunciado alheio no plano puramente temático, e tudo o que não possui significação temática simplesmente deixa de ser ouvido, captado por ela. Quanto aos aspectos da construção verbal e formal que possuem uma significação temática, ou seja, são necessários para a compreensão da posição semântica do falante, também são transmitidos em nossa modificação de modo [...] ou são introduzidos diretamente no contexto autoral como uma característica dada pelo autor. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 272).

Dessa maneira, ela abre possibilidades para as tendências de réplicas e comentários do discurso do autor, mantendo nitidamente uma distância rígida entre os discursos autoral e alheio. Essa direção tende a tematizar o discurso alheio, preservando a solidez e a autonomia da semântica em detrimento da construtiva (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]).

O desenvolvimento essencial e amplificado dessa direção analítica só ocorre em um determinado contexto autoral, no qual o interesse semântico tende a ser forte e o autor coloca-se em uma posição semântica, fazendo uso de suas próprias palavras e falando pessoalmente.

Acerca da segunda direção destacada pelo autor, temos a seguinte afirmação.

Ela introduz, na construção indireta, palavras e modos de dizer do discurso alheio que caracterizam a fisionomia subjetiva e estilística do enunciado alheio enquanto expressão. Essas palavras e modos de dizer são introduzidos de forma que o seu caráter específico, subjetivo e típico seja percebido com clareza, sendo que o mais comum é que eles sejam colocados entre aspas. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 273).

As expressões e palavras alheias, principalmente aquelas que são introduzidas no discurso autoral por aspas, são entendidas como específicas e sofrem um “estranhamento”, isso ocorrendo na direção necessária ao autor. Elas se objetivam e seus tons coloridos aparecem com mais clareza, entretanto, ao mesmo tempo, as tonalidades do discurso autoral se sobressaem a elas (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]).

Nesse caso, o autor afirma que o discurso direto é preparado pelo discurso indireto, numa espécie de surgimento imediato dele. Esse ato, é caracterizado como uma das modificações infinitas do discurso em relação a sua interpretação pictórica. Essa direção é entendida como um efeito totalmente original criando efeitos novos e pitorescos na transmissão do discurso alheio. Ela pressupõe um grau de individualização do discurso alheio na consciência

linguística, “a capacidade de perceber as nuances dos invólucros verbais do enunciado e o seu sentido objetivo” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 275).

Em suma, segundo Volóchinov (2017 [1929/1930]), os dois objetos de transmissão analítica são de essencial e profundamente distintos. Por um lado, o sentido é desmembrado em seus componentes semânticos e objetuais; o sujeito outrem ocupa apenas determinada posição semântica, isto é, ética, existencial, sendo que fora dessa posição, a qual é transmitida objetualmente de maneira rigorosa, não existe para o sujeito autor. Por outro lado, o próprio enunciado é decomposto em diversas camadas verbo estilísticas; a personalidade mostra-se como uma maneira subjetiva, que inclui uma avaliação autoral. Volóchinov (2017 [1929/1930]) ainda tece um interessante comentário, afirmando que a segunda direção estaria sendo direcionada para uma análise linguística estilística.

Morson e Emerson (2008) trazem uma objetividade ao estudo das dinâmicas do discurso alheio indireto e expõem uma síntese. Para os autores,

Algumas formas de discurso indireto concentram-se no “conteúdo” do original, tendência a que Volochínov se refere como a “modificação analisadora do conteúdo” [...]. Essas formas são bem adequadas aos contextos discursivos e retóricos nos quais estamos preocupados basicamente em explicar ou comparar opiniões. Quando elas são usadas de relevante par o tópico [...] é “ouvido”; ou, se o próprio tópico requer que tais aspectos sejam ouvidos, eles são transformados em conteúdo e colocados no contexto referente. [...] Um segundo tipo de discurso indireto, que Volochínov chama de “modificador da palavra [...] concentra-se na ‘fisionomia subjetiva e estilística’ do enunciado referido, ou seja, em seus aspectos emotivos, socialmente típicos ou pessoalmente característicos (MORSON E EMERSON, 2008, p. 182-183).

Vale ressaltar, respaldados por Morson e Emerson (2008), que quando se faz uso de um discurso indireto, não está se aplicando apenas regras gramaticais pré-estabelecidas, mas necessariamente colocar-se em análise e responde ao enunciado do outro, expondo as relações dialógicas do discurso autoral e discurso alheio, isto é, do sujeito autoral e do sujeito outro.

A partir dos postulados de Volóchinov (2017 [1929/1930]) e seus comentadores, podemos aqui expor um quadro síntese da dinâmica analítica da teórica acerca dos discursos indiretos.

Quadro 24 – Síntese - Direção analítica do discurso indireto

	MODIFICAÇÃO ANALÍTICO-OBJETAL	MODIFICAÇÃO ANALÍTICO-VERBAL
--	--	---

DISCURSO INDIRETO	Discurso indireto analisador do conteúdo semântico, isto é, um olhar analítico para com o conteúdo temático, distância, despersonalização de estilo.	Direção analisadora da expressão – análise das palavras e estilo do discurso alheio. O enunciado é decomposto em diversas camadas verbo estilísticas; a personalidade mostra-se como uma maneira subjetiva, que inclui uma avaliação autoral.
--------------------------	--	---

Fonte: o autor com base em Volóchinov (2017 [1929/1930]).

Toda essa explanação sobre a questão do discurso alheio na forma de discurso indireto, nos ajuda a olhar para os dados, focando-nos na questão de resistência e militância em discurso de/sobre sujeitos LGBTQIA+. Sendo assim, reiteramos que nosso foco em trazer esse aspecto da língua(gem) para a pesquisa não está em discutir o fenômeno, mas sim como ele estilisticamente assiste em articular os dados acerca de resistir e militar. Sendo assim, a partir desse momento, apresentamos nossos dados em forma de excertos e prosseguimos para a discussão.

A fim de realizar a exposição da análise dos dados, atentamos em desenvolver movimentos de análise com situações relacionáveis presentes nos nossos dados. Afirmamos aqui que não são categorias analíticas estanques e cristalizadas, mas sim uma maneira de tornar todo o processo de exposição, contextualização e foco de discussão mais fácil para o leitor. Além disso, salientamos, ainda, que esses movimentos são criados a partir do estudo dos excertos, ou seja, nossos dados proporcionam esse caminho.

Sendo assim, podemos relatar que os dados a seguir são expostos em determinados grupos categóricos, sendo eles pensados a partir da materialização dos discursos, em forma de discursos indiretos, mas também em relação ao seu conteúdo semântico e sua relação com os objetivos desse trabalho. São elas: *i) marcas de preconceito; ii) marcas de violência velada pelo preconceito; iii) posição de resistência e militância; iv) a voz da autoridade* e por fim *v) posicionamento como sujeito*.

De início, trabalharemos com os dois primeiros movimentos de análise supracitados, pois entendemos que um está em relação com o outro de forma direta. Sendo assim, trazemos primeiramente o que denominamos como *marcas de preconceito* nos discursos indiretos. Os excertos que compõem esse movimento aparecem seguir:

Ex. 28 – *A irmã do estudante também contou que chegou a discutir com a mulher e afirmou que foi questionada se ela também não achava inadequado uma criança sugerir um trabalho com tema LGBT. (WG1#3, grifos nossos).*

Ex. 29 – *Rodolfo, entretanto, diz que o jeito de Giblerto lhe incomoda e que, tende a preferir com pessoas mais “controladas”. (WPNR#1, grifos nossos).*

Ao se tratar da questão estrutural do agenciamento dos discursos, percebemos a dinâmica entre o discurso autoral e o discurso alheio, isto é, o discurso do jornalista (e sujeito que comenta, no caso dos comentários na rede social *Facebook*) e o discurso de outrem revalorado para a materialidade do enunciado. Como explicitado nos excertos, observamos verbos e conjunções – *contou, afirmou, diz que...* – que introduzem o discurso, entretanto, representado pela voz do jornalista/comentarista.

Podemos chamar esse movimento como uma mescla entre as vozes no enunciado. Ao apropriar-se das palavras do outro, o sujeito autor, coloca-se como sujeito do discurso, apagando as fronteiras entre os discursos e criando um contexto para esse – Volóchinov (2017 [1929/1930]) chama esse processo de modificação analítico verbal.

No primeiro caso, *Ex. 28*, temos a voz de um jornalista ecoando o discurso da irmã de um estudante que foi hostilizado por propor a questão acerca do sujeito LGBTQIA+ como tema de um trabalho a ser desenvolvido em âmbito escolar. No trecho, evidenciamos a marca de preconceito na utilização do termo “inadequado”, o qual coloca o tema, o sujeito pertencente a esse grupo com erro, pensando na etimologia da palavra. Outro discurso indireto que percebemos marcas de preconceito é o explicitado no *Ex. 29*. A webnotícia retrata o discurso de um competidor em relação a outro competidor do programa que é abertamente gay e afeminado. Vemos a exposição, em forma de discurso indireto, de discursos preconceituosos nas marcas realizadas por nós: “*o jeito de uma pessoa incomodar*” e pessoa “*controlada*” ao se referir a um sujeito afeminado.

Acerca das escolhas lexicais utilizadas pelo autor do discurso, afirmamos que todas elas são orientadas por coeficientes valorativos e também pelas condições concretas dos enunciados (BAKHTIN, 2014[1975]; 2015[1979]). Acerca dessas escolhas, Volochínov (2013[1930], p. 174) entende que a seleção das palavras de um enunciado são os elementos “por meio dos quais se constrói qualquer enunciação significativa, que tenha, portanto, um conteúdo e uma orientação social”, além da sua disposição dentro do enunciado e de sua entonação. Pensando no nosso dado, a escolha das palavras *incomodar* e *pessoa controlada* é irrigada de tons valorativos e ideológicos.

Podemos afirmar aqui que discursos como esse advém de uma sociedade regradada pela heteronormatividade, a qual intenta em regular e normatizar os modos do sujeito ser em relação, principalmente, a sua sexualidade e seus desejos. A partir do que está estabelecido de maneira social, num viés de uma perspectiva biologicista e determinista, existem apenas duas formas de se identificar e ser: feminino/fêmea ou masculino/macho (PETRY e MEYER, 2011).

O sujeito afeminado, assim como outros, rompe com essa barreira. A dualidade feminino e masculino habitam o mesmo corpo, causando estranhamento, confusão e revolta a essa sociedade enraizada na heteronormatividade. E, com essas quebras de regulações da sociedade, muitas são os desafios enfrentados. Segundo Lopes (2017), o afeminamento de um homem não é aceitável, o que o torna um sujeito desprestigiado socialmente, visto que as características principais dele – a fragilidade, a passividade, a aproximação do sujeito feminino – o coloca em um patamar inferior.

Entretanto, o autor afirma a grande responsabilidade desempenhado pelo papel do afeminado nas esferas sociais. Para o autor:

A importância do papel desempenhado pelo gay afeminado não é a de criar uma identidade própria, por meio de imagens positivas ou negativas do homossexual, mas a de buscar imagens plurais, que representem uma democracia real de sujeitos e corpos diversos. O comportamento afeminado tenta mostrar, na realidade, um orgulho de suas próprias imagens desviantes de uma norma majoritária, atacando não só os fundamentalistas, religiosos ou não, defensores de uma sociedade heterossexual, mas também os gays que a apoiam. (LOPES, 2017, p. 410).

Ser gay afeminado não se trata, então, de um papel meramente sexual, é colocar seu corpo como um dispositivo de questionamento acerca do papel do sujeito gay nos dias atuais, voltando-se a questões de identidade, gênero e orientação sexual: “ser gay afeminado seria, assim, um ato de apropriação do próprio corpo” (LOPES, 2017, p. 410).

Ao discursivizar da maneira que o artista Rodolfo faz em relação ao outro competidor (*o jeito de Giblerto lhe incomoda e que, tende a preferir com pessoas mais “controladas”*), sujeito gay afeminado, percebemos toda essa dinâmica entre a heteronormatividade social dominante e os embastes com o diferente, com aquilo que foge de suas regras, ou seja, aquilo que resiste (DELEUZE, 1998).

Ao fazer uso dessa mescla de discursos, o sujeito autoral, se coloca em relações dialógicas (BAKHTIN, 2015[1979]) com os outros discursos e marca ideologicamente (BAKHTIN, 2014[1975]) seu posicionamento, e/ou de sua instituição, acerca de determinado tema. Por exemplo, ao trazer as falas de cunho preconceituoso em primeira vista para,

posteriormente, as debater – pensando no enunciado completo, ou seja, na webnotícia completa – o sujeito valora (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) esses discursos e posteriormente trabalha uma reação-resposta ativa (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]).

Os próximos excertos são caracterizados na presente pesquisa como *marcas de violência velada pelo preconceito*, segundo movimento analítico exposto anteriormente. Nela tentamos expor discursos alheios articulados que relatam questões que vão além do preconceito, ou seja, a concretização da hostilização/violência contra os sujeitos LGBTQIA+.

Ex. 30 – *Além disso, a autônoma afirmou que o irmão ficou muito abalado, chorou muito e ficou até sem comer.* (WG1#3, grifos nossos).

Ex. 31 – *A Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da SaferNet recebeu 2.529 denúncias de homofobia na internet desde o início de 2021. Neste mesmo intervalo em 2020, a associação havia registrado 1.226 denúncias.* (WG1#6, grifos nossos).

Ex. 32 – *Os organizadores afirmaram que, na edição de 2020, foram mais de 200 mensagens com ameaças de morte à população LGBT na transmissão do evento.* (WG1#6, grifos nossos).

No excerto 30, temos o acarretamento de marcas de preconceito na situação relatada, a qual é revalorada ao discurso pelo auxílio da mescla com a voz do outro – o discurso indireto. Percebemos que o autor utiliza da voz da irmã para expor os danos psicológicos causados pelo posicionamento preconceituoso da equipe gestora educacional.

Os Ex.31 e Ex.32 fazem parte da mesma webnotícia, a qual retrata o crescimento de denúncias contra a homofobia nos meses de 2021. Segundo o enunciado, houve uma alta de 106% nos registros de denúncias contra homofobia nos meses de janeiro-junho de 2021, casos esses que atualmente são considerados crimes virtuais. Ao trazer a voz de organizações/instituições, o jornalista abarca seu discurso com tons de autoridade, conferindo a ele um status de responsabilidade, visto que essa outra voz vem de dados e pesquisas analíticas. Além disso, percebe-se que a voz jornalística, ao narrar os fatos e expor dados, não omite nenhuma questão e busca complementar as informações trazidas com base em outras informações que tinha conhecimento sobre o caso.

Podemos pensar esses discursos indiretos de organizações determinadas como uma resposta oficial das necessidades do campo social, isto é, das ideologias do cotidiano. Acerca desse assunto, (VOLOCHINOV 2017 [1929]) afirma que os sistemas de ideologias oficiais se definem por meio das ideologias do cotidiano (como já explanado no capítulo que trata da

ideologia, 3.1.4), sendo que seu funcionamento se dá a partir de um regime de influência entre as duas:

Os sistemas ideológicos formados – a moral social, a ciência, a arte e a religião – se cristalizam a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa, e costumam dar o tom a essa ideologia do cotidiano. Todavia, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos formados preservam constantemente a mais viva ligação orgânica com a ideologia do cotidiano, nutrem-se da sua seiva e fora ela estão mortos, assim como estão mortas uma obra literária finalizada ou uma ideia cognitiva fora da sua percepção avaliativa viva. (VOLÓCHINOV, 2017[1929/1930], p. 213).

Se tratando da questão semântica dos discursos, podemos mencionar algumas palavras sobre a questão da violência velada pelo preconceito – tema de nosso movimento analítico. Segundo Albuquerque; Parente; Belém; Garcia (2016) existe uma gama gigantesca de possibilidades de violência contra os sujeitos LGBTQIA+, tais quais: ameaças, humilhações, chantagens agressão física, cobrança para mudança de comportamento, chegando ao ponto de proibição de socialização, acarretando ao isolamento desse sujeito. Essa violência tem como intuito principal a rejeição da vítima, a restrição da liberdade e o apagamento desses sujeitos de qualquer esfera social.

Segundo os autores,

[...] considera-se a violência perpetrada contra LGBT um importante estressor social que resulta em impactos negativos na saúde mental e qualidade de vida de LBTT, incluindo um aumento de quase seis vezes para ocorrência de quadros depressivos [...] E seus desdobramentos, como os sentimentos de culpa, medo, desconfiança, confusão, insegurança, ansiedade, vergonha, isolamento social, dificuldades de estabelecer e manter relacionamentos amorosos, disfunções sexuais, hostilidade, distúrbios alimentares e uso/abuso de substâncias psicoativas. (ALBUQUERQUE; PARENTE; BELÉM; GARCIA, 2016, p. 101).

Evidenciamos então esses dois movimentos quanto aos discursos diretos destacados - *Ex.32* e *Ex.33*. Primeiramente, compreendemos o peso atribuído ao enunciado ao trazer a voz de uma autoridade, pois ela dá credibilidade aos dados além de conferir um tom de responsabilidade. Posteriormente, podemos perceber as marcas de violência verbal que aflige esses sujeitos por meio do relato dessa voz de autoridade.

Seguindo a análise dos nossos dados, temos o movimento de análise aqui concebido *posição de resistência e militância* (DELEUZE, 1998 e SAWICKI & SIMEANT, 2011). Esse movimento tem as bases naquilo que já dissertamos acerca dos conceitos (vide cap. 4) e também

se assemelha com a análise dos discursos diretos realizada na seção anterior. Isso ocorre, obviamente, devido ao fato de nosso foco analítico ser voltado a essas duas questões em discursos de e sobre sujeitos LGBTQIA+.

Sendo assim, apresentamos aqui os excertos e prosseguimos com a discussão deles:

Ex. 33 – *A autônoma, que também está no grupo da sala, disse que mandou áudios criticando a postura dos pais e da escola. (WG1#3, grifos nossos).*

Ex. 34 – *Como bem declarou o padre Julio Lancelloti, homofobia é crime. (C4WG1#1 – grifos nossos).*

Nos dois excertos acima, 33 e 34, percebemos marcar de resistência e militância acerca de algum tema que envolve sujeitos LGBTQIA+, os quais aparecem como reação-resposta ativa a outros discursos (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]). Para Bakhtin (2016 [1952-1953]) todo discurso vivo marca dois movimentos ao se voltar de forma imediata para uma palavra resposta futura, ou seja, para um discurso concebido como pré-figurado, antecipando-o e se construindo voltado a ele, da mesma maneira que se forma a partir daqueles discursos já-ditos.

No primeiro, temos o discurso da irmã do menino que sofreu uma represália por propor trabalhar com o tema, representado de maneira indireta, e nele percebemos a posição do resistir e militar (DELEUZE, 1998 e SAWICKI & SIMEANT, 2011) a partir da indagação da irmã e as críticas realizadas à direção da escola sobre a postura de silenciamento do aluno e consequentemente o tema.

Já no segundo, temos o comentário postado na página do jornal na rede social *Facebook*. Nesse outro discurso, o sujeito autoral utiliza dos dizeres do padre Júlio Lancellotti (o qual já foi explanado no *ex. 22* – discurso direto). Nesse processo de trazer o discurso do outro para o seu, percebemos a noção de relações dialógicas (BAKHTIN, 2015 [1975]). Em qualquer movimento ao objeto, o discurso entra em contato obrigatoriamente com discursos outros na cadeia da comunicação verbal. Por esse contato com o discurso de outrem, interage com ele e estabelece diálogo. A palavra serve, então, como uma ponte entre o sujeito autoral e o sujeito do discurso indireto.

A autora do discurso cita esse discurso do padre e se apropria dele como seu próprio ponto de vista da webnotícia – o caso de homofobia sofrido pelo casal de jornalistas – *WG1#1*. Sendo assim, mesmo utilizando do enunciado do outro, o novo discurso não é apenas “[...] um espelho refletindo a expressão de algo dado e acabado, que já existe fora dele, pois ele sempre cria algo novo, singular, que não existia antes dele” (RODRIGUES, N. 2009, p. 42). Em outras

palavras, em todo discurso haverá algo novo e singular, pois sua singularidade é encontrada na valoração – também chamada de avaliação social por Medviédev (2016 [1928]) que o sujeito do discurso atribui a ele.

Iremos chamar de avaliação social justamente essa atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com a abrangência e plenitude do seu sentido, que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora. Pois é essa avaliação social que atualiza o enunciado tanto no sentido da sua presença fatural quanto no do seu significado semântico. (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 184).

Como quarto movimento analítico dos nossos dados, temos *a voz da autoridade*, isto é, nossos dados revelam discursos (diretos/indiretos) agenciados de autoridade. Esses discursos buscam dar um peso maior ao que se expõem, bem como tecer relações dialógicas (BAKHTIN, 2014[1975]; 2015[1975]) com os outros discursos, sendo na forma de reafirmar algo, mas como também resistir a algo.

Sobre isso, temos os seguintes exemplos:

Ex. 35 – *A Secretaria Estadual de Educação informou que vai enviar um supervisor de ensino à unidade para "tomar as medidas cabíveis". (WG1#3, grifos nossos).*

Ex. 36 – *A Secretaria Estadual de Educação informou, em nota oficial, que repudia qualquer tipo de preconceito. (WG1#3, grifos nossos).*

Os excertos foram retirados da mesma webnotícia, a qual relata o caso de preconceito contra um aluno por uma escola. Nos dois excertos, temos a voz da autoridade – Secretaria Estadual de Educação – referenciada de maneira indireta. Evidenciamos aqui uma relação desses discursos com movimento visto anteriormente, visto seu conteúdo semântico e seu propósito em ser exposto na webnotícia. Notoriamente, vemos um posicionamento de confrontação ao caso de preconceito. Ao trazer esse discurso para a composição do seu, o jornalista – sujeito autoral da webnotícia – reverbera ideologicamente (BAKHTIN, 2014[1975]) um ponto de vista.

Destacamos ainda a escolha de certos termos para demarcar a posição e o ponto de vista da instituição frente ao caso de preconceito noticiado. Em forma de discurso citado, notamos a utilização do verbo *repudiar* para demarcar essa posição. Essa escolha lexical é citada por nós aqui visto que entendemos ela como totalmente valorativa e ideológica, pois evidencia onde o sujeito autoral se encontra. Sobre essa questão, Volóchinov (2017 [1929/1930], p. 111) traz à tona a seguinte afirmação:

Uma vez que o signo é criado entre os indivíduos e no âmbito social, é necessário que o objeto também obtenha uma significação interindividual, pois apenas assim ele poderá adquirir uma forma signífica. Em outras palavras, *somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se.* (VOLÓCHINOV, 2017[1929/1930], p. 111, grifos do autor).

Ao utilizar o discurso indireto (VOLÓCHINOV, 2017[1929/1930]), o autor faz a opção por introduzir a palavra do outro através de verbos *dicendi*. Essa estratégia conota um investimento ideológico presente no seu discurso ao expor o posicionamento do órgão estadual acerca da problemática exposta. Ao fazer uso do discurso indireto o autor aproxima-se do discurso citado, isto é, infiltra-se nos dizeres do outro e os valora. Acerca disso, Volóchinov (2017 [1929/1930], p. 248) afirma que a “língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem. O contexto narrativo esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo e apagar as suas fronteiras”.

Por fim, apresentamos excertos que foram configurados como *posicionamento como sujeito*, movimento que se iguala a de mesmo nome na seção anterior. Trazemos a luz esse, visto que foram encontrados alguns dados relevantes e interessantes para discussão da tese. Segue abaixo:

Ex. 37 – *Kori lembrou que essa inspeção visual no genital que determina a identidade de uma pessoa ainda bebê, não é capaz de identificar o gênero de alguém e que uma pessoa não se identificará necessariamente com o gênero que lhe foi imposto ao nascer.* (WPNR#6, grifos nossos).

Ex. 38 – *Sobre a criação do bebê, Kori afirmou que será o mais neutro possível, lhe dando todas as possibilidades para que ela decida seus gostos, identificações, tendo todo amor e apoio pra que seja a pessoa mais inteira que puder.* (WPNR#6, grifos nossos).

Ex. 39 – *Tenho uma criança conhecida minha que o nome dele é Daniel, mas aos 7 anos queria que todo mundo chamasse ele de Daniela.* (C5WPNR#6, grifos nossos).

Os três excertos, 37, 38 e 39, fazem parte da mesma webnotícia, sendo que dois deles são parte dela e o último é um comentário realizado na página do jornal na rede social *Facebook*. A webnotícia tem como foco expor a o fato de um bebê conseguir na justiça o direito da sua documentação sem marcação de gênero. Em seu documento fica definido que permaneça o

status “indefinido” na questão do gênero. Esse processo foi um pedido de Kori/Doty, uma pessoa não-binária e pai/mãe da criança.

Nos dois primeiros excertos, percebemos a voz de Kori sendo trazida aos fatos por meio do discurso indireto e em seu discurso sempre há uma posição de sujeito muito perceptível: a fuga do que se considera padrão (homem/mulher) e a busca por uma nova visão de gênero. Todo o discurso de Kori é respaldado pela noção de posicionamento de sujeito concebida aqui nessa pesquisa. Mesmo não sendo sobre a sua existência, Kori se posiciona acerca da definição de seu bebê acerca de seu gênero, sexualidade, entre outros. Esse posicionamento é percebido através das escolhas gramaticais e lexicais acerca do tema feitas por Kori, as quais demarcam seu discurso ideológica-valorativamente em relação ao tema designação de gênero. Entendemos aqui que aquilo que é perpassado por valoração é o que adentra o mundo da ideologia e isso acontece por meio das realidades imediatas do sujeito do discurso. Volóchinov (2017 [1929/1930]) comenta sobre essa questão que

Para que um objeto, independentemente do tipo da sua realidade, entre no horizonte social de um grupo e provoque uma reação ideológica sgnica, é necessário que ele esteja relacionado com as premissas socioeconômicas essenciais da existência desse grupo; é necessário que, de algum modo, ele toque, mesmo que parcialmente, as bases da existência material desse grupo. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 110-111).

Acerca do excerto de número 39, consideramos aqui uma como reação-resposta (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]) ao discurso da webnotícia. Essa resposta entra em relação dialógica com o discurso apresentado na webnotícia e atua como confirmação e validação daquilo que é exposto, ou seja, a construção da valoração (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) do discurso se dá a fim de corroborar com a ideia exposta.

Ao chegar no final do processo analítico dessa seção, precisamos marcar que entendemos todo esse processo acerca da dinâmica do discurso indireto como Emerson e Morson (2008) comentam: não apenas a replicação de regras gramaticais estanques, mas uma relação dialógica constante entre os enunciados, sejam eles em forma de confrontação de discursos, entre reações respostas, entre reafirmações, entre outros.

A fim de explicitar de forma objetiva, seguindo os outros momentos de análise dessa pesquisa, apresentamos aqui um quadro síntese do que foi catalogado, analisado e discutido acerca dos pontos de resistência e militância com o auxílio dos discursos alheios em forma de discurso indireto (VOLÓCHINOV, 2017[1929/1930]).

Quadro 25 – Síntese da análise dos discursos indiretos

MOVIMENTO ANALÍTICO	CONSTITUIÇÃO DO MOVIMENTO	ANÁLISE
i) marca de preconceito	Discursos alheios em forma indireta que remetem a preconceito explícito e/ou implícito.	i) Utilização de termos que abarcam preconceito; ii) O diferente do heteronormativo. iii) O tratamento pejorativo do sujeito LGBTQIA+.
ii) marca de violência velada pelo preconceito	Discursos alheios articulados que relatam questões que vão além do preconceito, ou seja, a concretização da hostilização/violência contra os sujeitos LGBTQIA+.	i) Discursos acerca de violência; ii) Consequências de discursos considerados violentos; ii) Dados alarmantes sobre violência.
iii) posição de resistência e militância	Discursos reintroduzidos ao discurso autoral que expõe uma ideia de resistência e militância a situações diversas.	i) Posicionamento como figuras importantes para debate em âmbito de ensino;
iv) voz da autoridade	Discursos agenciados de autoridade. Discursos que buscam dar um peso ao que se expõem, bem como tecer relações dialógicas (BAKHTIN, 2014[1975]; 2015[1975]) com os outros discursos, sendo na forma de reafirmar algo, mas como também resistir a algo.	i) Discursos valorativo-ideológicos de instituição/organização. ii) Reação-resposta de instituições que pertencem a convenções de autoridade ao discurso de preconceito.
v) discursos de posicionamento como sujeito	Discursos que mostram sujeitos cientes da sua constituição e se colocam como um agente de resistência (DELEUZE, 1998) e militância (SAWICKI & SIMEANT, 2011).	i) Reação-resposta a questões sobre identidade de gênero; ii) Posicionamento e reconhecimento de constituição do sujeito.

Fonte: o autor.

Realizadas essas considerações acerca do discurso do outro em forma de discursos indiretos, bem como a análise e discussão deles, podemos aqui encerrar essa discussão e prosseguir com o desenvolvimento da pesquisa, focando-nos na próxima subseção, a qual foca o que Volóchinov (2017 [1929/1930]) denomina de *discurso indireto livre*.

6.2.1.2 Resistência e militância através do discurso indireto livre

Dando continuidade ao processo analítico desse trabalho, primeiramente, expomos, aqui nessa subseção, o que compreendemos acerca do discurso indireto livre, tema debatido amplamente por Volóchinov (2017 [1929/1930]). Após esse debate acerca da concepção, prosseguimos para nossos dados, tendo os mesmos desenvolvimentos realizados nas subseções de análise anteriores.

A primeira menção a um entendimento para a definição do fenômeno se dá por Volóchinov (2017 [1929/1930]) em diálogo com outro autor, Tobler (1887), o qual entendia esse fenômeno como uma fusão peculiar dos discursos direto e discurso indireto. Essa forma fundida empresta do discurso direto o tom e também a ordem das palavras, e do discurso indireto fica emprestado os tempos, as pessoas agenciadas pelos verbos.

Volóchinov (2017 [1929/1930], p. 293) afirma que essa definição apenas pode ser considerada aceita se for pensada como puramente descritiva. Para ele, a palavra fusão da definição de Tobler (1887) não é aceitável, pois inclui uma explicação genética, isto é, "formou-se a partir de uma fusão", fenômeno que tem um difícil eixo de comprovação.

Sua refutação se concretiza no momento que traz o seguinte entendimento acerca do discurso indireto livre:

[...] temos diante de nós não uma fusão mecânica simples ou uma soma aritmética de duas formas, mas uma tendência positiva completamente nova da percepção ativa do enunciado alheio, uma orientação específica da dinâmica da inter-relação entre o discurso autoral e o alheio. (VOLÓCHINOV (2017 [1929/1930], p. 293).

Podemos afirmar aqui uma primeira visão acerca desse fenômeno: enunciado com uma orientação específico quanto ao seu dinamismo em relação à inter-relação de discursos, em outras palavras, o que importa para o autor é “a inter-relação totalmente nova entre o discurso autoral e o alheio” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 294).

De acordo com Volóchinov (2017 [1929/1930]) o sujeito autor/falante, no momento em que está comunicando acontecimentos outros, cita enunciados de outrem de maneira independente, da maneira que ele soou no passado. Esse sujeito que comunica muda o tempo presente do enunciado para o *Imperfectum*, com o intuito de evidenciar a posição do outro enunciado, estando em simultaneidade com os acontecimentos passados, os quais estão sendo o objeto. Entretanto, ainda há a mudança de alguns pontos do enunciado a fim de que não seja entendido como seu próprio enunciado. Para o autor, o discurso indireto livre “somente pôde surgir de modo consciente como um procedimento estilístico livre depois que, graças ao estabelecimento do consecutivo *temporum*, foi criada a base sobre a qual ele pôde ser percebido com clareza” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 308).

A omissão do verbo *dicendi* revela a relação do sujeito que fala com o outro do discurso. Entretanto, a escolha do pronome que caracteriza o discurso indireto e ao fazer uso do *imperfectum* mostram que esse sujeito autoral do discurso (no nosso caso podem ser jornalistas, pessoas que comentam nas redes sociais, entre outros) mantém sua posição de independência.

Ele não se dissolve, não desaparece, no discurso do outro (VOLÓCHINOV, 2017 [192/9/1930]).

Ao contrário de outras formas de discurso já debatidas e que foram auxílio para podemos analisar a questão da resistência e militância de e sobre sujeitos LGBTQIA+ no Brasil, o discurso indireto livre não apresenta marcas que permitam distinguir uma separação entre o discurso autoral e o alheio, ou seja, é uma mistura constante de duas vozes em um fragmento de discurso, no qual não conseguimos dizer exatamente quais são as palavras pertencentes ao sujeito que enuncia e quais são pertencentes ao sujeito enunciatário.

Para Volóchinov (2017 [1929/1930]), o discurso indireto livre,

[...] ao contrário de uma impressão passiva do enunciado alheio, expressa uma orientação ativa, dificilmente limitada à substituição da primeira pela terceira pessoa, trazendo no enunciado alheio suas ênfases que se chocam e interferem nas ênfases da palavra alheia. [...] Toda forma de transmissão do discurso alheio percebe a palavra alheia do seu jeito, trabalhando ativamente com ele. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 314).

Sendo assim, no discurso autoral, reconhece-se o discurso do alheio não tanto pelo sentido tido de maneira abstrata, mas pela entonação e ênfase do sujeito que enuncia, ou seja, por sua orientação ideológico-valorativa. Volóchinov (2017 [1929/1930]) comenta ainda que é perceptível que essas avaliações outras interrompam as ênfases e entonações do autor.

Emerson e Morson (2008) produzem uma síntese de grande relevância sobre o trabalho desenvolvido pelo Círculo acerca do discurso indireto livre. Nas palavras dos autores:

O discurso quase-direto foi descrito muitas vezes como "uma mistura de discurso direto e indireto". Alternativamente, é identificado como um discurso referido no qual gramaticalmente é o autor que fala, embora quem fale, de acordo com o sentido e a orientação geral, seja a personagem. Volochínov considera a primeira dessas duas descrições questionável porque implica uma orientação totalmente mecânica - duas formas recebidas "misturadas" ou coladas. A segunda poderia servir como um bom dispositivo mnemônico, mas falta-lhe aquilo de que se trata realmente aqui, a saber, a criação de novas maneiras de dialogizar enunciados. *O discurso quase-direto oferece maneiras especialmente interessantes que permitem a interpenetração de contextos referidos e referentes.* (MORSON E EMERSON, 2008, p. 185, grifos nossos).

A partir desses postulados, podemos aqui apresentar um quadro síntese que evidencia ao leitor os pontos principais trazidos dessa pequena explanação acerca do discurso indireto livre.

Quadro 26 – Síntese acerca do discurso indireto livre

DISCURSO INDIRETO LIVRE	Movimento completamente novo da percepção ativa do enunciado alheio.
	Uma orientação específica da dinâmica da inter-relação entre o discurso autoral e o alheio.
	Um procedimento estilístico livre
	Uma orientação ativa, dificilmente limitada à substituição da primeira pela terceira pessoa, trazendo no enunciado alheio suas ênfases que se chocam e interferem nas ênfases da palavra alheia
	Reconhecimento através da entonação e ênfase do sujeito que enuncia, ou seja, por sua orientação ideológico-valorativa.

Fonte: o autor com base em Volóchinov (2017 [1929/1930]).

Realizadas essas colocações acima, podemos nesse momento prosseguir para a análise dos dados. De antemão, afirmamos que os dados nos mostraram uma quantidade menor de discursos indiretos livres em relação aos diretos e indiretos já analisados nas subseções anteriores.

Os excertos apresentados a seguir fazem parte dos comentários nas postagens das webnotícias nas páginas dos portais na rede social *Facebook* (Cf. seção 2.1). Nas webnotícias, não foram encontrados nenhum dado que possa ser considerado como um discurso indireto livre. Podemos atrelar isso à relativa estabilidade do gênero do discurso webnotícia, mais especificamente a feição estilístico-composicional, que tenta trazer objetividade e clareza ao discurso, bem como a posição das vozes no enunciado, ou seja, cada sujeito pertencente fica marcado (isso explica a maior quantidade de discursos diretos, pois a voz do jornalista não se mistura com a voz de outrem).

Nossa análise dos discursos indiretos livres em nossos dados acontece a partir dos seguintes movimentos analíticos: i) *marcas de preconceito*, ii) *discursos de posicionamento como sujeito ante ao apagamento/silenciamento* e iii) *posição de resistência e militância*. Como mencionado anteriormente, esses movimentos analíticos surgem através da leitura e análise prévia dos dados, sendo assim, são eles que nos dão todo esse aparato.

Realizadas essas explicações, começamos pelo movimento intitulado *marcas de preconceito*. Esse movimento visa a discussão acerca de discursos alheios na forma indireta livre que remetem a preconceito, podendo ser explícito, implícito, velado, entre outros. Os excertos fazem alusão a isso:

Ex. 40 – Na cabeça dele pra ser macho tem que ser do campo...cuspir no chão e coçar o saco...Ele foi criado assim o erro que ele comete é achar que todo são iguais a ele e

*por isso se identificou com o Caio que na verdade estão parecendo um casal...
(C2WPNR#1, grifos nossos)*

Ex. 41 – *Aí a criança cresce, vira um adolescente. E quando este ser neutro de aparência máscula atlética como a maioria dos jovens são, resolve entrar no banheiro feminino junto com a filha desta mulher que aplaude tal situação. Esta não permite. Jogando por terra todas estas palavras lindas que aqui afirmam. Na hora da verdade essa conversa é outra. (C4WPNR#6, grifos nossos)*

Os dois excertos evidenciados acima são parte de comentários de webnotícias nas páginas dos portais na rede social *Facebook*. O primeiro, *Ex. 40*, é uma reação-resposta (BAKHTIN, 2016[1952-1953]) à webnotícia que trata sobre as falas de cunho preconceituoso do participante do BBB, Rodolfo, que repercutiram e já foram parte da discussão dessa pesquisa.

No excerto, percebemos a introdução da voz do outro a partir da voz do sujeito autoral. Não há a presença de marcas que introduzam e delimitem as linhas dos discursos aparentemente, há um engajamento entre os discursos e vozes. Entretanto, mesmo havendo esse engajamento entre sujeitos dos discursos, o sujeito autoral mantém sua posição de independência, ele não desaparece, no discurso do outro (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]). E isso se marca aqui pelo grande motivo do sujeito trazer o discurso de outrem: a fim de expor e resistir a ele.

Sobre seu valor semântico, a valoração (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) trazida no discurso agenciado, temos a reverberação de um discurso que busca a normatização de um sujeito que foge aos padrões heteronormativos da sociedade (como já explanado na subseção anterior na questão ser afeminado). O sujeito autor traz esse discurso numa forma de exposição e resistência a ele, pois, nitidamente, não concorda e nem o aceita. Ao trazer em seu discurso ela abarca valores diferentes a esse discurso, encharcando-o com seus valores e ideologia (BAKHTIN, 2014[1975]).

Para Medviédev (2016 [1928]), a valoração se faz presente em toda e qualquer palavra viva, já que ela faz parte de um enunciado singular e concreto. Ao trazer a palavra do outro, o sujeito autoral abarca, além da valoração, já presente do discurso alheio, novos tons para ele, pois como afirma, Acosta-Pereira (2012),

[...] todos os atos do sujeito estão sempre sendo atravessados por tons **emotivo-volitivos**. [...] todo sujeito sempre enuncia atitudes avaliativa sobre si e sobre o outro. Pelo simples fato de agir, enquanto sujeito único e singular,

este entra em relações volitivas com o mundo. (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 60, grifos do autor).

Acerca dos padrões sociais, em questão à sexualidade, pontuamos, ainda, a partir de Lopes (2017), que não há um pertencer exclusivamente a uma determinada comunidade homogênea e estanque, o que há é um pertencer social híbrido. A vida de pessoas LGBTQIA+, que fogem a esse padrão social é uma questão de atravessamentos, de viajar dentro de uma pluralidade de espaços diferentes. Sendo assim urge a necessidade de entender a sociedade fora de um binarismo retrógrado e pensar nela como uma pluralidade de relações. “É necessário ver a homossexualidade como parte da sexualidade humana e, por conseguinte, não como ‘desviante’. O ‘desvio’, se é que se pode chamar assim, está em rejeitar o comportamento heterossexual, gay ou não, como padrão.” (LOPES, 2017, p. 416-417).

O segundo excerto desse movimento analítico, *Ex. 41*, e a reação-resposta (BAKHTIN, 2016[1952-1953]) à webnotícia que relata o fato de uma criança ter conseguido judicialmente não conter o sexo em seus documentos. No excerto, vemos a voz do outro na representação da figura de uma mãe em relação a contato com pessoas transexuais. O autor do discurso usa da possível voz do outro a fim de expor valorativamente as marcas de preconceito contra esses sujeitos pertencentes à comunidade LGBTQIA+.

Acerca desse atribuir valores, Bakhtin (2011 [1979]) afirma que os sujeitos que participam de um processo de interação, ao produzirem enunciados, estes são sempre atribuídos de valores, seja concordando, seja discordando, entre outros aspectos. Ele chama esse procedimento de posição ou atitude responsiva. Essa posição é aparente desde o momento da primeira enunciação e perpassa todo o processo de interação. Segundo o autor, então, todo enunciado é prenhe de interação, de posicionamento, de valoração, de resposta. No nosso contexto de análise, evidenciamos esse processo de interação entre enunciados, isto é, entre vozes e conseqüentemente sujeitos por meio do discurso indireto.

Seguindo nosso caminho analítico, apresentamos e discutimos os excertos pertencentes ao movimento intitulado *discursos de posicionamento como sujeito ante ao apagamento/silenciamento*: discursos que evidenciam sujeitos que compreendem a sua concepção e a dos outros, se pondo como um agente de resistência (DELEUZE, 1998) e militância (SAWICKI & SIMEANT, 2011) ante a ações e discursos que tentam apagar ou silenciar outros sujeitos.

Os excertos abaixo evidenciam essa relação de discursos, resistência e militância/apagamento e silenciamento:

Ex. 42 – Esses conservadores usam sempre os mesmos argumentos: Destruição do esporte feminino, destruição da família, destruição dos valores cristãos e da moral. (CIWPNR#4, grifos nossos).

Ex. 43 – Sério que vocês dão a opção de fazerem um concurso só pra trans pq é mais fácil do que incluir elas no concurso normal.[...] Eu entendi que pessoas trans tem que carregarem um selo estampado de "trans ", vão fazer um banheiro só para trans? Roupas só para trans? Maquiagem só para trans? Gente, a palavra INCLUSÃO é o ponto forte do meu comentário. Deixa todas as mulheres (trans ou não) participarem. (CIWPNR#7, grifos nossos).

No *Ex. 42*, temos um comentário da webnotícia que trata sobre um ato realizado por jogadoras de vôlei feminino que se unem para banir uma jogadora abertamente trans. E o outro excerto, *Ex. 43*, diz respeito a um comentário sobre a webnotícia que relata a permissibilidade de concursos de beleza feminina barrarem mulheres transexuais da competição. As duas webnotícias giram em torno de praticamente o mesmo assunto: o apagamento das pessoas transexuais de movimentos da sociedade. Sendo assim, discutimos aqui os dois excertos juntos.

Percebemos nos dois excertos a voz de outrem exposta por meio do discurso indireto livre, as quais trazem marcas do que intitulamos como apagamento/silenciamento do sujeito trans. Em primeira instância, temos uma voz conservadora e preconceituosa, ou seja, transfóbica, a qual afirma que esses sujeitos destroem a sociedade, trazendo malefícios ao esporte, à família, entre outras instâncias; e no segundo momento, temos uma espécie de segregação das pessoas transexuais, isso acontecendo na forma de um concurso de beleza específico para mulheres trans.

Segundo Jesus (2012), a transexualidade é compreendida atualmente como uma questão de identidade, não sendo mais considerada uma doença, uma escolha ou uma perversão sexual. Sendo assim, compreendemos aqui que pessoas trans são seres humanos que nasceram em um corpo masculino ou feminino, entretanto compreendem-se divergentemente a esse corpo biológico, ou seja, pertencentes ao outro gênero.

Com essa concepção que se difere muito do que temos como “padrão” da sociedade, ou seja, a heteronormatividade, grandes desafios esses sujeitos enfrentam diariamente, sendo um deles a transfobia. Jesus (2012) a transfobia é

[...] preconceitos e discriminações sofridos pelas pessoas transgênero, de forma geral. Muito ainda tem de ser enfrentado para se chegar a um mínimo

de dignidade e respeito à identidade das pessoas transexuais e travestis, para além dos estereótipos. Um deles leva alguns a esquecer que a pessoa transgênero vivencia outros aspectos de sua humanidade além dos relacionados à sua identidade de gênero: que não a de ser uma pessoa transexual, [...] ela tem raça, classe, origem geográfica, religião, idade, uma rica história de vida, para além da transexualidade. (JESUS, 2012 p. 7).

A partir dessa abordagem sobre a vivência trans, voltando-nos aos dados e compreendemos que é através das escolhas lexicais e gramaticais que os sujeitos marcam seu posicionamento ideológico-valorativo em relação a uma determinada questão (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]). Sendo assim, adentra no mundo da ideologia aquilo que é atravessado valorativamente, o que pode acontecer por meio das realidades imediatas dos sujeitos que discursivizam, isto é, o sujeito autoral do enunciado e o sujeito outrem, aquele que está presente através do discurso indireto livre. Ao trazer palavras duras como destruição, no *Ex.42*, e a ideia de um concurso excludente para pessoas trans, no *Ex.43* os autores marcam valorativamente a posição do outro, os conservadores com suas falas transfóbicas, como também traz seus tons valorativos, isto é, discorda da ideia exposta, bem como resiste a esse discurso. Volóchinov (2017 [1929/1930]) afirma sobre isso que

Para que um objeto, independentemente do tipo da sua realidade, entre no horizonte social de um grupo e provoque uma reação ideológica sígnica, é necessário que ele esteja relacionado com as premissas socioeconômicas essenciais da existência desse grupo; é necessário que, de algum modo, ele toque, mesmo que parcialmente, as bases da existência material desse grupo. (VOLÓCHINOV 2017 [1929/1930], p. 110-111).

Compreendemos ainda o movimento de apagamento, também chamado de silenciamento por nós, como uma das forças centrípetas na sociedade. Em uma relação de aproximação, sempre há o intuito de apagar o que é diferente, heterogêneo, sempre se voltando a um processo de ajuntamento (BAKHTIN, 2014 [1975]).

Para finalizar essa análise acerca dos discursos indiretos livres, apresentamos nosso último movimento analítico, intitulado *posição de resistência e militância*. Entendemos que em praticamente todos os nossos dados, as vozes da resistência e da militância estão presentes, entretanto, precisamos aqui expor de forma objetiva e evidente momentos em que nos nossos dados essas vozes soam gritantes no desenvolver do discurso.

Ex. 44 – *Absurdo vindo da parte de educadores e escola. Por que não era um assunto adequado? Talvez porque os educadores não estão preparados para falar sobre. (C7WG1#3, grifos nossos).*

Ex. 45 –Minha filha de 9 anos semana passada sugeriu ao professor que ele falasse sobre o mês do orgulho LGBT e o professor elogiou a consciência dela sobre diversidade msm tão jovem. (C11WGI#5, grifos nossos).

Os dois excertos são reações-respostas (BAKHTIN, 2016[1952-1953]) às webnotícias que tratam sobre o caso de denúncia por homofobia que aconteceu em uma escola após a direção hostilizar um dos alunos que propôs trabalhar o tema LGBTQIA+ em um trabalho escolar. No primeiro excerto, *Ex. 44*, temos a voz do outro sendo reenunciada pelo sujeito que comenta a webnotícia.

Aqui podemos trazer à discussão as palavras de Volóchinov (2013 [1925-1930 p. 193]) quanto a noção de palavra e signo. A palavra para o autor é desde o começo um fenômeno ideológico. “Toda realidade objetiva da palavra consiste exclusivamente na sua destinação de ser um signo”.

Já a especificidade do signo ideológico está no fato de ele ser construído no meio das relações dos sujeitos. Volóchinov (2017 [1929/1930] p. 98) afirma que a “realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. [...] Isso se refere a todos os signos ideológicos”. Sendo assim, “*somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se*” (VÓLOCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 111, grifos do autor). O signo, assim, é produzido a partir das funções ideológicas e não pode ser separado delas.

Quando pensamos no nosso excerto, *Ex. 44*, nos focamos nos signos “assunto adequado”. Ela se apropria das palavras literais da direção da escola e as abarca de tons de resistência e militância (DELEUZE, 1998; SAWICKI & SIMEANT, 2011). Isto é, em determinado contexto, com determinado sujeito autor, esse discurso tinha um tom valorativo, já em outro, um novo tom é derramado sobre o signo ideológico.

Já no segundo exemplo, continuamos com a ideia de resistência e militância, mas agora, a fim de promover esses atos, o sujeito autoral utiliza do discurso indireto livre para enunciar dois outros sujeitos, sua filha e o professor dela. Percebemos a articulação de vozes presentes no excerto, todas elas regidas pelo sujeito autor do comentário, isto é, mesmo ele trazendo vozes alheias, a sua voz não se perde nesse meio, pois o que molda os discursos agenciados no seu é a entonação e ênfase do sujeito que enuncia, ou seja, é a sua orientação ideológico-valorativa (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) que se sobressai.

Compreendemos aqui que as escolhas lexicais, bem com as escolhas dos discursos agenciados, proporcionam valoração a situação retratada e comentada. Esses aspectos podem ser entendidos como parte da expressividade do enunciado do sujeito autoral, em virtude de que fica claro para nós esse ponto, assim como Medviédev (2016 [1928], p. 185) afirma: “avaliação social determina todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro, porém, ela encontra a expressão mais pura e típica na entonação expressiva”.

Para fechamento dessa subseção analítica, assim como realizado nas outras anteriores, apresentamos um quadro síntese que evidencia todos os caminhos aqui percorridos, desde a exposição dos movimentos analíticos, até à análise e à discussão dos dados. Apresentamos, então, o quadro abaixo.

Quadro 27 – Síntese da análise dos discursos indiretos livres

MOVIMENTO ANALÍTICO	CONSTITUIÇÃO DO MOVIMENTO	ANÁLISE
i) marcas de preconceito	Discursos alheios em forma indireta livre que remetem a preconceito explícito e/ou implícito.	i) O diferente do heteronormativo. ii) O tratamento pejorativo do sujeito LGBTQIA+.
ii) discursos de posicionamento como sujeito ante ao apagamento/silenciamento	Discursos que resistem e militam contra as forças centrípetas de apagamento e silenciamento dos sujeitos LGBTQIA+.	i) Reação-resposta frente à tentativa de apagamento. ii) Reação-resposta a questões sobre sujeitos transexuais e sua posição na sociedade.
iii) Posição de resistência e militância	Discursos reenunciados ao discurso autoral que expõe uma ideia de resistência e de militância a situações diversas.	i) Posicionamento como figuras importantes para debate em âmbito de ensino. ii) Posicionamento e reconhecimento de constituição do sujeito.

Fonte: o autor.

Tendo realizado essas considerações acerca do discurso do outro em forma de discursos indiretos livres (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]), como também a análise e discussão dos dados em forma de excertos, somos permitidos a encerrar essa explanação e discussão, prosseguindo um possível fechamento das análises dos discursos alheios.

Nessa sessão sobre o discurso alheio, buscamos, por meio de um olhar aos nossos dados, refletir sobre como as questões de resistência e militância são reverberadas, tentando sempre entender como esses movimentos ganham forma e são discursivizados nas webnotícias e nos comentários nas páginas dos portais na rede social *Facebook*.

Sobre os discursos nas webnotícias, notamos uma tendência dos sujeitos autorais, sejam eles os jornalistas ou até mesmo as instituições, de não omitir opiniões ou fatos; entretanto,

esses sujeitos não assumem de maneira direta seu posicionamento. Esse posicionar-se aparece por meio dos recursos analisados, isto é, nos discursos alheios agenciados nas três formas distintas: direto, indireto e indireto livre.

Volóchinov relata acerca dos discursos alheios que esse é compreendido como a união de discursos, um dentro do outro. Entretanto, ao mesmo tempo esse discurso é sobre o outro. Fica entendido então que o discurso alheio é um elemento constitutivo do discurso autoral, ao mesmo tempo se torna seu objeto, ao adentrar na unidade discursiva do autor em uma determinada forma de discurso (direto, indireto, indireto livre). Ele se torna o tema do tema do discurso alheio.

Outro ponto que podemos destacar aqui sobre o agenciamento dos discursos de outrem é a noção de discurso autoritário ou internamente persuasivo. Para Bakhtin (2015 [1975]), o discurso autoritário está fundado no estatuto da verdade absoluta, a qual consolida ou reforça significados que são fixos, isto é, não se modificam caso entre em contato com diversas outras vozes. Esse discurso é vinculado a determinadas autoridades – religiosa, política, moral, entre outras. O discurso autoritário, então, se materializa no discurso citado e encontra-se totalmente fechado para argumentações, refutações ou contestação, uma vez que

[...] a palavra autoritária não se representa – ela apenas é transmitida. Sua inércia, sua perfeição semântica e rigidez, sua singularização aparente e afetada, a impossibilidade de sua livre estilização, tudo isto exclui a possibilidade da representação artística da palavra autoritária. (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 144).

Na contramão do discurso autoritário, o discurso internamente persuasivo não é finito em si, mas abre-se para diversas possibilidades diferentes de inferências no discurso interior. Esse discurso, de acordo Bakhtin (2014 [1975]), configura-se dialógico, trazendo em si parte do próprio discurso, bem como o discurso do outro. Nesse âmbito, proporciona negociações em relação aos significados, fazendo com que se produzam novos sentidos. Segundo o autor,

[...] a estrutura semântica da palavra interiormente persuasiva não é terminada, permanece aberta, é capaz de revelar sempre todas as novas possibilidades semânticas em cada um de seus novos contextos dialogizados. (...) Nós a introduzimos em novos contextos, a aplicamos a um novo material, nós a colocamos numa nova posição, a fim de obter dela novas respostas, novos esclarecimentos sobre o seu sentido e novas palavras “para nós” (uma vez que a palavra produtiva do outro engendra dialogicamente em resposta uma nova palavra nossa). (BAKHTIN, 2015 [1975], p. 144).

O discurso autoritário e o discurso internamente persuasivo podem se unir, mas na grande maioria divergem, isto é, o autoritário – discurso da esfera religiosa, política, entre outras – se impõe ao sujeito, carece de uma persuabilidade interna; já o internamente persuasivo – discurso da ciência, da opinião pública, da crítica – não tem um autoritarismo, não precisa de uma legalidade e se entrelaça ao discurso aural, ou seja, metade é do sujeito autor do discurso, metade é do sujeito alheio. Segundo Bakhtin (2015 [1975]), “a luta e as relações dialógicas entre essas categorias do discurso ideológico costumam determinar a história da consciência ideológica individual” (BAKHTIN, 2015 [1930-1936], p. 136).

Pensando nesses pontos elencados de uma maneira bakhtiniana, o discurso autoritário pode ser considerado monológico, pois desempenha um papel de imposição aos outros, não deixando espaços para questionamentos ou outros movimentos. O discurso internamente persuasivo, na contramão, é aberto na questão das relações dialógicas, sempre buscando expandir seus sentidos, sua criatividade está na capacidade de realizar uma organização entre as palavras – as do sujeito aural e as do sujeito alheio – em um discurso novo, inacabado e dialogizado. Nesse ínterim, compreendemos que são as relações dialógicas as responsáveis por gerarem certa tensão na composição do discurso.

Pensando nos nossos dados, as webnotícias, podemos compreender como há determinadas imbricações entre os discursos de um sujeito e no enquadramento dos discursos alheios realizado pelas instituições jornalísticas e como esses fatores desencadeiam uma constituição do todo do enunciado. Nos nossos excertos, percebemos a presença de alguns discursos de autoridades determinadas, como sujeitos da esfera religiosa, como também da esfera política. Esses discursos agenciados buscam estabelecer padrões para determinada situação social. Um exemplo que podemos aqui mencionar é o *Ex. 17*, discurso direto de um padre. O que se tem é um discurso autoritário que inibe um pensar contrário aquilo que está sendo imposto na esfera religiosa, pois não é aberto um espaço de diálogo, isto é, o que se tem é uma ação imposta de forma hierárquica, fazendo com que o espaço de discussão e crítica sejam apagados.

Se tratando dos discursos internamente persuasivos, muitos foram os casos introduzidos nos excertos, pois percebemos as relações dialógicas entre os discursos aural e alheio a todo momento. A presença de vozes diversas no discurso, ora trazendo afirmações acerca de uma questão (*Ex. 34*), ora contestando, ou seja, em nosso caso, resistindo e militando sobre um tema (*Ex. 28*) nos evidencia esse caráter do discurso.

Por fim, devemos comentar que nos é difícil colocar os excertos em apenas um movimento analítico, pois eles se engendram e se relacionam. Ora nos deparamos com um

discurso que caracterizamos como componente do movimento *posição de sujeito frente ao apagamento/silenciamento*, entretanto o compreendemos também como um discurso que pode ser agenciado como *discurso de resistência*. Sendo assim, explicitamos aqui o nosso entendimento de que os discursos transitam nos movimentos analíticos desenvolvidos nesse trabalho, entretanto os demarcamos nos quais estão apresentados para uma organização da pesquisa, bem como uma melhor compreensão dos movimentos pelo leitor.

Tendo exposto essas considerações acerca da análise realizada sobre a questão de resistir e militar nos discursos alheios, podemos avançar em nosso caminho analítico e apresentar uma discussão acerca do discurso de resistência e militância em projeções ideológico-valorativas na subseção a seguir.

6.2.2 O discurso de resistência e militância em projeções ideológico-valorativas

Nesta seção, que se configura como a última parte desse capítulo analítico, empenhamos nossos esforços em refletir acerca das marcas presentes nos discursos de e sobre sujeitos LGBTQIA+. Para isso, nosso olhar se volta para discursos em forma de enunciados das webnotícias e dos comentários na plataforma *Facebook*.

Respaldamo-nos nos postulados de Bakhtin (2011 [1979]; 2015 [1975]; 2016 [1952-1953]), Volóchinov (2017 [1929/1930]) e Medviédev (2016 [1928]) a fim de expor que todo discurso aqui é entendido como ideológico e valorativo. É a partir dessa ideia que tecemos nossa análise. Sendo assim, abordamos primeiramente uma retomada das ideias trazidas pelos autores acerca do ideológico e do valorativo para, enfim, nos adentrarmos nos dados e na análise.

Na perspectiva bakhtiniana, ideologia e valoração podem ser considerados elementos materializados na linguagem, os quais evidenciam uma das características principais atribuídas ao discurso: o seu caráter não neutro. A ideologia, conceito já discutido de maneira mais ampla no referencial teórico dessa pesquisa (Cf. seção 3.1.4. *Ideologia*) é compreendida por Bakhtin e o Círculo como uma maneira de compreensão do mundo e da relação estabelecida pelo homem com esse mundo. Volochínov (2013 [1925-1930], p. 138) comenta que a ideologia é o “conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem ao cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sígnicas”. Nesse pensamento, a questão ideológica para os estudiosos, pode ser tida como a expressão de uma tomada de posição determinada em um dado contexto social.

Prosseguindo de maneira sucinta, no constructo teórico de Bakhtin e o Círculo, outro ponto de suma importância que emerge é a noção da valoração (Cf. seção 3.1.5 *Valoração*),

dado que toda enunciação é considerada pelos teóricos como dialógica e axiológica por natureza. Para o Círculo, a valoração assume um viés totalmente ideológico, que não tende a objetivar nenhuma questão universal, mas tenta direcionar para uma significação social. Trazendo para o âmbito da língua(gem), os discursos, no momento que são materializados em enunciados, são encharcados por determinadas ideologias, mas também marcados por valorações distintas, as quais estão imbricadas nas ideologias. O signo ideológico, nessa perspectiva, sempre demonstra a apresentação de acentuações valorativas, o que implica uma tomada de posição sobre um tema, e uma expressão de uma ideia levada a debate em um determinado grupo social, em uma dada situação de interação.

A partir do que foi exposto acima, afirmamos que não existe enunciado sem a dimensão ideológica e valorativa. Não obstante, não existe valoração sem uma expressão sgnica/material. É nessa forma que a dimensão valorativa se faz presente ideologicamente, não apenas na situação de interação entre sujeitos, mas também na concretude material e semiótica dos enunciados. Isso acontece, porque entendemos que sem a existência de uma materialidade, não existe enunciação. É na materialidade dos enunciados, na forma de entonação, da escolha e disposição dos signos mobilizados, isto é, no processo de enunciação que fica evidente a marca valorativa (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925-1930]).

O horizonte valorativo do enunciado é constituído por meio dos índices sociais de valor que se fazem presentes nos enunciados concretos. Volóchinov (2017 [1929/1930]) relata que esses índices são elementos essenciais para a construção do signo ideológico, uma vez que sem eles, o signo se constitui apenas como uma alegoria, um signo ideológico morto. Posto isso, só se pode considerar um signo aquilo que já se encharcou de um valor social, considerando que “a cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto de atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 124).

Medviédev (2016 [1928]), comenta a existência de avaliações sociais de maior estabilidade e profundidade, as quais se constituem através da situação econômica de uma determinada classe social no seu tempo de existência. Nessa perspectiva, “a avaliação social reúne a minuta da época e o assunto do dia com a tarefa da história. Ela determina a fisionomia histórica de cada feito e de cada enunciado, sua fisionomia de indivíduo, de classe e de época” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 185). Nesse contexto, compreendemos que para a criação de sentidos por meio dos enunciados urge voltarmos a contemporaneidade do enunciado, a partir do seu tempo, caso sejam épocas divergentes. A partir disso, faz-se necessário a compreensão também da união do conteúdo do ato e a sua realidade histórica.

No decorrer desse fato, Medviédev (2016[1928]) marca que a avaliação social/ a valoração determina todos os aspectos de um enunciado e uma vez que o transpassa por inteiro, é a valoração que entra em contato com a expressão pura da entonação expressiva. Segundo o autor, é essa entonação expressiva que marca a singularidade histórica do enunciado: “o caráter expressivo é determinado não pelo esquema lógico do sentido, mas por toda sua plenitude e integridade individual, e por toda sua situação concreta e histórica” (MEDVIÉDEV. 2016 [1928], p. 185). Sendo assim, marcamos aqui a nossa compreensão de que a entonação expressiva é a responsável por evidenciar a avaliação social de um dado enunciado concreto.

A partir das ideias apresentadas acima acerca do discurso entendido como ideológico e valorativo e da leitura e análise prévia dos nossos dados, conseguimos compreender alguns movimentos analíticos que se fazem presentes, são eles: (i) *marcas de imposição*, (ii) *marcas de violência e violação*, (iii) *marcas de negação*, (iv) *marcas de aspiração* e, por último, (v) *marcas de resistência e militância*. Todos esses movimentos de análise são explicados de forma detalhada no decorrer da pesquisa.

Como primeiro ponto temos *marcas de imposição*, isto é, discursos que modelam ou abarcam sentidos similares aos sujeitos. Entendemos esses discursos como aqueles que ditam como o sujeito deve ser, se portar, agir entre outros aspectos. Acerca desse aspecto da pesquisa apresentamos os excertos a seguir:

Ex. 46 – *Deve ser um eco tão grande na cabeça dessas pessoas que ditam regras sobre relacionamento alheio, sobre o que as pessoas fazem ou não com a vida delas, nessa publicação só conseguimos ver três pessoas que se relacionam, cuidando de outras com amor e cuidado, e o que tem de errado nisso?! O errado é você escolher criticar o que nem mesmo vc faz, que é respeitar o próximo.* (C3WPNR#3, grifos nossos)

Ex. 47 – *O que existe é um desencontro de ideais. Uns querem que todo mundo seja como eles, outros não aceitam por defesa da família. Como casar criar filhos e manter famílias seguindo a lógica da natureza.; União homem, mulher e filhos formação de família. Sem famílias, não há razão de vida. Não tem lógica. O problema é que as pessoas querem que todo mundo sejam igual a eles. E todos nós somos o que somos, e não os que os outros pensam que nós somos.* (C15WG1#1, grifos nossos)

Ex. 48 – *Esse tema é um dos temas transversais, existe tanto na ldb quanto na bncc é discutido e ensinado nas escolas desde antes do ensino fundamental, como forma de entendermos que o outro não é igual a mim e propagar a aceitação e o respeito, não há nada demais em se respeitar, triste é quem ainda está tão atrasado.* (C14WG1#4, grifos nossos)

O primeiro excerto destacado acima, Ex. 46, diz respeito à webnotícia que relata o fato de um trisal, relacionamento composto por três pessoas, conseguir o registro de paternidade dos

três filhos. Ele se configura como um dos componentes do nosso movimento analítico intitulado *marcas de imposição*, pois traz, no discurso, valorações (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) e marcas ideológicas (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]) acerca de como as pessoas no geral tentam padronizar relacionamentos e a questão familiar. A expressão de avaliação no discurso do excerto destacado aponta um determinado movimento discursivo, o que nos evidencia a presença de um posicionamento ideológico-valorativo: dominante (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]) que se pauta em valores historicamente enraizados acerca da concepção de família, reenunciada pelo sujeito autor; e outro, minoritário, que está vinculado aos valores qualitativos do discurso. Percebemos de maneira mais notória essas marcas de imposição acerca de como ser e se portar, nos trechos destacados por nós. O sujeito traz à tona ideias como o *ditar regras de relacionamento*, de viver e de conviver, bem como aborda a *noção de erro*, *partindo da visão padronizada de casal constituído apenas por duas pessoas*.

O segundo excerto, *Ex. 47*, diz respeito a um comentário postado na página do portal Globo.com – G1 na plataforma de rede social *Facebook*. Esse comentário se configura como uma reação-resposta (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]) à webnotícia que relata o caso de ataques homofóbicos sofridos por jornalistas após terem feito declarações amorosas, um ao outro, em uma data comemorativa. Ao pensar na questão da ideologia como as maneiras de compreensão do mundo e das relações do sujeito com esse mundo e a valoração como a significação ideológica e social, percebemos um sujeito que traz um discurso ideológico-valorativo (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]; MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) acerca da constituição familiar limitado, pois existe família apenas no contexto homem/mulher. Percebemos marcas de imposição em todo o desenvolvimento do discurso do sujeito, indo ainda mais além com a ideia limitada de contexto familiar. Destacamos em alguns trechos do excerto, movimentos dessa imposição.

Podemos nesse momento trabalhar com os dois excertos supracitados, pois, nos dois casos, é evidente a orquestração de sentidos valorativamente constituídos acerca da constituição de família, ora em embate ao relacionamento constituído por três pessoas, e seus filhos, ora com um casal de dois homens gays. Acerca disso, comentamos que os discursos em forma de enunciados sempre apresentam uma dimensão ideológico-valorativa e, por meio dela, expressam um posicionamento social – sendo às vezes um já constituído social e historicamente, como o tema dos nossos excertos. Dessa maneira, todo e qualquer enunciado é na compreensão do Círculo, sempre ideológico.

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). (VOLÓCHINOV, [1929/1930], p. 32).

Ao produzir seus discursos, os sujeitos não apenas produzem palavras sobre a questão familiar, mas produzem juízos de valor sobre o tema, os quais estão constituídos historicamente na sociedade como sendo o correto – o padrão: duas pessoas –, encharcando seu enunciado de valores e ideologia.

No último excerto destacado, *Ex. 48*, temos uma reação-resposta (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]) a webnotícia que relata o fato de um aluno ter sido hostilizado e repreendido após ter proposto ser tema de trabalho em âmbito escolar o sujeito LGBTQIA+. No discurso, o autor trouxe o caráter institucional, por meio da referência à LDB⁵⁰ e à BNCC⁵¹, para poder se posicionar de maneira e valorar (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) a questão da imposição. A partir dos documentos, o sujeito aborda o tema remetendo que todos os sujeitos são entendidos por meio de suas diferentes e devem ser respeitados. Nos é permitido aqui trazer a noção do ato responsável dissertada por Bakhtin (2012 [1920/1924]). Ao tomar sua posição de sujeito que interage e responde, o autor se coloca nesse ato responsável, o qual é sempre emotivo-volitivo (valorado) e não pode ser realizado por mais ninguém a não ser ele. O tom emotivo-volitivo abarca sempre todo o conteúdo do ato e o relaciona com o evento singular, ou seja, todo ato, no âmago de sua singularidade é orientado por seus tons (ACOSTA-PEREIRA, 2012). “A experiência real de um vivido possível é precisamente a sua inserção, a sua colocação em comunhão com o existir-evento singular.” (BAKHTIN, 2010[1920/1924], p. 87). A materialidade da língua, nos evidencia o que mencionamos até o momento: *forma de entendermos que o outro não é igual a mim e propagar a aceitação e o respeito*, trecho destacado por nós no excerto, evidencia um ponto importante do discurso: a posição ideológica do sujeito perante o tema – um sujeito que entende a importância do tema, respalda seu discurso em um discurso de autoridade, os documentos oficiais, e busca o que poderíamos nomear aqui como ideologia da aceitação.

Como segundo movimento analítico, temos o que chamamos: *marcas de violência e violação*. Esse movimento se configura a partir da ideia de discurso que trazem ideias e

⁵⁰ Lei de Diretrizes e Bases.

⁵¹ Base Nacional Comum Curricular.

violência contra sujeitos LGBTQIA+ e também discursos que violam seu estatuto de ser, isto é, sua ocupação em sociedade, seus direitos, entre outros aspectos.

Os excertos a seguir compõem esse movimento:

Ex. 49 – É uma transfobia e ponto!!! Pq se fosse questão de justiça, pela massa do corpo mesmo, teriam pedido estudos antes de qualquer tipo de "banimento". (C3WPNR#4, grifos nossos)

Ex. 50 – Preconceito velado! Como se entre cis fosse tudo igual e tbm nem todos os homens cis são mais fortes q as mulheres cis. E o principal quesito é o técnico, ã basta uma pessoa ser forte ou aparentar força q vai ser bem sucedida no esporte... É no mínimo ridículo esse ataque q estão fazendo! (C11WPNR#4, grifos nossos)

Ex. 51 – Miss universo trans"? Só para as trans..... Acho que elas buscam inclusão na sociedade e colocar elas num concurso com mulheres "naturais" seria algo incrível. Sério que vocês dão a opção de fazerem um concurso só pra trans pq é mais fácil do que incluir elas no concurso normal. É o mesmo que querer lutar contra o racismo mas colocar todos os negros em um Só lugar. Eu entendi que pessoas trans tem que carregarem um selo estampado de "trans ", vão fazer um banheiro só para trans? Roupas só para trans? Maquiagem só para trans? Gente, a palavra INCLUSÃO é o ponto forte do meu comentário. Deixa todas as mulheres (trans ou não) participarem. (C1WPNR#7)

Tratamos dos três primeiros excertos desse movimento analítico juntos, pois eles são aqui considerados como reações-respostas (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]) ao enunciado da webnotícia que relata o fato de mulheres cisgênero, jogadoras de voleibol, se juntarem em uma ação a fim de banir de competições uma outra jogadora por ela ser uma pessoa trans. A webnotícia traz marcas de violência e violação aos direitos de sujeitos LGBTQIA+, nesse caso uma pessoa trans. Essas marcas são ferozmente debatidas nos comentários postados na página do portal na rede social, como alguns que trazemos à análise. O fato da tentativa de banimento de uma pessoa trans, apenas por ela ser trans e não cis, de uma categoria de esporte é elencado como uma violência e violação pelo sujeito autor do excerto 49. Esse sujeito ainda marca no início de seu discurso que o ato deve ser caracterizado como transfobia, seguindo então essa ideia de violência (e preconceito).

No outro excerto que debate essa webnotícia, *Ex. 50*, há uma nova retomada na questão de ser um ato de preconceito, dessa vez entendido pelo autor como “preconceito velado”⁵².

⁵² Preconceito velado caracteriza-se como uma forma mais sutil, disfarçada de preconceito. Ele pode ser definido a partir de três dimensões: “A primeira dimensão é a dimensão da defesa dos valores tradicionais. [...] A segunda dimensão é a dimensão do exagero das diferenças culturais e a terceira dimensão é a dimensão da negação de emoções positivas, caracteriza-se pela rejeição à expressão de simpatia e admiração”. (LIMA E VALA, 2004, p. 407).

Além disso, o sujeito entra em luta com a questão da violência e violação dos direitos no momento em que remete ao fato de todas as pessoas cisgêneras também são diferentes, ninguém é constituído de maneira idêntica, sendo inválida a proposta apresentada pelas jogadoras. Por fim, ainda, o autor apresenta uma repreensão acerca do ato noticiado e, de maneira ideológico-valorativa (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]), apresenta seu ponto de vista.

Como último discurso a ser analisado nesse movimento analítico, expomos o *Ex. 51*. Ele refere-se à reação-resposta (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]) à webnotícia que relata o caso de proibição, através de medida judicial, de mulheres transgênero em competições de beleza, Miss EUA, nos Estados Unidos da América.

Optamos aqui em discutir os três excertos, principalmente, na questão dos índices sociais de valor, pois em todos os três, mesmo que sejam atos individuais de interação, a construção valorativa se aproxima muito. Isso se dá pelo fato de esses índices sociais de valor serem entendidos por Volóchinov (2017 [1929/1930]) como ideologicamente construídos, pois mesmo que sejam enunciados por sujeitos em seus atos únicos e singulares, eles se constituem como projeção de valor abarcados de pretensões ao consenso social “e apenas em nome deste consenso é que eles se exteriorizam no material ideológico.” (VOLÓCHÍNOV, 2017 [1929/1930], p. 116). Sendo assim, esses discursos dos *Ex. 49*, *Ex. 50* e *Ex. 51* se confrontam dialogicamente numa dada situação de interação, produzindo novos valores por meio das relações semântico-axiológicas. Resta-nos afirmar que as relações dialógicas construídas em torno dos discursos retratados nos três excertos, e sua relação com os enunciados das webnotícias, são resultados dos entrecruzamentos ideológico-valorativos de deferentes paradigmas da sociedade. Essas relações estão unidas a uma gama de interações que atravessam os sujeitos e suas práticas.

Seguindo nossa exposição anterior dos movimentos de análise dos dados, apresentamos e discutimos aqui o terceiro, intitulado de *marcas de negação*. O que se evidencia e se discute nesse movimento é o discurso de negação do sujeito, isto é, quando o próprio sujeito LGBTQIA+ acha melhor não ser, negar sua existência em sociedade; como também os discursos dos outros, os quais, de uma posição fora da comunidade, dizem ser mais fácil não ser. Para essa discussão, separamos os seguintes excertos:

Ex. 52 – *No começo achei ele forçado e realmente escandaloso [...]* (C7WPNR#1, grifos nossos)

Ex. 53 – *Põe na roda como sempre tentando de todas as formas pregar "militância" pra gerar polêmica. Para que tá feio, sem necessidade. Trata a cabeça, antes de jogar as matérias.* (C10WPNR#2, grifos nossos)

Acerca do *Ex. 52*, temos um comentário acerca da webnotícia que abrange sobre o discurso de um competidor do programa Big Brother Brasil sobre um outro competidor, sendo esse último gay afeminado. No discurso, o sujeito evidencia se sentir incomodado com o jeito do competidor com jeitos mais afeminados. Percebemos a reverberação de marcas de negação perante a questão da constituição do sujeito gay afeminado a partir das escolhas lexicais realizadas pelo sujeito autor do discurso.

De acordo com Bakhtin (2014[1975]; 2015[1975]), as escolhas lexicais de um dado enunciado sempre têm a orientação dos coeficientes de avaliação e das suas condições concretas do processo de enunciação. Ao abordar a questão da avaliação social/valoração, Medviédev (2016[1928]) afiança que é ela que determina, justamente, a totalidade dos aspectos enunciativos, por um movimento de atravessamento neles. Segundo o autor, é papel da avaliação social, da valoração, mediar a realidade concreta e a língua(gem) do enunciado “tanto do ponto de vista das formas linguísticas selecionadas quanto do ponto de vista do sentido escolhido” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 189).

Sendo assim, marcamos aqui que as escolhas lexicais, isto é, do autor do *Ex. 52* não foram meramente jogadas no enunciado a partir de um repertório lexical que o sujeito tinha conhecimento, mas foram selecionadas a fim de produzir os sentidos acima mencionados e que dão margem para a criação e discussão desse movimento analítico, a marca de negação. Em outras palavras, esse discurso é abarcado ideológico-valorativamente (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]; MEDVIEDEV, 2016 [1928] de uma ideia preconceituosa, presente numa sociedade com raízes heteronormativas e a ideia da superioridade masculina, além de trazer a marca de negação, no momento em que ele usa os termos destacados “*forçado e realmente escandaloso*”. Não é permitido ao sujeito gay ser algo diferente ao padrão, isto é, romper as barreiras de uma imagem de sujeito homem duro, sisudo e másculo, isso seria algo “forçado e escandaloso”.

No *Ex. 53*, evidenciamos outro ponto referente a negação acerca de algum aspecto que perpassa a vida dos sujeitos LGBTQIA+: o militar, o posicionar-se como sujeito que confronta algum panorama social a fim de trazer melhorias para seu viver. O excerto se refere a um comentário da webnotícia que expõe discursos preconceituosos de Rodolfo, participante do programa Big Brother Brasil, nos quais ele comenta que pessoas gays são “*criaturas que o fazem rir*”. Entretanto, marcamos aqui que o excerto trazido poderia também ser associado a outras webnotícias, pois o sentido abarcado no enunciado não é a negação de um fator da webnotícia, mas sim da questão da militância de forma geral.

A militância é compreendida como um dos processos axiológicos/valorativos sociais. A valoração é entendida aqui como a pedra angular nos estudos de Bakhtin e o Círculo, posto que compreendem que o ato de viver é circundado em posicionar-se de forma axiológica em meio a uma gama gigantesca de posições valorativas que se fazem presente no meio social. De acordo com Medviédev (2016[1928]), nos processos enunciativos, o sujeito traz em seu discurso avaliações sociais/valorações, visto que essas estão presentes em toda e qualquer palavra viva. Dessa maneira, compreendemos que todo enunciado é também atravessado valorativamente, uma vez que os sujeitos que o enunciam, avaliam e emitem juízos e apreciações daquilo que é seu objeto de discussão. Além disso, marcamos que o viver significa tomar posse de uma posição axiológica em toda e qualquer instância da vida.

A partir disso, voltando-nos ao nosso excerto, evidenciamos nos trechos destacados a tentativa do apagamento/negação do ato de militar por meio de recursos lexicais agenciados pelo autor: *sem necessidade de pregar militância para gerar polêmica*. Entendemos o quanto é nocivo aos processos sociais o fato da tentativa de negação ao ato de militar, pois, se viver é posicionar-se ideologicamente e axiologicamente, militar é um caminho, o qual necessita emergir e desempenhar seu papel de contraste aos atos reguladores da sociedade.

O próximo movimento se chama *marcas de aspiração*. São discursos que evidenciam aspirações de um possível mundo melhor, de uma possível realidade diferente em que os contatos, os diálogos, são diferentes. Segue abaixo alguns dos excertos que nos proporcionaram criar esse movimento analítico.

Ex. 54 – *Não seria mais fácil incentivar a inclusão? Para ter pelo menos uma atleta trans em cada equipe? Seria ótimo para todos... tenho certeza, o que as trans precisam é de incentivo para se verem nesses lugares... pra que excluir quando se pode viver e aprender juntos?* (C12WPNR#4, grifos nossos)

Ex. 55 – *Seria ótimo de todos nascessem sem gênero definido. Não por questões de ser mulher ou homem e quando crescer ser do outro gênero oposto .e sim pela questão comportamental que se impor a crianças que menina e isso e aquilo que homem e isso e aquilo o mundo ia com certeza ficar melhor em questões de estropos machismo entre outras questões.* (C3WPNR#6, grifos nossos).

Ex. 56 – *Tratar do tema LGBTQI+ nas escolas não é falar sobre sexo, muito menos ensinar ninguém a ser gay. Quando falamos dessa pauta na educação, estamos falando em ensinar às crianças desde o berço que existe uma diversidade de pessoas que trabalham e contribuem na sociedade, e que essas pessoas merecem respeito. Por mais que muitos neguem, vivemos num país muito preconceituoso, onde seres humanos são assassinados só por terem um jeito de ser e de amar.* (C11WGI#4, grifos nossos).

Ex. 57 – Para que o preconceito diminua requer incluir as pessoas que são discriminadas sejam elas quais forem e não fazer de conta que não existem (C9WG1#7, grifos nossos).

Para início da discussão desse movimento analítico, temos o *Ex. 54*. Constitui-se como uma reação-resposta (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]) à webnotícia que expõe o fato de mulheres cisgênero, jogadoras de vôlei, se uniram para banir uma jogadora em específico devido à circunstância dela ser uma mulher trans. O comentário que compõe o excerto destacado por nós tece relações dialógicas (BAKHTIN, 2014[1975]; 2015[1975]) com o discurso da webnotícia e configura-se aqui nesse estudo como um enunciado que evidencia marcas de aspiração em relação ao viver das pessoas trans.

Destacamos no excerto os tons ideológicos e valorativos (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]; MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) do discurso, apresentados em forma de enunciado que evidenciam essa aspiração por uma realidade diferente. Esse movimento de aspiração é encontrado e tido como uma resposta ativa aos questionamentos postos em debate por parte da webnotícia. Sobre esse panorama da relação entre os discursos, Bakhtin (2015 [1975]), expõe que uma das características mais importantes do enunciado é a posição responsiva. Isso faz com que os enunciados respondam a outros determinados, como também obtenham outras respostas. Volochínov (2013[1930]) afirma que essa é a dinâmica da dialogicidade interna da língua(gem) ao comentar que “todo discurso é *dialógico*, dirigido a outra pessoa, à sua *compreensão* e à sua efetiva *resposta* potencial. Essa orientação a um outro, a um ouvinte, pressupõe inevitavelmente que se tenha em conta a correlação *sócio-hierárquica* entre ambos os interlocutores” (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 168, grifos do autor). Conseguimos traçar um paralelo entre essa dinâmica discursiva ao acontecimento dos dois enunciados – o comentário que compõe o excerto e a webnotícia a que ele responde – e compreender as demarcações ideológico-valorativas dos autores acerca das pessoas trans, por meio da temática, das indagações realizadas e do posicionamento para com um mundo melhor. Essa dinâmica discursiva é destacada na materialidade da língua, nos trechos que foram destacados no excerto. O autor associa duas ideias principais em seu discurso: *incluir as pessoas que são discriminadas* e *não fazer de conta que não existem*, retratam em ordem a inclusão e o não apagamento do sujeito em contexto social.

O próximo excerto, *Ex. 55*, diz respeito a um comentário na página do portal Põe na Roda na rede social *Facebook*, o qual responde à webnotícia que trata sobre um bebê conseguir por vias judiciais o direito de não constar o item gênero masculino/feminino em seu documento de registro. A marca de aspiração por algo melhor evidencia-se no excerto, mais

especificamente no trecho destacado por nós o qual traz valorações, ou seja, um juízo de valor acerca do tema em debate.

Entendemos que o discurso é concebido não como somente uma unidade de comunicação, mas sim como uma unidade de sentidos axiologicamente/valorativamente constituído em uma determinada situação de interação. Assim sendo, todo discurso entendido como parte das interações possui uma orientação valorativa. A valoração é o elemento que, junto às outras diretrizes da situação extraverbal do enunciado, possibilita a compreensão de juízos de valor, os quais servem para organizar ações de sujeitos em um determinado recorte social (BAKHTIN, 2011 [1979]). Pensando no excerto aqui analisado, por se tratar de uma reação resposta ativa (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]) ao discurso da webnotícia, entrando em interação em uma determinada situação e produzindo novos sentidos valorativos para o tema em discussão. Isto é, O autor demonstra um almejo diante da situação apresentada na webnotícia, afirmando que o fato alcançado poderia ser benéfico em vários pontos (*seria ótimo de todos nascessem sem gênero definido* – trecho destacado do excerto), tais quais a questão de transgeneridade, isto é, se entender como um e estar habitando outro corpo por conta de uma instância, uma definição que lhe foi atribuída; bem como as questões relacionadas a padrões de comportamento “predefinidos” aos gêneros, voltando-se às violências e ao machismo. Seu discurso é valorado (MEDVIÉDEV, 2016[1928]), então, por um olhar que compreende o dever social de entender o constructo de gênero de maneira diferente da já enraizada (*questão comportamental que se impor a crianças* – trecho destacado do excerto), visto as implicações que esse acarreta.

Seguindo a ordem que nossos excertos foram expostos anteriormente, temos o *Ex. 56*. O comentário do excerto é reação-resposta (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]) ao relato de um aluno que foi hostilizado de maneira preconceituosa pela direção e comunidade escolar depois de ter sugerido trabalhar com o tema LGBTQIA+ em um trabalho na escola, como traz a webnotícia. Por meio do enunciado em forma comentário, o sujeito se posiciona frente aos fatos narrados, colocando-se em oposição àquilo que aconteceu, bem como traz uma discussão sobre o assunto, entrando em consonância com aquilo que chamamos de marca de aspiração.

Esse colocar-se em oposição é entendido aqui um ato com atravessamentos ideológico-valorativos (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]). Acerca dessa realidade do ato, podemos tecer relações com as ideias de Medviédev (2016 [1928]) sobre da avaliação social. Segundo o autor,

Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também um conjunto material peculiar – sonoro, pronunciado, visual –, o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social. Ele organiza a comunicação que é

voltada para uma reação de resposta, ele mesmo reage a algo; ele é inseparável do acontecimento de comunicação. Sua realidade peculiar enquanto elemento isolado já não é a realidade de um corpo físico, mas a de um fenômeno histórico (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 184).

Sendo assim, na materialidade linguística grifada por nós, “*ensinar às crianças desde o berço que existe uma diversidade de pessoas que trabalham e contribuem na sociedade, e que essas pessoas merecem respeito*”, evidencia-se de maneira ideológico-valorativa (VOLÓCHINOV 2017 [1929/1930]; MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) o almejo por uma posição de mudança do ensino escolar: ao trabalhar com temas que envolvam os sujeitos LGBTQIA+, segundo o autor do enunciado, novas fronteiras são atravessadas, como o entendimento das diferenças, que todas mesmo diferentes tem os mesmos deveres e direitos na sociedade e principalmente merecem o devido respeito.

O último excerto que compõe esse movimento analítico é o ex. 57. Nesse enunciado, temos a abordagem da webnotícia que trata o fato de uma deputada criar um projeto de lei contra sujeitos LGBTQIA+ em propagandas. A autora do projeto, Marta Costa, mulher, branca, evangélica, religiosa que frequenta a igreja Assembleia de Deus, tem como objetivo redigir um texto que proibisse sujeitos LGBTQIA+ e assuntos que permeassem esses sujeitos aparecessem em propagandas no estado de São Paulo.

O comentário, destacado em forma de excerto em nossa pesquisa, evidencia uma relação dialógica (BAKHTIN, 2014 [1975]; 2015 [1975]) com o enunciado da webnotícia, pois o responde de maneira direta. O autor do comentário demarca sua posição de maneira ideológico-valorativa (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929]; MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) ao responder à webnotícia abordando a questão do preconceito enraizado em uma ação política como a proposta pela deputada. Por meio da materialidade da língua, tais quais os usos do locução verbal *requer incluir*, no sentido de ser digno de importância, colocando essas pessoas apagadas da sociedade em um patamar de atenção, bem como o uso dos termos “não fazer de conta que não existem”, além de marcar o malefício do discurso a qual ele responde, o autor volta seu discurso autoral para o que chamamos marca de aspiração, pois apresenta uma possível solução e consequência dessa se for abordada: *incluir as pessoas que são discriminadas sejam elas quais forem e trabalhar na contramão do ato de apagamento/assujeitamento delas..*

Por último, decidimos em fechar mais uma vez a discussão sobre nossos dados com um movimento já exposto nas subseções anteriores, as *marcas de resistência e militância*. Compreendemos a essência desse trabalho como a discussão dessas marcas, sendo assim, não poderíamos de abordá-las como mais afincado aqui também. Ressaltamos mais uma vez o

entendimento de que a resistência e a militância perpassam pelos outros movimentos de análise já discutidos. Seguem abaixo os nossos excertos.

Ex. 58 – Desvalidar o debate com argumento de que o politicamente correto está demais, só da margem para que o discurso se mantenha. Se hoje podemos falar e debater é porque muitos LGBTQs do passado sofreram e tiveram coragem para pautar sobre suas questões! (C11WPNR#2)

Ex. 59 – Um absurdo... mulher trans é mulher sim!!! Na transição existe um acompanhamento psicologico que determina fatores decisivos... e outra, são bonitas delicadas etc... é como vc dizer que uma negra não participa de concurso de branca... existem sim diferenças, mas como em toda e qualqrr raça... mais amor gente compreensão empatia... (C3WPNR#7)

Ex. 60 – Tenham força! Tem alguns que os atacam e TEM MILHARES QUE OS AMAM!!! Homofobia é crime!!! Não é sobre pecados, é sobre crime!!! (CIWG1#1)

O primeiro excerto desse movimento analítico, *Ex. 58*, é encontrado em forma de comentário na página do portal Põe na Roda, na rede social *Facebook*. Ele é uma resposta à webnotícia que apresenta o fato do participante do programa *Big Brother Brasil* proferir um discurso preconceituoso contra outro participante, além de constituir tecer relações dialógicas (BAKHTIN, 2014 [1975]; 2015 [1975]) com alguns outros comentários na página do portal que tentavam apagar o movimento de resistência e militância presente no tema da webnotícia.

O autor do discurso destacado aqui no *Ex. 58* faz sua abordagem partindo da ideia do qual relevante é o apagamento do debate acerca de temas como esse que é evidenciado na webnotícia. A ideia trazida é de que se as pessoas não resistirem e/ou militarem (DELEUZE, 1998 e SAWICKI & SIMEANT, 2011) contra esses discursos, eles dão palco a novas reverberações, isto é, novos discursos que trazem esse tom ao tema. É preciso lutar, é preciso debater, em outras palavras, é preciso resistir e militar.

Acerca disso, podemos nos remeter a ideia de que todo enunciado é atravessado por valorações, sejam elas do sujeito autor ou até mesmo de uma classe social. Todo sujeito, ao participar de um processo de interação verbal, não produz palavras soltas de qualquer forma de juízo de valor, mas em todo o momento se posiciona quanto àquilo que é seu tema, atribuindo valores sociais ao seu enunciado, uma vez que a valoração “[...] está presente em cada palavra viva, já que a palavra faz parte de um enunciado concreto e singular.” (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 183). Ao colocar-se como um sujeito que se opõe ao apagamento do debate acerca de temas que tem o sujeito LGBTQIA+ como principal assunto, por meio da materialidade da língua, isto é, a presença de marcações como “*desvalidar o debate com argumento de que o*

politicamente correto está demais, só dá margem para que o discurso se mantenha”, ele produz um juízo de valor, que resiste e milita, e se posiciona como um agente de transformação. O excerto aqui analisado, então, no nosso entendimento, revela uma saturação ideológico-valorativa que aponta para uma realidade específica do âmbito social, aquele de resistência e militância.

O *Ex. 59*, segundo excerto aqui apresentado e que compõe nosso movimento analítico, é o que Bakhtin (2016 [1952-1953]) chama de reação-resposta ativa, pois ele entra em diálogo com a webnotícia que relata sobre a proibição, conseguida de maneira judicial, de mulheres trans de concurso de beleza nos Estados Unidos da América.

Três pontos são marcados por nós, pesquisadores, nesses discursos. Primeiramente a posição de mulher de um sujeito trans enunciado pela autora; a noção de diferença dos corpos de cada indivíduo social, ninguém é igual, sendo assim, a diferenciação de uma mulher cisgênero e transgênero não deveria ser padrão de barragem para o concurso; e por fim, a noção de empatia com as pessoas.

Destacamos aqui que os pontos citados anteriormente aparecem no enunciado por meio das escolhas lexicais, como é o caso da utilização do advérbio de afirmação marcado “sim” para posicionar a mulher trans como uma mulher, bem como toda a construção feita para atentar as diferenças e ao olhar sentimental a esses sujeitos. Acerca disso, Bakhtin (2015 [1975]) afirma que essas escolhas, além de linguísticas, são escolhas realizadas a partir de uma relação expressiva do sujeito para com seu objeto discursivo. Segundo o autor,

O segundo elemento do enunciado, que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível (BAKHTIN, 2015[1975], p. 289).

O último excerto que compõe esse momento, bem como a seção de análise como um todo, é o *Ex. 60*. Esse discurso encontra-se na forma de comentário da webnotícia que discute a questão de jornalistas serem vítimas de ataques homofóbicos. O autor, em seu discurso, traz marcas determinantes daquilo que entendemos e expomos nesse trabalho sobre a questão da resistência e da militância (DELEUZE, 1998 e SAWICKI & SIMEANT, 2011).

Compreendemos que as escolhas das palavras e tudo que as envolve em um dado enunciado é uma demarcação ideológica e valorativa (BAKHTIN, 2011 [1979]; 2015 [1975];

VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]; MEDVIÉDEV, 2016 [1928]). Elas indicam a valoração a uma determinada situação e pode ser compreendida como a parte da expressividade do enunciado (BAKHTIN, 2015[1975]; VOLOCHÍNOV, 2013[1925- 1930]), uma vez que marcamos, como determina Medviédev (2016 [1928], p. 185), que “avaliação social determina todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro, porém, ela encontra a expressão mais pura e típica na entonação expressiva” sendo assim, ao olhar para nosso dado, percebemos a utilização de determinados fatores lexicais que compõem o enunciado.

Por meio de escolhas lexicais marcantes na materialidade linguística, como o uso do verbo em modo imperativo, bem como a utilização da palavra *força* e a marcação de que existem muitas pessoas do lado de sujeitos que sofrem algum ataque homofóbicos, ou seja, aquelas que são vítimas de preconceito, o autor se posiciona como um agente que milita e resiste. Sua voz se faz presente como um porta-voz da luta contra discursos que desvalorizem os sujeitos LGBTQIA+, abarcando o discurso com marcas ideológico-valorativos de resistência.

A partir tudo o que foi exposto, analisado e discutido, podemos agora apresentar um quadro síntese, o qual expõe todo o processo desenvolvido, desde a delimitação dos movimentos de análise, as explicações de como eles são entendidos e os resultados encontrados por meio do estudo dos dados.

Quadro 28 - Síntese da análise dos discursos de resistência e militância em projeções ideológico-valorativas

MOVIMENTO ANALÍTICO	CONSTITUIÇÃO DO MOVIMENTO	ANÁLISE
(i) marcas de imposição	Discursos que ditam como o sujeito deve ser, se portar, agir entre outros aspectos.	i) Discurso de padronização de relacionamento e questão familiar. ii) Apagamento do sujeito LGBTQIA+ da esfera escolar.
(ii) marcas de violência e violação	Discurso que reverberam a violência contra sujeitos LGBTQIA+. Discursos que violam seu estatuto de ser, isto é, sua ocupação em sociedade, seus direitos, entre outros aspectos.	i) Violência contra pessoas trans – apagamento/ exclusão desses sujeitos da esfera esportiva. ii) Violação de pessoas trans participarem de concursos de beleza.
(iii) marcas de negação	Discurso de negação do sujeito, isto é, quando o próprio sujeito LGBTQIA+ acha melhor não ser, negar sua existência em sociedade; como também os discursos dos outros, os quais, de uma posição fora da comunidade, dizem ser mais fácil não ser.	i) negação perante a questão da constituição do sujeito gay afeminado. ii) negação acerca de algum aspecto que perpassa a vida dos sujeitos LGBTQIA+: o militar, o posicionar-se como sujeito que confronta algum panorama social a fim de trazer melhorias para seu viver.

(iv) marcas de aspiração	Discursos que evidenciam aspirações de um possível mundo melhor, de uma possível realidade diferente em que os contatos, os diálogos, são diferentes.	i) Tons valorativos (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]) que evidenciam uma aspiração ao mundo melhor perante o tema: pessoas trans em ambientes sociais. ii) Aspiração por uma compreensão diferenciada acerca dos padrões de gênero/sexo na formação do indivíduo. iii) Aspiração por uma esfera escolar pluralizada na questão de fazer sentido, isto é, tornar presente discussões em torno dos sujeitos LGBTQIA+.
(v) marcas de resistência e militância.	Discursos que resistem e militam contra as forças centrípetas, sejam elas de apagamento, de silenciamento, bem como de preconceito contra os sujeitos LGBTQIA+.	i) Reação-resposta frente à tentativa de apagamento. ii) Reação-resposta a questões sobre sujeitos transexuais e sua posição na sociedade.

Fonte: o autor.

Após a realização dessas considerações acerca do discurso de resistência e militância em projeções ideológico-valorativas, como também a análise e discussão dos dados em forma de excertos, nos permitidos a encerrar essa explanação e discussão, e nos encaminharmos a um possível fechamento do capítulo de análise desse trabalho. Dessa forma, abordados de maneira ampla as questões abordadas nas análises com respaldo da teoria a teoria bakhtiniana.

6.2.3 A luta, a resistência e a militância nunca terminam

Para Bakhtin 2016 [1952-1953], o olhar para o objeto é sempre atravessado por relações entre os interlocutores do enunciado, os quais promovem uma influência no discurso por completo. Segundo o autor,

O direcionamento da palavra para o objeto sempre se complica com a presença de palavras do outro, de pontos de vista do outro sobre o mesmo objeto [...]. no interior do objeto há encontros com a palavra do outro sobre esse objeto. Esses encontros, o choque, a influência, a luta e a demarcação podem ser ocultos ou abertos. (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 129).

Dessa maneira, compreendemos que o elemento lógico-objetal do enunciado é precisamente a arena de tons valorativos dos interlocutores que entram em relação. Todas as formas de discurso, citados – direto, indireto, indireto-livre –, reenunciados, reverberados, entre outros, ou seja, os encontros discursivos, compõem o todo da significação.

Ao olharmos para os enunciados, a partir de uma postura dialógica, sempre buscamos tecer relações e promover inteligibilidade acerca da questão de resistência e militância, tendo em vista a natureza dialógica da língua(gem) (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]). Nossa análise foi realizada a partir de discursos jornalísticos e discursos de rede social, os quais são atravessados por ideologias e valorações manifestadas de maneira linguística através das seleções lexicais, das fontes, dos discursos agenciados, entre outros fatores. Esses movimentos promovem todo o projeto de dizer do sujeito autoral.

Se tratando dos discursos jornalísticos, precisamos sempre marcar que a grande maioria tem como ponto de ancoragem grandes grupos empresariais (Cf. seção 6.1 e suas subseções), seguem uma determinada pauta econômica, isto é, só se faz discurso daquilo que for rentável. Sendo assim, era esperado que a abordagem sobre os sujeitos LGBTQIA+ fosse feita de maneira a valorizar os atos de resistência e militância, visto que discursos com projeções ideológico-valorativas embasada no preconceito, na violência e no assujeitamento poderiam danificar a imagem de jornal construída pelas empresas detentoras. Na contramão, os discursos que aparecem na rede social *Facebook*, se mostram muito mais livres das amarras do “politicamente correto” ou da “neutralidade fantasiosa”, pois são produzidos por sujeitos sociais independentes, o que acarreta em uma gama gigantesca de discursos com tons diferentes, isto é, hora o sujeito do discurso se coloca como um agente que resiste e milita, ora discursa preconceitos e afins.

Por meio das reflexões realizadas acerca dos diversos possíveis desdobramentos discursivos a partir do objeto discursivo de nossa pesquisa, compreendemos que há discursos que tem a possibilidade de serem ditos e há aqueles que são considerados aqui como imobilizados, através da tentativa de distanciamento entre os sujeitos autores e os discursos de outrem. Além disso, fica claro para nós que os recortes realizados para a delimitação do *corpus* (Cf. seção 2.1) possibilitaram uma pluralidade de discursos: webnotícias de dois portais, bem como os comentários diversos nas páginas desses portais na rede social *Facebook*. Acerca dos discursos agenciados, ressaltamos que eles entram no discurso autoral a fim de i) trazer veracidade ao discurso, ii) desempenhar um papel de parceiro discursivo, pois colabora para a construção do discurso autoral, apresentando tons valorativos semelhantes, e iii) apresentam-se como discursos a serem resistidos.

Em questão da resistência e militância (DELEUZE, 1998 e SAWICKI & SIMEANT, 2011), não nos surpreende o fato de alguns discursos serem contrários a esses fatores, sejam eles voltados a negação, ao apagamento ou silenciamento dos sujeitos LGBTQIA+. Isso ocorre, pois esses fatores são atos sociais e os sujeitos que se fazem presentes podem valorar o tema de

formas diferentes. Entretanto, é perceptível, através de toda a análise realizada, que os discursos que concordam com os movimentos de militar e resistir são mais recorrentes e marcantes.

Na primeira parte do capítulo (Cf. seção 6.1 e suas subseções), nos adentramos na questão do cronotopo, seja ele envolto do universo das webnotícias ou dos comentários da rede social. Mostramos como esses universos são constituídos e como eles aparecem nos nossos dados: a questão do jornalismo hegemônico e do contra hegemônico, e a constituição das plataformas de rede social como novo lugar para a interação social. Posteriormente, discutimos o lugar de ancoragem das webnotícias e dos comentários, bem como a periodicidade das publicações, além de discussões acerca da autoria e daqueles que são considerados destinatários dos discursos.

Na segunda parte do capítulo (Cf. 6.2 e suas subseções), nos atentamos enfim nos discursos, voltando-se às projeções ideológico-valorativas, partindo sempre da teoria que nos dá base (BAKHTIN, 2015 [1975]; VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]; MEDVIÉDEV, 2016 [1928], entre outros) e das noções de militância e resistência (DELEUZE, 1998 e SAWICKI & SIMEANT, 2011). Ao olhar para nossos dados, movimentos analíticos surgem e nos ajudam a entender primeiramente os discursos de outrem que são agenciados pelo discurso autoral, a fim de ora ratificar aquilo que está sendo discursivizado, ora enunciado como exposição de oposição; bem como, posteriormente, as marcas valorativas presentes nos dados.

Antes de finalizarmos precisamos marcar que o movimento analítico de uma perspectiva dialógica nunca pensa em dividir seu objeto em partes menores até chegar a uma exaustão, mas volta-se aos dados numa visão de diálogo constante. Em diversos momentos, há o agenciamento de elementos de outras áreas a fim de compreender a exploração do objeto em estudo. “O foco é olhar para as partes sem desconsiderar o todo; estudar o todo para a compreensão das partes, estabelecendo/formando/constituindo, assim, um círculo respondente e responsável, com discursos duplamente orientados que levam em conta o discurso do outro”. (PAULO; MOREIRA, 2012, p. 51-52).

Em vista disso, marcamos que o aparato teórico-metodológico que tem a base bakhtiniana e é parte dessa pesquisa, não visa a criação de um método de análise a ser aplicado aos enunciados que compõem o *corpus*. A compreensão ativa acontece sempre na direção à resposta ao enunciado, em outras palavras, analisar e compreender de maneira ativa envolve questionar o outro e a si mesmo. Os movimentos analíticos não são disponibilizados *a priori*, eles surgem da e na própria situação de interação. Somente dessa maneira, esses movimentos compõem um ato de análise responsável.

Tendo realizadas essas colocações acerca da análise empreendida nesse capítulo, nos é permitido seguir o andamento do trabalho e adentrarmos no capítulo final da tese, o qual apresentamos nossas considerações finais da pesquisa realizada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa nasceu das inquietações do pesquisador acerca de como os sujeitos LGBTQIA+ são discursivizados, principalmente na questão de resistência e militância, uma questão de grande pertinência social, entretanto de pouca abordagem ainda. Compreendemos que as questões de resistência e militância acerca desses sujeitos é uma característica social, que surge das lutas por sobrevivência frente ao preconceito, à violência diária, ao assujeitamento e apagamento, entre tantos outros fatores. Essas lutas podem ser tidas aqui como fenômenos estruturais, que atingem diferentes classes sociais, raças e em todo o entorno do país. Partindo disso, no intuito de refletir sobre essa questão, determinamos nosso tema de pesquisa os conteúdos semântico-objetais de resistência e de militância no discurso de/em torno de sujeitos LGBTQIA+.

Compreendendo também que atualmente, em um movimento extremamente tecnológico e virtual na nossa sociedade, afirmamos que os discursos que circulam socialmente, hoje, fazem parte integral desse mundo virtual. Sendo assim, partimos na busca desses discursos em portais de notícias brasileiros e também na denominada rede social, uma plataforma de relacionamento. Assim, buscamos investigar a discursivização dos conteúdos semântico-objetais de resistência e de militância no discurso de/em torno de sujeitos LGBTQIA+ em webnotícias do jornalismo brasileiro, sendo um portal de grande difusão e outro voltado ao público LGBTQIA+; e também em uma plataforma de rede social, na qual existem comentários nas postagens das webnotícias nas páginas dos portais jornalísticos. Essa busca teve a intenção de responder a seguinte questão: como as relações dialógicas engendradas no discurso de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+ publicados em jornais/portais *online* e em redes sociais brasileiras são discursivizadas?

Com a responsabilidade de responder esse questionamento assumimos como objetivo geral da pesquisa analisar as relações dialógicas que se engendram no discurso de militância e resistência de/em torno de sujeitos LGBTQIA+ publicados em jornais/portais *online* e em redes sociais brasileiras. E posteriormente, desdobramos esse objetivo em alguns específicos: i) analisar o discurso dos jornais/portais *online* que apresentem discursos/enunciados relacionados ao sujeito LGBTQIA+; de forma conjunta, ii) analisar os discursos agenciados em forma de comentários dos enunciados anteriormente analisados nas páginas de redes sociais desses jornais/portais *online*; e iii) analisar as marcas e posições verboaxiológicas de dizer matizadas nos discursos.

A fim de atingir esses objetivos, geral e específicos, assumimos uma ancoragem teórico-metodológica a partir dos postulados de Bakhtin e o Círculo. Sendo assim, por meio de uma análise dialógica do discurso (ADD), 15 webnotícias de dois portais e 225 comentários foram postos em análise. Primeiramente, definimos quais seriam os portais de notícias e a rede social que serviriam como o alicerce para a geração dos dados que compõem o nosso *corpus*. O primeiro recorte foi pensando em dois portais de webnotícias, sendo um voltado à comunidade LGBTQIA+ em específico e outro ao público em geral e a plataforma de rede social mais utilizada. O segundo passo foi relacionado aos portais com mais curtidas em suas páginas na plataforma *Facebook* – a qual faz parte do nosso escopo de geração. A partir da seleção dos portais e da rede, pensamos em outros critérios para um recorte mais preciso dos dados: recorte temporal – 1 mês; recorte de discursos que tinham a temática voltada a resistência e militância; recorte por números, ou seja, postagens mais comentadas dentro da plataforma *Facebook*; e, por último, recorte dos comentários – aqueles que tinham mais reações/curtidas.

Aos nos voltarmos para esses dados supracitados, nossa tese foi a de que os conteúdos semântico-objetais de resistência e de militância no discurso de/em torno de sujeitos LGBTQIA+ *respondem* a matizes ideológico-valorativos que se entrecruzam em relações dialógicas que mobilizam dizeres de esferas sociais pluridiversificadas, engendradas em *marcas e posições* verboaxiológicas de dizer sobre si, sobre outrem e sobre a vida social. A fim de investigarmos essas questões, realizamos discussões em torno do universo da pesquisa, sobre os pressupostos metodológicos mobilizados para a realização da pesquisa, bem como uma reflexão sobre o ser pesquisador e fazer pesquisa dentro do campo das Ciências Humanas, da Linguística Aplicada e, mais profundamente, dentro da Análise Dialógica do Discurso. O próximo movimento da pesquisa foi um levantamento e discussão acerca da teoria contida nos escritos de Bakhtin e o Círculo, no intuito de definir nossa ancoragem teórico-metodológica, por meio da apresentação de uma concepção dialógica da língua(gem), bem como do discurso e conseqüentemente do sujeito, abarcando temas importantes para os estudiosos como discurso, cronotopo, enunciado, ideologia, valoração e sujeito.

Seguindo o caminho, nos adentramos no patamar de discursar acerca da concepção da Teoria Queer e da Linguística Queer. Com o objeto de apresentar esses movimentos de estudo do discurso, bem como fazer um apanhado das pesquisas relacionadas aos sujeitos LGBTQIA+ dentro da linguística a fim de demonstrar a importância do presente trabalho, evidenciamos as bases dessas teorias e apresentamos nossas pesquisas em bancos de tese, dissertações e artigos, produzidos e publicadas no Brasil.

Esse caminho teórico foi realizado visto a necessidade que tínhamos para podermos adentrar de maneira efetiva à análise dos dados que se dividiu em algumas etapas. Primeiramente, nos voltamos ao cronotopo do jornalismo hegemônico e contra hegemônico no território brasileiro, focando-nos na grande temporalidade (Cf. seção 6.1). Essa reflexão passou por uma definição do mercado midiático que dá sustentação aos portais de notícia e às plataformas de redes sociais (Cf. seção 6.1.1). Acerca desses primeiros passos analíticos, entendemos que a imprensa brasileira teve seu desenvolvimento cronotópico na sua grande totalidade a partir da aliança com interesses empresariais, políticos e religiosos, o que muitas vezes acaba por influenciar no desenvolvimento jornalístico, entretanto existe outra vertente, a contra hegemônica, que luta diariamente em ressignificar e estar na contramão desse panorama. Além disso, pontuamos a construção da noção de rede social, a qual finda-se na ideia de criar uma rede de interação social no meio virtual. Realizadas essas considerações, nossa análise se encaminhou para a reflexão sobre a situação da interação das webnotícias e dos comentários (Cf. seção 6.1.2) em que discorremos acerca do lugar de ancoragem dos discursos, além da periodicidade e das posições autorais e dos destinatários. Um dos fatos revelados na análise é que a autoria das webnotícias em uma grande quantidade dos casos evidencia ligação entre autor e instituição a qual ele pertence, o que nos deixa o entendimento de haver um imbricamento discursivo em relação a voz que discursa. Já nos comentários na plataforma de rede social, isso não acontece, pois sua posição autoral parte da ideia de criação de um perfil virtual.

Em seguida, nos focamos nos discursos de outrem agenciados nas webnotícias e nos comentários, ou seja, nos dados da pesquisa (Cf. seção 6.2.1). O intuito dessa parte foi o de analisar como as questões de resistência e militância são valoradas nos discursos dos outros. Essa etapa aconteceu em três etapas distintas: (i) por meio dos *discursos diretos*, (ii) por meio dos *discursos indiretos* e (iii) por meio dos *discursos indireto-livres*. No primeiro momento, o olhar analítico para os *discursos diretos*, percebemos reverberações acerca da militância e resistência em diversos agenciamentos, os quais caracterizamos como movimentos analíticos: *discursos expostos a resistir*, ou seja, discursos reenunciados ao discurso autoral que expõe uma ideia de resistência e de militância a situações diversas; *discursos que corroboram com a ideia de resistência e militância*, discursos reenunciados ao discurso autoral que expõe uma ideia de resistência e de militância a situações diversas; e por fim, *discursos de posicionamento do sujeito frente ao apagamento/silenciamento*, os quais desvelam sujeitos cientes da sua constituição e se coloca como um agente de resistência (DELEUZE, 1998) e militância (SAWICKI & SIMEANT, 2011). Se tratando dos *discursos indiretos* reenunciados, cinco

pontos foram evidenciados a partir do encontro analítico com os dados e se tornaram nossos movimentos analíticos: *marcas de preconceito*, discursos alheios em forma indireta que remetem a preconceito explícito e/ou implícito; *marcas de violência velada pelo preconceito*, discursos alheios articulados que relatam questões que vão além do preconceito, ou seja, a concretização da hostilização/violência contra os sujeitos LGBTQIA+; *posição de resistência*, discursos reintroduzidos ao discurso autoral que expõe uma ideia de resistência e militância a situações diversas; *voz de autoridade*, discursos agenciados de autoridade, isto é, discursos que buscam dar um peso ao que se expõem, bem como tecer relações dialógicas (BAKHTIN, 2014[1975]; 2015[1975]) com os outros discursos, sendo na forma de reafirmar algo, mas como também resistir a algo; e por fim, *discurso de posicionamento do sujeito*, discursos que mostram sujeitos cientes da sua constituição e se coloca como um agente de resistência (DELEUZE, 1998) e militância (SAWICKI & SIMEANT, 2011). Como última etapa desse momento, tivemos a análise dos *discursos indireto-livres*. Os movimentos analíticos agenciados pelos dados foram: *marcas de preconceito*, discursos alheios em forma indireta livre que remetem a preconceito explícito e/ou implícito; *discursos de posicionamento frente ao apagamento/silenciamento do sujeito*, movimento caracterizado anteriormente; e por fim, *posição de resistência e militância*, discursos reenunciados ao discurso autoral que expõe uma ideia de resistência e de militância a situações diversas.

Como última parte da análise dos nossos dados, nos voltamos ao discurso de militância e resistência em projeções ideológico-valorativas (Cf. 6.2.2), na qual nos focamos nos enunciados a fim de ver as marcas que poderiam aparecer. A partir da leitura, análise e discussão dos dados, criamos movimentos analíticos como uma forma de organização, são eles: *marcas de imposição*, discursos que ditam como o sujeito deve ser, se portar, agir entre outros aspectos; *marcas de violência e violação*, discurso que reverberam a violência contra sujeitos LGBTQIA+. Discursos que violam seu estatuto de ser, isto é, sua ocupação em sociedade, seus direitos, entre outros aspectos; *marcas de negação*, discurso de negação do sujeito, isto é, quando o próprio sujeito LGBTQIA+ acha melhor não ser, negar sua existência em sociedade; como também os discursos dos outros, os quais, de uma posição fora da comunidade, dizem ser mais fácil não ser; *marcas de aspiração*, discursos que evidenciam aspirações de um possível mundo melhor, de uma possível realidade diferente em que os contatos, os diálogos, são diferentes e, por último, *marcas de resistência e militância*, discursos que resistem e militam contra as forças centrípetas, sejam elas de apagamento, de silenciamento, bem como de preconceito contra os sujeitos LGBTQIA+. Reiteramos durante toda a análise a compreensão de que a resistência e militância atravessam todas as marcas, entretanto nos fez necessário

apontar esses fenômenos sociais como movimentos analíticos isolados também a fim de evidenciar o seu funcionamento. Realizada essa retomada dos pontos discutidos na análise dessa pesquisa, podemos afirmar nosso entendimento sobre como os resultados obtidos respondem de maneira positiva à tese proposta, agindo como confirmação.

Diante de tudo isso, destacamos a relevância da nossa pesquisa em contexto acadêmico, dentro do campo da Linguística Aplicada e, mais especificamente, do campo da Análise Dialógica dos Discurso, e também no contexto social, uma vez que o tema se faz presente na sociedade diariamente. O objetivo de uma pesquisa realizada dentro do campo da Linguística Aplicada como desenvolvido no trabalho (Cf. seção 2.3) é reconhecer e entender por meio de um olhar analítico problemas sociais, os quais têm a orquestração da língua(gem) como ato central. Esse foi nosso intuito com a pesquisa, almejamos buscar a realização da compreensão da resistência e militância de e sobre sujeitos LGBTQIA+ nas webnotícias e nos comentários em portais de rede social. Nossa pesquisa ainda se mantém relevante, também, para os estudos da ADD, pois se volta aos diferentes discursos materializados em forma de enunciado, produzidos por sujeitos situados que os encharcam de maneira ideológico-valorativa. Outro ponto de relevância é o fato de não encontrarmos uma gama grande de trabalhos dentro da ADD que trabalhassem com a temática discursiva voltada aos sujeitos LGBTQIA+, significando que todo o trabalho analítico desenvolvido aqui pode trazer contribuições para o campo de estudo, como também para os trabalhos com esse tema.

Por fim, devemos mencionar que as reflexões e discussões acerca da resistência e militância de e em torno de sujeitos LGBTQIA+ não terminam aqui, pois são questões que estão presentes na sociedade há muito tempo e ainda continuarão a existir, infelizmente. O trabalho com esse tema, em todas as etapas de seu desenvolvimento, nos fez refletir sobre questões marcantes, uma vez que o pesquisador autor desse texto é um sujeito gay. Por muitas vezes, foi árduo olhar para os discursos que eram encharcados de preconceitos, de negação ao direito de viver, de assujeitamento social desse grupo e conseqüentemente de violência. Entretanto, durante o processo, a noção de resistir e militar regrou o trato com os dados, não só houve esses atos nos enlaces dos discursos, mas também entre o pesquisador e seus dados, pois, fazendo parte desse grupo, o pesquisador se sente como um sujeito que luta frente a todos esses embates. Sendo assim, consideramos esse trabalho como também um ato de resistência e militância. Trazer esse tema para dentro do âmbito acadêmico é de suma importância, pois ele se torna um possível movimento na intenção de produzir inteligibilidade sobre esse tema e contribuir para uma reflexão maior.

O movimento inteiro de pesquisa, desde o envolvimento com o levantamento de dados, de teoria que sustenta, do desenvolver analítico, nos mostrou que há uma dinâmica de discursos que atravessa o mundo virtual, aqui especificamente as webnotícias nos portais de notícias e os comentários nas plataformas de redes sociais, a qual, algumas vezes, visa interesses particulares, como no caso de um jornalismo mais hegemônico, mas por outro lado também pode visar o interesse coletivo da grande massa. Diariamente, milhares de pessoas acessam os portais e sites como o *Facebook*. Isso nos dá a entender que esses locais de interação virtual desempenham um poder e um alcance difícil de mensurar. Aquilo que um sujeito lê em uma determinada webnotícia ou em um comentário não termina com ele, mas se ressignifica e se espalha nas diversas situações de interação possíveis numa rede discursiva. Sendo assim, entendemos a importância do papel desses *sites*, portais de notícia e portais de rede social, no desenvolvimento social.

Pensando ainda sobre a temática de resistência e militância nas projeções ideológico-valorativas de e sobre sujeitos LGBTQIA+, compreendemos que os portais com suas webnotícias tendem a expor discursos pró-direitos humanos, isto é, discursos que evidenciem o repúdio de atitudes preconceituosas. Já nos comentários, com os quais os sujeitos produzem discursos menos controlados, percebemos um encontro de projeções ideológico-valorativas, ora a favor da luta, ora contra esses sujeitos. Ao chegarmos no final dessa pesquisa, entendemos que há muito a ser feito para além dos discursos. Que esses atos de resistir e militar, enfim, de lutar diariamente construam um panorama social de maior igualdade. Descansar nunca, lutar sempre.

REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, R. **O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

_____. A orientação sociológica para a análise da língua: posições metodológicas nos escritos do Círculo de Bakhtin. **Letra Magna**, v. 12, n. 19, 2016.

ACOSTA PEREIRA, R.; OLIVEIRA, A. M. de. O *cronotopo* nos estudos dialógicos da linguagem. In: FRANCO, Neil; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTAHUBES, Terezinha da Conceição (Orgs). **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Pontes Editores: Campinas, 2020

ACOSTA PEREIRA, R.; RODRIGUES R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

_____. Por uma análise dialógica de discurso: reflexões. In: Alves, Maria da Penha Casado; VIAN JR., O. (Org.). **Práticas discursivas: Olhares da Linguística Aplicada**, Natal: EDUFRN, 2015, p. 61–84.

ACOSTA-PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H.; COSTA-HÜBES, T. da C. O estudo dos gêneros do discurso sob a perspectiva dialógica da linguagem: considerações sobre cronotopo, ideologia e valoração. In: NASCIMENTO, E. L.; CRISTOVÃO, V. L. L.; LOUSADA, E. (Org.). **Gêneros do texto/discurso: novas práticas e desafios**, Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 349–368.

ALBUQUERQUE, G. A; PARENTE, J. S. ; BELEM, J. F. ; GARCIA, C. L. . Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. **Saúde em Debate**, v. 40, p. 101-111, 2016. Acesso em: 19 de maio de 2023. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/zhw6dGmhq7pnK4ycTNKrZRn/?format=pdf&lang=pt> >

ALMEIDA FILHO J. C. P. **A linguística aplicada na grande área de linguagem**. In: SILVA, Kleber; ALVAREZ, Maria. O. **Perspectivas de investigação em linguística aplicada**. Campinas: Pontes, 2008.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Tradução de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AMARAL, R. do. **Exposição privada nas redes sociais: uma análise sobre o Facebook na sociedade contemporânea**. 2016. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

_____. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim e. **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin** (Orgs.). São Paulo: Cortez Editora, 2007. p. 11-25.

_____. As ciências humanas e sua especificidade discursiva. In: RODRIGUES, Rosângela Hammes.; ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. 1ed. São Carlos: Pedro & João, 2016, v. 1, p. 17-46.

_____. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 95-114.

ARÁN, P. O. **Nuevo diccionario de la teoría de Mijail Bajtín**. 1a ed. Córdoba: Ferreyra Editor, 2006.

ARANHA, A. J. **Dicionário Brasileiro de Insultos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 [1979].

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012 [1920-1924].

_____. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini [et al]. 7ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015 [1963].

_____. **Teoria do Romance I: a estilística**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. Editora 34: São Paulo, 2015 [1975].

_____. **Os gêneros do discurso**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. Editora 34: São Paulo, 2016 [1952-1953].

_____. **Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. Editora 34: São Paulo, 2018 [1975].

BARRETT, R. Seria a teoria queer importante para a teoria sociolinguística? In: BORBA, R. (org.). **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez, 2020. p. 47-65.

BEZERRIL, G. S.; ACOSTA-PEREIRA, R. O conceito de cronotopo em Bakhtin e o círculo: matizes rebelaisianas. **InterteXto**, v. 4, n. 2, p. 35-49, 2011.

BOCCHI, A. F. de A. **A militância feminista na Web: o funcionamento da argumentação em discursos sobre a violência no parto**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 16, n. 2, p. 309-328, maio/ago. 2016.

BORBA, R. Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, n. 9, v. 1, p. 91-107, 2015 [2006].

- BOYD, D., & ELLISON, N. **Social network sites: definition, history, and scholarship**. In: *Journal of Computer-Mediated Communication*. 2007. Acesso em: 18 de agosto de 2022. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- _____. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018 [2006], p. 9–31.
- _____. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, M. d. R.; BARONAS, R. (Orgs.). **Análise do discurso: as materialidades do discurso**. 3. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2007, p. 19–32.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Theorizing Identity in Language and Sexuality Research. **Language in Society** 33 (4):449-515. 2004.
- BUTLER, J. **Excitable speech: a politics of the performative**. Londres: Routledge. 1997.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2003.
- CARDOSO, F. L. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Interamerican Journal of Psychology**, vol. 42, núm. 1, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- CHIZZOTTI, A. As ciências humanas e as ciências da educação. **Revista e-curriculum**, v. 14, n. 4, p. 1556–1575, 2016. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/30436>>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- _____. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 12. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017.
- CUNHA, D. A. C. Dialogismos e ponto de vista: um estudo da charge. **EUTOMIA: revista de literatura e linguística**, vol. 1, n° 09, 2012.
- _____. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. **Calidoscópio**. Vol. 11, n. 3, 2013.
- DE LAURETIS, T. **Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities**. *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, v. 3, n. 2, 1991.
- DAÍ PRÁ, D. **A diversidade na configuração familiar: uma revisão da literatura**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013. <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117876/000880546.pdf?seq>>. Acesso em: 08 de maio 2023.
- DAMIANOVIC, M. C. O linguista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. In: **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 8, n. 2, p. 181-196, jul./dez. 2005

DORE, R., & SOUZA, H. G. de. Gramsci nunca mencionou o conceito de contra-hegemonia. **Cadernos De Pesquisa**, 25(3), 243–260. 2018.

ECCEL, C. S.; SARAIVA, L. A. S. & CARRIERI, A. P. **Masculinidade, autoimagem e preconceito em representações sociais de homossexuais**. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração. Rio de Janeiro. v. 9. n. 1. jan./mar. 2015, 01-15.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba/PR: Criar Edições, 2006 [2003].

_____. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. In: PAULA, L. de.; STAFUZZA, G. (Orgs). **Círculo de Bakhtin**: pensamento interacional. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault – uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

_____. **A história da sexualidade I**. Rio de Janeiro: Graal. 2003.

_____. **Os intelectuais e o poder**. Em: Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal. (2006 [1979]).

FRANCO, N.; ACOSTA-PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. Por uma análise dialógica do discurso. In: DANTIELLI, A. G.; SOARES, A. S. F. (Orgs.). **De 1969 a 2019: um PERCURSO** da/na análise do discurso. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 275–300.

FREITAS, M. T. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana a construção do conhecimento. In: _____; SOUZA, S. J. e; KRAMER, S. **Ciências humanas e pesquisa**: leituras de Mikhail Bakhtin. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2017.

GASTALDI *et al.* **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020**: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia. – 1. ed. – Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021.

GERALDI. **Ancoragens**: estudos bakhtinianos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GIACOMO, A. C.; ARENA, J. B.; MYCZKOWSKI, M. H. Curtir, Clicar e Amar: a legitimidade do afeto nas Redes Sociais. In: **XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Manaus, 2013. Acesso em 17/03/2023. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1138-2.pdf>.

GIANNOTTI, V. **Comunicação dos Trabalhadores e Hegemonia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere** - Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRIGOLETTO E; NARDI F. S.; SILVA S. D. [Organizadoras] **Discursos da resistência**: literatura, cultura, política. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

GUEVARA, E. C. **O Partido Marxista-Leninista**. In Bogo, A. (Org.). Teoria da organização política – escritos de Mariátegui, Gramsci, Prestes, Che, Ho Chi-minh, Marighella, Alvaro Cunhal, Agostinho Neto, Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular. (Vol. II, pp.119-130), 2010.

HOLQUIST, M. **Dialogism: Bakhtin and his world**. London: Routledge, 1990.

IPEA. Agenda 2030 - **ODS: Metas Nacionais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. IPEA. Brasília, DF: IPEA 2018. < Acesso em 11 de março de 2022 <https://www.ipea.gov.br/ods/ods16.html>>

IRIGARAY, H. A. R.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. **Humor e discriminação por orientação sexual no ambiente organizacional**. *Revista de Administração Contemporânea*, v.14, n.5, p. 890-906, 2010.

JESUS, J. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**, Brasília - DF. Publicação: online, 2012 Acesso em 29 de maio de 2022 Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/17244/1/TCC%20FINALIZADO.pdf>

LIMA, M. E. O.; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia** (Natal), Natal, v. 9, n.3, p. 401-412, 2004. Acesso em 05 junho 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/k7hJXVj7sSqf4sPRpPv7QDy/?lang=pt#>

LIVIA, A; HALL, K. **Queerly Phrased: Language, gender, and sexuality**. New York: Oxford University Press. 1997.

LOPES, O. G. Gays afeminados ou a poluição homoerótica. *Periódicos*. n.7. v. 1. 2077. Acesso em 27 de maio de 2023. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/d446/b9ee30d3089fc7f0dc158efb8761c761410e.pdf>.

LOURO, G. L. Teoria *Queer*: uma perspectiva pós-identitária para a Educação. **Revista de Estudos Feministas** 9(2):541-553. 2001.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

MASSE, C. **A cibermilitância: a Internet, um elemento central dos movimentos sociais contemporâneos?**, *Comunicação Pública* [Online], Vol.5 n° 9 | 2010. Acesso em 27 abril 2023. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cp/7676>

MEDVIEDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução do russo por Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016 [1928].

MELO, I. Características e princípios da linguística queer: carões e lacrações nos estudos da linguagem. In: BORBA, R. (org.), **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo:Cortez, 2020. p. 155-183.

MELO, T. G. R.; SOBREIRA, M. V. S. Identidade de gênero e orientação sexual: perspectivas literárias. **Temas em saúde**. Vol. 18. n.3, João Pessoa, 2018. Acesso em 10 de maio de 2023. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/09/18321.pdf>

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**. Campinas, Mercado de Letras. 2002.

_____. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos lingüísticos. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p.159-171, 1o sem. 2004.

_____. **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Gragoatá** (UFF), v. 27, p. 33-50, 2009.

MEDIA OWNERSHIP MONITOR (MOM/BRASIL). **Quem controla a mídia no Brasil**. 2017. Acesso em: 20 de dez de 2022. Disponível em: <http://bit.ly/2rurzJj>.

MICHAELIS. **Dicionário prático da Língua Portuguesa**. - 2. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

MILITÂNCIA. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Acesso em: 25/04/2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/militanica/>.

MORAES, D. de. **A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

_____. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. In: **Revista Debates**. Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

NARDI, F. S. de, NASCIMENTO, F. A. S. do. A propósito das noções de resistência e tomada de posição na análise do discurso: movimento de resistência nos processos de identificação com o ser paraguaio. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 19/2, p. 80-103, dez. 2016.

OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

OLIVEIRA, M. B. F. de. O círculo de Bakhtin e sua contribuição ao estudo das práticas discursivas. **Entonomia** – Revista de literatura e linguística – UFRN - Ano II, Nº 2 – Dezembro de 2009. Acesso em 10/05/2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1791/1362>

OLIVEIRA, G. N., PENA, R. S., AMORIM, S. C., CARVALHO, S. R., AZEVEDO, B. M. S., MARTINS, A. L. B., & GUERRA, M. B. (2009). Novos possíveis para a militância no campo da Saúde: A afirmação de desvios nos encontros entre trabalhadores, gestores e

usuários do SUS. *Interface* (Botucatu), 523-529. Acesso em 24/04/2023. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2009.v13suppl1/523-529/>

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PAULO, S.; MOREIRA, T. Acerca do método em Problemas da poética de Dostoiévski. In: **Palavras e contrapalavras: Enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

PÊCHEUX, M. **Remontémons de Foucault a Spinoza**. In: TOLEDO, M. M. (Coord.) *El discurso político*. México, DF: Nueva Imagen; Universidad Nacional de México, 1980 [1977].

_____. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990 [1982].

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2009a.

_____. **Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação**. In: PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009b [1978].

_____. **Ideologia: aprisionamento ou campo paradoxal?** In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso*. Michel Pêcheux. Textos Escolhidos por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2011 [1978].

PEIXOTO, C. do N. **Portal Catarinas: estudo de caso de Jornalismo de Novo Tipo**. *Vozes e Diálogo*, v. 18, n. 1, p. 47-60, jan/jun. 2019.

PEIXOTO, C. N.; LIMA, S. P. . **Jornalismo, hegemonia e conhecimento: leituras sobre uma proposta de práxis contra-hegemônica em Antonio Gramsci e Adeldo Genro Filho**. *Revista Líbero*, v. 24, p. 27-42, 2021.

PENNYCOOK, A. **Critical applied linguistics: a critical introduction**. Lawrence Erlbaum Associates Publishers: Mahway, New Jersey, 2001.

PENNYCOOK, A. Performativity, and language studies. **Critical Inquiry in Language Studies: Na International Journal** 1(1): 1-19. 2004.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011
Acesso em: 20 de maio de 2022. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/download/7375/6434>

PIRES, V. L. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. In: **Organon** (UFRGS), UFRGS - Porto Alegre, v. 16, n.32/33, p. 35-48, 2003.

POMPEU, S. L. E. SOUZA, E. M. de. A discriminação homofóbica por meio do humor: naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional. **Organ Soc**

[internet], 645-64. 2019. Acesso em: 26 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/pWgZyV9FQT7xprdR7ZXbFsS/?lang=pt#>

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2009.

PONTES, F. **Cibermilitância: Internet Como Plataforma de Comunicação e Espaço Social Para As Minorias**. 2011 Acesso em: 26 de abril de 2023. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/371-1092-1-PB.pdf>

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RECUERO, R. **Comunidades Virtuais - Uma abordagem Teórica**. 2001 Acesso em: 16 de agosto de 2022. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, RS, 2014.

_____. Discurso mediado pelo computador. ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.). In. **Redes Sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

REGUERA, G.B. De La demonización al racismo (sobre la deshumanización del otro). **Criterio Jurídico**. V8. No2 9-24, 2008.

RIGITANO, M. E. C. **Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente**, 2003. Acesso em: 26 de abril de 2023. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugeniaredes-e-ciberativismo.pdf>.

RIGO, K.F. **Curtir? Compartilhar? Comentar? Chorar? Cyberespaço e suas manifestações sobre a morte do Facebook a partir da perspectiva da imortalidade de Zygmunt Bauman**. Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012.

RHEINGOLD, H. **La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras**. Colección Limites de La Ciência. Barcelona: Gedisa Editorial. 1996.

RODRIGUES, N. C. **O discurso do professor de língua portuguesa no processo de reestruturação curricular: uma construção dialógica**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2009.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. Tese (doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem) - LAEL/PUCSP: São Paulo, 2001.

_____. “Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do Círculo de Bakhtin”. In: Adair Bonini; José Luiz Meurer; Désirée Mora-Roth. (Org.). **Gêneros: teoria, métodos, debates**. 1ªed.São Paulo: Parábola, 2005, p.

152-183.

ROHLING, N. A pesquisa qualitativa e a análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 44–60, 2014.

_____. **Cronotopo pandêmico e a produção de imagens corpóreas: reflexões inacabadas**. Fórum Linguístico, v. 17, p. 5221-5237, 2020.

ROJO, R. H. R. A Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 253-276.

SALES, A; FONTES, F e YASUI, S. **Para (re)colocar um problema: a militância em questão**. *Temas psicol.* [online]. 2018, vol.26, n.2, pp. 565-577. Acesso em 17/03/2023. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000200002

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. 5 ed. São Paulo: Cortéz, 2008 [1998].

SANTOS-CLERISI, G. D. dos. **Reverberações dos estudos dialógicos da linguagem no discurso da BNCC: em torno do objeto discursivo pratica de análise linguística/semiótica**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020.

SCHMITZ, J. R. **Some polemical issues in Applied Linguistics**. RBLA, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 21-42, 2010.

SIGNORINI, I. Applied Linguistics: an Overview. In: STRAZNY, P. (Org.). *Encyclopedia of Linguistics*. New York: Routledge, 2013.

SPARGO, Tamsin. **Foucault and Queer Theory**. New York: Totem Books, 1999.

SOARES, A. S. F. et al. (Org.). **Discurso, Resistência e...** Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2015.

SODRÉ, M. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Rio de Janeiro: Vozes. 1996.

TEIXEIRA, M. O. **A construção do enunciado jornalístico no Twitter Pelotas – RS**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas. 2011.

TUCHMAN, G. *Making News: Study in the Construction of Reality*. New York The Free Press, 1978. *Apud* TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume II: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

VALVERDE, M. E. G. L.. **Militância e poder: Balizas para uma genealogia da militância**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil. 1986. Acesso em: 26 de abril de 2023. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000017675>

VOLOCHÍNOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1925-1930].

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem:** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem/ Valentin Volóchinov, tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, 2017 [1929/1930] (1ª edição).

APÊNDICE

Apêndice A – Pesquisa realizada no banco de teses da CAPES – Pesquisa por “Linguística queer”

Quadro 29 – Banco de Teses da CAPES – Pesquisa por “Linguística queer”

Tese/ Dissertação	Título	Autoria	Instituição	Ano
Tese	A construção discursiva de masculinidades bissexuais: um estudo em linguística queer	SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos	UFPE	2012
Tese	Sexual/social 'borderlands': men's narratives of masculinity and same-sex desire in brazil'	NASCIMENTO, Fabio Santiago	UFSC	2016
Dissertação	Mooi misi no taki “taki-taki” / moça bonita não fala “taki-taki”: gênero, práticas e representações linguísticas de imigrantes brasileiros no Suriname	PEREZ, Gabriel Mendes Hernandez	UFF	2017
Dissertação	Não é uma fase: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais	LEWIS, Elizabeth Sara	PUC-RIO	2012
Dissertação	À outra margem do eu: linguagem, subjetividade e gênero em Estranhos estrangeiros (1996), de Caio Fernando Abreu	SILVA, Rodrigo Frausino da	UFV	2013
Dissertação	Performances narrativas de minorias sociais nos novos letramentos digitais: empoderamento de LGBTs no canal Muro Pequeno	BAZERQUE, Aline de Lima.	UFPel	2017

Fonte: o autor.

Apêndice B – BDTD – Pesquisa por “Linguística queer”

Quadro 30 – BDTD – Pesquisa por “Linguística queer”

Tese/ Dissertação	Título	Autoria	Instituição	Ano
Tese	A construção discursiva de masculinidades bissexuais: um estudo em linguística queer	SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos	UFPE	2012
Tese	Letramentos queer na formação de professorxs de línguas: complicando e subvertendo identidades no fazer docente	FREITAS, Marco Túlio de Urzêda	UFG	2018
Tese	Queerizando o ensino de línguas estrangeiras: potencialidades do cinema queer no trabalho com questões de gêneros e sexualidades	MÍGUEZ, Antón Castro	UPM	2014
Tese	Nossos corpos não são mais os mesmos: narrativas de mulheres trans e travestis sobre o processo de envelhecimento	LIMA, Ana Paola de Souza	UFMT	2019
Tese	Identidade de gênero no espaço escolar: possibilidades discursivas para superação da heteronormatividade	GONZALEZ, Carolina Gonçalves	UnB	2017
Tese	Negociações com o armário: homossexualidades e estigma em narrativas de história de vida	CRISTOVAO, Leandro da Silva Gomes	PUC-RIO	2016
Tese	Acho que isso foi bastante macho pra ela: reforço e subversão de ideologias heteronormativas em performances narrativas digitais de praticantes de pegging	LEWIS, Elizabeth Sara	PUC-RIO	2016
Tese	Representações de gênero social no livro didático de língua portuguesa	LÊDO, Amanda Cavalcante de Oliveira	UFPE	2017
Tese	Sexual/social 'borderlands': men's narratives of masculinity and same-sex desire in Brazil	NASCIMENTO, Fábio Santos do	UFSC	2016
Dissertação	Performatividade de gênero em O primeiro homem mau, de Miranda July	MORAIS, Maria Eugênia Bonocore	PUCRS	2017
Dissertação	Pelas noites: identidades homoeróticas em Caio Fernando Abreu	BELINATO, Wagner Vonder	UEM	2009
Dissertação	Processos de constituição de subjetividades em práticas discursivas institucionalizadas: entre a disciplina, a performatividade e a biopolítica	LINHARES, Francisco Fred Lucas	UFRN	2011
Dissertação	Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro: os discursos de carlos apolinário e eduardo cunha nos pls 294/2005 e 1672/2011	LAU, Héilton Diego	UEPG	2016
Dissertação	Estética queer: experiência, subversão, multiplicidade e devir na contemporaneidade	FELIZARDO, Juliano Guimarães	UNISUL	2015
Dissertação	A língua fora do armário: uma abordagem transviada no ensino de línguas estrangeiras	SOUZA, Gustavo Tozetti Martins de	UnB	2020
Dissertação	À outra margem do eu: linguagem, subjetividade e gênero em Estranhos estrangeiros (1996), de Caio Fernando Abreu	SILVA, Rodrigo Frausino da	UFV	2013

Dissertação	Performances narrativas de minorias sociais nos novos letramentos digitais: empoderamento de LGBTs no canal Muro Pequeno	BAZERQUE, Aline de Lima.	UFPeI	2017
Dissertação	Biografemas e narrativas queer praticantes em Marcelino Freire	SILVA, Alexandre José Ventura	UNISUL	2018
Dissertação	Sujeitos queer em cartaz: uma análise discursiva do corpo em (trans)formação	NÓBREGA FILHO, Emanuel Raiff Gomes da	UFPB	2011
Dissertação	Acenos e afagos: o romance queer de João Gilberto Noll	SILVA, Marisa Corrêa	UEM	2010
Dissertação	O ser elástico, mola, agulha, trepidação: expressões do homoerotismo em Fernando Pessoa	MEDEIROS, Felipe Garcia de	UFRN	2014
Dissertação	Pedagogia queer, cultura visual e discursos sobre (homo)sexualidades em dois cursos de extensão online	VAZ, Tales Gubes	UFG	2012
Dissertação	A representação da homoafetividade em Duas iguais, de Cíntia Moscovich e Morangos mofados, de caio Fernando Abreu	ALMEIDA, Ana Luiza Nunes	UFPeI	2015
Dissertação	Não é uma fase: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais	LEWIS, Elizabeth Sara	PUC-RIO	2012
Dissertação	Transexualidade, cinema e linguagem: dialogando com Kátia	GONÇALVES, Cássia Rodrigues	UCPeI	2014

Fonte: o autor.

Apêndice C – BDTD – Pesquisa por “Linguística queer” + “dialogismo” ou “Bakhtin”

Quadro 31 – BDTD – Pesquisa por “Linguística queer” + “dialogismo” ou “Bakhtin”

Tese/ Dissertação	Título	Autoria	Instituição	Ano
Tese	A construção discursiva de masculinidades bissexuais: um estudo em linguística queer	SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos	UFPE	2012
Dissertação	Transexualidade, cinema e linguagem: dialogando com Kátia	GONÇALVES, Cássia Rodrigues	UCPel	2014

Fonte: o autor.

Apêndice D – BDTD – Pesquisa por “Discurso LGBT” + “dialogismo” ou “Bahktin”

Quadro 32 – BDTD – Pesquisa por “Discurso LGBT” + “dialogismo” ou “Bahktin”

Tese/ Dissertação	Título	Autoria	Instituição	Ano
Tese	A construção de um discurso identitário LGBT por meio de canais de humor gay do YouTube	CARVALHO, Adriano César Lima de	UFRN	2017
Dissertação	“Diálogos, closes, ataques e babados: identidades delineadas na e pela linguagem sob uma perspectiva bakhtiniana”	LOPES, Thiago Rodrigues	UFMT	2013
Dissertação	A página institucional da igreja cristã contemporânea: um projeto enunciativo de inclusão e aceitação de LGBTs?	CUNHA, Eduardo Soares da	UFPEl	2018
Dissertação	Atos de fala transfóbicos no ciberespaço: uma análise pragmática da violência linguística	SILVA, Leilane Ramos da	UFS	2018

Fonte: o autor.

Apêndice E – Periódicos da Capes – Pesquisa por “Linguística queer”

Quadro 33 – Periódicos da Capes – Pesquisa por “Linguística queer”

Artigo/Livro	Título	Autoria	Ano
Artigo	Linguística Queer: Uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem.	Borba, Rodrigo	2006
Artigo	Sentidos em Torno do Corpo Transexual	DE JESUS, D. M.; MARCHETTO, G.; DENARDIN, J. Ângelo dos S.	2020
Artigo	(Re)definições e (des)construções identitárias em comunidades ativistas do Facebook: contribuições das epistemologias pós-feminista e queer	BIONDO, Fabiana Poças; SIGNORINI, Inês.	2015
Artigo	Você é uma morena muito bonita": a trajetória textual de um elogio que fere	MELO, Glenda Cristina Valim de; LOPES, Luiz Paulo da Moita	2015
Artigo	Posicionamentos interacionais de sexualidade e de gênero: o caso de um blog de alunas/os de um instituto federal	PEREIRA, Valéria Rezende	2016
Artigo	A performance narrativa de uma blogueira: "tornando-se preta em um segundo nascimento"	MELO, Glenda Cristina Valim de; LOPES, Luiz Paulo da Moita	2014
Artigo	O dispositivo da colonialidade de gênero no discurso transfóbico online	SILVA, Danillo da Conceição Pereira	2019
Artigo	Performances discursivas de uma “Bixa Travesty”: sobre corpo, gênero e identidade em Linn da Quebrada	SILVA, Danillo da Conceição Pereira Silva; SANTOS, Emily Silva dos	2019
Artigo	Performance narrativa multimodal de Agrado em Tudo sobre minha mãe: desarticulando a autenticidade de gênero	GONZALEZ, Clarissa Rodrigues; LOPES, Luiz Paulo da Moita	2016
Artigo	"Liberte-se dos rótulos": questões de gênero e sexualidade em práticas de letramento em comunidades ativistas do Facebook	BIONDO, Fabiana Poças	2015
Artigo	As ordens de indexicalidade de gênero, de raça e de nacionalidade em dois objetos de consumo em tempos de Copa do Mundo 2014	MELO, Glenda Cristina Valim de and FERREIRA, Juliana Tito Rosa	2017
Artigo	Conhecendo a Linguística Queer: entrevista com Rodrigo Borba	BORBA, Rodrigo; LAU, Heliton	2019
Artigo	Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer.	ALÓS, Anselmo Peres	2010
Artigo	(Re)presentar: contribuições das teorias feministas à noção da representação	RABENHORST, Eduardo Ramalho; CAMARGO, Raquel Peixoto do Amaral	2013
Artigo	Não contar a ninguém ou contar a todo mundo? Colapsos da masculinidade em No se lo digas a nadie	ALOS, Anselmo Peres	2013
Artigo	A dominação masculina em questão: emancipação das mulheres e pensamento feminista	REIS, M.; CARGNELUTTI, C. A	2020

Fonte: o autor.

Apêndice F – Periódicos da Capes – Pesquisa por “Linguística queer” + “dialogismo” ou “Bakhtin”

Quadro 34 – Periódicos da Capes – Pesquisa por “Linguística queer” + “dialogismo” ou “Bakhtin”

Artigo/Livro	Título	Autoria	Ano
Artigo	Ressignificar e resistir: a Marcha das Vadias e a apropriação da denominação opressora	BOENAVIDES, Débora Luciene Porto	2019
Livro	Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais	Mitidieri, André Luis; CAMARGO, Flávio Pereira (org)	2015
Livro	O corpo e a imagem no discurso: gêneros híbridos	HASHIGUTI, Simone Tiemi	2019

Fonte: o autor.

Apêndice G – *SciElo* – Pesquisa por “Linguística queer”Quadro 35 – *SciElo* – Pesquisa por “Linguística queer”

Artigo/Livro	Título	Autoria	Ano
Artigo	O dispositivo da maternidade em tudo sobre minha mãe: entextualizações e processos escalares	GONZALEZ, Clarissa; LOPES, Luiz Paulo da Moita	2020
Artigo	(Meta)pragmática da violência linguística: patologização das vidas trans em comentários online	SILVA, Danillo da Conceição Pereira	2019
Artigo	Viagem textual pelo sul global: ideologias linguísticas queer e metapragmáticas translocais	LOPES, Luiz Paulo da Moita; FABRICIO, Branca Falabella	2018
Artigo	Ensino de línguas como palco de política linguística: mobilização de repertórios sobre gênero	PESSOA, Rosane Rocha; HOELZLE, Maria José	2017
Artigo	As ordens de indexicalidade de gênero, de raça e de nacionalidade em dois objetos de consumo em tempos de Copa do Mundo 2014	MELO, Glenda Cristina Valim de and FERREIRA, Juliana Tito Rosa	2017
Artigo	Performance narrativa multimodal de Agrado em Tudo sobre minha mãe: desarticulando a autenticidade de gênero	GONZALEZ, Clarissa Rodrigues; LOPES, Luiz Paulo da Moita	2016
Artigo	Posicionamentos interacionais de sexualidade e de gênero: o caso de um blog de alunas/os de um instituto federal	PEREIRA, Valéria Rezende	2016
Artigo	Posicionamentos interacionais mobilizados por Tudo sobre minha mãe na rede social Filmow	GONZALEZ, Clarissa Rodrigues; LOPES, Luiz Paulo da Moita	2015
Artigo	"Você é uma morena muito bonita": a trajetória textual de um elogio que fere	MELO, Glenda Cristina Valim de; LOPES, Luiz Paulo da Moita	2015
Artigo	"Liberte-se dos rótulos": questões de gênero e sexualidade em práticas de letramento em comunidades ativistas do Facebook	BIONDO, Fabiana Poças	2015
Artigo	As performances discursivo-identitárias de mulheres negras em uma comunidade para negros na Orkut	MELO, Glenda Cristina Valim de; LOPES, Luiz Paulo da Moita	2013
Artigo	A performance narrativa de uma blogueira: "tornando-se preta em um segundo nascimento"	MELO, Glenda Cristina Valim de; LOPES, Luiz Paulo da Moita	2014

Fonte: o autor.

ANEXOS

Anexo A – Webnotícia – WPNR#1

CONTATO f @ t v

rodolfo

HOME COMPORTAMENTO ▾ DIVERSIDADE ▾ POP ▾ AGENDA ▾ VÍDEOS ▾ TURISMO ▾ 🔍

FILMES, SÉRIES & TV




POP FILMES, SÉRIES & TV

Rodolfo diz que “o jeito de Gil” lhe incomoda: “É algo involuntário!”

Por **João Perissé** - 22 de fevereiro de 2021 👁 5168

rodolfo.com.br **Siga nossas redes:**






A obsessão continua, em recente conversa no **BBB21**, o participante e sertanejo **Rodolfo** voltou a criticar Gilberto. Em recente conversa entre **Sarah e Caio**, os participantes comentam sobre os momentos explosivos de Gilberto e alegam que isso pode atrapalhar o participante durante o jogo.



Rodolfo continua a pegar no pé de Gilberto (Foto: GloboPlay)

Rodolfo, entretanto, diz que o jeito de Gilberto lhe incomoda e que, tende a preferir conviver com pessoas mais “controladas”. *“Eu gosto de pessoas mais controladas, com juízo no próprio emocional”*, comentou o brother. Sarah, que é amiga de **Gil**, diz que vê potencial no participante para a final, mas que esses descontroles podem atrapalhar.

**RODOLFFO REVELA QUE JEITO DE GILBERTO O INCOMODA E QUE É ALGO INVOLUNTÁRIO E QUE ELE NÃO CONSEGUE CONTROLAR: "QUESTÃO DE BATER, GOSTO DE PESSOAS MAIS CONTROLADAS, JUÍZO COM O EMOCIONAL." #BBB21
[PIC.TWITTER.COM/UFJASRC4JE](https://pic.twitter.com/UFJASRC4JE)**

— PAN (@FORUMPANDLR) FEBRUARY 22, 2021

Em outra conversa entre **Karol Conká e Fiuk** ainda sobre o economista, o cantor saiu em defesa de Gilberto: *"Gil nunca levantou a voz pra mim porque nunca criei problema com ele"*, comentou o cantor, *"A gente sabe que ele é descontrolado, então pra que descontrolar o Gil?"*, completou.



Depois que o Fiuk foi pro VIP ele também ficando sensato né? Parece até outra pessoa 🤔👁️

#BBB21 #RedeBBB #Fiuk #KarolConka



Fenotipicamente sensata @aopina... · 4h ...

Fiuk não caiu na lábia dessa sucuri! Defendeu o Gil, colocou a Karol no lugar dela e ainda deu um exposed no Arthur. #bbb #bbb21



10:30 PM · 21 de fev de 2021



♥️ 2 💬 📤 Compartilhar este Tweet

Vale ressaltar que, ainda sobre o caso de Rodolfo e Gil, que não é a primeira vez em que o sertanejo implica com o jeito do economista. Nas redes sociais, muitos usuários fizeram 'edits' com compilados de momentos que acusam homofobia contra Gilberto por parte do cantor sertanejo.

Anexo B – Webnotícia – WPNR#2

CONTATO f @ t v

noôda

HOME COMPORTAMENTO ▾ DIVERSIDADE ▾ POP ▾ AGENDA ▾ VÍDEOS ▾ TURISMO ▾ Q

FILMES, SÉRIES & TV



POP FILMES, SÉRIES & TV

BBB21: Rodolfo diz que gays “são criaturas que o fazem rir!”

Por Jeferson Vita - 1 de fevereiro de 2021 4863

[WhatsApp](#) [Facebook](#) [Twitter](#) [LinkedIn](#)

Siga nossas redes:

Viralizou na internet um vídeo em que o cantor sertanejo Rodolfo se declara livre de preconceitos. O participante do [BBB21](#) afirmou que gays são “criaturas engraçadas”.

“Eu tenho a minha vida super bem-resolvida com relação à minha heterossexualidade. Eu gosto demais de um monte de gays. Eu não tenho preconceito para estar junto, de bater papo, de dar risada... Aliás, uma das criaturas que mais me fazem dar risada, é a criatura gay. E tá tudo certo. Ele de lá com um boy, e eu de cá com uma girl”

Após a propagação do vídeo, o brother tem sido acusado de homofobia nas redes sociais e a palavra criatura ficou no topo dos assuntos mais comentados no Twitter.

VEJA TAMBÉM: [BBB21: após eliminação de Karol, moradores de condomínios de luxo chamam cantora de “macaca”](#)

Os fãs do cantor rebateram as acusações, afirmando que o termo “criatura” é muito comum em Goiás.

“UMA DAS CRIATURAS QUE MAIS ME
FAZ DAR RISADA É A CRIATURA GAY” 🤪
#BBB21 [HTTPS://T.CO/3DMRWJGHYH](https://t.co/3DMRWJGHYH)

— THIAGO PASQUALOTTO
(@THIAGO_P) FEBRUARY 1, 2021



Edevanilton
@edevanilton



O problema não está no uso da palavra criatura. Aqui no nordeste usamos muito para referir as pessoas com quem falamos. Agora gay para fazer rir é foda. Isso caricata a pessoa gay como se fosse uma pessoa engraçada/palhaça que faz outras rirem. E não é bem por ai

1:04 AM · 1 de fev de 2021



👍 13 💬 2 ↗️ Compartilhar este Tweet

Anexo C – Webnotícia – WPNR#3

CONTATO

roê na da

Anúncios Google

Não exibir mais este anúncio Anúncio? Por quê? ⓘ

HOME COMPORTAMENTO - DIVERSIDADE - POP - AGENDA - VÍDEOS - TURISMO -

DIREITOS



Trisal consegue registro das 3 paternidades nos documentos dos filhos

Por Pedro HMC - 20 de fevereiro de 2021

4759



Para o trisal Ian Jenkins, Alan Mayfield e Jeremy Allen Hodges, família significa união e amor, seja na forma que for. E não estão errados, né?

Os três homens mantêm um relacionamento que classificam como absolutamente saudável e comprometido e, em 2017, tiveram a ideia de ter sua primeira filha, Piper. Usando uma doadora de óvulos e uma gravidez de aluguel, eles realizaram o sonho.

Aí que, um ano e meio atrás, os três tiveram um segundo filho, Parker. Agora, depois de uma intensa batalha judicial, o **trisal** ganhou o direito de todos os três serem listados nas certidões de nascimento de seus filhos.

PUBLICIDADE

←

Ads by Google

Stop seeing this ad

Why this ad? ⓘ

Os três pais [apareceram juntos no talk show australiano The Morning Show](#) para explicar como lutaram para serem reconhecidos como pais de seus filhos. Assista abaixo:

“O grande desafio para nós foram realmente os desafios legais. Com a barriga de aluguel, você tem que ter uma ordem de parentesco do tribunal declarando quem serão os pais legais”, disse Mayfield no programa.



Família: Jenkins, Alan Mayfield e Jeremy Allen Hodges com os filhos. (Foto: Reprodução)

“No início, não tínhamos certeza de que poderíamos ter todos nós três na certidão de nascimento, então se tornou um processo judicial em que discutimos no tribunal”, continuou ele.

“Foi uma cena de tribunal muito interessante e tensa, onde no início parecia que isso não seria concedido e pedimos para falar no tribunal e defender nosso ponto de vista. Então a juíza finalmente mudou de opinião e nos concedeu a paternidade legal de nosso filho antes de seu nascimento.”

Os pais, que moram na Califórnia, sabem como essas proteções legais são importantes: “Se nosso filho, Deus me livre, fosse parar no hospital, um dos pais talvez não pudesse ir visitá-lo”, disse Hodges. Ele também temia que seus filhos não pudessem usar o seguro ou os benefícios de pensão de seus pais se o trisal não fosse legalmente constituído como pais de seus filhos.



Trisal e família sim: Jenkins, Alan Mayfield e Jeremy Allen Hodges com os filhos. (Foto: Reprodução)

“Foi muito importante sermos reconhecidos como a família que somos e, felizmente, moramos na Califórnia, que é um estado que, apesar da batalha judicial, nos permitiu fazer isso”, disse.

Ter três pais pode parecer confuso para alguns, mas para Piper e Parker, Hodges é papai, Jenkins é papai e Mayfield é Dadá. É simples assim.

Eles agora querem que os outros saibam que podem constituir o tipo de família que desejarem: “Queríamos que todos soubessem que o amor faz uma família e as famílias podem parecer diferentes”, disse Jenkins. E completou: “Se você se preocupa com seus filhos e está fazendo tudo que pode para dar a eles a melhor infância possível, isso é o que importa.”

Anexo D – Webnotícia – WPNR#4

CONTATO


 Anúncios Google
 Não exibir mais este anúncio Anúncio? Por quê? @

HOME · COMPORTAMENTO · DIVERSIDADE · POP · AGENDA · VÍDEOS · TURISMO ·

LGITFORIA



Mulheres cis se unem para banir atletas trans de competições femininas

Por Jefferson Viza · 11 de fevereiro de 2021






Uma união de atletas cis de mais 30 países entraram com um pedido no Comitê Olímpico Internacional (COI) para banir a participação de mulheres **trans** em equipes “femininas”.

Segundo informações do **TEO**, a petição transfóbica defende evitar a “destruição dos esportes femininos”.



Atletas cis se unem para banir competidoras trans de equipes femininas (Foto: Reprodução/Instagram)

Elas pedem que o COI suspenda as medidas adotadas em 2015 que permitiram a participação de mulheres trans em competições femininas.

O guia de diretrizes, divulgado em 2015, permite que atletas transexuais e travestis sejam aceitas em campeonatos femininos em diversos países.

Anexo E – Webnotícia – WPNR#5

CONTATO f @ t v

m **põe** **na** **da**

HOME COMPORTAMENTO ▾ DIVERSIDADE ▾ POP ▾ AGENDA ▾ VÍDEOS ▾ TURISMO ▾ Q

CLOSE ERRADO



DIVERSIDADE CLOSE ERRADO

Ex-BBB Lucas Gallina passa vergonha ao dizer que LGBT não é homem e nem mulher

Por João Perissé · 18 de fevereiro de 2021 6332



Muitos ex-participantes do **BBB** comentam sobre a nova edição, levantam suas bandeiras e fazem suas teorias sobre como o jogo vai andar, e com **Lucas Gallina** não foi diferente, só que com um pequeno detalhe. Recentemente o ex-brother quis teorizar quem seria o grande campeão ou campeã da edição, mas acabou passando vergonha.

fofoquei



lucas.gallina · 21 min

BBB
Campeões
10 mulheres
10 homens

BBB21
Campeão
1 LGBT

Coincidências...

Curtido por kev.vitor e outras pessoas

fofoquei Oxel Não entendi kkkkkkkkk LGBT não é nem homem nem mulher? 😂
(Imagem Reprodução Instagram)
Foi na Fofoquei

Ex-BBB Lucas Gallina passa vergonha (Foto: Fofoquei)

Através de seus stories no Instagram, **Lucas** postou “*BBB: 10 campeões, 10 campeãs – BBB21: 1 LGBT, coincidências...*” e acabou nos impressionando por sua falta de informação, deixando a entender que Gilberto ou João Luiz não fossem homens por serem gays. Nas redes as pessoas tiraram muita chacota e o julgaram pela fala (e com razão rs)

No **Twitter**, um usuário disse: “*Além da estupidez, não consegui nem entender a coincidência que a mente cheia de teoria da conspiração dele quer insinuar...*”, enquanto outro acrescentou: “*E o Jean Willys que ganhou e é homem e LGBT. Será que o cérebro dele fritou se souber disso?*”.



Anexo F – Webnotícia – WPNR#6

CONTATO f @ t v

modo

HOME COMPORTAMENTO ▾ DIVERSIDADE ▾ POP ▾ AGENDA ▾ VÍDEOS ▾ TURISMO ▾ Q

DIREITOS



Bebê consegue na Justiça direito a documento sem gênero: “Pra decidir quando crescer!”

Por **Pedro HMC** - 20 de fevereiro de 2021 1192



Em um caso inédito, um bebê de oito meses nascido no Canadá não terá seu **gênero** especificado nos documentos como acontece até hoje com todos nós, tendo sua identidade ditada de acordo com seu órgão genital.

Nomeada Searyl Atli, a criança terá nos documentos a letra U (indeterminado) ao invés de F (feminino) ou M (masculino). Ainda segundo o **UOL**, a demanda veio de Kori/Doty, que é uma pessoa **não-binária** (que não se considera homem ou mulher necessariamente) e pai/mãe da criança.

Seu desejo era que a criança tivesse seu gênero omitido até que decida por si com qual se identifica. Pra conseguir o feito inédito, ela entrou com uma ação contra a Agência de Estatísticas Vitais Colúmbia Britânica, órgão do governo para registros civis.

Sua advogada, disse ao site Global News que “a designação de gênero nesta cultura é feita quando um(a) médico(a) abre as pernas e olha para os genitais de um bebê”. “Mas nós sabemos que a identidade de gênero do bebê só será desenvolvida alguns anos após o nascimento.”



Bebê pode deixar de ter gênero definido nos documentos no futuro? (Foto: Freepik)

Kori lembrou que essa inspeção visual no genital que determina a identidade de uma pessoa ainda bebê, não é capaz de identificar o gênero de alguém e que uma pessoa não se identificará necessariamente com o gênero que lhe foi imposto ao nascer.

“Quando nasci, médicos olharam para meus genitais e fizeram suposições sobre quem eu seria, e essas suposições me perseguiram ao longo da vida. Essas suposições estavam erradas, e eu acabei tendo que fazer vários ajustes desde então. Não quero fazer o mesmo agora.”, disse ela.

Sobre a criação do bebê, Kori afirmou que será o mais neutro possível, lhe dando todas as possibilidades para que ela decida seus gostos, identificações, tendo todo amor e apoio pra que seja a pessoa mais inteira que puder.

Trabalhando com educação comunitária, Kori participa da Coalização de Identidade Sem Gênero, uma ONG que luta para que a categoria “sexo” seja abolida dos documentos oficiais dos cidadãos ou ao menos exista essa possibilidade de “indeterminada” até que a pessoa decida por si.

Anexo G – Webnotícia – WPNR7

CONTATO f @ t v

rodada

HOME COMPORTAMENTO ▾ DIVERSIDADE ▾ POP ▾ AGENDA ▾ VÍDEOS ▾ TURISMO ▾ Q

DIVERSIDADE



DIVERSIDADE LGBTQI+FORA

Juiz autoriza concurso Miss EUA a proibir mulheres trans de competir

Por **Marcio Rolim** - 27 de fevereiro de 2021 1138



Um juiz do Oregon decidiu a favor do concurso de Miss EUA e sua política que rejeita mulheres transgênero de competir. A decisão vem um ano depois que Anita Noelle Green processou o concurso por discriminação e violação da Lei de Acomodações Públicas do Oregon, que por sua vez infringia seus direitos da Primeira Emenda.

O juiz Micahel Mosman decidiu que a competição é uma organização “expressiva” e não é obrigada a incluir competidores transgêneros: “Eu a vejo como uma associação que não pode, de acordo com a constituição, ser obrigada a permitir que o queixoso participe do que o réu diz ser uma contradição dessa mensagem”, decidiu o juiz Mosman.

A ex Miss EUA Earth Elite Oregon expressou seu desapontamento com a decisão, afirmando: “Este caso trouxe a consciência para um problema que muitas pessoas estavam e ainda desconhecem e esse problema é que a **discriminação contra pessoas trans** ainda está acontecendo ativamente nos setores público e privado dentro do circuito do concurso.”

Segundo o [Gay Times](#), o advogado de Green, Shenoa L Payne, argumentou que a exclusão de Green e outros competidores transgêneros pelo concurso não é “baseada na mensagem, mas no status”. No entanto, John T. Kaempf, o advogado que representou o Miss Estados Unidos da América LLC, divulgou uma declaração garantindo que seu cliente não é transfóbico.

“Meu cliente não é anti-trans, mas só quer poder fazer um concurso só para mulheres biológicas. Ao contrário do que as pessoas possam pensar, meu cliente, o concurso, é um defensor da diversidade. Ele acredita que pode haver um concurso de Miss Black USA, um concurso de Miss Native American ou um concurso de transgêneros além do Miss EUA”, afirmou.

Nos autos, os representantes jurídicos do Miss USA também interpretaram Green mal, referindo-se a ela como um “homem que se identifica como mulher”. Mesmo que seu caso contra a Miss EUA tenha chegado ao fim, Green está otimista para a mudança, no longo prazo, afirmando: “Eu acredito que a Miss Estados Unidos da América está do lado errado da história por escolher discriminar ativamente as pessoas trans”, diz Green..

VEJA TAMBÉM: [Mulher trans é morta a facadas em Ribeirão Preto; crime é o segundo em 24 horas](#)

Essa decisão vem ao mesmo tempo em que a Câmara dos Representantes dos EUA aprovou a histórica Lei de Igualdade, que visa proteger as pessoas LGBTQ da discriminação.

Anexo H – Webnotícia – WPNR#8

CONTATO f @ t v

roda
põe na

HOME COMPORTAMENTO **DIVERSIDADE** POP AGENDA VÍDEOS TURISMO Q

DIVERSIDADE CLOSE ERRADO



Arcebispo se recusa a dar entrevista para fiel afeminado (VÍDEO)

Por **Marcio Rolim** - 2 de fevereiro de 2021 6655



O arcebispo metropolitano de Natal (RN), **Dom Jaime Vieira Rocha**, simplesmente ganhou o **Twitter** nesta segunda-feira (01) após se recusar a dar entrevista a um repórter com trejeitos afeminados.

O jovem Ricardo Sérgio pedia ao **arcebispo** que desse uma declaração para a assembleia que o assistia ao vivo no final da missa, mas o comandante da paróquia, desconfiado, questionou o jovem:

“Eu não tô gostando dessa entrevista não, tô achando que estão me usando para me ridicularizar, é?” questionou o arcebispo em atitude extremamente homofóbica. Imediatamente uma outra pessoa, em tom didático, pede que ele dê uma declaração sozinho, sem o entrevistador.

O ato homofóbico aconteceu durante o encerramento de uma missa que celebra a Festa de Nossa Senhora da Piedade. O arcebispo, ao concordar em falar sozinho, ainda contra-argumenta: “a gente vive num mundo complexo”.

“Eu não tô gostando dessa entrevista não, tô achando que estão me usando para me ridicularizar, é?” questionou o arcebispo em atitude extremamente homofóbica. Imediatamente uma outra pessoa, em tom didático, pede que ele dê uma declaração sozinho, sem o entrevistador.

O ato homofóbico aconteceu durante o encerramento de uma missa que celebra a Festa de Nossa Senhora da Piedade. O arcebispo, ao concordar em falar sozinho, ainda contra-argumenta: “a gente vive num mundo complexo”.



Em nota encaminhada ao site [Agora RN](#), a Arquidiocese Metropolitana de Natal tentou minimizar o ocorrido dizendo que “*não foi nada demais*”. Já Dom Jaime, afirma que não teve a intenção de causar “algum inconveniente”.

VEJA TAMBÉM: [Padre do interior de SP é punido pelo Vaticano por celebrar casamento gay](#)

“Quem me conhece sabe que não é do meu caráter e se afasta dos ensinamentos cristãos, que há 46 anos tenho por missão difundir”, disse ele tentando justificar a discriminação. Lamentável.

Jornalistas são vítimas de ataques homofóbicos; MP abre investigação contra padre

Declaração de Erick Rianelli para o marido, Pedro Figueiredo, por ocasião do Dia dos Namorados, viralizou. Dono de lanchonete em Brasília e sacerdote de Mato Grosso os atacaram.

Por RJ1

17/06/2021 14h02 - Atualizado há 6 dias



Os repórteres da TV Globo **Erick Rianelli** e **Pedro Figueiredo**, que são **casados**, foram vítimas de ataques homofóbicos no último fim de semana. Um dos agressores está sendo investigado pelo MP.

Uma declaração de Erick para Pedro por ocasião do Dia dos Namorados do ano passado viralizou na data deste ano, a partir do último sábado (12).

“Pedro Figueiredo, nosso colega, repórter, meu amor, meu marido: **eu te amo!** Feliz Dia dos Namorados para a gente, para todos os casais apaixonados que estão nos assistindo, que todo mundo tenha um Dia dos Namorados maravilhoso”, disse Erick, ao vivo no Bom Dia Rio.



No mesmo jornal, outros repórteres também fizeram declarações para maridos, esposas e namoradas.

“Quando ele acordar, eu vou mostrar esse recadinho para ele no Globoplay. Desejo um feliz Dia dos Namorados para ele, para todo mundo, para todos os casais que acompanham a gente aqui no Bom Dia Rio!”, declarou **Fernanda Rouvenat**.

“Deve ter um vinho, deve ter alguma coisa para a gente celebrar, mas não até muito tarde, porque amanhã tem plantão!”, brincou **Lívia Torres**.

Quando o vídeo de Erick voltou a circular, surgiram os ataques homofóbicos. Um foi de **Alexandre Geleia**, dono de uma lanchonete em Brasília.

Outro foi pelo **padre Paulo Antônio Müller**, da Paróquia de Tapurá (MT), durante o sermão da missa do último domingo (13).

“A gente faz um namoro, não como a Globo apresentou essa semana. Dois viados. Desculpa, dois viados. Um repórter com um veadinho, chamado Pedrinho. ‘Prepara meu almoço, tô chegando, tô com saudade’. Ridículo! Que chamem a união de dois viados, duas lésbicas, como querem, mas não de casamento”, declarou.

Reações e solidariedade

O Ministério Público do Estado de Mato Grosso abriu uma investigação para apurar o caso.

Segundo o MP, “as declarações do padre **extrapolaram a liberdade religiosa** e podem resultar em medidas extrajudiciais, de ação civil pública por dano moral coletivo causado à sociedade, bem como ação penal, por eventual crime cometido”.

Depois dos ataques, muitas demonstrações de solidariedade surgiram nas redes sociais. O padre **Júlio Lancellotti** fez uma publicação. **Fabi**, campeã olímpica de vôlei, também, assim como ativistas LGBTs e lideranças sociais.



Postagem do padre Julio Lancellotti em defesa de jornalistas — Foto: Reprodução

A Comissão de Combate às Discriminações e Preconceitos da Alerj, presidida pelo deputado **Carlos Minc** (PSB), aprovou uma moção de solidariedade aos repórteres e de repúdio contra as declarações.

O deputado **Márcio Pacheco** (PSC), cantor e compositor católico, também se manifestou. “Repudio as palavras que eu não quero repeti-las aqui, tão agressivas, as quais não remontam a cidadania e muito menos o direito à fé”, declarou.

O RJ1 tentou contato com o padre sobre a investigação do ministério público, mas não obteve retorno.

A TV Globo se solidariza com Erick Rianelli e Pedro Figueiredo, reafirma seu compromisso com a diversidade e repudia de forma veemente toda forma de preconceito.

Anexo J – Webnotícia – WG1#2

globo.com g1 ge gshow videos ASSINE JÁ E-MAIL ENTRAR

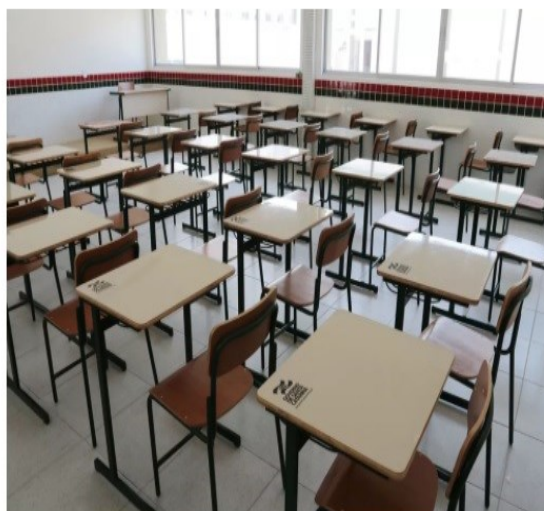
MENU G1 SANTA CATARINA Q BUSCAR

Governo de SC proíbe linguagem neutra em escolas públicas e privadas

Decreto vale para documentos escolares oficiais, provas, grade curricular, material didático, comunicados e editais de concursos.

Por G1 SC e NSC

18/06/2021 16h08 - Atualizado há 5 dias



Sala de aula em escola estadual de Santa Catarina — Foto: Cristiano Estrela/Secom/Divulgação

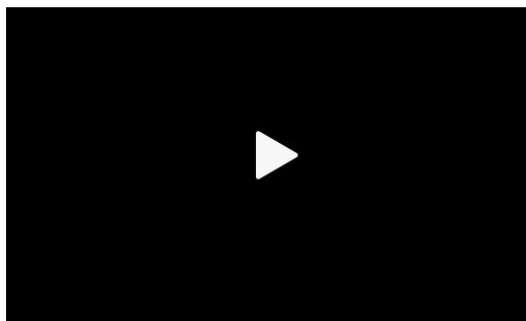
O governo de Santa Catarina editou um decreto que veta a linguagem neutra em todas as escolas públicas e privadas do estado. A medida foi publicada na terça-feira (15) pelo governador **Carlos Moisés da Silva (PSL)** após a proposição da deputada estadual Ana Caroline Campagnolo, do mesmo partido.

O decreto estabelece que documentos escolares oficiais, provas, grade curricular, material didático, comunicados e editais de concursos "não trarão novas formas de flexão de gênero e de número das palavras" e obriga uso da norma culta da Língua Portuguesa.

'Menine', 'todxs', 'amigues' são exemplos da linguagem ou dialeto neutro, que é conhecido também como linguagem não-binária. O seu uso passou a ganhar mais visibilidade nos últimos anos para tornar a língua mais inclusiva para pessoas transexuais, travestis, não-binárias ou intersexuais.

Segundo o governo, na prática, o "conteúdo não fará referência à linguagem do gênero neutro, inexistente na língua portuguesa e que apresenta contrariedade às regras gramaticais consolidadas no país"

Após o anúncio do decreto, a deputada estadual Ana Caroline Campagnolo, apoiadora do presidente Jair Bolsonaro, afirmou em uma rede social que a decisão evita "prejuízos educacionais provocados pela aberração linguística que chamam de 'linguagem de gênero neutro'".



Em Santa Catarina, nas cidades de **Balneário Camboriú** e **Joinville** projetos semelhantes tramitam nas Câmaras de Vereadores. Já em Brasília, outros dois textos aguardam parecer em comissões na Câmara dos Deputados.

À reportagem do **NSC Total**, a Secretaria de Estado da Educação (SED) alegou que seu objetivo é prezar pela qualidade da educação, com "respeito à inclusão e à diversidade, ressaltando a norma culta e gramatical da língua portuguesa".

Anexo K – Webnotícia – WG1#3

globo.com g1 ge gshow videos ASSINE JÁ E-MAIL ENTRAR >

MENU G1 CAMPINAS E REGIÃO EPTV BUSCAR

Família denuncia preconceito contra aluno de 11 anos após sugestão de trabalho com tema LGBT em grupo da escola

Pais e funcionários afirmaram que mensagem do garoto era 'absurda' e pediram para ele apagar; irmã da criança registrou boletim de ocorrência. Secretaria Estadual de Educação disse que vai tomar 'medidas cabíveis'.

Por Marcello Carvalho, G1 Campinas e Região
13/06/2021 17h30 · Atualizado há uma semana

globo.com g1 ge gshow videos ASSINE JÁ E-MAIL ENTRAR >

MENU G1 CAMPINAS E REGIÃO EPTV BUSCAR

< 5 6A 2021 -A.F

Oi gente então que tal a gente fazer um trabalho sobre o mês do lgbt etc... 18:38

Eu acho uma ideia boa 18:38

Boa noite sou mãe de aluno e essa mensagem a cima e um absurdo, 20:00

0:07 20:03

Oi gente então que tal a gente fazer um trabalho sobre o mês do lgbt etc... 20:09

Quem é vc por favor? Retire seu comentário, por favor. Muito obrigada. Diretora. 20:09

Somente [admins](#) podem enviar mensagens

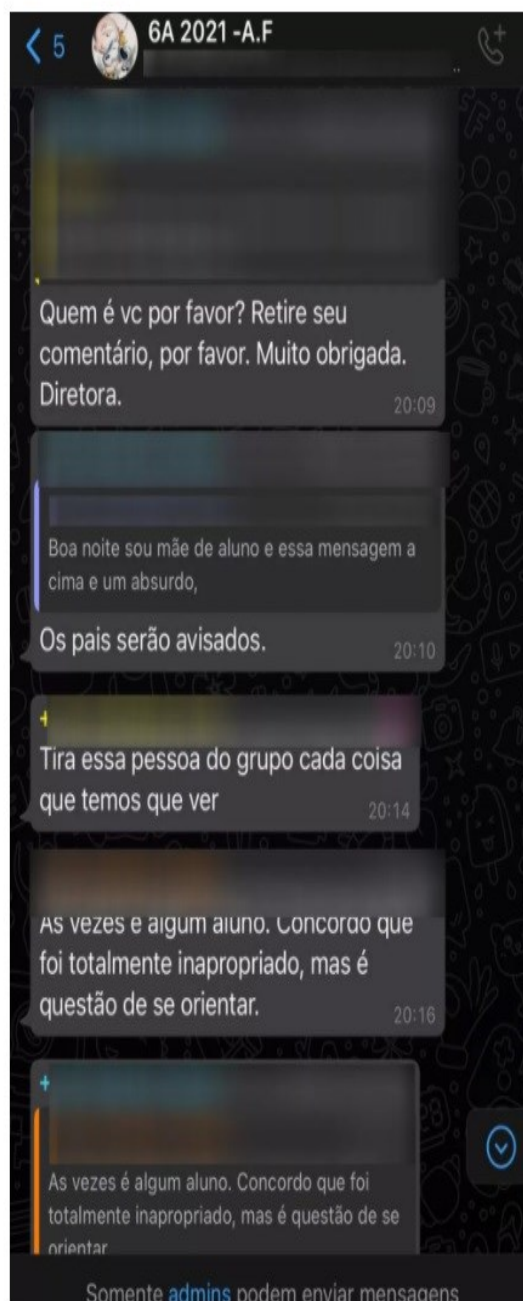
Estadual Aníbal de Freitas, em **Campinas (SP)**, após ter sugerido um trabalho com tema LGBT. Assim que mandou a mensagem, o garoto foi atacado por pais de alunos e funcionários da escola que disseram que a ideia era "absurda". A família do jovem registrou um boletim de ocorrência para denunciar "preconceito e intimidação". A Secretaria Estadual de Educação informou que vai enviar um supervisor de ensino à unidade para "tomar as medidas cabíveis".

- **LGBTQIA+: sigla evoluiu junto ao movimento para gerar inclusão**
- **Crimes de LGBTfobia aumentam pela web e polícia alerta para denúncias**
- **Em São Paulo, projeto que proíbe LGBTs em propagandas volta à estaca zero**

Segundo a Secretaria de Segurança Pública (SSP-SP), o boletim, registrado pela internet, será direcionado ao 7º Distrito Policial, que ficará responsável por abrir ou não o inquérito. A pasta ainda informou que outras informações só poderão ser passadas nesta segunda-feira (14). O caso aconteceu na sexta-feira (11) e ocorrência foi registrada no sábado (12).

A irmã do menino foi quem registrou o boletim de ocorrência e também fez um relato no Facebook para denunciar o episódio. Por telefone, a autônoma contou ao **G1** que o estudante mandou uma mensagem no grupo da sala, do 6º ano do Ensino Fundamental, com uma proposta de estudo sobre o mês do Orgulho LGBT, celebrado em junho.

Capturas de tela e áudios enviados por ela ao G1 mostram que, após a sugestão, houve uma sequência de mensagens nas quais pais de alunos e pessoas que se identificaram como sendo da "direção" afirmaram que a ideia do garoto era, além de "absurda", "desnecessária", e solicitaram que ele apagasse a mensagem (veja abaixo).



Chorando ao telefone

A irmã da criança ainda afirmou que chegou em casa na sexta-feira, quando viu o irmão chorando, falando ao telefone com alguém que disse ser a coordenadora da escola.

"Ela ligou para o meu irmão e disse para ele que a sugestão era um absurdo e inadequada para a idade dele. Ela ainda disse que se ele não apagasse a mensagem, iria tirá-lo do grupo. Justo agora que, com as aulas online, os grupos são tão importantes. Nunca pensei que uma coordenadora pudesse falar desse jeito com um aluno", afirmou.

A irmã do estudante também contou que chegou a discutir com a mulher e afirmou que foi questionada se ela também não achava inadequado uma criança sugerir um trabalho com tema LGBT. A autônoma, que também está no grupo da sala, disse que mandou áudios criticando a postura dos pais e da escola. No entanto, segundo ela, logo depois o grupo foi bloqueado e só funcionários da unidade ficaram aptos a enviar mensagens.

Ontem às 13:50 · 🌐

Oi hoje com o coração extremamente despedaçado venho expressar a minha indicação contra uma ESCOLA Anibal de Freitas que fica situada em Campinas/SP.

Eu nunca imaginei que um dia eu iria passar por isso na minha vida, o meu irmão de apenas 11 anos fez uma sugestão no grupo da escola de fazer um trabalho falando sobre o LGBT, ele foi massacrado com tanto preconceito, como se ele tivesse cometendo um crime, uma senhora que se diz coordenadora da escola chamada Maria Inês, ligou para ele por volta das 20:30 da noite acabando com ele, falando para ele retirar o comentário que no caso foi uma "sugestão de estudo" se não iria remover ele do grupo da escola, falou para ele que era inapropriado/ inadmissível/ que era um absurdo ele ter colocado aqui no grupo, que ele precisava de tratamento...

Eu cheguei bem na hora e tomei o celular da mão dele, ele estava chorando... eu perguntei quem era para ele e o que estava acontecendo, ele simplesmente me olhou e falou: Dani eu coloquei uma sugestão no grupo da escola e me mostrou bem rápido pq a senhora ainda estava na ligação esbravejando, ele olhei a sugestão dele sem maldade alguma e comecei a falar com ela, perguntei quem era pq achei mesmo que fosse algum pai de outra criança que não gostou e queria falar, mas não palitas era da escola, ligando falando absurdo jogando preconceito na cara do meu irmão que é apenas uma criança.

Trecho do relato escrito pela irmã do garoto no Facebook, após a denúncia de preconceito em Campinas — Foto: RenanTurku/Facebook

"Eu não vou permitir que façam isso com meu irmão. A gente tem uma ótima relação com a minha mãe, mas ele mora comigo e com meu marido, porque ele prefere assim. Então eu sou responsável por ele. Aqui a gente fala sobre tudo, não temos preconceito", afirmou.

Isso não deveria existir nem no passado, mas, nos dias de hoje, uma instituição de ensino, que deveria ensinar a não ter preconceito, promover o preconceito dessa forma, é inaceitável", completou.

De acordo a irmã do estudante, até este domingo (13), não houve nenhum contato da direção da escola com a família sobre o episódio. Além disso, a autônoma afirmou que o irmão ficou muito abalado, chorou muito e ficou até sem comer. Ele passará por um psicólogo na tarde desta segunda-feira (14). "Eu estou revoltada com o estado que as pessoas deixaram meu irmão", explicou.

Veja também

- **Injúria racial: vizinhos jogam pedras em mãe e criança em Campinas. Veja vídeo**

O que diz o estado

A Secretaria Estadual de Educação informou, em nota oficial, que repudia qualquer tipo de preconceito "dentro ou fora do ambiente escolar". Além do supervisor, a pasta também enviará à escola uma equipe do Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar (Conviva SP) para "apoiar o estudante, sua família e a comunidade escolar. **Veja a nota da pasta na íntegra:**

"A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP) repudia qualquer tipo de preconceito, dentro ou fora do ambiente escolar. Um supervisor de ensino será enviado amanhã à escola para apurar o caso e todas as medidas administrativas cabíveis serão tomadas. Equipe do Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar (Conviva SP) também será enviada para apoiar o estudante, sua família e a comunidade escolar. A Seduc-SP também conta com psicólogos



"A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP) repudia qualquer tipo de preconceito, dentro ou fora do ambiente escolar. Um supervisor de ensino será enviado amanhã à escola para apurar o caso e todas as medidas administrativas cabíveis serão tomadas. Equipe do Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar (Conviva SP) também será enviada para apoiar o estudante, sua família e a comunidade escolar. A Seduc-SP também conta com psicólogos profissionais no programa Psicólogos na Educação, que está presente em todas as escolas estaduais, e já foi disponibilizado o atendimento para o estudante, que será orientado a fazer o agendamento na escola.

O respeito à diversidade faz parte do Currículo em Ação para que seja ensinado e aprendido nas escolas estaduais. Sempre dentro do contexto dos conteúdos escolares previstos para cada série e cada componente curricular. As escolas têm autonomia, dentro do seu projeto pedagógico, para organizar quando e de que forma essa temática será abordada.

Recentemente aconteceu uma formação com educadores de toda a rede durante as Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPCs), que acontecem toda semana, onde foram discutidos a discriminação e o preconceito e como abordar o tema dentro das escolas com seus alunos e equipe escolar.

Como uma ação, a EE Anibal de Freitas trabalha temas transversais, em parceria com a PUC Campinas, realizando diversas palestras relacionadas à temática LGBTQIA+, direcionadas à comunidade escolar. A administração regional e a direção da unidade estão à disposição dos pais ou responsáveis para quaisquer esclarecimentos."

Anexo L – Webnotícia – WG1#4



Escola de aluno criticado após sugestão de trabalho com tema LGBT recebe cartazes de protesto: 'Aceita ou respeita'

Objetos foram colocadas na manhã desta terça na fachada da Escola Estadual Aníbal de Freitas. Polícia investiga o caso; garoto de 11 anos foi atacado em grupo da sala por pais de estudantes e funcionários.

Por G1 Campinas e Região

15/06/2021 12h28 - Atualizado há uma semana



Escola de Campinas recebe cartazes em protesto contra episódio de preconceito contra aluno

A Escola Estadual Aníbal de Freitas, em Campinas (SP), amanheceu nesta terça-feira (15) com cartazes em protesto aos ataques sofridos por um aluno de 11 anos, **depois dele sugerir um trabalho com tema LGBT**.

Os papéis, colocados na fachada da instituição de ensino, contêm frases que pedem respeito às diferenças e o fim do preconceito como: "Ou aceita ou respeita", "Respeite as diferenças" e "Sinta orgulho de ser quem você é".

A família registrou um boletim de ocorrência para denunciar "preconceito a intimidação" e a Polícia Civil investiga o crime pelo 7º Distrito Policial. **A irmã do estudante já foi ouvida e também entregou todas as mensagens para serem analisadas.** O caso aconteceu na sexta-feira (11) e a ocorrência foi registrada no sábado (12).



Cartazes foram colocados em protesto em escola de aluno que foi atacado por sugestão LGBT — Foto: Denny Cesare/Código 19

Além disso, a Secretaria de Educação de São Paulo (Seduc-SP) informou que a Diretoria Regional de Educação de Campinas Leste esteve na segunda-feira (14) na escola e "deu início às apurações para que todas as medidas cabíveis possam ser adotadas de forma assertiva". O aluno e a família serão recebidos nesta terça-feira (15) para um acolhimento.

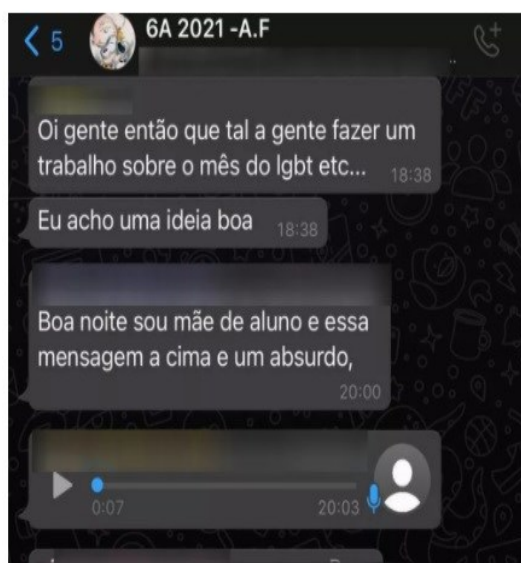
A irmã do menino foi quem registrou o boletim de ocorrência e também fez um relato nas redes sociais sobre o caso. Por telefone, a autônoma contou ao G1 que o estudante mandou uma mensagem no grupo da sala, do 6º ano do Ensino Fundamental, com uma proposta de estudo sobre o mês do Orgulho LGBT, celebrado em junho.



Cartazes foram colocados em frente a escola após denúncia de preconceito — Foto: Denny Cesare/Código 19

- **LGBTQIA+: sigla evoluiu junto ao movimento para gerar inclusão**
- **Crimes de LGBTfobia aumentam pela web e polícia alerta para denúncias**
- **Em São Paulo, projeto que proíbe LGBTs em propagandas volta à estaca zero**

Capturas de tela e áudios enviados por ela ao **G1** mostram que, após a sugestão, houve uma sequência de mensagens nas quais pais de alunos e pessoas que se identificaram como sendo da "direção" afirmaram que a ideia do garoto era, além de "absurda", "desnecessária", e solicitaram que ele apagasse a mensagem (**veja abaixo**).



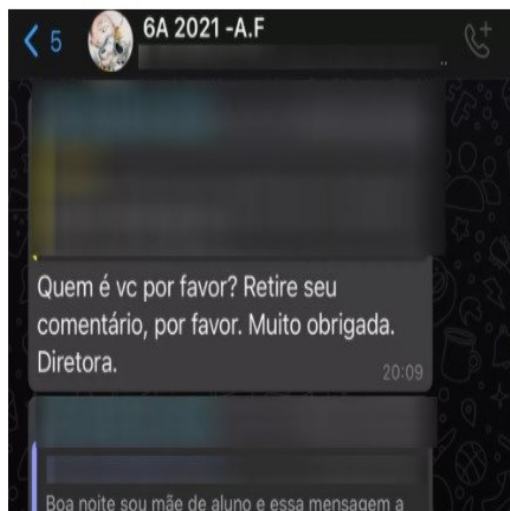


Print mostra conversas no grupo da escola de jovem que sugeriu trabalho LGBT — Foto: Reprodução

Apoio ao estudante

De acordo com a Secretaria de Educação, uma equipe do Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar (Conviva SP) também foi enviada para apoiar o estudante, sua família e a comunidade escolar.

"A Seduc-SP conta com psicólogos profissionais no programa Psicólogos na Educação, que está presente em todas as escolas estaduais, e já foi disponibilizado o atendimento para o estudante", informa a pasta.





Conversas mostram críticas a garoto de 11 anos após sugestão de trabalho LGTB — Foto: Reprodução/EPTV

Chorando ao telefone

A irmã da criança explicou que chegou em casa na sexta-feira (11), quando viu o irmão chorando, falando ao telefone com alguém que dizia ser a coordenadora da escola.

"Ela ligou para o meu irmão e disse para ele que a sugestão era um absurdo e inadequada para a idade dele. Ela ainda disse que se ele não apagasse a mensagem, iria tirá-lo do grupo. Justo agora que, com as aulas online, os grupos são tão importantes. Nunca pensei que uma coordenadora pudesse falar desse jeito com um aluno", afirmou.

A irmã do jovem também contou que chegou a discutir com a mulher e afirmou que foi questionada se ela também não achava inadequado uma criança sugerir um trabalho com tema LGBT.

A autônoma, que também está no grupo da sala, disse que mandou áudios criticando a postura dos pais e da escola. No entanto, segundo ela, logo depois o grupo foi bloqueado e só funcionários da unidade ficaram aptos a enviar mensagens.

Ontem às 13:50 · 🌐

Oi hoje com o coração extremamente despedaçado venho expressar a minha indicação contra uma ESCOLA Anibal de Freitas que fica situada em Campinas/SP.

Eu nunca imaginei que um dia eu iria passar por isso na minha vida, o meu irmão de apenas 11 anos fez uma sugestão no grupo da escola de fazer um trabalho falando sobre o LGBT, ele foi massacrado com tanto preconceito, como se ele tivesse cometido um crime, uma senhora que se diz coordenadora da escola chamada Maria Inês, ligou para ele por volta das 20:30 da noite acabando com ele, falando para ele retirar o comentário que no caso foi uma "sugestão de estudo" se não iria remover ele do grupo da escola, falou para ele que era inapropriado/ inadmissível/ que era um absurdo ele ter colocado aqui no grupo, que ele precisava de tratamento...

Eu cheguei bem na hora e tomei o celular da mão dele, ele estava chorando... eu perguntei quem era para ele e o que estava acontecendo, ele simplesmente me olhou e falou: Dani eu coloquei uma sugestão no grupo da escola e me mostrou bem rápido pq a senhora ainda estava na ligação esbravejando, ele olhei a sugestão dele sem maldade alguma e comecei a falar com ela, perguntei quem era pq achei mesmo que fosse algum pai de outra criança que não gostou e queria falar, mas não palitas era da escola, ligando falando absurdo jogando preconceito na cara do meu irmão que é apenas uma criança.

Trecho do relato escrito pela irmã do garoto no Facebook, após a denúncia de preconceito em Campinas — Foto: Reprodução/Facebook

"Eu não vou permitir que façam isso com meu irmão. A gente tem uma ótima relação com a minha mãe, mas ele mora comigo e com meu marido, porque ele prefere assim. Então eu sou responsável por ele. Aqui a gente fala sobre tudo, não temos preconceito", afirmou.

Isso não deveria existir nem no passado, mas, nos dias de hoje, uma instituição de ensino, que deveria ensinar a não ter preconceito, promover o preconceito dessa forma, é inaceitável", completou.

Anexo M – Webnotícia – WG1#5



Polícia vai analisar conversas no grupo da escola em que aluno foi alvo de preconceito após sugerir trabalho com tema LGBT

Pais e funcionários afirmaram que mensagem do garoto era 'absurda' e pediram para ele apagar. Secretaria Estadual de Educação disse que fará acolhimento do estudante e da família nesta terça (15).

Por G1 Campinas e Região

14/06/2021 19h31 - Atualizado há uma semana



Polícia investiga caso de preconceito contra aluno que sugeriu trabalho LGBT em Campinas

A Polícia Civil de Campinas (SP) vai analisar as mensagens de um grupo de WhatsApp da Escola Estadual Aníbal de Freitas, em Campinas (SP), para apurar a **denúncia de "preconceito e intimidação" contra um estudante de 11 anos que sugeriu um trabalho com tema LGBT** - a irmã do jovem prestou depoimento e informou que apresentou as conversas do aplicativo. "Já levei todas as provas", confirmou a irmã do aluno.

Além disso, a Secretaria de Educação de São Paulo (Seduc-SP) informou que a Diretoria Regional de Educação de Campinas Leste esteve nesta segunda-feira (14) na escola e "deu início às apurações para que todas as medidas cabíveis possam ser adotadas de forma assertiva". O aluno e a família serão recebidos nesta terça-feira (15) para um acolhimento, segundo a pasta.

O caso aconteceu na sexta-feira (11) e ocorrência foi registrada no sábado (12). A irmã do menino foi quem registrou o boletim de ocorrência e também fez um relato nas redes sociais sobre o caso. Por telefone, a autônoma contou ao **G1** que o estudante mandou uma mensagem no grupo da sala, do 6º ano do Ensino Fundamental, com uma proposta de estudo sobre o mês do Orgulho LGBT, celebrado em junho.

- **LGBTQIA+: sigla evoluiu junto ao movimento para gerar inclusão**
- **Crimes de LGBTfobia aumentam pela web e polícia alerta para denúncias**
- **Em São Paulo, projeto que proíbe LGBTs em propagandas volta à estaca zero**

Capturas de tela e áudios enviados por ela ao **G1** mostram que, após a sugestão, houve uma sequência de mensagens nas quais pais de alunos e pessoas que se identificaram como sendo da "direção" afirmaram que a ideia do garoto era, além de "absurda", "desnecessária", e solicitaram que ele apagasse a mensagem (**veja abaixo**).

Em nota, a Secretaria de Segurança Pública (SSP) informou que o caso é investigado pelo 7º Distrito Policial de Campinas e que além de ouvir a irmã da vítima, "diligências estão em andamento visando ao esclarecimento dos fatos".

Anexo N – Webnotícia – WG1#6

globo.com | g1 | ge | gshow | videos ASSINE JÁ | E-MAIL | ENTRAR >

MENU | **G1** ECONOMIA BUSCAR

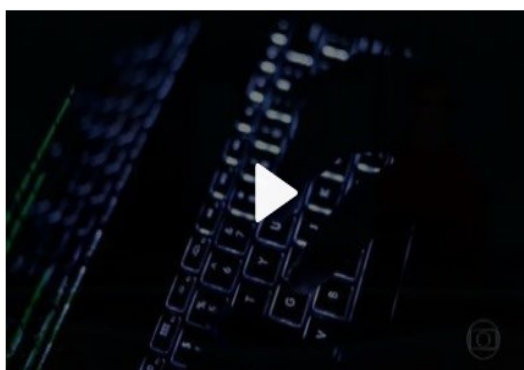
TECNOLOGIA

Denúncias contra homofobia na internet crescem 106% nos primeiros seis meses de 2021

Alta na quantidade de ameaças e ofensas à população LGBT entre janeiro e a primeira metade de junho foi registrada em levantamento da ONG SaferNet.

Por **Jornal Nacional**

17/06/2021 21h26 · Atualizado há um dia



Central investiga ataques homofóbicos na internet

As denúncias contra homofobia na internet registraram alta de 106% entre janeiro e a primeira metade de junho de 2021, na comparação com o mesmo período do ano passado. Os dados são da ONG SaferNet, que atua no combate aos crimes virtuais.

A Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da SaferNet recebeu **2.529 denúncias de homofobia na internet desde o início de 2021**. Neste mesmo intervalo em 2020, a associação havia registrado 1.226 denúncias.

Em São Paulo, a Parada do Orgulho LGBT teve de adotar mecanismos para impedir a publicação de comentários homofóbicos durante a transmissão ao vivo na internet.

Os organizadores afirmaram que, na edição de 2020, foram mais de 200 mensagens com ameaças de morte à população LGBT na transmissão do evento. Os autores destes comentários estão sendo identificados e o caso será denunciado ao Ministério Público Federal (MPF).

Na Parada do Orgulho LGBT de 2021, realizada no último dia 6 de junho, uma equipe de técnicos usou filtros da rede social em que a transmissão foi realizada para bloquear mensagens com ameaças e ofensas. As mensagens que escapavam dos filtros eram apagadas manualmente pelos técnicos.

- **Facebook libera mais recursos para administradores controlarem o que é publicado em grupos**

O vice-presidente da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, Renato Viterbo, apontou que, com as mudanças, não encontrou nenhum tipo de ameaça mais grave durante as 8 horas de transmissão.

“A nossa preocupação não é afrontar a sociedade, e sim ser feliz da maneira que nós somos, da maneira que nascemos”, afirmou.

Anexo O – Webnotícia – WG1#7

globo.com g1 ge gshow videos ASSINE JÁ E-MAIL ENTRAR

MENU G1 SÃO PAULO BUSCAR

Projeto de lei contra LGBTs em propaganda avança na Alesp; OAB, marcas e evangélicos fazem campanha pela diversidade

PL 504 de 2020 de autoria da deputada Marta Costa (PSD), com emenda de Janaina Paschoal (PSL), foi aprovado pelas comissões e aguarda votação em plenário. Agências publicitárias e entidades reagiram pedindo veto à proposta nas redes sociais.

Por Vivian Reis, G1 SP

23/04/2021 08h56 - Atualizado há um mês



Deputada estadual Marta Costa (PSD) — Foto: TV Alesp/Reprodução

A Assembleia Legislativa de São Paulo deve votar nos próximos dias um projeto que pretende proibir a veiculação de propagandas no estado com a presença de LGBTs.

A proposta tramita desde agosto de 2020 e gerou forte reação da comunidade LGBTQ+, publicitários, marcas, juristas e evangélicos, após entrar na pauta da Casa nas últimas semanas.

A votação estava prevista inicialmente para ocorrer na última terça-feira (20), mas foi adiada por falta de quórum. Remarcada para esta quinta-feira (22), foi novamente postergada.

De acordo com a Alesp, uma reunião do Colégio de Líderes das bancadas dos partidos na segunda-feira (26) deve marcar uma nova data para votação do projeto.

Proposta inconstitucional

O projeto de lei 504 de 2020 é de autoria da deputada Marta Costa (PSD), que está no segundo mandato como deputada estadual e foi candidata à vice-prefeita na chapa de Andrea Matarazzo.

Ela integra a Assembleia de Deus, é coordenadora do departamento infantil do Ministério do Belém, e filha do pastor José Wellington Bezerra da Costa, presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.

No texto ela alega o desejo de acabar com propagandas que geram "desconforto emocional a inúmeras famílias, além de estabelecer prática não adequada a crianças".

"A intenção é limitar a veiculação da publicidade que incentive o consumidor do nosso Estado a práticas danosas", diz.

No Brasil, a ética publicitária já é fiscalizada em nível federal desde 1980 pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), que tem a missão de impedir a publicidade enganosa ou abusiva, que cause constrangimento ao consumidor ou a empresas, ao mesmo tempo em que defende a liberdade de expressão comercial.



Foto de arquivo mostra bandeira do orgulho LGBT carregada na Avenida Paulista durante uma Parada Gay — Foto: Miguel Schincariol/AFP

Como foi a tramitação

A deputada Janaína Paschoal (PSL) acrescentou uma emenda ao texto, alterando a expressão “preferências sexuais” por “gênero e orientação sexual”. Ela incluiu a preocupação com os adolescentes.

A deputada Erica Malunguinho (PSOL) propôs um voto em separado quando o projeto ainda era discutido e sugeriu que fosse alterado, de modo que vedasse a publicidade de materiais que fizessem alusão a drogas, sexo e violências explícitas, e não com a presença de LGBTs.

"Associar pessoas LGBTIs a essas características, pela sua condição, por simplesmente serem quem são, é, além de desumanizador, cruel – afinal, a afeição a 'práticas danosas', ou a exercício de 'influência inadequada', pode ser feita por qualquer pessoa e não se condiciona ao fato de alguém pertencer a determinada condição da diversidade sexual e de gênero", pontuou a deputada Erica Malunguinho.

Outros parlamentares também repudiaram o texto de Marta Costa, com a emenda de Janaína Paschoal.

“Este projeto mostra uma clara inversão de valores: precisamos, sim, proteger as nossas crianças, pois esse é nosso dever enquanto mães, pais, educadores e parlamentares, mas precisamos protegê-los da violência, dos abusos, das desigualdades e da falta de condições. Precisamos também protegê-las dos preconceitos e da exclusão”, disse a deputada Marina Helou (Rede).

No entanto, o texto com a emenda foi aprovado pelas comissões de Constituição e Justiça, e de Direitos Humanos, conduzidas pelos votos favoráveis dos relatores Carlos Cezar (PSB) e Gilmacl Santos (Republicanos).



Fachada da Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) — Foto: José Antonio Teixeira/Alesp/Divulgação

Diversas associações reagiram e encaminharam ofícios à Alesp contra a proposta na tentativa de impedir que seja aprovado em plenário.

A Comissão da Diversidade Sexual e de Gênero, da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), enviou um longo parecer técnico para que os deputados conheçam a inconstitucionalidade da proposta em diversos níveis, pois, além de sugerir censura, pretende legislar sobre a propaganda comercial, que é de competência da União.

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) encaminhou uma nota de repúdio em que expressa a percepção de que a aprovação do projeto, uma "aberração jurídica", configuraria a institucionalização da LGBTfobia.

O coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero (EIG) entendeu o PL como uma proposta "escrita com discurso de ódio": "É desumano em muitos termos, pois além de criminalizar pessoas LGBTQIA+ por serem quem são, ainda propõe que elas são ameaça às crianças, esquecendo que elas têm filhos, sobrinhos, são profissionais da saúde, da educação e tantas outras profissões que tratam diretamente da infância".

No ofício da ONG Mães pela Diversidade, elas afirmam que o "nefasto e cruel PL 504/2020, que associa pessoas LGBTs a 'práticas danosas' e 'influências inadequadas', desumaniza nossos filhos e vai contra tudo aquilo que lutamos", na medida em que desconsidera a existência de crianças e adolescentes com estas orientações sexuais.



Foto de arquivo tirada em 2020 mostra estudantes em passeata pelos direitos de gênero, em Bangcoi, na Tailândia — Foto: Athik Perawongmetha/Reuters

Resistência nas redes

Além da reação dentro da Assembleia Legislativa, o PL ganhou repercussão negativa devido ao repúdio das maiores agências de publicidade do país e seus clientes, grandes empresas, que lançaram as hashtags #AbaixoPL504, #LGBTNãóÉMáInfluência e #RespeitaHumanidadeLGBT.

A Associação Brasileira de Agências de Publicidade (ABAP), formadas por agências como Young & Rubicam, Ogilvy, WMcCann e Publicis, emitiu uma nota em que "manifesta o seu repúdio ao Projeto de Lei que pretende impor discriminação à liberdade de expressão comercial e ao direito de orientação sexual".

A entidade lembra que a Constituição estabelece a exclusividade da União em legislar sobre publicidade comercial, assim como veda qualquer afronta ao direito à liberdade, à igualdade e à censura de natureza ideológica e social.

Paralelamente, a agência Mutato também reuniu lideranças do mercado na tentativa de "evitar que ameaças como esta impactem conquistas importantes da comunidade LGBTQIAP+". O grupo tem adesão de outras agências e empresas como Ambev, iFood, Facebook e Twitter.

O Fórum de Empresas e Direitos LGBTI+ também publicou uma nota assinada por 108 presidentes de grandes empresas, como a hoteleira Accor e a Coca-Cola, em que considera o PL "uma proposta de prática danosa aos direitos humanos e uma influência inadequada à garantia constitucional de liberdade de expressão e liberdade econômica".

A Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) e a Associação Brasileira de Licenciamento (Abral) também fortaleceram a resistência contra o projeto de lei.

Para a Aberje, "diversidade e inclusão são fontes de criatividade e, consequentemente, de inovação e riqueza. Um país que acolhe e respeita todas as pessoas em sua individualidade é mais democrático e próspero, inclusive economicamente".

Para a Abral, essa iniciativa fere a Constituição Federal porque a legislação sobre a propaganda comercial é de competência da União, porque "agrave o dispositivo constitucional que trata da liberdade de expressão das comunicações, isso sem falar na norma fundamental que celebra a igualdade".

Anexo P – Comentários na rede *Facebook* da webnotícia – WPNR#1

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

 Eu trabalhei em um salão, onde havia outra gay além de mim, o jeito dela, a voz enfim tudo nela me irritava, seria homofobia, acredito que sim, afinal sou homem, não hétero graças a Lady Gaga kkkk.
Fica a reflexão, a coisa mais normal é não gostar de alguém. Bora parar de vitimismo.

Curtir · Responder · 17 sem · Editado

26 respostas

 Na cabeça dele pra ser macho tem que ser do campo....cuspir no chão e coçar o saco...Ele foi criado assim o erro que ele comete é achar que todo são iguais a ele e por isso se identificou com o Caio que na verdade estão parecendo um casal...

Curtir · Responder · 17 sem

18 respostas

 Nunca fui com a cara.Me passa um ar de rude e que vai aonde convem...Mas tanta agonia assim pode ser o reverso ne 🤔

Curtir · Responder · 17 sem

1 resposta

 Quando o cara destaca-se por ser machista, homofóbico e contar suas aventuras na cama... Ali há um sujeito inseguro de um lar onde não se esperava mais da mãe do que cuidar de uma casa, e cujo pai não possuía cultura suficiente para dar ao filho compreensão de coisas e eventos além do básico para viver uma vida mediocre. Se um cara faz declarações como esta com milhões de espectadores a ouvi-lo o que diz entre amigos e parças? E o tal do preconceito institucionalizado. É tão cabal que só não passa batido se tocarmos no assunto.

Curtir · Responder · 17 sem

 Rodolfo é BOLSOMINION, seria estranho ser diferente

Curtir · Responder · 17 sem · Editado

13 respostas

 Homofobia claro. Esse Rodolfo deve ser extremamente mal resolvido.

Curtir · Responder · 17 sem

6 respostas

  O Rodolfo incomoda-se até com o jeito de falar e com a maneira de como Gil comporta-se. Ele não reclama do jeito do João mais especificamente ou de outros brother e sisters lá dentro. Os trejeitos de Gil afrontam uma sociedade que na encolha come mas em público demoniza. No começo achei ele forçado e realmente escandaloso mas hoje vejo que esse é o jeitinho dele e isso é algo imutável. Eu sinceramente acho difícil alguém manter um personagem daquilo que não é por tanto tempo veja como a Karol rompeu essa barreira. Ela chegou toda cheia de amor e muita gente imaginou que ela seria uma das melhores jogadoras mas o personagem caiu por terra. Para o Rodolfo, é só ele ficar quietinho para não cair em paredão duplo com o Gil e acabar descobrindo quem o público ama.


Curtir · Responder · 17 sem   73

↳ 2 respostas

  Então, já vi esse texto antes, Sinceramente o que mais tem é "Bolsominion Macho Fora do meio" enrustido e garanto que a maioria faz no sigilo, pode até parecer clichê, mas é a verdade, já passei por isso três vezes e como sou FBI, quando achei as informações, Bolsominion, que levanta a bandeira dos E.U.A, ARMAS e morre pelo Bozo!

Curtir · Responder · 17 sem · Editado   43

↳ 3 respostas

  Olha tem gente aí defendendo até.... mas pai amado, esse Rodolfo não segurou a onda desde o começo, reparem!!!! Tem vários vídeos dele olhando torto com cara de nojo pro Gil quando ele tá se divertindo ou soltando os gritinhos que a gente ama. Ele adora essas criatura GLS, acha muito divertido... sqñ

Curtir · Responder · 17 sem  6

  Os incomodados que se retirem. Basta ir ao confessionario e pedir pra sair.... tao simples 😊

Curtir · Responder · 17 sem · Editado   13

↳ 1 resposta

  Para alguém que disse que bateria no Gil, quando ele ainda estava com o Lucas no quarto, não é novidade, não sou muito fã dos "gritinhos" dele, mas também não o vejo como uma má pessoa, homofobia ainda é muito grande!

Curtir · Responder · 17 sem · Editado   17

↳ 5 respostas

  Síndrome do passarinho na gaiola , não entende o prazer de ser livre ou se incomoda com a liberdade dos outros . 🙄

Curtir · Responder · 17 sem · Editado   13

  A pensar de gostar do Gi, também me incomoda os gritinhos dele, me diz Oq foi a prova bate volta? cada pisada na jaca um gritinho... nem tudo é homofobia!

Curtir · Responder · 17 sem    4

↳ 5 respostas

  Gente, vários LGBT+ nesse post "passando" pano pro bolsonarista... Coragem viu?

Curtir · Responder · 17 sem  5

  Então todo mundo deveria sair de perto de alguém por algum motivo... Já pensou!!

Curtir · Responder · 17 sem · Editado  1

  Esperar o que de um Bolsominion sertanejo?

Curtir · Responder · 17 sem  12

Anexo Q – Comentários na rede Facebook da webnotícia – WPNR#2



Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

Normal, de vez em quando nós também chamamos outras pessoas de criatura e nem é no modo pejorativo. Parem de lumenar. E eu não tô falando isso porque quero que ele fique, não tenho nada contra os três no atual paredão, mas ele já levou o meu voto.

Curtir · Responder · 20 sem 53

↳ 36 respostas

Aqui no nordeste a gente fala muito criatura mesmo. Eu uso pra falar com mulheres e homens. E não acho que ele foi infeliz na afirmação, pelo contrario, mostrou a simpatia dele. E existe muito gay engraçado mesmo, disso não podemos discordar. Até eu que sou gay me acabo de rir com yag engraçada.

Curtir · Responder · 20 sem 25

↳ 21 respostas

Melhor exemplo é o gil. Adoro ele, muito alegre é diversão na certa. Aliás a palavra gay significa o que mesmo?

Curtir · Responder · 20 sem 11

↳ 7 respostas

Sou fora Rodolfo, mas infelizmente tanto ele quanto Caio vão longe no jogo.

Curtir · Responder · 20 sem 9

↳ 3 respostas

O que encontramos nos comentários é um grande número de pessoas indignadas com um apontamento, fazendo outros apontamentos enquanto se acham as "menos chatas". Tá certo. A internet está nos emburrecendo.

Curtir · Responder · 20 sem · Editado 11

↳ 2 respostas

Eu não me senti ofendido, achei foi engraçado msm, vcs se doem por qualquer coisa, a militância chega a ser chata e desnecessária e essa onda de cancelamento, antes vcs deveriam tentar cancelar o presidente que ainda tá lá

Curtir · Responder · 20 sem 21

↳ 2 respostas

 Querem problematizar com um vídeo antigo. Que coisa chata!!! Estão pior que a insuportável da Lumena.
Ele apenas não soube se expressar, usou palavras erradas e dos que estão ali na casa o Rodolfo é uma das pessoas mais leves e de boa.

Curtir · Responder · 20 sem · Editado    52

↳ 26 respostas

 Gente, vejam o vídeo antes de julgar. O título tá meio tendencioso. Eu não senti maldade nenhuma na fala dele, e ele não é desconstruído neh? Ninguém é

Curtir · Responder · 20 sem    41

↳ 14 respostas

 Vocês já sabem em quem ele votou né?! Pois é! Até fez campanha! Por isso eu voto pra ele ser eliminado! O problema é que ele não vai sair porque as pessoas estão caindo nos personagens dele e do Caio. A mim eles eles não enganam!

Curtir · Responder · 20 sem · Editado   13


↳ 6 respostas

 Põe na roda como sempre tentando de todas as formas pregar "militância" pra gerar polêmica. Para que tá feio, sem necessidade. Trata a cabeça, antes de jogar as matérias.

Curtir · Responder · 20 sem    85

↳ 41 respostas

 Desvalidar o debate com argumento de que o politicamente correto está demais, só da margem para que o discurso se mantenha. Se hoje podemos falar e debater é porque muitos LGBTQs do passado sofreram e tiveram coragem para pautar sobre suas questões!

Curtir · Responder · 20 sem   7

 Parem com isso!!!! Criatura é jeito de falar aqui no Goiás gente !!! Sou gay e não vi nada demais!!! E quando ele fiz que fazem rir e pq somos pessoas agradáveis!!! Afff que chatice da porra!!!! Parem de deturpar as palavras


Curtir · Responder · 20 sem    42




↳ 10 respostas

 Já observou o Gilberto (Ativo Comedor do Grindr, que vcs mesmos publicaram aqui)? Ele é o que, senão um palhaço?


Curtir · Responder · 20 sem    6



↳ 3 respostas

 Anhh parem de cancelar ele!
Talvez ele seja gay, porém incubado
E o cara tá indo muito bem lá, queremos que o casal Caio e Rodolfo continue!

Curtir · Responder · 20 sem · Editado    21

↳ 6 respostas

 É só cavar que vai sair mais podre desse bolsominion

Curtir · Responder · 20 sem   20

↳ 4 respostas

Anexo R – Comentários na rede Facebook da webnotícia – WPNR#3

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

[User] · Seguir
Não sei como conseguem, se uma relação a dois já é desafiadora as vezes , imagina a três. 19

Curtir · Responder · 17 sem
↳ 1 resposta

[User]
Um casal gay que adota um bebê junto com o amante. Trisal pra mim não cola. 27

Curtir · Responder · 17 sem
↳ 26 respostas

[User]
Deve ser um eco tão grande na cabeça dessas pessoas que ditao regras sobre relacionamento alheio, sobre oque as pessoas fazem ou não com a vida delas, nessa publicação só conseguimos ver três pessoas que se relacionam, cuidando de outras com amor e cuidado, e oque tem de errado nisso ?! O errado é você escolher criticar oque nem mesmo vc faz, que é respeitar o próximo, vamos aprender a cuidar da própria vida e deixar o coleguinha cuidar da vida dele, e já era! Povo chato do Caralho. 74

Curtir · Responder · 17 sem
↳ 13 respostas


[User]
Seja relação homoafetiva ou não acho um EXAGERO! 63

Curtir · Responder · 17 sem
↳ 67 respostas


[User]
Eu cresci Assistindo Três é demais ❤️ família linda 8

Curtir · Responder · 17 sem

[User]
Queria eu, ter três pais que me assumissem, me amassem e me respeitassem, não tenho nenhum, minha mãe fugiu dele quando eu era de colo, graças a Deus!

 **Eu acho q e melhor ter 3 pais e ter muito amor q serem largados a própria sorte indepedente de qualqer coisa creio q eles estão muito felizes** 5

Curtir · Responder · 17 sem


 **As yags dizendo que trisal não existe kkkkkk o melhor e ter o namorado e os amantes escondido né?** 16

Curtir · Responder · 17 sem

↳ 6 respostas


 **Sei lá, não sou capaz de julgar - ninguém é. Se eles estão felizes e não estão sendo escrotos com ninguém, tá perfeito. Não é da minha conta ficar cuidando da vida dos outros.** 6

Curtir · Responder · 17 sem


 **E tem gente que se incomoda, sendo que tem milhões de pessoas sem o nome do pai biológico na certidão!** 1

Curtir · Responder · 17 sem


↳ 1 resposta

 **Eu não imaginava,, inusitado, mas família é união e amor de todas as formas!** 5

Curtir · Responder · 17 sem

 **Eu não consigo me imaginar em uma relação a 3 ou aberta. Mas respeito, que sejam felizes!** 2


Curtir · Responder · 17 sem

 **Que sejam felizes e cuidem bem dos filhos garantindo amor e uma ótima criação.** 2

Curtir · Responder · 17 sem

 **Acho que a criança já nasceu com muita sorte 😊
Muitas crianças já nascem rejeitadas pelo pais, essa tem tres que amam ela. Lindo d+** 10

Curtir · Responder · 17 sem

 **E eu sem pai 😊
Esses bebês vão ter tanto amor** 7

Curtir · Responder · 17 sem · Editado

Anexo S – Comentários na rede *Facebook* da webnotícia – WPNR#4

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...


 "De acordo com a pesquisadora Joanna Harper, do Providence Portland Medical Center, nos Estados Unidos, a diminuição da testosterona é suficiente para igualar as competidoras transexuais às mulheres biológicas, chamadas de cis. Esse teste seria satisfatório para provar que as atletas podem competir juntas."

Curtir · Responder · 18 sem 👍 1


↳ 1 resposta


 Esses conservadores usam sempre os mesmos argumentos :


- Destruição do esporte feminino
- Destruição da família
- Destruição dos valores cristãos e da moral

🙄🙄🙄🙄🙄🙄

Curtir · Responder · 18 sem


 É uma transfobia e ponto!!! Pq se fosse questão de justiça, pela massa do corpo mesmo, teriam pedido estudos antes de qualquer tipo de "banimento". Eu entendo que é complexo, mas não dá pra sair banindo as pessoas assim. Me recordo muito bem de uma jogadora que eu amava, Paula Pequeno, sendo a primeira a puxar esse assunto e ela é bem conversadorinha17... Espia só!

Curtir · Responder · 18 sem 😂👍 11


 Gente esse assunto é tão complexo, tão complexo, eu acho que não se resume a transfobia, mas tbm não to acompanhando na mídia, então tomara que se resolva logo, e mulheres trans não precisem lidar com esse tipo de situação!

Curtir · Responder · 19 sem 👍 55

↳ 5 respostas


 Em vez de pensar, o quanto o esporte feminino ira evoluir!!

Curtir · Responder · 19 sem 👍🙄🙄 24

↳ 11 respostas

O caso da Tiffany é emblemático de que quem já treinava há anos antes da transição mantém massa muscular muito além do limite corporal de qualquer mulher cis. Qualquer um que treine e faça uso de esteroides anabolizantes sabe a diferença que isso faz. Não cabe julgar como transfobia, uma vez que se perde a isonomia na competição.

Curtir · Responder · 19 sem 👍❤️ 157

↳ 22 respostas

A mulheres Aquelas que não podiam estudar, escolher sua roupa, o marido, nem com quem perder a virgindade, maquiagem não podia, votar ? Capaz... Eram consideradas incapazes para realizar qqr a mais que limpar casa e servir o marido, podiam até ser castigadas fisicamente com a autorização divina e civil, daí muitas lutaram , morreram por espaço e igualdade.... Daí vem umas e fazem o q?? Oh paciência.

Curtir · Responder · 19 sem · Editado 👍👎 8

↳ 5 respostas

Pq ao invés de lutar contra isso , N fazem um campeonato trans. As vezes é melhor do q falar , falar e falar e nada adiantar.

Curtir · Responder · 18 sem 👍❤️ 32

↳ 14 respostas

Muitas pessoas só descobrem que é trans na maioridade com exame de DNA, isso não pode ser motivo para a exclusão.

Curtir · Responder · 18 sem 👍👎 7

↳ 4 respostas

Eu iria adorar pegar esses nomes que assinaram essa listinha da petição e já cancelar todo mundo

Curtir · Responder · 19 sem 👍👎👎 11

↳ 10 respostas

Preconceito velado! Como se entre cis fosse tudo igual e tbm nem todos os homens cis são mais fortes q as mulheres cis. E o principal quesito é o técnico, ã basta uma pessoa ser forte ou aparentar força q vai ser bem sucedida no esporte... É no mínimo ridículo esse ataque q estão fazendo!

Curtir · Responder · 19 sem · Editado 👍👎👎 22

↳ 5 respostas

Não seria mais fácil incentivar a inclusão? Para ter pelo menos uma atleta trans em cada equipe? Seria ótimo para todos... tenho certeza, o que as trans precisam é de incentivo para se verem nesses lugares... pra que excluir quando se pode viver e aprender juntos?

Curtir · Responder · 19 sem · Editado 👍❤️👎 23

↳ 4 respostas

Desculpa mas acho justo. A força delas é diferente.

Curtir · Responder · 18 sem 👍👎👎 14

↳ 1 resposta

Áinda faltam estudos na área que comprovem que é um jogo igual para mulher cis e mulher trans. Faltam estudos pra comprovar se a transição tardia dá as atletas alguma vantagem, e se na transição precoce as condições são as mesmas. Enfim, é um assunto bem mais complexo do que resumir em transfobia.

Curtir · Responder · 18 sem 👍❤️👎 91

Eu já vi inúmeros casos de mulheres trans que perderam para mulheres cis. Mas quando uma mulher trans ganham e um falatório parece que não sabe perde.

Curtir · Responder · 19 sem · Editado 👍❤️ 23

↳ 2 respostas

Pelos comentários dá para perceber a ignorância da maioria das pessoas sobre o assunto. É Transfobia sim!

👍👎👎 7

Anexo T – Comentários na rede Facebook da webnotícia – WPNR#5

Mais relevantes ▾


Escreva um comentário...

 **Alguém traz o whey que o bombado ta delirando!**
Curtir · Responder · 17 sem  1
↳ 1 resposta

 Não havia achado o erro na colocação, é muita sigla, muitas divergências, tantas regras, mas com a ajuda dos amigos compreendi a colocação dele, e a falta de esclarecimento, assim como eu também não tinha.
MAIS.COM  **mais.com**   8
Curtir · Responder · 17 sem · Editado
↳ 12 respostas

 De daí se ele não concorda com esses malucos só por isso ele vai sair do jogo. Cadê a tal liberdade de expressão que tanto falam. Isso só prova que essa globo e altamente manipulável
Curtir · Responder · 17 sem  4
↳ 2 respostas

 Calado ele seria tão lindo hehehe
Curtir · Responder · 17 sem    14
↳ 1 resposta

 Pq vcs ressuscitam esses seres? Não dê palco pra isso não. Qual relevância esse ser tem no mundo?
Curtir · Responder · 17 sem  42
↳ 2 respostas

 Pois é, mas está cheio de discursos que pessoas LGBT superaram o sexo biológico e que o binarismo não representa uma nova realidade pós estruturalista.
Ele não tá errado.
Curtir · Responder · 17 sem  5

[Profile]
As pessoas que não são homem nem mulher são as pessoas não binárias... Essa fala dele pode se aplicar especificamente a pessoas não binárias, mas não se aplica a toda a comunidade LGBT+.

Curtir · Responder · 17 sem · Editado

👍👍👍 3

↳ 1 resposta

[Profile]
Opa, Jean Willis não era LGBT então? hahaha

Curtir · Responder · 17 sem

👍 1

↳ 6 respostas

[Profile]
Agora que percebi que o sobrenome dele é pq ele parece um galinho de rosto

Curtir · Responder · 17 sem

[Profile]
O que essa bozena sabe 🤔

Curtir · Responder · 17 sem

👍 1

[Profile]
Não é à toa que saiu com fama de Chernomacho... Mas é um grande idiota mesmo...

Curtir · Responder · 17 sem

[Profile]
Ele está certo!!
Somos semi-deuses! 🙌👍👍👍

Curtir · Responder · 17 sem

👍👍👍👍 4

[Profile]
Segundo a Karol somos E.T com a trilha sonora de kety Perry

Curtir · Responder · 17 sem

👍👍👍 7

[Profile]
É o senso comum de 90% da população. Pessoal ao invés de ensinar quer lacrar com respostas mal educadas . Da nisso

Curtir · Responder · 17 sem

👍👍👍 3

↳ 5 respostas

[Profile]
Eu sou alien 🛸

Anexo S – Comentários na rede *Facebook* da webnotícia – WPNR#6

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

[Avatar]
"Sexo é biológico, gênero é social. E o gênero vai além do sexo: o que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente".
Curtir · Responder · 17 sem 8

[Avatar]
"A identidade de gênero se refere ao gênero com o qual a pessoa se identifica enquanto o sexo biológico está relacionado aos aspectos anatômicos da espécie humana, "como as genitálias, por exemplo".
Curtir · Responder · 17 sem 1


[Avatar]
"Aí a criança cresce, vira um adolescente. E quando este ser neutro de aparência máscula atlética como a maioria dos jovens são, resolve entrar no banheiro feminino junto com a filha desta mulher que aplaude tal situação. Esta não permite. Jogando por terra todas estas palavras lindas que aqui afirmam. Na hora da verdade essa conversa é outra.
Curtir · Responder · 17 sem 5
↳ 23 respostas

[Avatar]
Eu discordo desse meio de pensamento, mas eu acredito que a pessoa em qualquer idade deveria decidir dizer se ela ou ele quer ou não mudar de gênero. Minha prima trans só decidiu isso aos 23 anos, algumas pessoas ainda criança. Tenho uma criança conhecida minha que o nome dele é Daniel, mas aos 7 anos queria que todo mundo chamasse ele de Daniela. Cada um tem seu próprio meio de pensar no que é certo para o próprio filho, eu não critico a atitude dos pais, acho que eles fazem o que acham melhor e isso é o suficiente para me deixar contente pelo bebê.
Curtir · Responder · 17 sem · Editado 12
↳ 4 respostas

[Avatar]
Seria ótimo de todos nascessem sem gênero definido .não por questões de ser mulher ou homem e quando crescer ser do outro gênero oposto .e sim pela questão comportamental que se impor a crianças que menina e isso e aquilo que homem e isso e aquilo o mundo ia com certeza ficar melhor em questões de estropos machismo entre outras questões
Curtir · Responder · 17 sem 22
↳ 2 respostas

Penso que ao invés desse briga judicial os pais que tem deixar o sexo biológico nos documentos e garantir um espaço saudável de autonomia da criança dentro de casa Para que mais tarde, se identificada a transexualidade, daí sim prestar todo apoio para ... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 17 sem 7

Farei de tudo pra meu filho(a) não ter gênero pré definido tbm 

Curtir · Responder · 17 sem 101

↳ 2 respostas

Prontuário médico:
Qual o gênero da criança?
() Masculino. () Feminino. () Indefinido

Curtir · Responder · 17 sem 11

↳ 4 respostas

"Sobre a criação do bebê, Kori afirmou que será o mais neutro possível, lhe dando todas as possibilidades para que ela decida seus gostos, identificações, tendo todo amor e apoio pra que seja a pessoa mais inteira que puder."
A pessoa não vai impedir a... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 17 sem 8

↳ 1 resposta

Tudo no seu devido tempo,o nascimento de um ser inocente deve acontecer com naturalidade,nascemos homens e mulheres,um bebê não possui noção do mundo pelo qual acabou de chegar,vamos com calma!

Curtir · Responder · 17 sem 17

↳ 1 resposta

Faz todo o sentido. Isso deveria ser aplicado a todos. Se perante a lei não há distinção entre "masculino" e "feminino" qual é a necessidade de rotular e limitar as pessoas com algo que deveria ser estritamente pessoal?

Curtir · Responder · 17 sem 11

↳ 1 resposta

Como esse bebê conseguiu isso, se pela foto ele mal sabe quem é, Onde está, e nem sabe falar?

Curtir · Responder · 17 sem 7

↳ 2 respostas

O bebê não decidiu nada kkkkkk, como sempre quem decidiu foram os pais, o gente iludida.

Curtir · Responder · 17 sem

Ah, mas isso não depende de um documento né? 🙄 Qdo crescer decide e se tiver que mudar o documento a gente muda mesmo.

Curtir · Responder · 17 sem · Editado

Nossa cara difícil. A pessoa se considera pai/mãe do bb pq não se considera homem nem mulher. Difícil.

Curtir · Responder · 17 sem 5

↳ 1 resposta

Anexo T – Comentários na rede *Facebook* da webnotícia – WPNR#7

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

[User]
"Miss universo trans"? Só para as trans..... Acho que elas buscam inclusão na sociedade e colocar elas num concurso com mulheres "naturais" seria algo incrível. Sério que vocês dão a opção de fazerem um concurso só pra trans pq é mais fácil do que in... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 16 sem 27

↳ 18 respostas

[User]
Concursos de beleza não deveriam nem existir. São gordofóbicos, objetificadores e, agora, transfóbicos. Uma pena que mulheres ainda se sujeitem a isso.

Curtir · Responder · 16 sem 8

↳ 3 respostas

[User]
Um absurdo.... mulher trans é mulher sim!!! Na transição existe um acompanhamento psicológico que determina fatores decisivos... e outra, são bonitas delicadas etc... é como vc dizer que uma negra não participa de concurso de branca... existem sim di... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 16 sem · Editado 21

↳ 14 respostas

[User]
Gente, é óbvio que eles vão proibir as mulheres trans, pq as chances de serem muito mais bonitas que as "naturais" é bem maior e não pode ter plásticas e etc...

Curtir · Responder · 16 sem 63

↳ 16 respostas

[User]
Tem o lance também que no Miss Universo só participam as terráqueas. Tem que ver isso aí, heim..🔴 bom sábado a todos.

Curtir · Responder · 16 sem · Editado 1

[User]
Deve ser muito duro perder um concurso para uma mulher trans . Até pq o miss já é um concurso hegemônico que prioriza os traços e características eurocêntrica. O etnocentrismo .🙄

Curtir · Responder · 16 sem 6



Anexo U – Comentários na rede *Facebook* da webnotícia – WPNR#8

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

Ah o amor cristão 😞
Ele estava tão animado pra fazer essa entrevista, me deu um nó na garganta vendo a energia dele se dissipando, sem acreditar no que estava acontecendo.
Curtir · Responder · 20 sem 174

↳ 27 respostas

O vídeo é constrangedor!!! O cara só estava trabalhando. Ódio.
Curtir · Responder · 20 sem 63

O cara super animado e feliz pra fazer a entrevista e o velho acha ruim que ódio
Curtir · Responder · 20 sem 13

Choque de gerações, o senhor até assustou com a anergia da Bee
Curtir · Responder · 20 sem 2

O Drag ? liiiiiiii. 😞 Religião hoje na maioria dos casos serve só pra esconder gente mau caráter.
Curtir · Responder · 20 sem · Editado 18

não dá pra ridicularizar uma pessoa que já está sendo ridícula
Curtir · Responder · 20 sem 59

↳ 1 resposta

O garoto foi um fofo, ele sabia do que se tratava, ainda sim se manteve, fiquei com vontade de chorar, e com raiva desse senhor, que se diz cristão, que ele se destaque na profissão dele, achei muito fofo mesmo.
Curtir · Responder · 20 sem 21

Elas gostam dessas religiões que não gostam delas, tá aí 🙄
Curtir · Responder · 20 sem 6

O menino super fofo, educado e trabalhando direitinho.
Curtir · Responder · 20 sem 12

[Profile]
Pra mim, tá parecendo que o padre pensou que era uma entrevista dessas estilo programa pânico, até porque antes das entrevistas geralmente o entrevistador passa as informações para o entrevistado ficar ciente do assunto que será abordado. Se não for, Deus lhe perdoe.

Curtir · Responder · 20 sem 8

↳ 1 resposta

[Profile]
A igreja não gosta da gente
Não sei porque tem gay que fica insistindo em fazer parte dela ...
O vídeo é constrangedor

Curtir · Responder · 20 sem 29

↳ 6 respostas

[Profile]
O q mais incomoda nas pessoas é a feminilidade.

Curtir · Responder · 20 sem 19

↳ 11 respostas

[Profile]
Gente temos que observar que dentro de um contexto de mídia, existem reportagens de todos os jeitos inclusive de humor de forma a ridicularizar a sigla LGBTQIA, ajudando a enraizar esse preconceito, não que justifique a atitude porém temos que parar de ... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 20 sem · Editado 2

↳ 4 respostas

[Profile]
Pelo o que eu percebi no vídeo, o rapaz não se atentou ao preconceito do religioso, vcs tb tiveram esta impressão ???

Curtir · Responder · 20 sem 9

↳ 3 respostas

[Profile]
Deu uma dó dele , ele tava tão feliz depois percebe a desfeita do velho .

Curtir · Responder · 20 sem 8

Anexo V – Comentários na rede *Facebook* da webnotícia – WG1#1

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

...
Tenham força! Tem alguns que os atacam e TEM MILHARES QUE OS AMAM!!!
Homofobia é crime!!! Não é sobre pecados, é sobre crime!!!
Curtir · Responder · 6 d · Editado
152
↳ 15 respostas

...
Padre padre deveria era ficar bem caladinho, não?! Um dedo pra frente e 4 voltados na direção do "santo" sacerdote. O diferencial aí é que o casal se assume e não se escondeentendedores entenderão. E não me venha com sermão hipócrita. Viva o amor!! Homofobia é crime .
Curtir · Responder · 6 d · Editado
66
↳ 1 resposta

...
Cade os direitos humanos para os policia,que foram cruelmente assassinado hoje.Cade as vidas NEGRAS IMPORTAM, estou me referindo também ao policial que morava no Estado do Rio de Janeiro , e era lotado no quartel em São Paulo, cadê justiça para esses homens? E uma hipocrisia do inferno
Curtir · Responder · 6 d
61
↳ 17 respostas

...
Como bem declarou o padre Julio Lancellotti, homofobia é crime!
Curtir · Responder · 6 d
183
↳ 21 respostas

...
Deixem as pessoas em paz, povo hipócrita, infeliz, pior com telhado de vidro 🙄
Curtir · Responder · 5 d
1

...
Toda forma de preconceito e discriminação, seja racial, opção sexual etc, tem que ser combatida, inclusive na esfera criminal...
Curtir · Responder · 6 d
39
↳ 5 respostas

 Pelo tanto de risadas, dá p saber porque o Brasil é o país que mais pratica homofobia, um ódio sem fim...misericórdia 😞
Curtir · Responder · 6 d 👍👎👏 67
↳ 8 respostas

 O que será que Jesus falaria para esse padre?! " Amai vos um ao outro como a ti mesmo"
Curtir · Responder · 6 d 👍👎👏 26
↳ 4 respostas


 Tem gente que realmente não tem o que fazer. A declaração foi super normal, respeitosa e bonita. Sem motivo para isso. Desnecessário.
Curtir · Responder · 6 d 👍👎👏 30
↳ 1 resposta


 A maioria dos homofóbicos declara seu ódio usando o nome de Deus como escudo : Deus nao gosta, não é coisa de Deus, está na Biblia...hipocrisia dos " santos".
Curtir · Responder · 6 d 👍👎👏 57
↳ 1 resposta

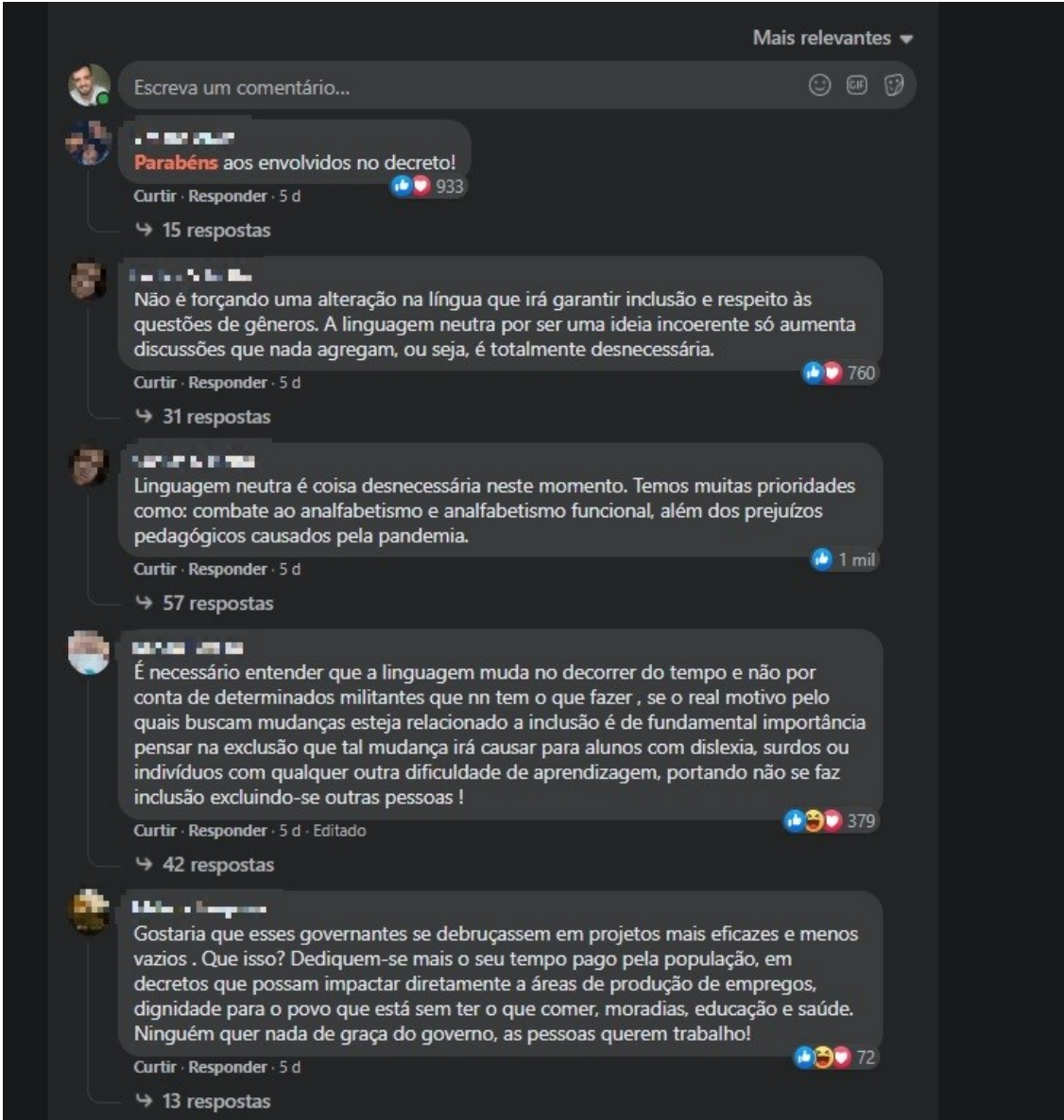
 É muita falta de amor e respeito ao próximo.
Curtir · Responder · 6 d 👍👎👏 18
↳ 1 resposta

 Mas os lanchinhos do padre estão garantidos! 😞😞😞
Curtir · Responder · 6 d 👍 14

 Reação à reação à reação à...
Pediram boicote, estão recebendo boicote, mais boicote...
"Precisamos repensar essa cultura do cancelamento"
Etc etc de um ciclo sem fim...
Rsrs 😞
Curtir · Responder · 6 d · Editado 👍👎👏 7
↳ 5 respostas

 O que existe é um desencontro de ideais.uns querem que todo mundo seja como eles, outros não aceitam por defesa da família. Como casar criar filhos e manter famílias seguindo a lógica da natureza.; União homem, mulher e filhos formação de família. Sem famílias, não há razão de vida. Não tem lógica. O problema é que as pessoas querem que todo mundo sejam igual a eles. E todos nós somos o que somos, e não os que os outros pensam que nós somos.
Curtir · Responder · 6 d 👍👎👏 20
↳ 33 respostas

 Opção sexual e Religião deveria ser igual a roupa íntima, use para você e não fique esfregando na cara dos outros, forçando elas a usarem o que você usa. As pessoas que prefere uma família composta de homem e mulher também merecem respeito ser conservador sexualmente falando,não significa querer que gays ou ... sejam mortos ou maltratados !!!! Estou falando de DISCRIÇÃO!!!!!! 😞 DISCERNIMENTO 😞 Temos que ter bom senso pra viver melhor
Curtir · Responder · 6 d · Editado 👍👎👏 17
↳ 16 respostas

Anexo W – Comentários na rede *Facebook* da webnotícia – WG1#2

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

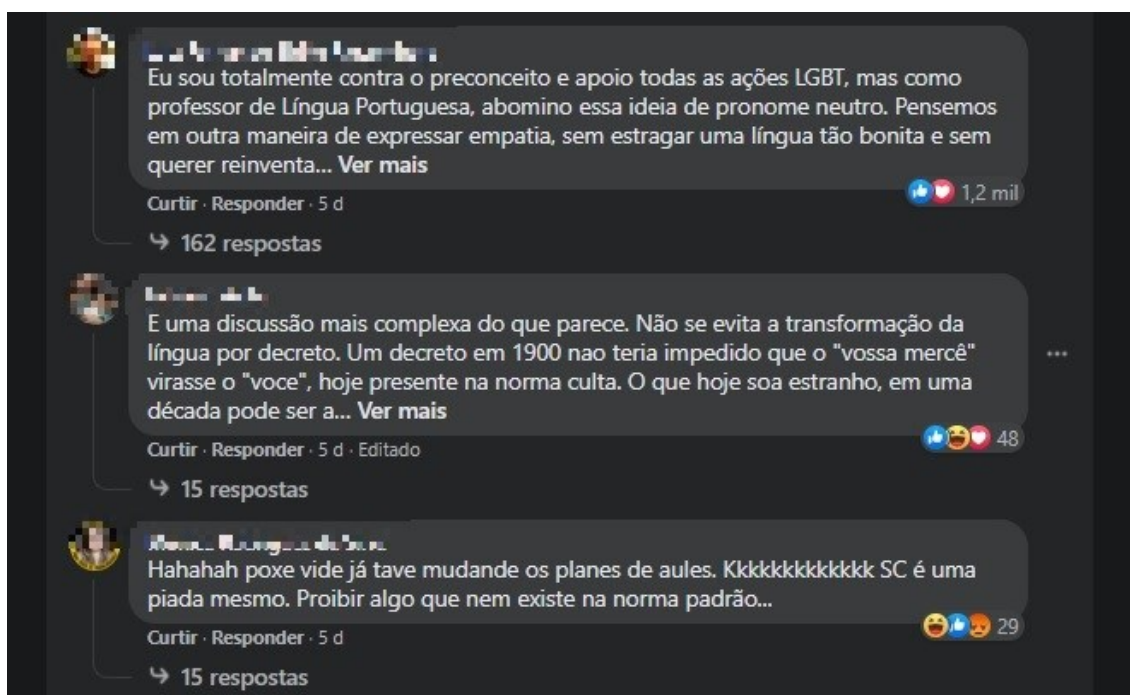
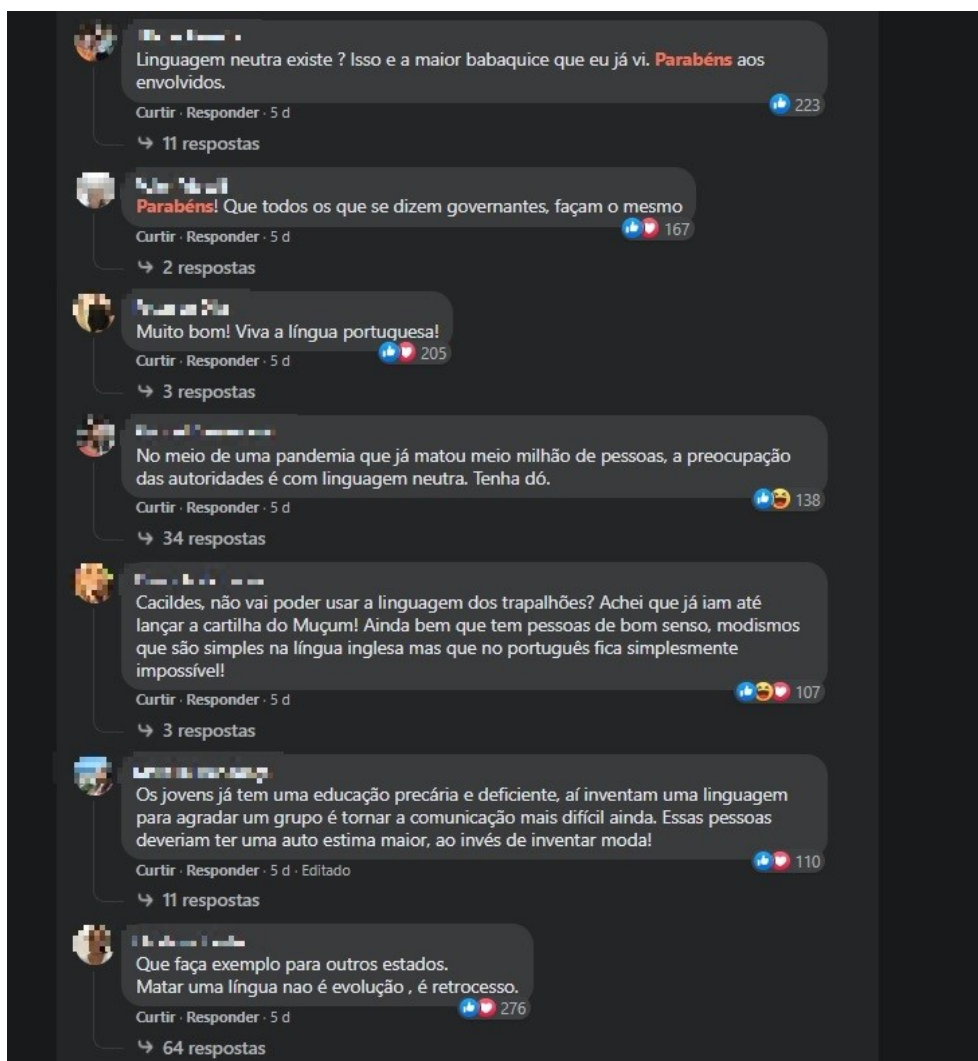
Parabéns aos envolvidos no decreto!
Curtir · Responder · 5 d 👍❤️ 933
↳ 15 respostas

Não é forçando uma alteração na língua que irá garantir inclusão e respeito às questões de gêneros. A linguagem neutra por ser uma ideia incoerente só aumenta discussões que nada agregam, ou seja, é totalmente desnecessária.
Curtir · Responder · 5 d 👍❤️ 760
↳ 31 respostas

Linguagem neutra é coisa desnecessária neste momento. Temos muitas prioridades como: combate ao analfabetismo e analfabetismo funcional, além dos prejuízos pedagógicos causados pela pandemia.
Curtir · Responder · 5 d 👍 1 mil
↳ 57 respostas

É necessário entender que a linguagem muda no decorrer do tempo e não por conta de determinados militantes que nn tem o que fazer , se o real motivo pelo quais buscam mudanças esteja relacionado a inclusão é de fundamental importância pensar na exclusão que tal mudança irá causar para alunos com dislexia, surdos ou indivíduos com qualquer outra dificuldade de aprendizagem, portando não se faz inclusão excluindo-se outras pessoas !
Curtir · Responder · 5 d · Editado 👍🤔❤️ 379
↳ 42 respostas

Gostaria que esses governantes se debruçassem em projetos mais eficazes e menos vazios . Que isso? Dedicuem-se mais o seu tempo pago pela população, em decretos que possam impactar diretamente a áreas de produção de empregos, dignidade para o povo que está sem ter o que comer, moradias, educação e saúde. Ninguém quer nada de graça do governo, as pessoas querem trabalho!
Curtir · Responder · 5 d 👍🤔❤️ 72
↳ 13 respostas



Anexo X – Comentários na rede *Facebook* da webnotícia – WG1#3

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

[Redacted]
Sou mulher transexual, trago sequelas na alma dilaceradoras na época de escola!
Curtir · Responder · 1 sem 545
↳ 32 respostas

[Redacted]
Gente podre preconceituosas precisa punir todos envolvidos ação do menino prova que foi criado sem preconceito!! Anjo querido! ❤️
Curtir · Responder · 1 sem 1 mil
↳ 121 respostas

[Redacted]
Acharam que iria parar ali em um grupo de whatsapp ... Orgulho de ver que as pessoas não tem mais medo de defender
Curtir · Responder · 1 sem 1,3 mil
↳ 8 respostas

[Redacted]
Que vergonha! Crianças querendo ensinar adultos sobre um tema tão importante e que, ainda somente se vê em debate em páginas policiais. Os adultos tem muito que aprender com a "pureza e a resposta das crianças", como bem disse Gonzaguinha..
Curtir · Responder · 1 sem · Editado 1,3 mil
↳ 70 respostas

Jenifer Cavallari
Esses "moralistas" normalmente são os piores exemplos. Não precisa mais do trabalho, todos agora vão ter que refletir sobre seus preconceitos diante dessa exposição.
Curtir · Responder · 1 sem · Editado 377
↳ 4 respostas

[Redacted]
Pelo menos dentro das 1.500 reações deste post só 185 são idiotas a ponto de achar graça de um absurdo desse.
Lamentável profissionais da educação terem uma postura tão retrograda e ultrapassada;
Tomara que sejam punidos com todo rigor necessário.
Curtir · Responder · 1 sem 1,3 mil

Telmi Silva
Absurdo vindo da parte de educadores e escola. Por que não era um assunto adequado? Talvez porque os educadores não estão preparados para falar sobre o assunto. É importante falar sobre isso, adequando a abordagem a faixa etária. Essa talvez seja grande diferença entre se educar em casa e na escola. Todas as crianças desta idade já têm acesso às diferentes orientações, ignorante quem acha que uma criança de 11 anos não percebe a sociedade em que vive. Cabia aí ao educador criar possibilidades de aprendizagens esses alunos, evitando também abusos, preconceito, violência....
Curtir · Responder · 1 sem · Editado 156
↳ 35 respostas

Bianca Alves
Não adianta nada tanta luta por respeito e igualdade entre seres humanos, se tem uns que são exatamente quem tem a ferramenta mais poderosa, que é o contato com a próxima geração, e continuam disseminando o preconceito e achando super normal.
Curtir · Responder · 1 sem 103

Alex Defavari
Se fosse em 1800 era uma coisa, mas em pleno 2021 adultos ainda com esse pensamento? Espero que o processo coma frouxo, gente preconceituosa não aprende por explicação, só por processo pra aprender a respeitar o próximo. Já que são respeitados por serem héteros.. É cada absurdo.
Curtir · Responder · 1 sem 705
↳ 48 respostas

Dominique Girondi
Tem que pegar cada adulto desses e tomar um processo bem gostoso para parar de imbecilidade, tema ótimo.
Curtir · Responder · 1 sem 218
↳ 49 respostas

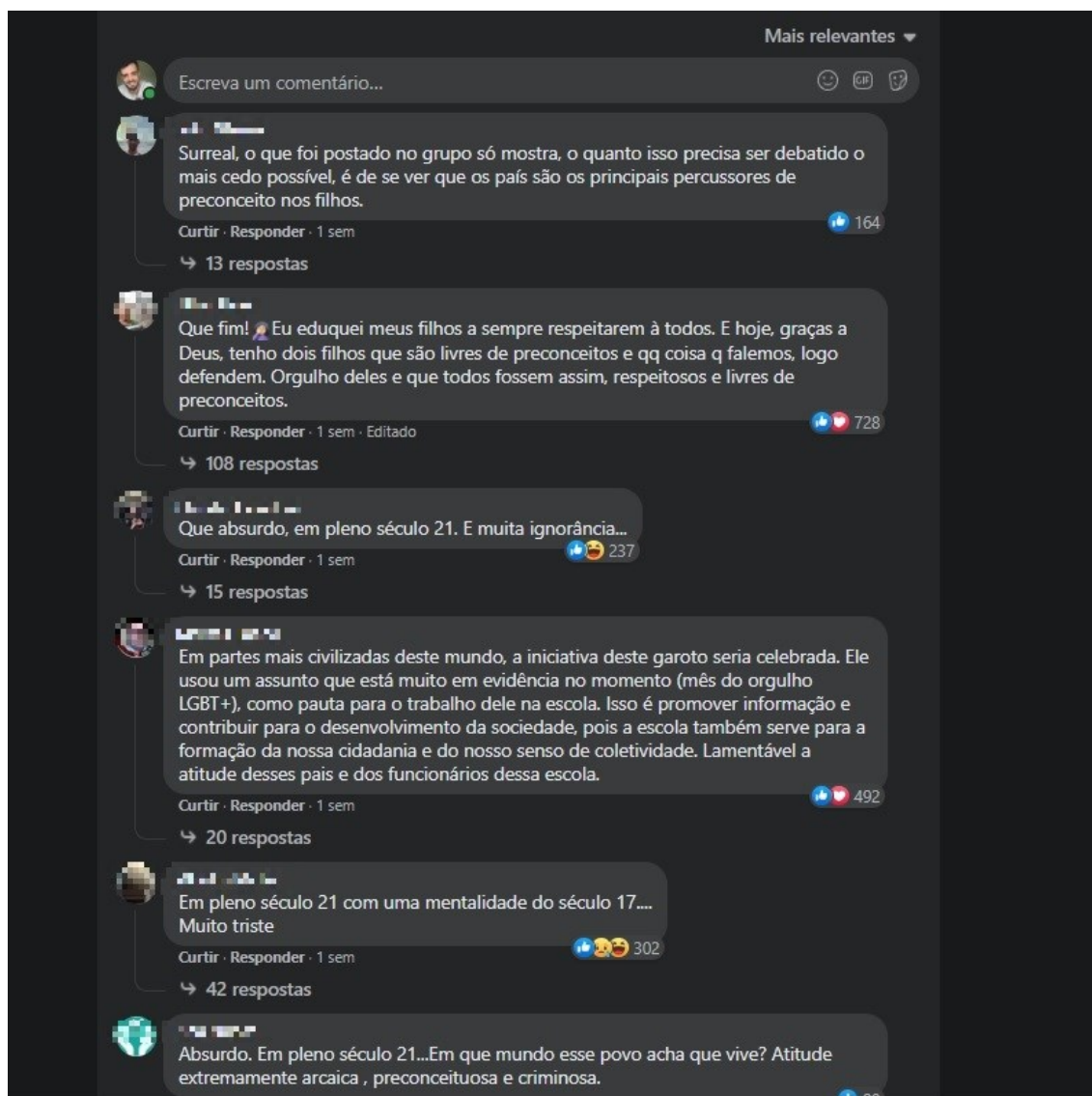
Priscila Figueiredo Corrêa
Absurdo a postura dessa escola. Nessa altura da vida com todas as notícias que vemos de preconceitos, violência e até mesmo morte ,alguém ainda achar um absurdo a discussão desse tema. Vergonhoso
Curtir · Responder · 1 sem 529
↳ 132 respostas

Ricardo Piazza
Precisou de um jovem de 11 anos para isso?
Essa Diretoria e demais, estão na Idade Média realmente.
Se fossem estudar, realmente poderiam avançar e inclusive reconhecer que o sinal de + da sigla atualmente utilizada (LGTBQIA+) inclui TODOS os seres humanos.
Curtir · Responder · 1 sem 509

[Avatar]
A repercussão do caso mostra que o aluno estava corretíssimo. Excelente sugestão inclusive.
Curtir · Responder · 1 sem 217
↳ 6 respostas

[Avatar]
Que absurdo esperava algo desse nível de algum pai reação não de alguém da escola
Curtir · Responder · 1 sem 58
↳ 2 respostas

[Avatar]
A gente vê q parte da civilização tá podre lendo os comentários da matéria. A criança deu uma ideia super inteligente de debater o tema LGBT, demonstrando que tem uma educação partindo do ponto do respeito ao próximo e foi tratado sem um pingo de educação pela diretora e demais adultos. Como um grupo de pais trata um aluno dessa forma? E se fosse com o filho deles? Se não concordavam com a pauta, falassem de forma educada, explicando que poderiam ser outras propostas (o que tbm seria um absurdo, mas pelo menos o menino nao ia chorar e sofrer psicologicamente)
Curtir · Responder · 1 sem 492
↳ 29 respostas

Anexo Y – Comentários na rede *Facebook* da webnotícia – WG1#4

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

Surreal, o que foi postado no grupo só mostra, o quanto isso precisa ser debatido o mais cedo possível, é de se ver que os pais são os principais percussores de preconceito nos filhos.
Curtir · Responder · 1 sem 164
↳ 13 respostas

Que fim! 🙏 Eu eduquei meus filhos a sempre respeitarem à todos. E hoje, graças a Deus, tenho dois filhos que são livres de preconceitos e qq coisa q falemos, logo defendem. Orgulho deles e que todos fossem assim, respeitosos e livres de preconceitos.
Curtir · Responder · 1 sem · Editado 728
↳ 108 respostas

Que absurdo, em pleno século 21. E muita ignorância...
Curtir · Responder · 1 sem 237
↳ 15 respostas

Em partes mais civilizadas deste mundo, a iniciativa deste garoto seria celebrada. Ele usou um assunto que está muito em evidência no momento (mês do orgulho LGBT+), como pauta para o trabalho dele na escola. Isso é promover informação e contribuir para o desenvolvimento da sociedade, pois a escola também serve para a formação da nossa cidadania e do nosso senso de coletividade. Lamentável a atitude desses pais e dos funcionários dessa escola.
Curtir · Responder · 1 sem 492
↳ 20 respostas

Em pleno século 21 com uma mentalidade do século 17...
Muito triste
Curtir · Responder · 1 sem 302
↳ 42 respostas

Absurdo. Em pleno século 21...Em que mundo esse povo acha que vive? Atitude extremamente arcaica, preconceituosa e criminoso.

Criticados tem de ser esses pais retrógrados e essa diretora horrível. A finalidade da escola é apresentar as diferenças, ensinar respeito e empatia. E não fechar nossas crianças a uma série de crenças conservadoras e cabresto.

Curtir · Responder · 1 sem 4

O que me assusta é como tratar assim uma criança. A sociedade está doente.

Curtir · Responder · 1 sem 173

↳ 4 respostas

O principal ensinamento que dou a meus filhos é o respeito, é tão valioso quanto a empatia e compaixão porém tão pouco exercido por aqueles que deveriam educar... Triste em tempos tão difíceis ler uma matéria tão retrógrada como essa! 😞

Curtir · Responder · 1 sem 128

↳ 10 respostas

essa escola tá precisando de uma direção melhor, já foi alvo de Bullying com crianças agora ataque homofóbicos e ninguém resolve nada!

Curtir · Responder · 1 sem 85

↳ 5 respostas

É de partir o coração o vídeo da criança chorando, a sociedade está acabada, morreu os princípios humanos

Curtir · Responder · 1 sem 142

↳ 31 respostas

As pessoas estão preocupadas em dizer se é certo ou errado o tema do trabalho, mas esqueceram da criança que propôs o tema. As pessoas que atacaram essa criança deveriam receber alguma penalização

Curtir · Responder · 1 sem 89

↳ 1 resposta

e se esses que agridem e tem preconceitos fossem ou sofressem algum preconceito no amanhã será que iriam gostar acho que não julgar é fácil o difícil e ser julgado sempre antes de atacar alguém pense que esse alguém poderia ser nós mesmo o mundo pres... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 1 sem 20

Esse tema é um dos temas transversais, existe tanto na ldb quanto na bncc é discutido e ensinado nas escolas desde antes do ensino fundamental, como forma de entendermos que o outro não é igual a mim e propagar a aceitação e o respeito, não há nada dem... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 1 sem 69

↳ 3 respostas

Por conta de pais aloprados que o país segue rumo a um delirante emburrecimento coletivo. Belo exemplo de imbecilidade ser homofóbico em pleno 2021. Desordem e regresso estampam a bandeirola dessa gente.

Curtir · Responder · 1 sem · Editado 30

Tratar do tema LGBTQI+ nas escolas não é falar sobre sexo, muito menos ensinar ninguém a ser gay. Quando falamos dessa pauta na educação, estamos falando em ensinar às crianças desde o berço que existe uma diversidade de pessoas que trabalham e contrib... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 1 sem · Editado 47

↳ 30 respostas

A cada 28 horas um lgbtq+ é assassinado no Brasil brutalmente ,esse assunto tem que ser pauta em escolas, trabalhos etc...

Curtir · Responder · 1 sem 117

Anexo Z – Comentários na rede *Facebook* da webnotícia – WG1#5

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

[Profile]
 Que todos esses preconceituosos paguem por essa atitude com essa criança, desde a direção da escola a esses outros pais preconceituosos e medíocres. Já que infelizmente eles não souberam respeitar uma criança e a diversidade de pensamentos que paguem através do bolso.
 Curtir · Responder · 1 sem · Editado
 445

↳ 30 respostas

[Profile]
 Não há problema algum em discordar da sugestão, isso é legítimo, inclusive é um direito.
 O que não pode é agir da forma como fizeram, com uma criança de 11 anos, principalmente a equipe pedagógica da escola. Se fazem isso num grupo repleto de pais e responsáveis, e ainda ligam para coagí-lo, imagino o que não fazem dentro da escola, sem ter os familiares das crianças como testemunhas.
 Curtir · Responder · 1 sem · Editado
 570


↳ 29 respostas



[Profile]
 Seria oportuno a Escola aproveitar a situação para fazer um trabalho sobre preconceito e homofobia.
 Todas as opiniões são válidas desde que haja respeito. Habilidades temos que ter para lidar com o que gostamos e não gostamos, proibir não é o caminho adequado. Orientar, educar e respeitar é o caminho.
 Curtir · Responder · 1 sem
 433

↳ 78 respostas


[Profile]
 Muitas ideias de grupos vem de orientação e convívio familiar e social (escolas, vizinhos, trabalho e grupos religiosos) sendo crianças ou não! " tá na hora conversa" informar que os pais são responsáveis muitas vezes ignorantes também. Se uma criança propos discutir um assunto que é natural e não é proibido e nem é crime não pode sofrer perturbação, perseguição e nem ameaça por isso. Não só a escola deve tomar providências assim como o conselho pedir aos PAIS que acompanhe seus filhos principalmente sobre uso de tecnologias que hoje vem mostrando desordenadamente a negligência familiar ao deixar uma criança ou adolescente ficar espalhados mentiras ou ate intimidando colegas. Antes que esse criança não venha sofrer por bulingue ou perseguição.
 Curtir · Responder · 1 sem · Editado
 64



↳ 5 respostas

 **Carla Helena**
A internet inteira com bandeira arco íris, empresas gigantes, páginas de influenciadores com o tema porque está sendo comemorado a conscientização LGBTQ+ e talvez por isso o menino sugeriu! Nossa até parece que esses pais não usam redes sociais! Affff....faz o trabalho e pronto!


Curtir · Responder · 1 sem   293




↳ 68 respostas

 **Thalita**
Mostra o quanto a sociedade brasileira está atrasada. Tratar de homossexualidade na escola não tem nada a ver com ensinar crianças a serem homossexuais, mas sim debater o tema justamente para que elas aprendam a respeitar as diferenças, pra que não cresçam ignorantes.


Curtir · Responder · 1 sem   198




↳ 28 respostas

 **Marcelo**
A justiça tinha que obrigar esses pais e funcionários ignorantes a fazerem o trabalho sobre o tema. Esse caso demonstrou que estão precisando estudar.


Curtir · Responder · 1 sem    98




↳ 19 respostas

 **Luana**
Ja perguntaram para a criança se ela sabe o que significa LGBT, eu acharia interessante todas as escolas abordarem esse tema logo nos primeiros anos pq as crianças estão sendo sexualizadas cada vez mais precocemente e seria importante o assunto para qu... [Ver mais](#)


Curtir · Responder · 1 sem · Editado    29




↳ 5 respostas




 **Luana**
Conteúdo ainda pouco esclarecedor. Aguardemos o resultado da apuração. Tenhamos calma, o assunto é interessante mas os ativistas fazem logo uma guerra, uma divisão, tudo que contribui só para suas posições não evoluem e continua cada grupo pequeno sem colaborar para o todo. Tudo caminha para uma tempestade em um pingo d'água.





Curtir · Responder · 1 sem · Editado    25

↳ 25 respostas



 **Thalita**
Um menino desses merecia o mundo, como o mundo que ele vive é muito pequeno para ele... A única coisa que ele recebe é isso!
E aqui não é diferente, uma chuva de homofobia.





   101

 **Everson Camargo Laria**
 Minha filha de 9 anos semana passada sugeriu ao professor que ele falasse sobre o mês do orgulho LGBT e o professor elogiou a consciência dela sobre diversidade msm tão jovem. Eu crio meus filhos para respeitar seus semelhantes e entender que preconceito é algo extremamente ruim.
 Curtir · Responder · 1 sem   9





 **Paulo Roberto de Souza**
 Ele sugeriu um tema que aos olhos dele. Era normal. Sem um olhar de ódio e preconceito. Mal sabia ele, que os adultos iriam ataca-lo. Triste.
 Curtir · Responder · 1 sem · Editado    526

↳ 37 respostas

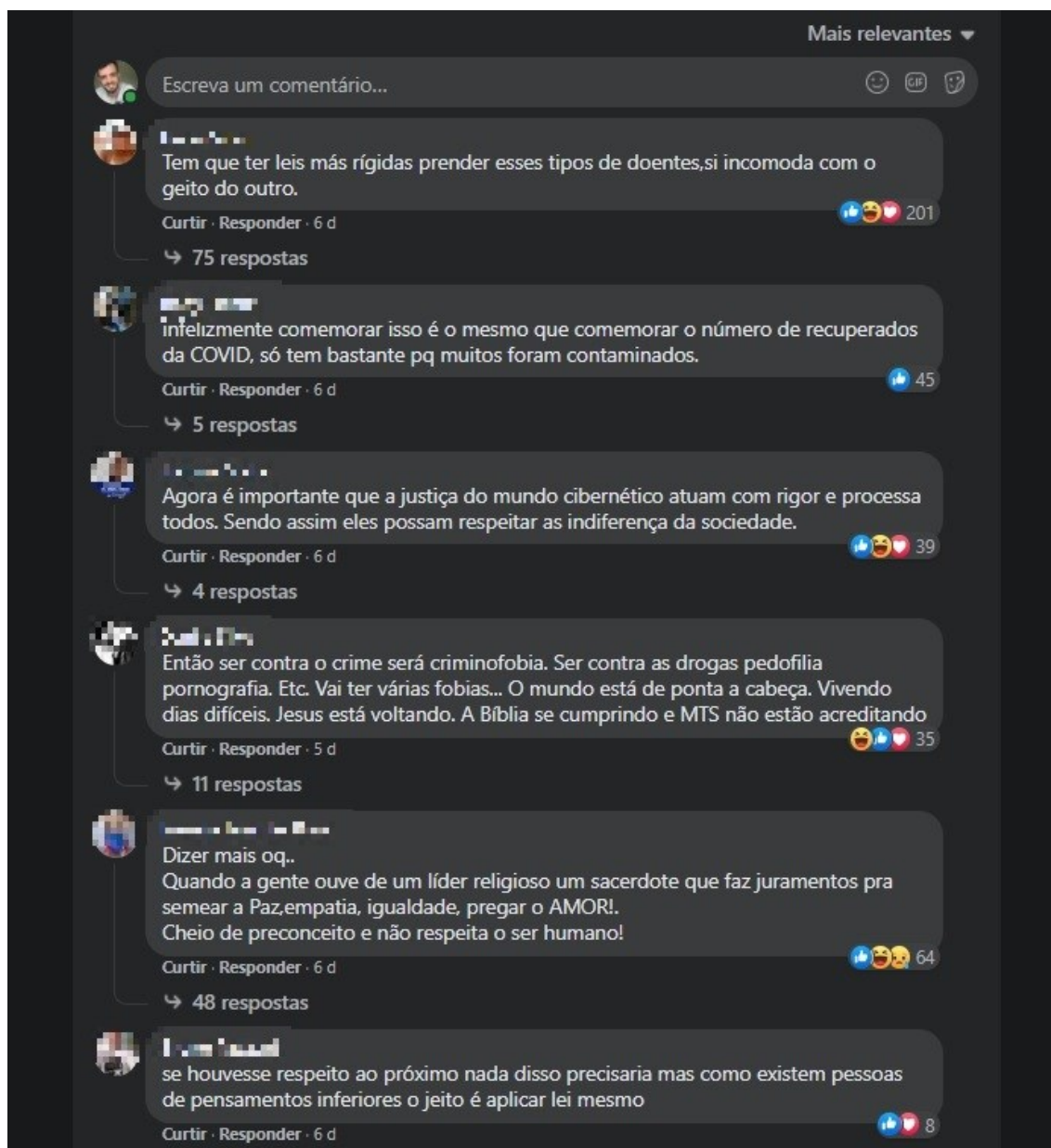
 **Vanessa Regina de Souza**
 Esses gestores, coordenadores e professores precisam se atualizar para incluir no currículo o respeito, como também aprender a mediar a situação. Se eles não tem maturidade para abordar o tema, que sugerissem outro respeitando a sugestão da criança. E se fosse sugerido por uma mãe ou pai de um homossexual? Muitos pais já sabem a orientação sexual dos filhos desde cedo e se preocupam se eles serão bem acolhidos no espaço escolar.
 Curtir · Responder · 1 sem  5

 **Lucas Roberto de Souza**
 Pelos comentários vejo a criação de alguns adultos cheio de preconceito, estampado em forma de opinião. 
 Curtir · Responder · 1 sem · Editado   94

↳ 7 respostas

 **Lucas Roberto de Souza**
 Pelos comentários percebe-se que o nosso Brasil tá nojento ultimamente, cada vez pior.
 Hoje 11 anos já deve conhecer e Para poder respeitar. Claro ensinar o ano todo é desnecessário mas um tema como um trabalho do dia que é realizado uma vez no ano não faz mal, muito pelo contrário ajuda a instruir.
 Minha filha de somente 7 anos ver com total normalidade pessoas do mesmo sexo se beijando, porque eu já expliquei pra ela que é normal. Mas tem muitas pessoas que estão criando seus filhos que crescem com intolerância e falta de respeito com os outros.
MAIS AMOR POR FAVOR, MENOS ÓDIO.
 Curtir · Responder · 1 sem · Editado    65

↳ 6 respostas

Anexo AA – Comentários na rede *Facebook* da webnotícia – WG1#6

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

Tem que ter leis más rígidas prender esses tipos de doentes, si incomoda com o geito do outro.
Curtir · Responder · 6 d
201

75 respostas

Infelizmente comemorar isso é o mesmo que comemorar o número de recuperados da COVID, só tem bastante pq muitos foram contaminados.
Curtir · Responder · 6 d
45

5 respostas

Agora é importante que a justiça do mundo cibernético atuam com rigor e processa todos. Sendo assim eles possam respeitar as indiferença da sociedade.
Curtir · Responder · 6 d
39

4 respostas

Então ser contra o crime será crimínofobia. Ser contra as drogas pedofilia pornografia. Etc. Vai ter várias fobias... O mundo está de ponta a cabeça. Vivendo dias difíceis. Jesus está voltando. A Bíblia se cumprindo e MTS não estão acreditando
Curtir · Responder · 5 d
35

11 respostas


Dizer mais oq..
Quando a gente ouve de um líder religioso um sacerdote que faz juramentos pra semear a Paz, empatia, igualdade, pregar o AMOR!
Cheio de preconceito e não respeita o ser humano!
Curtir · Responder · 6 d
64

48 respostas

se houvesse respeito ao próximo nada disso precisaria mas como existem pessoas de pensamentos inferiores o jeito é aplicar lei mesmo
Curtir · Responder · 6 d
8

Um alerta: Um vizinho meu tomou a vacina e foi pra casa. Uma hora depois se deu conta que estava com a visão nublada. Ligou rápido pro posto de vacinação e lhe orientaram a ir para lá o mais rápido possível. Ele perguntou se não deveria ir direto ao ho... [Ver mais](#)
Curtir · Responder · 6 d  89
↳ 11 respostas

Não precisa nem de pesquisa.
Só entrar em lugares como aqui no G1 q a gente já vê ofensas, distribuição de ódio o os "hahaha", quando são notícias sobre LGBT.
Tudo isso é forma de violência, principalmente psicológica.
Curtir · Responder · 6 d · Editado  86
↳ 32 respostas

Bolsonaro despertou o que existe de mais sórdido em uma pessoa e que estava guardado dentro da gaveta de cada um por não ter um líder que pudessem seguir. Pois bem agora eles tem e o resultado já está aparecendo.
Curtir · Responder · 6 d  92
↳ 37 respostas

Gente cada um faz o que quiser com sua vida, cada um tem suas escolhas. Estamos em pleno século XXI, não cabe mais esse tipo de preconceito. Deixem as pessoas serem felizes como ela gostam de ser!
Curtir · Responder · 6 d  17
↳ 3 respostas

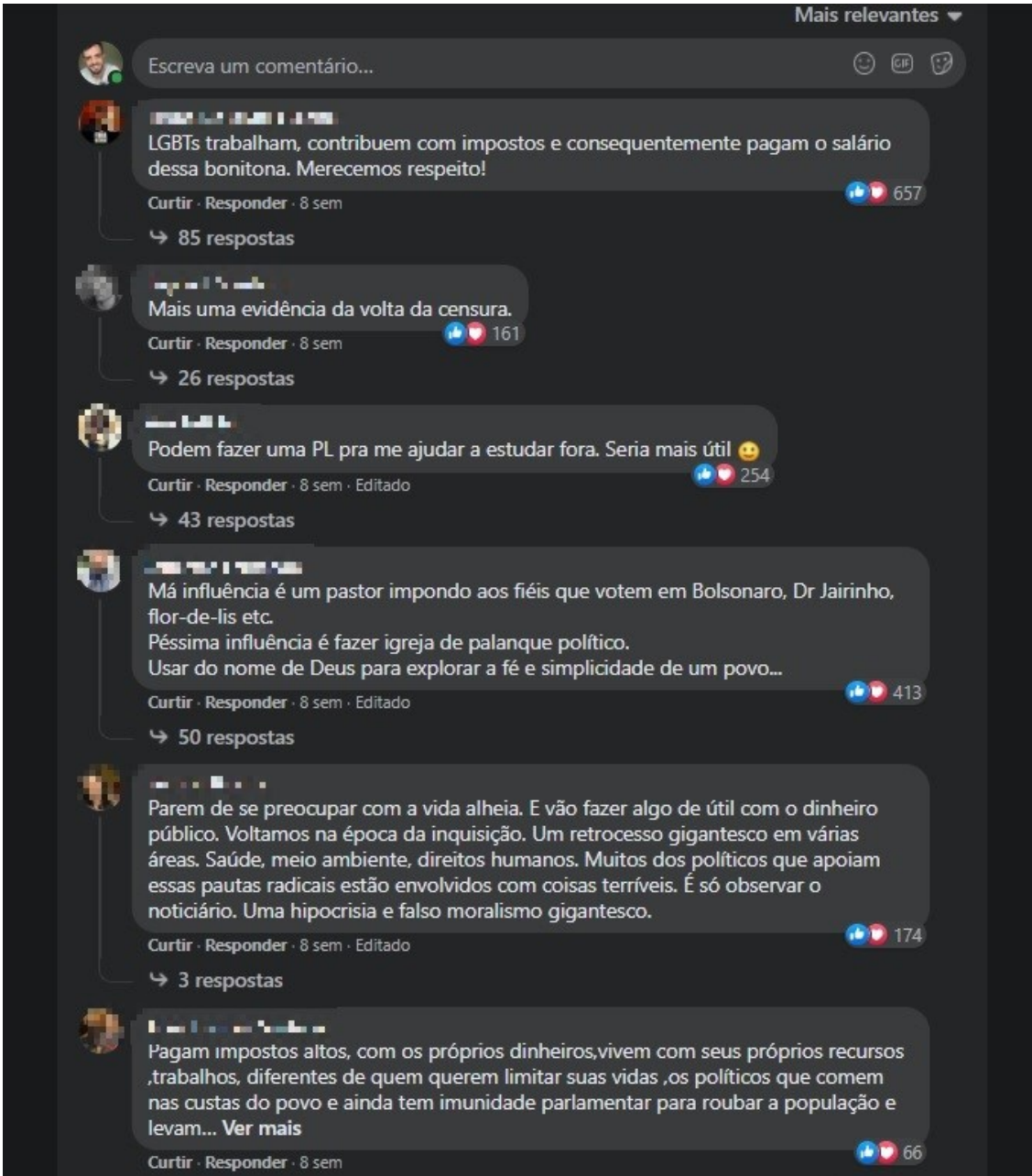
Olhem o perfil da galera do HAHA , tudo gado bolsominion. Tá chegando a hora de vcs voltarem pro bueiro de onde saíram.
Curtir · Responder · 6 d  102
↳ 42 respostas

A gente vê pelas carinhas de risadas, são essas pessoas que fazem isso.
Curtir · Responder · 6 d  49
↳ 6 respostas

Nem tudo é homofobia. A comunidade LGBT precisa aprender mais a lutar pelos seus direitos, sem confundir as coisas. Em muitos casos tem que aprender a respeitar a opinião contrária a deles para também serem respeitados. Se você discordar de algo do tipo, por exemplo, você é apedrejado sem dó por eles ou qualquer coisa é taxado como homofóbico. A mesma coisa acontece com o racismo. Quando é, é. Mas nem tudo é motivo...
Curtir · Responder · 6 d · Editado  65
↳ 117 respostas

Vindo de vocês é descrédito total , infelizmente desacreditados ! Convivo com esse grupo e não vejo essa proporção, esse tipo de discriminação sempre vai ter pelo preconceito mas vocês semeiam a discórdia, por isso vocês estão desacreditados total !
Curtir · Responder · 5 d · Editado  1

Estou cansado da humanidade, vou enviar um dilúvio e trazer os dinossauros de volta !
Curtir · Responder · 6 d  39
↳ 7 respostas

Anexo BB – Comentários na rede *Facebook* da webnotícia – WG1#7

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário...

LGBTs trabalham, contribuem com impostos e consequentemente pagam o salário dessa bonitona. Merecemos respeito!
Curtir · Responder · 8 sem 657
↳ 85 respostas



Mais uma evidência da volta da censura.
Curtir · Responder · 8 sem 161
↳ 26 respostas



Podem fazer uma PL pra me ajudar a estudar fora. Seria mais útil 😊
Curtir · Responder · 8 sem · Editado 254
↳ 43 respostas



**Má influência é um pastor impondo aos fiéis que votem em Bolsonaro, Dr Jairinho, flor-de-lis etc.
Péssima influência é fazer igreja de palanque político.
Usar do nome de Deus para explorar a fé e simplicidade de um povo...**
Curtir · Responder · 8 sem · Editado 413
↳ 50 respostas



Parem de se preocupar com a vida alheia. E vão fazer algo de útil com o dinheiro público. Voltamos na época da inquisição. Um retrocesso gigantesco em várias áreas. Saúde, meio ambiente, direitos humanos. Muitos dos políticos que apoiam essas pautas radicais estão envolvidos com coisas terríveis. É só observar o noticiário. Uma hipocrisia e falso moralismo gigantesco.
Curtir · Responder · 8 sem · Editado 174
↳ 3 respostas



Pagam impostos altos, com os próprios dinheiros, vivem com seus próprios recursos, trabalhos, diferentes de quem querem limitar suas vidas, os políticos que comem nas custas do povo e ainda tem imunidade parlamentar para roubar a população e levam... Ver mais
Curtir · Responder · 8 sem 66





[Profile]
O retrocesso que o Brasil está sofrendo em todos os setores, é inacreditável
Curtir · Responder · 8 sem   167
↳ 7 respostas



[Profile]
Quando a gente pensa que é possível avançar e fazer do Brasil um país menos preconceituoso, aparece uma figura dessas propondo esse retrocesso horroroso. Viva a Diversidade.
Curtir · Responder · 8 sem · Editado   81
↳ 1 resposta


[Profile]
Para que o preconceito diminua requer incluir as pessoas que são discriminadas sejam elas quais forem e não fazer de conta que não existem, os lgbtq+ são trabalhadores que tanto pagam impostos como consomem produtos que inclusive são de diversas marcas que estão na tv, internet... a pessoa achar que é errado por questões religiosas o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo ok ela tem o direito, agora de excluir seja lá do quê for não.
Curtir · Responder · 8 sem · Editado   15
↳ 2 respostas



[Profile]
Boa influência era o hetero DrJairinho, a hetera pastora Flor de liz e tantos outros...
Curtir · Responder · 8 sem   66
↳ 8 respostas

[Profile]
Ma influência é parlamentar preconceituoso!
Curtir · Responder · 8 sem   195
↳ 71 respostas

[Profile]
Me assusta a quantidade de amei nessa reportagem, Brasil em retrocesso total!!!
Curtir · Responder · 8 sem · Editado     153
↳ 16 respostas

[Profile]
Quando existe ociosidade no Brasil é isso que acontece! Se fizessem tanto para melhorar o país não estariam com tempo para fiscalizar as vontades alheias.
Curtir · Responder · 8 sem · Editado   50
↳ 1 resposta

[Profile]
Tinha que ser "cria" de Silas Malacheia e companhia.
Curtir · Responder · 8 sem  28
↳ 2 respostas

[Profile]
Cortada das pessoas que tem uma orientação sexual que não seja hetero. Boa influência mesmo é viver com o nome de Deus na boca para ganhar as eleições, e por trás do palco e do púlpito, espancar e matar mulheres e crianças, assediar e violentar crianças, matar o marido e etc. Coisas dos "Cidadãos de bem", e defensores da "moral e dos bons costumes".
Curtir · Responder · 8 sem · Editado   81
↳ 3 respostas